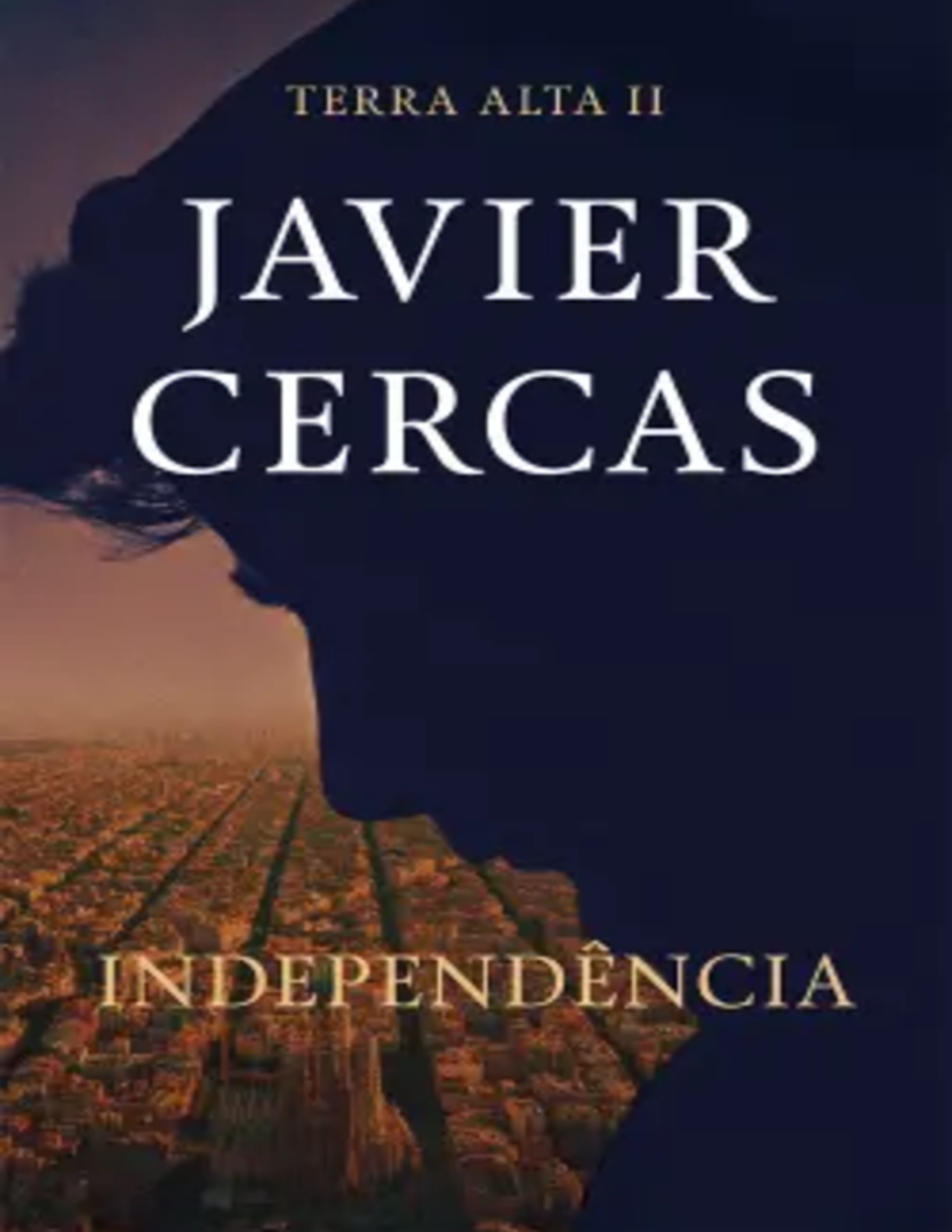
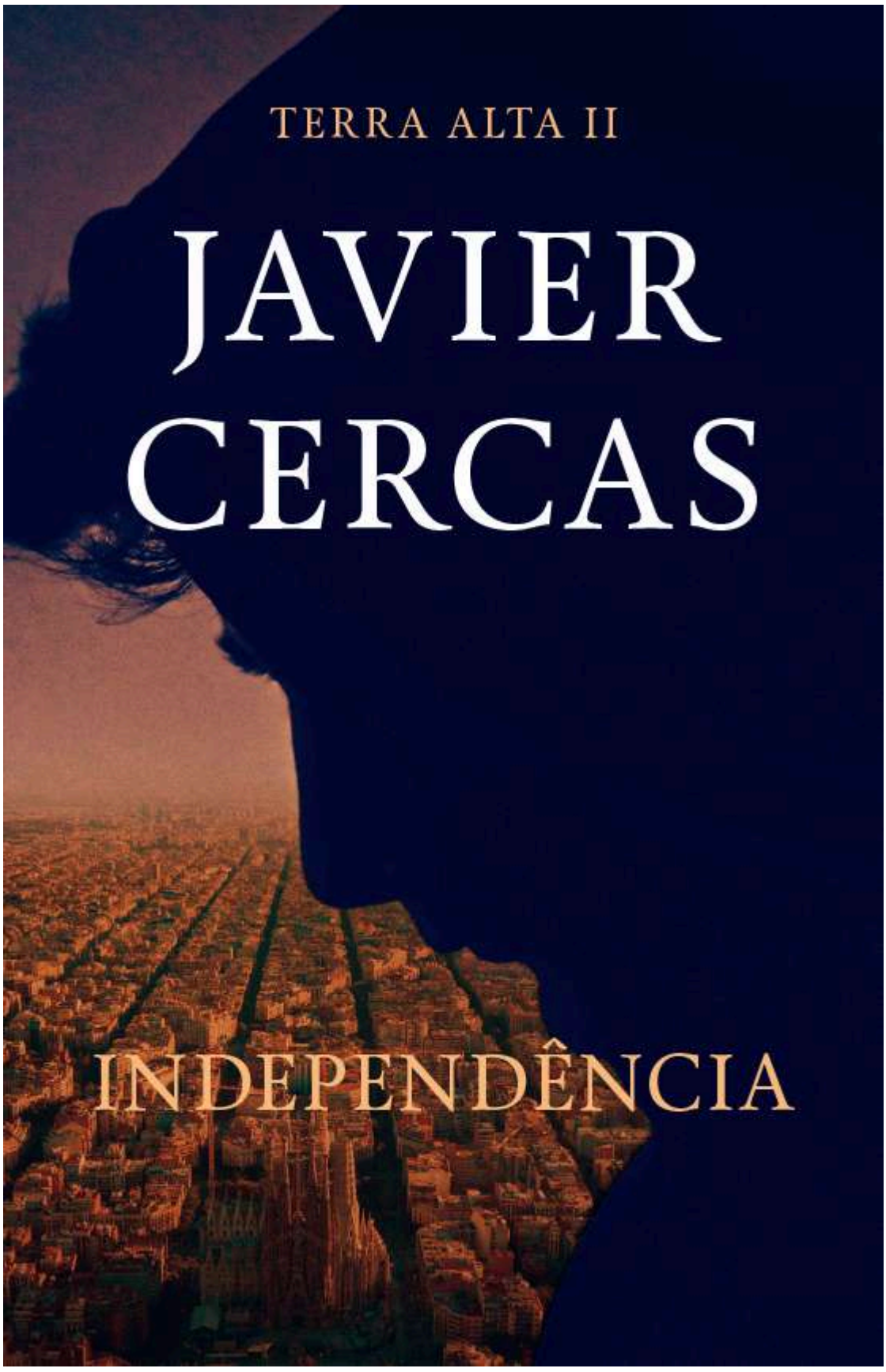

TERRA ALTA II
JAVIER CERCAS
INDEPENDÊNCIA


TERRA ALTA II
JAVIER
CERCAS
INDEPENDÊNCIA



© Porto Editora

Javier Cercas nasceu em Ibahernando, Cáceres, em 1962. Os seus livros foram traduzidos para mais de trinta línguas e obtiveram diversos prémios, de que destacamos: Prémio Nacional de Literatura, Prémio Cidade de Barcelona, Prémio Salambó, Prémio da Crítica do Chile, Prémio Llibreter, Prémio Qué Leer, Prémio Grinzane Cavour, Prémio The Independent Foreign Fiction, Prémio Arcebispo Juan de San Clemente, Prémio Cálamo, Prémio Mondello, Prémio Internacional Terenci Moix e The European Athens Prize for Literature.

Em 2011 foi-lhe atribuído o Prémio Internacional do Salão do Livro de Turim pelo conjunto da sua obra.

Foram publicados em Portugal os seus livros Soldados de Salamina, A Velocidade da Luz, Anatomia de Um Instante, As Leis da Fronteira (Prémio Literário Casino da Póvoa / Correntes d'Escritas 2016), O Impostor, O Monarca das Sombras, Terra Alta (Prémio Planeta 2019) e, agora, a sua sequela, Independência.

Independência

Javier Cercas

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Independencia. Terra Alta II

© Javier Cercas, 2021

Tradução: Helena Pitta

Design da capa: Manuel Pessoa

Imagens da capa: © Nicolas Le Maire Dit Bellegarde/EyeEm/GettyImages

© Lisa Peardon /GettyImages

1.ª edição em papel: maio de 2022

Rua da Restauração, 365

4099 -023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67372-5

A Raül Cercas e Mercè Mas, a minha Terra Alta

Melchor irrompeu no local e, abrindo caminho entre os clientes, dirigiu-se ao balcão, sentou-se num dos bancos altos e pediu um whisky. O empregado olhou para ele como se ele fosse um extraterrestre.

– O que fazes aqui? – perguntou.

– Calma – respondeu Melchor. – Venho em missão de paz.

– Em missão de paz?

– Isso mesmo. Vais-me servir o whisky ou não?

O empregado demorou a responder.

– Simples ou com gelo?

– Simples.

Já passava das três da madrugada, mas o local ainda estava bastante concorrido. Várias raparigas dançavam nuas, ou quase nuas, na passarela iluminada que percorria o centro da sala principal, perseguidas pelo piscar dos focos luminosos, enquanto alguns homens as observavam com olhos esfomeados; aqui e ali, outras raparigas, sós, aos pares ou em grupos, esperavam a chegada dos últimos clientes. Ou o fim da noite. Pelas colunas soava Like a Virgin, uma velha canção de Madonna.

– Se não visse, não acreditava – ouviu Melchor atrás de si.

Enquanto o empregado lhe servia o whisky, o homem que acabava de falar sentou-se no banco alto junto do polícia. Era um mulato vestido de escuro, calvo e fortalhaço, com dois metros de altura, pelo menos. Melchor bebeu um longo gole da sua bebida e o mulato apontou para ela.

– Deixaste a Coca-Cola?

– Sim – respondeu Melchor. – Estou a celebrar.

O mulato mostrou uma fileira dupla de dentes branquíssimos.

– Não me digas? – perguntou. – E o que celebras? O juiz ter-nos dado razão e deixar-te pendurado?

– O juiz não vos deu razão, cretino – corrigiu-o Melchor.

– Limitou-se a dizer que não havia provas contra vocês.

Mas não te preocupes, acabarei por descobri-las. Serve-me outro whisky.

O empregado, que não se tinha afastado deles e conservava a garrafa na mão, voltou a servi-lo. Sem deixar de sorrir, o mulato rodou o banco até ficar de costas para o balcão e, apoiando aí os cotovelos, pôs-se a observar as dançarinas da passarela. Melchor bebeu outro gole de whisky.

– Sabes porque gosto tanto deste sítio? – perguntou.

O mulato não disse nada. Melchor voltou a levar o copo aos lábios.

– Porque me lembra a minha infância – disse, depois de engolir a bebida. – A minha mãe era puta, sabias? De modo que me criei em sítios como este, rodeado de putas como estas e de chulos como tu. É isso que estou a celebrar: o regresso a casa.

A canção de Madonna terminava e a gargalhada do mulato ecoou, estrondosa, no silêncio crescente do prostíbulo. Nas colunas, Rosalía substituiu imediatamente Madonna, e duas ou três raparigas puseram-se em

movimento para dançar entre os clientes e as colegas. O

mulato pousou uma manápula no ombro de Melchor.

– É assim que eu gosto, chui – disse. – É preciso saber perder. – Levantou-se e, piscando um olho ao empregado e apontando para Melchor, acrescentou: – Oferta da casa.

Melchor continuou a beber sem levantar os olhos do copo e embora todas as raparigas o conhecessem, nenhuma se aproximou dele. No entanto, quando pediu o terceiro whisky, uma delas sentou-se ao seu lado. Era espanhola,

morena, madura, de formas generosas, e vestia um corpete preto com os seios de fora. Passou-lhe uma mão pelo pescoço e pediu uma taça de cava. O empregado avisou Melchor:

– As bebidas das raparigas não estão incluídas no convite.

Melchor fez um gesto de assentimento e o empregado serviu o cava. Beberam, esperando que o empregado se afastasse. Quando ele foi servir para a outra extremidade do balcão, Melchor perguntou:

– Continuamos?

– Claro – respondeu ela.

– De certeza? – insistiu Melchor. – Se nos apanham, vais ter problemas.

A mulher fez uma careta de indiferença.

– Eu não me encolho, miúdo.

Melchor assentiu sem olhar para ela.

– De acordo – disse. – Vamos esperar um pouco. Quando me vires subir, vais ter com elas. Deixas a porta aberta e dizes-lhes que eu vou já.

– Estão muito assustadas. Queres que fique até chegares?

– Não. Acalma-as. Diz-lhes que não vai acontecer nada.

Diz-lhes que vou já. E depois abres as outras duas portas, as da varanda, e vais para tua casa ou voltas para cá. Não, é melhor ires para tua casa. – Calou-se por instantes. –

Percebeste?

– Sim.

Melchor voltou a assentir, mas desta vez olhou para ela.

– Tem cuidado – disse ela.

– Tu também – disse Melchor.

A mulher levantou-se do banco e, deixando o copo meio bebido no balcão, afastou-se dele.

Melchor continuou a beber sem falar com ninguém, exceto com o empregado, e sem se levantar a não ser para urinar. Quando o local já estava quase vazio, tornou a aparecer o mulato que ao vê-lo sorriu, aborrecido.

– Ainda estás aqui? – perguntou.

– Já vai em seis whiskies – respondeu por ele o empregado. – Pena não ter sido Coca-Cola, já estaria morto.

– Preciso de ver o teu chefe – anunciou Melchor.

O mulato franziu o sobrolho; o seu sorriso desapareceu de chofre, engolido pela carnosidade malva dos lábios.

– Não está.

Melchor deu um estalo com a língua.

– Achas que sou tonto? Claro que está. Não se vai embora antes de fecharem, não se dê o caso de vocês quererem roubar-lhe a carteira.

O mulato observou-o com uma mistura de curiosidade e de receio.

– Para que queres ver o chefe?

– Isso não te interessa.

– Claro que me interessa.

– Diz que vem em missão de paz – interveio o empregado.

O olhar do mulato saltou do empregado para Melchor e de Melchor para o empregado, que acabou por encolher os ombros.

– Quero pedir-lhe desculpa – disse Melchor. – Pelo julgamento. Pelo incómodo. Enfim… tu sabes.

O mulato pareceu descontrair.

– Claro. Acho bem. Mas para isso não é preciso vê-lo. Eu di-lo-ei, dá-te por desculpado.

– Também quero fazer-lhe uma proposta.

O mulato voltou a pôr-se em guarda.

– Que proposta?

– Isso não te vou dizer.

– Nesse caso, esquece lá isso de falar com ele.

– Como quiseres. Mas a proposta é boa e vai interessar-lhe. – Olhou para o empregado e acrescentou: – Julgo que não gostará de saber que não me deixaste apresentar-lha.

Agora o mulato pareceu hesitar; voltou a olhar para o empregado e, perscrutando Melchor, depois de alguns segundos afastou-se um pouco, o suficiente para falar ao telefone sem correr o risco de ser ouvido. Quando terminou a chamada, com uma expressão de fastio indicou ao polícia que o seguisse.

Atravessaram a pista deserta, subiram dois andares por umas escadas estreitas e ao chegarem ao segundo patamar o mulato abriu uma porta e convidou-o a entrar. No outro lado aguardava-o o escritório do chefe, que não se levantou ao ver Melchor entrar. Também não lhe estendeu a mão.

Estava sentado atrás de uma mesa um pouco desconjuntada, com as mãos à vista e um brilho trocista nos olhos.

– Porque não me disseste que estavas aqui? – perguntou, indicando-lhe uma cadeira diante dele. – Teria descido para te cumprimentar.

Melchor não se sentou. O chefe era um homem laboriosamente bem-posto, de uns cinquenta anos, tinha o cabelo penteado com gel, barba meticulosa e entremeada de cãs, mãos repletas de anéis; estava em mangas de camisa, usava suspensórios e trazia ao peito um colar de prata com uma grande medalha dourada. Chamava-se Eugenio Fernández, mas, por razões que Melchor ignorava, toda a gente o conhecia como Papá Moon.

– Disseram-me que queres desculpar-te – acrescentou. –

Também me disseram que estiveste a afogar as mágoas em whisky. Bem feito. De qualquer forma, eu avisei-te de que te estavas a meter num imbróglio. É a vantagem de viver numa democracia, rapaz: aqui todos somos inocentes até prova em contrário. Incluindo eu, que não leio livros, como tu. Mas até aí sou capaz de chegar. Não pretendes sentar-te?

Melchor não respondeu. Papá Moon interrogou com os olhos o mulato, que estava atrás do polícia e que encolheu

os ombros. Atrás dele havia um candeeiro de pé aceso e, à frente, sobre a secretária, um candeeiro de mesa de braço flexível; ambos iluminavam escassamente a divisão.

Encastrado na parede do fundo, diante da mesa do escritório, um televisor de plasma transmitia com o volume muito baixo um jogo de basquetebol da liga norte-americana.

– Não vais dizer nada? – voltou a perguntar Papá Moon.

– Quero fazer-te uma proposta – acabou por dizer Melchor.

– Foi o que me disse Samuel – declarou Papá Moon.

Rodou um pouco a cadeira em que estava sentado e abriu uns braços acolhedores. – Sou todo ouvidos.

Melchor voltou-se um instante para o mulato e depois novamente para o chefe.

– Não te preocupes – tentou tranquilizá-lo Papá Moon. –

Podes dizer o que quiseres, Samuel é da máxima confiança.

Melchor não afastou os olhos de Papá Moon, que depois de alguns segundos suspirou e, movendo ligeiramente a cabeça, indicou ao mulato que saísse. Depois de hesitar um momento, o mulato revistou Melchor, que o deixou fazê-lo: não estava armado; só trazia um par de algemas nos bolsos.

Depois perguntou:

– Tem a certeza, chefe?

Papá Moon anuiu.

– Vai fechando – ordenou. – Eu já desço.

De má vontade, o gorila saiu e fechou a porta atrás de si.

– Bom. – O chefe reclinou-se na sua cadeira. – Diz lá.

Melchor deu dois passos em frente, apoiou os nós dos dedos na secretária e, esticando o tronco por cima dela, aproximou-se muito de Papá Moon, como se quisesse sussurrar-lhe alguma coisa.

– Trata-se das meninas – declarou.

O chefe pôs uma cara de aborrecimento.

– Ainda estás com isso?

Melchor ficou a olhar para ele. Papá Moon perguntou:

– O que se passa com as meninas? – Houve outro silêncio, até que na cara do homem começou a abrir caminho um sorriso cúmplice. – Agora sim! – exclamou. –

Também te agradam, não é verdade?

Ia acrescentar alguma coisa, mas não conseguiu: Melchor deu-lhe uma cabeçada seca na testa e, sem lhe dar tempo de reagir, agarrou-lhe na nuca e empurrou-lhe a cabeça contra a mesa, que rangeu como se se tivesse partido. Depois contornou-a, agarrou-o pelo pescoço, levantou-o e voltou a bater-lhe: primeiro um murro no estômago e depois um pontapé nos testículos. Papá Moon caiu ao chão com um grito.

– Não grites – avisou-o Melchor. Tinha-lhe agarrado no colar de prata e puxava por ele, apertando-o contra a maçã de Adão, como se quisesse estrangulá-lo. – Se voltares a gritar, limpo-te o sebo.

Papá Moon estava ajoelhado, à procura de ar para respirar.

– Enlouqueceste? – conseguiu gemer, vermelho como um tomate.

Melchor voltou a golpear-lhe a cabeça, desta vez contra um dos lados da mesa, e esbofeteou-o; com a mesma mão com que segurava o colar agarrou-lhe nos dois braços e puxou-os para as costas enquanto, com a outra mão, o revistava até encontrar o telemóvel. Esmagou-o contra o chão.

– Onde tens a pistola? – perguntou.

– Vais partir-me o braço.

– Perguntei onde tens a pistola.

– Que pistola?

Agora a cara de Papá Moon foi embater contra o chão.

Quando Melchor voltou a levantá-la, um regueiro de sangue escorria-lhe pelo nariz e sujava-lhe a barba. Melchor repetiu a pergunta. O chefe

respondeu e, sem o soltar, Melchor abriu uma gaveta, tirou a pistola e verificou se tinha o carregador cheio. Depois obrigou Papá Moon a levantar-se.

– Desta vez passaste-te dos carretos, chui – conseguiu resmungar. – A tua carreira acabou aqui.

Melchor torceu-lhe o braço com mais força e encostou-lhe o cano da pistola ao maxilar.

– Mais tarde falaremos disso, chefe – disse. – Agora vamos sair daqui e tu vais portar-te como um anjinho. –

Depois avisou-o, apontando-lhe a pistola: – Se deres um grito, isto dispara. Se fizeres qualquer asneira, isto dispara.

Fui claro? – Papá Moon manteve-se em silêncio. Melchor voltou a torcer-lhe o braço e o homem assentiu. – Muito bem – disse Melchor. – A andar.

Encostados um ao outro, saíram do escritório de Papá Moon, desceram as escadas que Melchor tinha subido antes e no primeiro patamar o polícia entreabriu uma porta e espreitou. Havia uma espécie de varanda, na realidade uma passagem exterior que percorria a fachada do prostíbulo e da qual se via a entrada e o estacionamento, onde ainda havia vários carros. Percorreram a varanda a toda a pressa, deixaram para trás umas escadas que desciam até ao estacionamento e no fim Melchor voltou a entreabrir outra porta, certificando-se de que não estava ninguém do outro lado. Feito isto, abriu completamente a porta e entraram noutro corredor, este interior e iluminado por uma luz crua, para onde dava uma série de portas, de algumas das quais saíam vozes, ruídos, alguns risos.

Melchor abriu a última porta. Lá dentro esperavam três adolescentes: duas delas estavam encolhidas numa cama e a outra de pé no meio do quarto; as três eram negras como carvão e olhavam para os recém-chegados com olhos expectantes e assustados. Melchor fechou a porta atrás de si, passou a vista pelas três e perguntou-lhes se estavam preparadas.

Só a que estava de pé assentiu, mas as outras duas levantaram-se imediatamente. Melchor conhecia as três.

Tinham nascido em Lagos, na Nigéria, e as suas histórias não diferiam no essencial. As três tinham chegado a Madrid há anos, a fugir da miséria e com a promessa de que em Espanha poderiam estudar. Ali tiraram-lhes os passaportes e os telemóveis, proibiram-nas de contactar a família e de ir à rua, exigiram-lhes sessenta mil euros pelos gastos da

viagem e, para as aterrorizarem, submeteram-nas a um ritual que consistiu em cortar-lhes as unhas e o cabelo, em barbear-lhes o sexo e as axilas e em forçá-las a beber um líquido alucinogénio. A partir de então, obrigaram-nas a prostituir-se. Foi assim que começaram um périplo pelos clubes de alterne de meia Espanha, onde trabalhavam das cinco da tarde às quatro da manhã, a fim de pagarem a dívida que teoricamente tinham contraído com a organização que, na prática, as mantinha sequestradas. Um périplo que Melchor decidiu que acabava ali, nessa noite.

Obrigou Papá Moon a sentar-se no chão, junto da cama das adolescentes, tirou as suas algemas, com uma delas prendeu-lhe o pulso direito a um dos pés da cama e, com a outra, prendeu o pulso esquerdo ao outro pé.

– Enlouqueceste, chui. – Papá Moon falou com toda a raiva surda que a sova lhe tinha insuflado. – Esta vais pagar.

Foi a última coisa que disse: Melchor fechou-lhe a boca com um lenço e meteu-o até à garganta. As três adolescentes observavam a operação da porta do quarto, a tremer de medo.

– Agora ouve-me com atenção, pedaço de merda – disselhe Melchor, de cócoras diante de Papá Moon. – Não pôde ser a bem, de modo que será a mal. Vou levar estas meninas. Que nem te passe pela cabeça trazer outras. Nem denunciar-me. Sabes o que acontecerá se me denunciares?

Ouve bem, porque só te vou dizer uma vez. Se me denuncias, queimo esta espelunca. Mato os teus filhos e a tua mulher. Mato a tua família inteira. E depois mato-te a ti.

É isso que acontecerá. Percebeste, não é verdade? – Nos olhos de Papá Moon a raiva transformou-se num medo animal, incontrolável. Melchor aproximou ainda mais a cara para acrescentar: – Diz-me, percebeste ou não? – Papá Moon abanou a cabeça para cima e para baixo; Melchor deu-lhe uma palmadinha satisfeita na cara e disse: – Ótimo.

Levantou-se e olhou para as raparigas. O efeito do whisky tinha passado; estava com o cérebro desanuviado e sentia-se leve e feliz.

– Prontas? – perguntou.

As três anuíram. Chamavam-se Alika, Joy e Doris. Alika e Joy tinham dezassete anos; Doris, dezoito. Pareciam ter-se fardado para uma corrida popular ou para uma manifestação política: T-shirt escura, calças de ganga baratas e ténis. As três olhavam para ele com uns olhos grandes, implorantes e assustados, como se um meteorito estivesse prestes a cair sobre o prostíbulo e só ele as pudesse salvar da catástrofe. Melchor entreabriu a porta, certificou-se de que não estava ninguém no corredor, pôs a pistola à cintura e deu as mãos a Alika e a Joy, que eram as mais pequenas.

– Calma – disse-lhes. – Não se separem de mim e tudo correrá bem. – Acabou de abrir a porta e acrescentou: –

Vamos lá.

Primeira Parte

1

Melchor renova a água da jarra, troca um ramo de flores murchas por outro de flores frescas e limpa com um pano a lápide onde se lê: «Olga Ribera, Gandesa, 1978-2021.»

Depois, como em todas as manhãs de sábado desde há quatro anos (exceto quando está de serviço), passa ali algum tempo diante da campa da mulher, fala-lhe de Cosette e comenta os escassos acontecimentos da semana.

O cemitério está encostado ao sopé de uma colina, nos arredores de Gandesa, só se ouve o piar dos pássaros e, de vez em quando, o motor distante de algum carro que serpenteia em direção a Vilalba dels Arcs e à serra de La Fatarella, cujo cume se perfila à sua esquerda contra o céu imaculadamente azul, pontilhada por brancos moinhos de vento que giram, morosos, na calidez imóvel daquela manhã de julho.

Decorrida meia hora, Melchor põe a bolsa de cabedal a tiracolo e afasta-se da campa. Passa junto do jazigo da família Adell, um túmulo sumptuoso de mármore negro jaspeado de branco, e sobe por uma ruela estreita, sombreada por ciprestes e ladeada de campas. Ao sair do cemitério entra num caminho de terra e, pouco depois, chega à rotunda que conduz ao centro de Gandesa. No meio da rotunda, sentada nuns degraus sob uma cruz de pedra, reconhece sem surpresa Rosa Adell.

– Estava a pensar que nunca vou ao cemitério – diz a mulher num cumprimento.

Melchor aproxima-se dela. Rosa veste uma blusa azul-escura, sem mangas, umas calças castanhas muito finas e umas sandálias que deixam a descoberto uns pés pequenos, com as unhas pintadas de vermelho. Melchor não consegue ver-lhe os olhos, escondidos por uns óculos escuros.

– Apesar de ter aí enterrada toda a minha família –

acrescenta Rosa. – Deveria sentir-me mal?

Recordando o jazigo dos Adell, Melchor responde:

– Péssima.

– Falas a sério?

– Não. O que está lá dentro já não tem nada a ver com os teus pais.

– E com Olga?

– Também não.

– Nesse caso, porque vais?

Melchor encolhe os ombros. Rosa Adell fica a olhar para ele uns instantes, faz uma expressão perplexa e, sacudindo o pó das calças, põe-se de pé.

– Onde está Cosette? – pergunta.

– Na piscina. – Melchor aponta vagamente para um edifício que se ergue a uns cinquenta metros, entre o quartel dos bombeiros e o pavilhão desportivo. – Sai ao meio-dia.

Rosa olha para o relógio.

– O tempo necessário para tomarmos um café.

Dirigem-se para o hotel Piqué, descendo pela avenida Joan Perucho. Caminham em silêncio, como se a ardência progressiva do sol os dissuadisse de falar e, em silêncio,

passam em frente da escola básica Terra Alta e do falso neoclassicismo da fachada do tribunal da comarca.

Nos últimos meses os dois viram-se com frequência, às vezes por acaso, outras vezes por casualidades não tão inocentes, sempre ou quase sempre provocadas por Rosa, que adotou o hábito de esperar por ele aos sábados de manhã à saída do cemitério. Como toda a gente, Rosa ignora o verdadeiro papel desempenhado por Melchor na resolução do caso Adell, que há quatro anos abalou a eterna sonolência da Terra Alta e que, desde então, mantém na cadeia Albert Ferrer, seu ex-marido, e Ernest Salom, antigo caporal[1] da polícia, amigo íntimo de Ferrer e colega de Melchor na esquadra de Gandesa, o primeiro deles condenado por incitação ao assassinato do casal Adell e da sua criada romena; o segundo, por cumplicidade no assassinato e encobrimento do crime. E, embora seja verdade que Rosa depressa intuiu que a versão oficial dos factos não se ajustava completamente à realidade e que Melchor escondia coisas (ou foi isso que, por sua vez, intuiu o próprio

Melchor), a verdade é que nunca se atreveu a interrogá-lo a esse respeito. De facto, não costumam falar sobre o assunto, apesar de se terem conhecido graças a ele, e quase nada do que Melchor sabe sobre as reações que o caso provocou em Rosa e sobre as consequências que lhe acarretou, o soube através dela. O que Melchor sabe, na realidade, é pouco e disperso: que Rosa não voltou a ver o seu ex-marido desde o processo instaurado contra ele, por exemplo; ou que as suas quatro filhas, conscientes de ter sido o pai a encomendar o assassinato dos avós

maternos, repudiaram o progenitor. De resto, Rosa Adell vive só na quinta próxima de Corbera d'Ebre que há quatro anos partilhava com Albert Ferrer – as suas quatro filhas trabalham ou estudam agora em Barcelona –, e tentou ou tenta ainda superar o assassinato dos pais e a condenação do seu marido, dedicando-se de corpo e alma a liderar o império empresarial construído a partir do nada pelo seu pai, com as Gráficas Adell à cabeça. Trabalha muito, viaja muito e passa alguns fins de semana em Barcelona, com as filhas, mas de uns tempos a esta parte, quando fica na Terra Alta, acaba por telefonar a Melchor ou, ultimamente, por ir buscá-lo à saída do cemitério.

Deixam à direita o terminal de autocarros, atravessam a estrada e a esplanada de terra que se abre diante do hotel Piqué e entram no café, ocupado a essa hora por um grupo de turistas barulhentos ao balcão, por um casal de ciclistas e por outro de velhotes. Rosa senta-se a uma mesa, junto de uma vidraça que dá para o estacionamento, enquanto Melchor espera pela sua vez ao balcão; quando finalmente consegue que o atendam, leva os dois cafés para a mesa.

– Disseram-me que as coisas vos correm bem – comenta Melchor, sentando-se diante de Rosa.

No bulício da cafetaria inundada de sol, a mulher tira os óculos escuros e olha para o polícia com os seus olhos castanhos, serenos e ovalados, enquanto mexe o café.

– As notícias voam na Terra Alta – constata. – Já te chegou o que esperavas de Medellín?

Melchor assente.

– A ideia foi do senhor Grau – diz Rosa, tentando menorizar a sua intervenção. Uma sombra de batom brilha nos seus lábios carnudos. – A Colômbia é um país que funciona a grande velocidade, ideal para investir, e montar uma fábrica ali está a correr-nos muito bem. Além do mais, Medellín é uma cidade maravilhosa.

– Que tal está?

– Medellín?

– O senhor Grau. Há muito tempo que não o vejo.

Rosa Adell semicerra os olhos, esboça um meio sorriso e bebe um gole de café.

– Velho – diz, sem melancolia. – Mas continua ali, a pé firme. A verdade é que não sei o que faria sem ele.

Melchor volta a assentir. Atravessa-lhe a cabeça a imagem do sempiterno gerente das Gráficas Adell: um velhote tenaz, pálido, culto e míope, de corpo muito magro, cabelo escasso e sagacidade comprovada nos negócios, que, aos noventa anos, sempre impecavelmente vestido e cada vez mais encurvado, continua a comparecer diariamente no seu gabinete do polígono industrial La Plana, nos arredores de Gandesa, e se mantém ao leme do navio almirante do império Adell. Por momentos recorda também, com espanto, que aquele modelo de honradez empresarial e de lealdade pessoal com o homem para quem trabalhou durante toda a sua vida foi também o primeiro suspeito do assassinato dos pais de Rosa, enquanto ele e Salom investigavam o caso Adell às ordens do subinspetor Gomà.

– Pois devias começar a pensar nisso – aconselha-a Melchor.

– Eu sei – admite Rosa, espreitando para lá da vidraça.

No estacionamento do hotel, protegidos do sol sob um telheiro de canas, só estão estacionados dois carros e uma carrinha de distribuição; o tráfego à entrada de Gandesa é mínimo. – A propósito – diz, voltando-se de repente para Melchor –, hoje o senhor Grau vem almoçar a minha casa.

Porque não nos acompanham, tu e Cosette? Tenho a certeza de que gostará muito de almoçar convosco.

– Obrigado, mas não posso. Combinámos ver um filme em casa. Além disso – acrescenta, dando uma palmada na sua bolsa de cabedal, que pendurou num dos braços da cadeira ao sentar-se –, esta tarde tenho trabalho. – Rosa olha para a bolsa e depois para Melchor, que esclarece: –

São manuscritos do concurso literário.

A mulher sorri abertamente, um sorriso largo, trocista, luminoso.

– De modo que acabaram por te convencer a seres jurado.

Melchor afasta dela o olhar, mas não encontra onde pousá-lo.

– Pelos vistos não tinham alternativas e… – Perturbado, consciente de que a frase se encaminha na direção errada, começa outra. – E isso não é o pior.

– Ah, não?

– Não. O pior é que tenho de fazer um discurso na cerimónia de entrega dos prémios. Pediram-me para dizer

algumas palavras sobre a leitura. Ou sobre a literatura. Ou sobre os romances de que gosto. Uma coisa do género.

– É uma ideia bonita.

– Linda. Só que eu nunca fiz um discurso na vida.

– Não me digas que tens medo.

Melchor volta-se novamente para Rosa.

– Medo não – confessa. – Pânico.

Ela ri-se com vontade.

–

Não

sejas

tonto,

chui

–

diz.

–

Fá-lo-ás

maravilhosamente.

– Claro.

– Falo a sério. Queres que te ajude a prepará-lo?

Nos olhos de Melchor brilha por instantes uma centelha de esperança, que se apaga quando julga perceber que, apesar das garantias de seriedade, a amiga está a brincar.

Antes de Rosa conseguir assegurar-lhe que não está a brincar, Melchor levanta-se para pedir outros dois cafés.

Momentos depois regressa com eles, e, embora recuse taxativamente voltar ao assunto do discurso, falam durante algum tempo do certame literário, organizado pela biblioteca e pela escola, e cujo júri é composto por dois professores, um poeta local, a diretora da biblioteca e Melchor; a entrega dos prémios está prevista para o início de setembro, durante a cerimónia de inauguração do ano letivo. Melchor comenta um relato de ficção científica que acabou de ler e de que gostou muito; resume o argumento a Rosa, que concorda com ele, apesar de não ser adepta da ficção científica, nem sequer muito adepta da literatura.

Também falam de uma proposta que o presidente da

câmara de Gandesa fez a Rosa, para que esta amplie a fábrica principal das Gráficas Adell em La Plana, e de uma viagem de trabalho que tem pendente à filial de Timişoara, na Roménia. Depois discutem os planos que cada um tem para as férias: Rosa pensa fazer uma viagem com as quatro filhas pelos Estados Unidos durante duas semanas, e Melchor, no início de agosto, tem planeado fazer o mesmo que fez no verão anterior, quando passou uns dias com Cosette em Molina de Segura, Múrcia, hospedados em casa da última amiga da sua mãe, Carmen Lucas, e do marido Pepe.

– Vão morrer de calor – prevê Rosa.

– O ano passado passámos muito bem – replica Melchor.

– Sabes do que Cosette mais gostou? De todas as suas amigas lhe chamarem Cosé.

Rosa ainda está a rir-se quando toca o telefone de Melchor, que verifica quem é e o deixa tocar.

– Não vais atender? – pergunta Rosa.

– É Vivales. Telefono-lhe mais tarde. – Agora é Melchor quem olha para o relógio. – Cosette deve estar quase a acabar. Vamos?

Sobre Domingo Vivales, Rosa Adell não sabe muito mais do que sabe sobre Carmen e Pepe. Melchor apresentou-o há algum tempo, durante uma das suas visitas a Gandesa, mas ela não percebe bem que relação une aqueles dois homens de idades tão díspares que podiam muito bem ser pai e filho. De facto, a única coisa que sabe sobre o advogado é que, tal como Carmen Lucas, era amigo da mãe dele, e que Melchor herdou aquela amizade como quem

herda um imóvel. O polícia não lhe disse mais; ela, por outro lado, também não pergunta, porque a primeira regra não escrita daquela amizade consiste na obrigação de gerir com muito cuidado as suas intimidades mútuas.

Enquanto Rosa paga os quatro cafés – eis outra regra não escrita dessa amizade: sempre, ou quase sempre, é ela quem paga –, entra um WhatsApp no telemóvel de Melchor.

É o sargento Blai, que já não é sargento, mas inspetor, e que não está colocado na Terra Alta, mas na central do corpo policial, no complexo Egara, nos arredores de Sabadell. «Que tal, espanhol de um raio?», escreve Blai.

«Onde andas?» «No hotel Piqué», responde Melchor. «A dar uma queca com uma garina?», volta a escrever Blai.

«Ah, ah, é uma piada. Estou na casa dos meus sogros, devíamos encontrar-nos quanto antes. Esta tarde.»

– Está à vontade – diz Rosa Adell, juntando-se a Melchor à porta do hotel e pondo os óculos de sol. – Responde a quem tenhas de responder.

Percorrem a praceta de terra e, enquanto esperam para atravessar a estrada, Melchor escreve no telemóvel: «Não posso.» «Não me lixes, pá, já não queres saber dos amigos?», responde Blai imediatamente e volta a escrever:

«Estou a falar a sério. Temos de falar. É urgente.» Estão a regressar pela avenida Joan Perucho sob o sol escaldante do meio-dia.

– É trabalho? – interroga-o Rosa Adell.

Melchor diz que sim.

– Eu, ao fim de semana, deixo o telemóvel do trabalho no gabinete – admite Rosa. – É importante?

– Com certeza que não, mas parece.

Ao chegarem perto do tribunal, Melchor responde de novo: «Telefono-te mais tarde.» «Não demores», responde-lhe Blai. «Às sete tenho festança familiar. Devíamos ver-nos antes.» A resposta de Melchor é um emoji de um punho amarelo com o polegar levantado.

Quando ergue os olhos do telemóvel, Rosa Adell acaba de abrir a porta do carro.

– De certeza que não querem almoçar lá em casa? –

insiste ela.

– De certeza. Dá cumprimentos da minha parte ao senhor Grau.

Despedem-se com dois beijos na cara.

Há mudança de planos. Ao sair da piscina municipal, Cosette pergunta-lhe se pode almoçar em casa da sua amiga Elisa Climent e passar a tarde com ela, e Melchor, depois de falar com a mãe da amiga e de negociar com Cosette, acaba por aceder. «Vou buscar-te às seis», previne-a. Assim que fica sozinho lembra-se de que pode telefonar para Rosa Adell e almoçar com ela e com o senhor Grau, mas depressa descarta essa ideia e dirige-se até à praça.

Passa ali o resto da manhã, sentado na esplanada do bar, a beber Coca-Cola e a ler vários dos contos concorrentes ao concurso literário: marca com um sinal de menos aqueles de que gosta pouco ou não gosta, com um sinal de

mais aqueles de que gosta e com dois sinais de mais aqueles de que mais gosta, para voltar a lê-los no fim e escolher entre eles os vencedores.

Por volta das duas vai para casa. Ao chegar prepara uma salada de queijo e frutos secos e um bife grelhado e come sentado na cozinha, empurrando a comida com a terceira Coca-Cola de sábado e olhando de vez em quando para a cadeira vazia no outro lado da mesa, onde Olga costumava sentar-se.

Decorreram quatro anos desde a tarde em que ela morreu atropelada por um automóvel que Albert Ferrer alugara na véspera em Tortosa. Este, segundo garantiu nos interrogatórios policiais e nas alegações finais do julgamento do caso Adell, não tinha querido matá-la mas apenas intimidar Melchor, obrigá-lo a abandonar de uma vez por todas a investigação do assassinato dos sogros, que ele teimava em prosseguir por sua conta e risco, apesar de o caso estar oficialmente encerrado. Seja como for, desde a morte de Olga raramente decorreu um dia sem que Melchor se lembrasse dela. Quando isso acontece, quando esquece a sua mulher durante algum tempo, sente-se mal, embora não saiba porquê. Tentou reconstruir com uma precisão neurótica, semana a semana, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, os três anos e meio vividos com ela, mas não conseguiu, e às vezes alberga sentimentos contraditórios em relação àquela época feliz em que, depois de chegar à Terra Alta, conhecer Olga e se apaixonar por ela, se casaram e tiveram Cosette: por um lado, parece-lhe completamente irreal, como se, mais do que tê-lo vivido, o tivesse sonhado ou visto num filme; por outro, parece-lhe a única coisa real que lhe aconteceu, que nunca lhe aconteceu nada tão real como a sua vida com Olga. No

início, depois da morte da mulher, interrogava-se a toda a hora sobre o que diria ela disto, daquilo e daqueloutro, mas passado algum tempo conseguiu evitar essa tortura irracional. No entanto, continua a ser incapaz de falar dela com alguém, mesmo com Cosette, e quando a menina o interroga sobre a mãe, de quem guarda poucas lembranças, ele não sabe o que responder e fá-lo com evasivas.

Os primeiros tempos sem Olga foram muito duros. Não conseguia afastar da cabeça a morte dela, nem deixar de sentir que tinha falhado com a sua

mulher. Leu nalgum lado que enquanto duram os remorsos, dura a culpa, e a ele os remorsos continuavam a corroê-lo por dentro. Ambas as coisas explicam o facto de passados alguns meses ter tomado a decisão de se afastar da Terra Alta, na esperança de que abandonar aquele sítio, que graças a Olga se tinha tornado a sua pátria, o ajudasse a ultrapassar a morte dela.

Nessa altura já haviam decorrido cinco anos sobre os atentados islamistas de 2017, muitos dos seus colegas já sabiam que tinha sido ele quem abateu a tiro os quatro terroristas em Cambrils, e os seus superiores estavam conscientes de que, pelo menos no interior do corpo policial, ele se tinha tornado um símbolo; de modo que, valendo-se pela primeira vez da sua situação de privilégio, telefonou ao comissário Fuster e pediu-lhe para ser transferido.

A reação de Fuster foi a que esperava. O comissário não lhe perguntou porque queria mudar de posto, mas apenas para onde queria mudar-se. Melchor, previsivelmente,

respondeu que queria ir para Barcelona. Previsivelmente porque, apesar de estar há tanto tempo afastado da capital, sabia que esta continuava a ser a sua casa. Sempre viveu ali até o terem destinado à Terra Alta, após os atentados, para o protegerem de possíveis represálias islamistas. Além disso, em Barcelona tinha Vivales, que foi um apoio constante desde a morte da sua mãe e que, tinha a certeza, o ajudaria a criar Cosette. «Queres continuar a fazer investigação criminal?», perguntou-lhe Fuster, solícito como sempre. «Não sei fazer outra coisa», respondeu Melchor. «Nesse caso, estás com sorte», felicitou-o o comissário. «Acabei de falar com o chefe da DIC, que me disse que a Unidade de Sequestros e Extorsões está reduzida ao mínimo. Que te parece a ideia de vires para cá, para Egara?» «Magnífica», disse Melchor, tão impaciente por sair da Terra Alta que teria aceitado o pior trabalho no pior pardieiro da pior esquadra. «Cuidado», avisou-o Fuster. «Não esperes umas férias. A unidade é muito exigente. Não te vais aborrecer e aprenderás muito; mas vais trabalhar como um escravo.» «Perfeito», disse ele.

Falava a sério: Melchor pensava que a relativa inatividade e a placidez rural da esquadra da Terra Alta, que lhe fez tão bem anos antes, quando Olga estava viva, estava agora a matá-lo; também pensava que, quanto mais absorvente fosse o seu trabalho, muito melhor para ele. Por outro lado, Melchor sabia que Cosette era uma menina muito curiosa e enérgica, mas adaptável, e que a morte de Olga, longe de a enfraquecer, tinha endurecido o seu caráter. De modo que, embora a ligação de Cosette à Terra

Alta fosse tão profunda como a sua e talvez de início não quisesse sair da comarca, estava convencido de que ela viveria como uma aventura a mudança de lugar e de escola, a novidade da capital e o desafio de fazer novas amigas; também tinha a certeza de que adoraria ter Vivales mais perto.

A Unidade Central de Sequestros e Extorsões estava integrada na Área Central de Investigação de Pessoas, que, por sua vez, dependia da Divisão de Investigação Criminal (DIC), e quando Melchor se incorporou a ela percebeu que o comissário Fuster falava tão a sério como ele. No entanto, do que Fuster não o tinha avisado era que, além de ser uma unidade exigente, Sequestros e Extorsões era uma unidade singular. Nessa época dispunha de doze elementos, nove homens e três mulheres que trabalhavam às ordens do sargento Vàzquez, um quarentão de cabeça rapada, musculoso e hiperativo, com ar de buldogue e fama de polícia íntegro e conflituoso. Era verdade que Vàzquez estava sempre a queixar-se aos seus superiores do défice de efetivos da sua unidade, mas queixava-se com motivo: não era por acaso que a Unidade de Sequestros e Extorsões trabalhava vinte e quatro horas por dia, durante todo o ano e em todo o território catalão. No entanto, o que a tornava singular – o que lhe exigia não operar como nenhuma outra, não se parecer com nenhuma outra – era a sua obrigação de ser a unidade mais discreta da corporação; a reserva era, de facto, a chave da sua eficácia. A primeira coisa que Melchor aprendeu ao integrar-se na Unidade de Sequestros e Extorsões foi que quanto menos gente

soubesse que estavam a tentar resolver um caso, mais possibilidades

teriam

de

o

resolver.

Também

a

singularizava o elevado grau de especialização dos seus elementos, coisa que obrigou Melchor a especializar-se em ritmo acelerado. Fez quatro cursos durante os primeiros meses posteriores à sua colocação: um de negociador, outro de sequestros, outro sobre o crime organizado e outro ainda de investigação avançada. Eram cursos exclusivos, nos quais só podia inscrever-se pessoal selecionado (elementos da própria unidade ou de unidades similares da Guarda Civil, da Polícia Nacional e da Ertzaintza basca), ao qual era exigido segredo acerca de tudo o que lhes era ministrado e onde nem sequer se disponibilizava documentação escrita, para evitar fugas de informação. «Se os malfeitores ficam a par de como os combatemos, estamos feitos», costumava avisar Vàzquez a quem se dispunha a frequentar um curso. «De modo que, fora daqui, nem um pio sobre o que lá aprendes. Como disse não sei que sábio, o silêncio é invencível.»

Durante meses, Melchor apreciou o seu novo destino.

Trabalhava muito, cuidava de Cosette, lia romances e falava com Vivales (que o ajudava a cuidar de Cosette).

Continuava a ser um leitor voraz, mas agora dividia as leituras entre os seus próprios romances e as histórias que, antes de dormir, lia à filha. Que, de resto, se adaptou à capital com a facilidade entusiasta que ele tinha previsto.

Evidentemente, Melchor sabia que a menina tinha saudades da Terra Alta, mas nunca a ouviu dizê-lo; às vezes, também ele sentia saudades. Além disso, passado

pouco tempo percebeu que por mais que trabalhasse, por mais longe que estivesse da Terra Alta, não conseguiria tirar da cabeça a morte de Olga, e acabou por aceitar a inevitabilidade de conviver toda a sua vida com essa recordação envenenada.

Para sua surpresa, o regresso a Barcelona despertou-lhe outra lembrança, não menos venenosa, que tinha permanecido adormecida durante anos: a lembrança do assassinato da mãe. Enquanto vivia na Terra Alta pensava nela de vez em quando, mas nunca ou quase nunca na sua morte; o motivo dessa abençoada omissão deveu-se provavelmente ao facto de, ao fim de tantos anos a tentar solucionar aquele crime, obsessivamente e por sua conta, nos momentos livres e violando algumas das normas mais elementares da investigação policial, justamente antes de se instalar na comarca, ter sabido por acaso que a mulher que acompanhava a sua mãe naquela noite fatídica se chamava Carmen Lucas, a ter localizado numa pequena povoação da Huerta de Múrcia, e ter-se deslocado até lá, onde a interrogou durante dois dias sem obter uma única pista que o pudesse conduzir aos assassinos, persuadindo-o de que o crime nunca seria esclarecido. Agora, pelo contrário, a lembrança da mãe estava novamente ali, viva e tenaz, como se voltar a Barcelona significasse voltar a deparar-se com ela e com todas as atrozes lembranças que associava a ela: a lembrança da mãe a prostituir-se nos arredores do Camp Nou, juntamente com Carmen Lucas e com as outras companheiras de infortúnio; a lembrança de um BMW castanho, de um Volkswagen escuro ou de um

Skoda preto, de acordo com as várias testemunhas, no qual a mãe se recusou inicialmente a entrar depois de uma negociação frustrada com os seus ocupantes («Uma cambada de meninos bem que vieram divertir-se com o carro do papá», disse-lhe Carmen), mas onde mais tarde, levada pelo desespero de uma noite sem clientes, aceitou entrar; a lembrança do cadáver da mãe, encontrado ao amanhecer do dia seguinte num descampado da Sagrera, em Sant Andreu, com o crânio rebentado à pedrada. Todas essas recordações parciais configuravam uma única recordação lancinante que regressou com força, como se uma zona inexpugnável de Melchor ainda não tivesse conseguido aceitar que aquele antigo assassinato permanecesse impune. Resumindo: saíra da Terra Alta para fugir de um crime solucionado

e, em Barcelona, tinham-no agarrado dois, um resolvido e outro por resolver.

Quando compreendeu que, por mais que quisesse desfazer-se das suas piores recordações, as suas piores recordações não queriam desfazer-se dele, decidiu regressar à Terra Alta. Esperou que terminasse o ano escolar para pedir a transferência, que coincidiu com um facto que, na prática, desintegrou a Unidade de Sequestros e Extorsões.

Tratou-se do rapto da filha de um narcotraficante venezuelano, que residia com a família numa moradia de Ampuriabrava, uma povoação à beira-mar próxima da fronteira francesa. A vítima foi sequestrada por um bando rival, que o venezuelano tinha tentado vigarizar, e que exigia pela sua libertação uma quantia que ele não estava,

de modo nenhum, em condições de reunir. Durante meses, toda a unidade trabalhou no caso, com Vàzquez como negociador principal entre os narcos. Foi uma negociação áspera, complexa e nervosa, durante a qual o narco venezuelano recebeu em sua casa, um atrás do outro, três dedinhos cortados da filha, que tinha acabado de fazer cinco anos. Finalmente, Vàzquez julgou ter localizado a menina num armazém dos arredores de Molins de Rei e montou um dispositivo de resgate composto por oitenta elementos, incluindo guardas civis e polícias nacionais. A operação fracassou. Houve três detidos e um morto, mas não conseguiram salvar a filha do narco, e a lembrança mais vívida que Melchor conservava desse dia era a imagem de Vàzquez sentado sobre um charco de sangue no chão de cimento do armazém, com a cabeça decapitada da menina no colo e os olhos arregalados, a tremer e a guinchar como um possesso.

Foi preciso arrancar-lhe a cabeça das mãos e, nesse mesmo dia, Vàzquez deu entrada num hospital de onde só saiu passado uma semana, não para regressar à Unidade de Sequestros e Extorsões, mas para que o destinassem, a pedido próprio, à esquadra de Seu d’Urgell, nos Pirenéus de Lérida, de onde era natural. Melchor foi sabendo de tudo isto pouco a pouco, já de regresso à Terra Alta. Não voltou a sair dali nos anos seguintes, durante os quais se dedicou à filha e ao trabalho na esquadra. Ocupava o seu

abundante tempo livre a ajudar na biblioteca onde Olga tinha trabalhado e a fazer o curso de Informação e Documentação da Universidade Aberta da Catalunha;

também, evidentemente, a ler romances, embora desde a morte de Olga tivesse evitado voltar a ler Os Miseráveis, que até essa altura havia sido não só o seu romance preferido, como o espelho onde se olhava e a arma com que se defendia das ofensas da vida. No entanto, foi incapaz de livrar-se de outro vício, este mais ou menos secreto. Não falhava: indivíduo denunciado por bater numa mulher na Terra Alta, indivíduo que levava uma sova que, pelo menos na esquadra, toda a gente sabia quem tinha dado, e a que toda a gente fazia vista grossa.

Ao acabar o almoço lava os pratos, prepara um café e continua a ler manuscritos, sentado no sofá da sala. Às cinco, com pontualidade profissional, aparece o inspetor Blai.

– Estas mulheres da Terra Alta são inacreditáveis – é a primeira coisa que diz, acaloradamente, ao irromper pela casa de Melchor. – Não há maneira de as arrancar daqui.

Trata-se da mesma queixa que Melchor ouviu milhares de vezes ao antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta desde que este se foi embora para Barcelona: que a mulher não se habituava a viver longe daqui e que, por essa razão, todos os fins de semana a família regressa a casa dos pais, em Pobla de Massaluca. Melchor oferece um café ao amigo. Blai aceita-o e, enquanto Melchor começa a prepará-lo, continua a queixar-se, com o peso do seu corpanzil encostado ao umbral da porta da cozinha.

– Passo a semana a trabalhar como um escravo, e, assim que chega o fim de semana, toca a entrar no carro e a

arriscar a vida por estas estradas desgraçadas para chegarmos quanto antes à Terra Alta, como se o mundo fosse acabar. E depois, em vez de descansar como deve ser, lá vou eu outra vez, no sábado e no domingo serra acima, serra abaixo, para que os miúdos conheçam a terra da mãe e não percam as suas raízes. Estou-me a cagar para o raio das raízes. Quando vivíamos aqui,

estávamo-nos todos a marimbar para as raízes, a começar pela minha mulher.

Isso sem contar que estou a levar com sogros às toneladas, claro. Dos miúdos nem te falo, estão insuportáveis. A propósito, onde está Cosette?

– Em casa de uma amiga.

– Está bem?

– Muito bem.

– E tu?

– Eu também.

– Vá lá, pá, dá-me uma boa notícia, anda. Diz-me que arranjaste uma namorada. Alegra-me o dia, que bem falta me faz. Mas vou-te dar um conselho: se arranjares namorada, que não seja da Terra Alta. Depois não há maneira de as tirarmos daqui.

– O que devias fazer era voltar – aconselha-o Melchor. –

A propósito, deves ter sabido que estamos sem chefe desde maio…

– Se soube?

A cafeteira acaba de moer o café com um som de gravilha triturada, e antes de carregar no botão que pisca para que o líquido comece a sair pelos dois tubinhos de aço

inoxidável, Melchor volta-se para Blai, que se aproximou dele.

– És capaz de guardar um segredo? – pergunta o inspetor.

Melchor tinha acabado de ler um romance de G. K.

Chesterton no qual uma personagem faz a outra essa mesma pergunta e recebe esta resposta: «Se tu não és capaz de guardar esse segredo, como queres que to guarde eu?» Mas não quer irritar o amigo, de modo que responde:

– Claro.

– Ofereceram-me esse posto.

– De chefe de esquadra?

Blai assente com uma expressão desgostosa. Melchor pergunta:

– E o que respondeste?

– O que querias que respondesse? – resfolega o outro, gesticulando. – Com o trabalho que me deu sair deste buraco…

É verdade. Há dois anos e meio, ainda sargento e chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta, Blai passou no concurso para inspetor a que concorrera a conselho dos seus superiores. Estes consideravam que a corporação podia beneficiar da auréola de ás da investigação criminal que o rodeava, devido às inúmeras intervenções que fez nas rádios e nos estúdios televisivos a seguir ao caso Adell, cuja resolução a opinião pública lhe atribuía; e a verdade é que nem Blai, nem ninguém na esquadra da Terra Alta teve qualquer interesse em desmentir a versão oficial do caso, segundo a qual tinha sido ele, e não Melchor, a solucioná-

lo. Inicialmente, este equívoco incomodou um pouco Melchor, porque pensava que no seu íntimo Blai deveria considerar-se um impostor; mas deixou de se preocupar assim que percebeu que, depois de contar inúmeras vezes em público, com luxo de pormenores, como tinha solucionado o caso Adell, o seu antigo chefe se tinha esquecido completamente da realidade e, exceto quando recordava o caso a sós com Melchor, parecia convencido de que, com efeito, tinha sido ele e não Melchor a identificar os responsáveis pelo triplo assassinato.

Blai insiste em que o amigo guarde o segredo que acaba de confiar-lhe («Faz-me esse favor, hã, espanhol de um raio? Não sabes como é a minha mulher. Se fica a saber que eu recusei esse cargo, corta-me os tomates») e continua a disparatar sobre a sua vida, dividido entre Barcelona e a Terra Alta. Até que, assim que Melchor lhe entrega a chávena de café e lhe indica a cadeira de Olga, ele se senta e pergunta:

– Sabes o que compensa um pouco entre tanta merda?

Melchor adivinha a resposta porque conhece o seu antigo chefe tão bem como o seu antigo chefe o conhece a ele.

– O quê? – pergunta, no entanto.

O que alivia Blai dos seus contratempos familiares não é, segundo Melchor julga saber, que os mandachuvas que o encorajaram a candidatar-se e lhe prometeram entre dentes a sua ajuda tenham cumprido a palavra, promovendo-o a inspetor; também não é o facto de ter conseguido essa promoção saltando um degrau na

hierarquia, sem passar pelo posto intermédio de subinspetor; nem sequer por ter demonstrado, apesar daquela cunha escandalosa e quaisquer que fossem os seus verdadeiros méritos, que era um profissional competente e merecia a promoção, a ponto de pouco depois disso ter recebido a incumbência de dirigir a Área Central de Investigação de Pessoas e ser transferido para a central de Egara, onde sempre sonhou trabalhar por ser o lugar onde dispõem de todos os recursos e se tomam todas as decisões relevantes.

Não, a compensação de Blai é outra.

– Encontrar-me todos os dias com Gomà – afirma com efeito o inspetor, e leva a chávena à boca, mais pendente da frase que acaba de dizer do que em saborear o café. Os dois polícias sentaram-se frente a frente, em cada uma das extremidades de uma mesa onde ainda se veem vários ingredientes do pequeno-almoço habitual de Cosette: uma caixa de cereais Kellogg’s e um pacote de bolachas de milho com chocolate anunciadas por um cozinheiro

televisivo. Ainda com a chávena na mão, Blai põe uma cara de felicidade. – Passar por ele nos corredores, encontrá-lo nas reuniões, tomarmos um café lado a lado – enumera. –

Meu Deus, que prazer. Quem diria uma coisa destas a esse convencido há quatro anos? Quem havia de dizer que o mesmo sargento que ele afastou com rudeza do caso Adell, para desfrutar sozinho da glória do triunfo, seria agora seu superior em Egara e ele continuaria a ser a merda de um subinspetor, porque chumbou no mesmo concurso que eu passei? E quem havia de dizer que isso aconteceria

justamente por me ter afastado do caso Adell, porque ele foi incapaz de o resolver e tive de ser eu a tirar as castanhas do lume? Claro, claro, já sei que dirás que não me promoveram só por ter resolvido o caso Adell, que antes do caso Adell já tinha somado pontos suficientes para ser inspetor, mas… São as voltas da vida, hã, espanhol de um raio? E, a propósito, soubeste a novidade sobre Salom?

Melchor ergue os olhos da mesa, coberta por uma toalha de plástico aos quadrados e perscruta Blai.

– Não sei nada de Salom – reconhece.

Blai não parece surpreender-se; bebe o café de um gole e pousa a chávena no pires. Está quase a fazer meio século de idade e ainda que não tenha um único cabelo no crânio, o seu corpo sem gordura e a sua musculatura de adepto do ginásio fazem-no aparentar menos dez ou quinze anos; mede um metro e noventa, veste roupa desportiva muito justa e os seus olhos azuis cravam-se sem contemplações no interlocutor.

– Acabaste por não ir visitá-lo a Quatre Camins, não é verdade? – pergunta.

Melchor nega com a cabeça.

– Não devias ser rancoroso. Ao fim e ao cabo, foi o teu melhor amigo.

– Não sou rancoroso. Simplesmente não tenho nada a dizer-lhe.

– Pois ele queria dizer-te uma coisa a ti. Por isso me pediu que lá fosses. Creio que queria desculpar-se.

– Já se desculpou.

– Queria desculpar-se a sério. Está arrependido. – Blai faz uma pausa um pouco teatral. – Todos cometemos erros, não achas?

Melchor sorri.

– Vais dar-me um sermão?

– Vai-te lixar, espanhol de um raio.

Melchor deixa o sorriso a flutuar nos lábios enquanto os dois homens se observam por segundos. Vozes agudas de crianças chegam-lhes nesse momento vindas da rua Costumà, e Melchor pergunta a si próprio se Blai quis vê-lo com aquela urgência só para lhe falar do antigo caporal.

– O que aconteceu a Salom? – pergunta.

– Nada – responde o inspetor. – No outro dia encontrei a juíza de execução de penas que está encarregada dele e que me disse que lhe diminuíram novamente a pena.

Dentro de uns dois anos estará cá fora. Talvez antes.

As vozes das crianças deixaram de ouvir-se e um silêncio embaraçoso apodera-se da cozinha.

– Fico contente por ele – diz Melchor. – E pelas filhas.

– Costumas vê-las?

– De vez em quando, sobretudo Claudia. Dá aulas na escola. – Após uma pausa, acrescenta: – Mas nenhuma das duas me cumprimenta.

Blai suspira, abana a cabeça para um lado e para o outro, dá um estalo com a língua.

– É normal, não achas? – raciocina. Subitamente, as vozes das crianças voltam a animar o sopor da tarde. – A mãe morta, o pai na cadeia e todos os sonhos delas no caixote do lixo. Aos vinte e poucos anos. É a história do

costume na Terra Alta, por isso quis sair daqui… Foderam-lhes a vida.

– Ou fodemo-la nós. Ou acabámos por fodê-la.

– Disparate. Quem a fodeu foi o pai delas, por fazer o que não devia.

– É possível, mas quem o engavetou fomos nós. Além disso, o que fez foi por elas. E nós sabemos disso.

– O quê? Ajudar aquele mentecapto do Ferrer a matar os Adell? Fez isso pelas filhas? Vai-te matar, pá! Fê-lo porque lhe apeteceu, porque a cobiça rompe o saco, ou como quer que se diga.

– Há um minuto estavas a defendê-lo.

– Uma coisa é defendê-lo e outra dizer que não é responsável pelos seus atos. Olha, eu não sei porque fez o que fez, mas a verdade é que o fez. Acho bem que se arrependa, e ele fê-lo. E ponto. – Um pouco irritado, Blai desvia os olhos de Melchor, mas volta imediatamente a encará-lo, repentinamente curioso: – Ouve, tu não estarás arrependido de o teres engavetado?

Com um gesto de desalento, Melchor atira a caixa de Kellogg’s contra a parede e levanta-se.

– Deixa lá o arrependimento – pede-lhe. – Outro café?

Blai assente e Melchor liga novamente a cafeteira.

Enquanto a cozinha volta a encher-se com o crepitar da moagem dos grãos, Melchor pergunta a si próprio se Blai estará inquieto devido à saída de Salom da cadeia.

– Era isso que tinhas tanta pressa em contar-me? –

pergunta.

– Não – diz o inspetor com uma voz diferente, levantando-se novamente e dando alguns passos pela cozinha. – Vim porque tenho um problema.

Melchor deixa que a cafeteira acabe de moer o café, põe uma chávena sob os dois tubinhos de aço, carrega no botão luminoso e de cada um dos dois tubinhos brotam jorros de líquido escuro.

– Que problema? – pergunta sem se voltar.

– Conto-te se prometeres dar-me uma mãozinha.

Os dois tubinhos deixam de fluir, Melchor tira a chávena meio cheia de café, põe no lugar dela uma chávena vazia e pressiona outra vez o botão.

– Queres que te dê a mão num caso?

– Exatamente.

– Queres que volte para a Unidade de Sequestros e Extorsões?

– Sim. Só por uns dias, os suficientes para resolver o assunto.

Na cozinha faz-se novamente silêncio, desta vez preenchido pelo zumbido eletrónico da cafeteira, que continua a verter café. Há algum tempo que não se ouvem as vozes das crianças.

– Não te vou ajudar – diz Melchor. – Estou de saída. Além disso, não conheço lá ninguém.

– Enganas-te. Vàzquez voltou.

Melchor volta-se para ele, arqueando uma sobrancelha inquisitiva.

– Há quase um ano – explica Blai. – O novo comissário de Investigação Criminal convenceu-o. Não foi muito difícil.

Parece que em Seu d’Urgell se aborrecia de morte.

– Não mo tinhas dito.

– Não mo tinhas perguntado.

Melchor faz um gesto difuso de aprovação e fica novamente de costas para o inspetor.

– Bom, fico contente, porque isso significa que não precisas de mim – raciocina. – Vàzquez é muito bom.

– Eu sei, mas está doido varrido. Tu conhece-lo, faz o que lhe apetece. Não posso confiar nele, pelo menos neste caso. Por isso preciso de ti.

– Esquece.

– É por pouco tempo, com um pouco de sorte numa semana arrumamos o assunto. Além disso, já disse a Vàzquez que tu vinhas. Ficou encantado.

– Pois mentiste-lhe.

– Não me lixes, espanhol de um raio.

– Não te lixo. Mas não insistas, procura outro.

Blai protesta, pragueja, resfolega. O café deixou novamente de fluir e Melchor demora uns segundos a oferecer a chávena meio cheia ao seu colega, que não parece disposto a aceitá-la, como se essa negação fosse o símbolo de outra: a negação de dar a discussão como perdida. Finalmente parece render-se, pega na chávena, bebe um gole, depois outro; no fim pergunta:

– O que é isso de estares de saída? – O tom desenvolto da sua voz não engana Melchor. Blai não se rendeu, limitou-se a mudar de estratégia. –

Estás a pensar reformar-te ou quê?

Também com a sua chávena na mão, Melchor replica:

– Mais ou menos. Assim que abrirem uma vaga na biblioteca, candidato-me e saio da esquadra.

Blai olha para Melchor como se este tivesse acabado de dizer-lhe que vai submeter-se a uma operação de mudança de sexo.

– Mas tu estás no gozo ou quê?

Melchor bebe o café de uma só vez, pousa a chávena no lava-louça e desliga a cafeteira.

– Julguei que te tinha dito que estou a estudar biblioteconomia na UOC.

– Sim, mas…

– Na realidade, nem sequer preciso de terminar o curso.

Bom, só se quiser ser diretor de uma biblioteca. De modo que, assim que surgir uma vaga para ajudante de bibliotecário, eu candidato-me. Ganharei menos do que na esquadra, mas será suficiente. Cosette e eu governamo-nos com pouco.

Blai continua boquiaberto.

– Estás a brincar comigo, não é verdade?

– Não – diz Melchor.

Agora, na expressão de Blai o aborrecimento soma-se à incredulidade.

– Enlouqueceste, rapaz – sentencia, abanando a cabeça.

– Bibliotecário, tu? Em que diacho estás a pensar? Em substituir Olga ou quê?

– Claro que não – responde Melchor. – Como podes pensar isso?

– Desculpa-me que te recorde, rapaz – prossegue Blai, como se não tivesse ouvido o amigo. – Mas a tua mulher

está morta, morreu há quatro anos, assume-o de uma vez, que já vão sendo horas. – Embora Melchor queira intervir, não consegue; Blai está embalado: – Além disso, vais asfixiar fora da esquadra. Uma coisa é ajudares de vez em quando na biblioteca e outra é passares aí o dia inteiro, a arrumar livros, a atender velhos, a ler histórias a crianças e a levar romances num carrinho até à piscina, a ver se motivas alguns adolescentes que só pensam em foder, digo-te eu, que tenho uns quantos em casa. Enfim, não aguentas isso nem uma semana. Ou eu não me chamo Blai. Pois se és o chui mais chui que vi no raio da minha vida, homem!

– Já não – consegue intercalar Melchor. – Isso era antes.

– Ah sim? Quer dizer que agora a vocação cura-se com o tempo, como a conjuntivite?

– A vocação é uma ilusão, Blai.

– Sim. ‘Tás-te a passar, é o que é.

De pé, junto da bancada de mármore da cozinha, os dois polícias sustêm por momentos o olhar. Blai tem os punhos crispados, os antebraços trémulos e os maxilares prestes a explodir, como de costume quando se enraivece. Por outro lado, Melchor sente o que mais cedo ou mais tarde acaba por sentir de um tempo a esta parte, de cada vez que conversa com o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta: que tem saudades das suas birras.

– Bebe o café, anda – pede-lhe. – Olha que vai arrefecer.

Frustrado e de má vontade, sem saber o que acrescentar à sua reprimenda, Blai toma o café e Melchor olha para o relógio em forma de maçã pendurado na parede da cozinha. Já passa das seis.

– Vou buscar Cosette – anuncia. – Acompanhas-me?

Blai agarra Melchor por um braço.

– Sabes porque necessito que me ajudes?

O café não acalmou Blai: a mão dele é uma garra.

– Porque não confio em ninguém – dá ele próprio a resposta, procurando angustiado os olhos de Melchor. –

Egara é muito lindo, mas aquilo está cheio de betos e de tipos todos aperaltados; polícias a sério, poucos. Além disso, deram-me um caso importante. Importante não, excecional. E eu preciso de resolver urgentemente um caso excecional. Os meus chefes começam a pensar que se enganaram a meu respeito. Não dizem, mas eu sei, estas coisas notam-se, Melchor, é como quando a tua mulher te engana com outro. Começam a interrogar-se se aquilo do caso Adell não foi pura sorte e se eu não serei um bluff.

Estou preocupado, percebes, não é verdade?

– Mas não devias estar – diz Melchor.

Imediatamente o olhar de Blai transforma-se: já não é de angústia, mas de curiosidade; de curiosidade genuína.

– Achas? – pergunta.

– Claro – responde Melchor. – Sempre foste um polícia muito bom.

O elogio deixa Blai inchado como um pavão, mas tenta disfarçar.

– Está bem, está bem – diz.

Melchor percebe que a vaidade do amigo não ficou satisfeita; percebe também que nunca ficará.

– Além disso – acrescenta, decidido a não aumentá-la mais, ou a esvaziá-la –, se te despedirem de Egara já podes

voltar para cá. E acabam-se os problemas familiares.

Como se acabasse de receber uma descarga elétrica, Blai solta o braço de Melchor, que sorri com os olhos, mas não com os lábios.

– Sabes o que te digo, espanhol de um raio? – pergunta o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta, voltando a abanar a cabeça e a estalar a língua. – Que quando menos esperares te vou partir a cara.

Os dois homens saem juntos para a rua Costumà, já sem rasto de crianças. Desafiando a canícula estival, dirigem-se para a igreja sem encontrarem ninguém, atravessam a praça, contornam a rotunda da Farola e continuam pela avenida de Catalunya. Retomaram vagamente a conversa sobre a Unidade de Sequestros e Extorsões, porque Melchor perguntou por Vàzquez.

– É um dínamo – define-o Blai, e pergunta a seguir: – Na tua época passava o dia a praguejar porque não tinha gente suficiente?

– Sim – responde Melchor.

– Agora também – diz Blai.

Pouco antes de chegarem ao hotel Piqué viram à direita.

O telefone de Melchor volta a tocar: Vivales outra vez.

Melchor não atende e, quando estão quase a chegar a casa de Elisa Climent, Blai volta à carga e pergunta-lhe, num tom de incredulidade ofendida, se é verdade que não lhe vai dar uma mão. Melchor não se surpreende; trabalhou tempo suficiente às ordens de Blai para ter a certeza de que, se o inspetor ainda está ali, acompanhando-o a ir buscar Cosette, é porque confia na sua capacidade de

chantagem ou nos seus dotes de persuasão, porque continua sem se dar por vencido. Pararam debaixo do toldo de uma mercearia aberta.

– É o último favor que te peço – insiste Blai, e a voz dele soa demasiado estridente no silêncio sabatino das ruas vazias devido ao calor. – O último. Pensa que também será o teu último caso a sério, se é que isso da biblioteca é a valer. Vens uns dias em comissão de serviço para Barcelona, com Cosette, e depois voltas e ficas com os teus velhos e com as tuas crianças.

Melchor pensa que Blai não está a dizer nenhuma insensatez, que não está a pedir-lhe nada do outro mundo.

Nos olhos do amigo há um brilho de súplica.

– Nem sequer tens curiosidade em saber do que se trata?

– Do que se trata?

Assim que se ouve a formular essa pergunta, Melchor sabe que cometeu um erro, mas não há maneira de a retirar, ou não quer fazê-lo. Também não consegue, porque Blai se apressa a anunciar:

– Estão a chantagear a presidente da Câmara de Barcelona.

Passa pouco das seis quando ambos apanham Cosette em casa de Elisa Climent. Blai acompanha-os de volta ao centro, porque tem o carro estacionado perto da praça, junto da Câmara Municipal. Despedem-se dele aí e, ao chegar a casa, Cosette põe-se a ver um filme na televisão; entretanto, Melchor prepara o jantar. Enquanto jantam

acabam de ver o filme, sobre uns meninos que formam uma banda de rock and roll com a professora da sua escola rural, triunfam no mundo da música, dececionam-se com ele, brigam entre si, reconciliam-se e acabam por voltar à sua povoação, onde os espera a professora da escola, que continua ali, dando aulas aos antigos colegas deles. Quando o filme acaba, levantam a mesa e levam os pratos para a cozinha.

Melchor lava a louça enquanto a filha veste a camisa de noite e se enfia na cama. Assim que acaba de arrumar a cozinha, Melchor deita-se ao lado de Cosette e, como todas as noites, lê-lhe durante algum tempo. Estão há uns dias com Miguel Strogoff, o romance de Júlio Verne, e chegaram ao episódio em que o correio do czar – que se dirige para Irkutsk com a identidade falsa do comerciante Nicolás Korpanoff e a missão de alertar o governador, irmão do czar, da traição do antigo coronel Ivan Ogareff – se encontra com a mãe em Omsk, sua cidade natal, depois de ter conhecido Nadia Fédor e de se ter apaixonado por ela.

A história mantém Cosette totalmente absorvida, mas ao terminar o capítulo a menina reconhece:

– Há uma coisa que não percebo, papá.

– Que coisa?

– Se é tão perigoso chegar a Irkutsk e avisar o irmão do czar, porque o faz Miguel?

– Porque é o seu dever: o czar encarregou-o.

– Isso já eu sei. Não sou tonta. Mas é uma missão muito perigosa. Os tártaros podem apanhá-lo, e, se o apanham,

matam-no. Porque não vai ter com Nadia e com a mãe e se casa com Nadia?

– Porque não pode.

– Não pode porquê?

– Porque não. Cada um tem de assumir a sua responsabilidade. E Miguel é o correio do czar e tem de entregar essa mensagem ao irmão dele.

– Sim, mas porque tem de ser Miguel a entregá-la?

Porque não pode ser outro a fazê-lo?

– Já te disse, porque o czar o encarregou a ele.

– E porque o encarregou a ele?

Melchor reflete, tentando não se impacientar. Não é a primeira conversa deste tipo que mantêm. Antes de ter uma filha já tinha ouvido dizer que as crianças fazem perguntas incómodas, mas só quando a teve descobriu que essas perguntas eram as melhores e as mais difíceis de responder. Depois de alguns segundos arrisca uma resposta:

– Porque Miguel é o melhor correio que tem.

– Tu achas que Miguel é o melhor correio do czar?

– Claro. Se não fosse, porque o teria encarregado dessa missão?

Cosette fica pensativa, como se sentisse que o argumento do pai era fraco; de qualquer forma, não parece tê-la convencido. Melchor dispõe-se a continuar a leitura, mas contém-se. Sente o corpo da filha junto dele, morno e familiar, e vê o perfil da sua carinha bronzeada perfilada contra a brancura da parede. Cosette volta-se para Melchor e olha para ele com os seus grandes olhos castanhos.

– Se calhar porque ninguém queria fazê-lo – arrisca.

– Levar a mensagem?

A menina assente.

– É possível – admite o pai. – E, se Miguel não a levar, ninguém a leva. E, se ninguém a levar, os maus ganham. E

não queres que os maus ganhem, pois não?

Cosette abana a cabeça de um lado para o outro, com uma ênfase escandalizada. Depois de alguns segundos, retoma o interrogatório:

– Foi por isso que te tornaste polícia? Para que os maus não ganhem?

Apanhado novamente desprevenido, Melchor recorda Javert, o polícia inflexível que persegue inflexivelmente Jean Valjean ao longo d'Os Miseráveis, e recorda também que quando leu o romance de Victor Hugo pela primeira vez, era ainda um miúdo, detido na cadeia de Quatre Camins, este lhe despertou um desejo furioso de ser polícia, para encontrar os assassinos da sua mãe. Recorda também um distante banho lustral no amanhecer estival de Barceloneta, depois de um magnata mexicano nascido na Terra Alta lhe ter revelado, ao longo de uma madrugada eterna, as razões pelas quais tinha encomendado o assassinato de Francisco Adell, com a ajuda de Albert Ferrer e de Salom; e recorda que na manhã seguinte sentiu dissolver-se na água gelada do Mediterrâneo o fantasma de Javert, como se fosse o fantasma do pai que nunca conheceu. Agora a pergunta da filha obriga-o a interrogar-se se Javert desapareceu realmente para ele, se realmente já não existe aquele pai fictício, se nessa tarde foi sincero

com Blai quando lhe disse que a vocação é uma patranha e que já não se sente polícia.

– Mais ou menos – responde Melchor.

Cosette deixou de olhar para ele e olha agora para o vazio.

– E se um dia os maus te apanharem? – pergunta.

– Não vão apanhar-me – diz Melchor. E dá a mão a Cosette, um pequeno punhado de ossinhos envolvidos em carne aveludada. – Além disso, dentro de pouco tempo deixarei de ser polícia e passarei a trabalhar na biblioteca.

– Como a mamã?

– Exatamente.

– Mas, se deixares de ser polícia, os maus podem ganhar.

– Faz uma pausa e acrescenta: – Já não te interessa que ganhem?

– Claro que me interessa. Mas não ganharão, há polícias muito bons. Blai, por exemplo.

– Eu sei – diz Cosette, voltando-se novamente para ele. –

Mas tu és o melhor.

A filha observa-o com uma gravidade quase de adulta.

– Anda – replica Melchor –, não me dês graxa.

Cosette demora um segundo a rir-se; depois pede ao pai que lhe leia outro capítulo de Miguel Strogoff. Melchor acede e quando termina anuncia que por aquela noite se acabou a leitura. Cosette pede-lhe outra coisa: que continue ao seu lado até ela adormecer. Melchor volta a transigir e apaga a luz. Quase às escuras, com o quarto iluminado apenas pela luz ténue que chega do corredor, permanecem algum tempo juntos, de mãos dadas, ouvindo

em silêncio os rumores que chegam da povoação. Cosette está ainda de olhos abertos quando Melchor lhe pergunta num sussurro se gostaria de passar uns dias em Barcelona.

– Em casa de Vivales?

– Se ele nos convidar…

– Fixe.

É a última palavra que a menina diz naquela noite.

Melchor não quer dar-lhe esperanças vãs, de modo que sem perda de tempo a avisa de que tudo aquilo não é ainda definitivo, mas a filha já está meio adormecida e ele percebe que ela não ouviu o aviso ou que o ouviu envolta numa bruma indecifrável e que o mais certo é ter, no seu íntimo, transformado a possibilidade num facto.

Quando confirma que Cosette adormeceu, Melchor solta com cuidado a sua mão, levanta-se sem que o colchão ranja, e, encostando a porta do quarto, dirige-se para a sala. Durante algum tempo tenta ler no sofá – A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queiroz – mas quase não consegue concentrar-se, de modo que decide telefonar a Vivales, que não atende. Passado um minuto, o advogado devolve-lhe a chamada com a pergunta da praxe, feita com a sua voz de aguardente e tabaco:

– Tudo sob controlo?

Melchor diz que sim. Ao fundo ouve um ruído profundo, forte e sincopado de local noturno.

– Onde estás? – pergunta por sua vez.

– Aqui – responde Vivales. – A beber um copo. Espera um momento. – Melchor aguarda uns segundos. – Já está. – O

barulho cessou. É evidente que, onde quer que esteja,

Vivales foi até à rua. – Como vão as coisas? Passei todo o dia a telefonar-te.

– Eu sei.

– A menina está por aí? Diz-lhe que venha ao telefone, anda.

– Está a dormir. Sabes que horas são?

Não há resposta.

– Vivales? – pergunta Melchor.

– Espera outro momento, se fazes favor.

Ouve confusamente uma troca de palavras que inicialmente lhe parece um diálogo civilizado, mais tarde uma discussão acalorada e no fim uma briga de bêbados, tudo isso culminado por uma espécie de latido humano.

– Desculpa, Melchor – diz Vivales de regresso. – O que estavas a dizer?

– O que aconteceu? – pergunta Melchor por sua vez.

– Nada – responde Vivales, de má vontade. – O dono desta espelunca, um grande finório, que me veio com a história de que não se podem trazer copos para a rua. Não me lixes. Ameacei-o com um processo. Barcelona está a ficar insuportável, rapaz: tão suja como Nápoles e tão puritana como Genebra. Em resumo: o pior de cada casa.

Do que falávamos?

– De nada – diz Melchor. – Mas pensei uma coisa. O que achas de eu e Cosette passarmos uns dias na tua casa?

– Isso nem é pergunta que se faça, homem. Quando vêm?

– Ainda não tenho a certeza. Além do mais, não seria por muito tempo.

– O tempo que for preciso. Já me dói a boca de tanto te dizer que a minha casa é tua. Além disso, com a desculpa de estarem aqui, aproveito para tirar uns dias de férias.

Estou até aos cabelos de tanto trabalhar.

– Não o faças por nossa causa.

– Não é por vocês. É por mim.

– Obrigado. Diz-me outra coisa. Conheces alguém na Câmara Municipal?

– Na Câmara Municipal? Mas por quem me tomas, rapaz? Eu só me relaciono com gente honrada, e é mais fácil encontrar uma puta virgem do que um homem honrado na Câmara.

– Não me refiro aos políticos, Vivales. Bom, não só.

Também me interessam os funcionários, gente que trabalhe para o município…

– Ah, bom. Aí não deixa de haver muito ladrão e muito desavergonhado, mas há também o meu amigo Manel Puig.

– Puig?

– O tipo a quem deixaste um olho negro quando estava de guarda à porta da minha casa no dia em que vieste buscar Cosette, quando o caso Adell acabou. Lembras-te dele?

– Claro que me lembro. És tu quem não se lembra de que nos encontrámos há pouco tempo em tua casa, com o outro… Como se chama?

– Chicho Campà.

– Isso. Mas não sabia que Puig trabalhava na Câmara.

– Não trabalha. Mas é arquiteto e, de vez em quando, o atelier dele faz projetos para a Câmara.

– E ele conhece a presidente?

– Não faço ideia. Porque não lhe perguntas tu? Queres que organize um jantar com ele para festejar a vossa vinda a Barcelona?

– Isso seria perfeito. E diz a Campà que venha também.

– Não é preciso. Esses dois andam sempre juntos, como Ortega y Gasset.

– Quem?

– Nada. Nesse caso espero-vos quando?

– Brevemente. Se calhar amanhã à tarde já nos tens aí.

Eu telefono-te assim que souber.

– Foda-se, que boa notícia, rapaz. Vou agora mesmo beber um copo para festejar. Abur.

1 Caporal é um posto dos Mossos d’Esquadra, imediatamente inferior ao de sargento. (N. da T.)

2

– Os três são, sobretudo, uns filhinhos do papá. Uns filhos da puta também, evidentemente, mas sobretudo uns filhinhos do papá. Nasceram assim e morrerão assim… Os ricos pertencem a outra espécie. Nunca ouviste isto? Bom, pois é verdade, digo-te eu. O mundo divide-se em dois tipos de pessoas: os ricos e todos os outros, incluindo aqueles que desejam ser ricos, que são a maioria. Aqui onde me vês, eu fui um deles.

»O meu pai dizia que a Catalunha sempre esteve nas mãos de um punhado de famílias. Eles mandavam antes do franquismo, mandaram durante o franquismo, mandam depois do franquismo e mandarão depois de nós estarmos mortos e enterrados… O dinheiro é uma coisa mágica, uma coisa imortal e transcendente. O dinheiro é extraordinário.

É muitíssimo mais forte do que o poder, porque o poder depende dele, e além disso sobrevive a tudo, a começar pelas mudanças de poder. Bom, pois esses meus três amigos pertencem a esse punhado de famílias catalãs. Por isso me dediquei a ser amigo deles. E por isso sinto nojo de mim próprio… De certeza que não queres um pouco de whisky?

– De certeza. Continua.

– Continuo… Embora, pensando bem, não sei se deveria fazê-lo. Na realidade, não sei porque estou a fazer isto. Não sei o que vou tirar a limpo…

– Claro que sabes. Fizemos um acordo.

– A sério que vais ajudar-me?

– Já te disse que sim. Disse-te que farei o que puder.

– O que queres saber acerca deles? Por onde começamos?

– Isso também já to disse: começa pelo princípio.

Quando os conheceste?

– Quando os conheci…? Há muitos anos, na Esade, a escola de Gestão para onde a elite catalã manda as suas crias, para que aprendam como se faz dinheiro. E como se conserva… Os três já se conheciam, claro, na realidade conheciam-se desde sempre, porque o punhado de famílias que mandam na Catalunha se conhece desde sempre.

Casas e Vidal viviam muito perto, na avenida Pearson.

Rosell também vivia em Pedralbes, não me lembro exatamente onde, não frequentei muito a casa dele ou, de qualquer forma, frequentei-a muito menos do que a dos outros… Seja como for, os três encontravam-se desde crianças em toda a parte, no Clube de Ténis Barcelona, que fica perto da casa deles, ou na Cerdanya, para onde iam no Natal e no verão. Os três têm a mesma idade, nasceram no mesmo ano, o mesmo que eu, e frequentaram a Aula, outra escola de elite. E os três tinham montes de irmãos e de irmãs; eu, pelo contrário, sou filho único… Nenhum dos três era grande aluno, isso é verdade, mas Casas e Vidal liam bastante e são inteligentes, muito inteligentes mesmo, coisa que nunca se pôde dizer acerca de Rosell, que acabou na política porque a família o considerava demasiado estúpido para os negócios.

– Vidal também é político.

– Sim, mas ele não foi para a política por não ter outro remédio, como Rosell. Foi porque quis, ou seja, porque percebeu imediatamente que a política é uma extensão dos negócios… Foi assim que aquela gente olhou sempre para a política. Mesmo que não o diga desta forma.

– E Casas?

– Casas é diferente… Se a pergunta é se ele também está metido na política, a resposta é sim. Mas está metido a seu modo, de outra maneira, porque Casas sempre achou que é preferível fazer política sem sujar as mãos… Na sombra… Através de outro…

– Referes-te à presidente da Câmara Municipal?

– Até se ter separado dela, sim.

– Isso és tu quem deduz ou foi ele quem to disse?

– Disse-me ele. Na última vez que nos vimos, num restaurante chamado Santa Clara, justamente pouco tempo depois de se ter separado da presidente da Câmara.

– Casas disse-me que vocês não se viam desde a universidade.

– Então mentiu-te. Mais tarde te falarei desse almoço, há de interessar-te… Nesse dia Casas disse-me uma coisa que me ficou gravada. Disse-me que, no mundo de hoje, o que distingue, o que dá poder, não é sair na comunicação social, mas não sair, e que por isso as pessoas que realmente mandam não devem aparecer em lado nenhum… «É preciso adotar uma posição discreta, na penumbra, em segundo plano», disse-me. «Que sejam os pobres desgraçados que não podem optar a aparecerem nos jornais e na televisão, a deixarem que os focos os queimem. Enquanto isso, nós

dedicamo-nos ao que nos interessa…» Esperto, o cabrão, não é verdade?

– É possível… Mas, diz-me, o que fazias na Esade?

– O que havia de fazer? O mesmo que eles: aprender como se fazem negócios, como se faz massa, como nos tornarmos ricos.

– Mas tu não és rico.

– Uma coisa a meu favor: já te disse que aspirava a ser rico, de modo que tinha de aprender a sê-lo. E o meu pai também queria que eu fosse rico.

Sobretudo ele… Enfim, sabes como são os pais… Tens filhos?

– Uma filha.

– Como se chama?

– Cosette.

– Cosette? A tua mulher é francesa?

– Não. Voltemos ao que interessa. Estavas a falar-me do teu pai, embora não saiba se o teu pai tem alguma coisa a ver…

– Tem tudo a ver.

– Nesse caso continua.

– Morreu há alguns anos, talvez se não tivesse morrido…

Eu e o meu pai tínhamos uma relação especial ou, quem sabe, talvez não tão especial, a verdade é que sempre nos amámos a sério, ele queria que eu fosse rico e tivesse o que há de melhor, que levasse uma vida como aquela que ele não pôde levar, é o que querem todos os pais, suponho, mas eu acho que ele queria mais, desejava que eu fizesse parte dessa elite catalã que estava fora do seu alcance, desse punhado de famílias que odiava e admirava ao mesmo

tempo… Por isso fez todos os possíveis para me convencer a matricular-me na Esade, e por isso me deixei convencer.

Por isso e porque, eu, sim, era bom aluno, não tinha estudado na Aula mas na La Salle Bonanova, que não é uma escola elitista mas é uma boa escola, os meus professores e os meus colegas esperavam de mim o melhor, toda a gente esperava de mim o melhor, e aqui me tens, neste canto do mundo, escondido como um animal selvagem… Fico contente por o meu pai não ter assistido a isto.

– Estavas a dizer-me que ele é importante nesta história.

– E é verdade… O meu pai queria que a minha vida fosse melhor do que a dele, como te disse, mas acabou por não ser assim, afinal a vida dele foi melhor do que a minha.

Muito melhor… Ou, pelo menos, foi-o durante anos.

Depois…

»Era um homem especial, o meu pai… Na América teriam dito que era um self-made man, um homem que se fez sozinho, isso que os norte-americanos tanto admiram e que nos parece tão ridículo ou tão mentiroso, não é verdade? Tão falso e tão pretensioso… Era pobre, isso é verdade, quero dizer que nasceu numa família pobre. Ou melhor, paupérrima… Em criança emigrou para a Catalunha com os meus avós, que em Albacete não tinham onde cair mortos, e no fim da ditadura e durante a Transição andou metido nas lutas operárias de Hospitalet.

Essa foi a melhor época da vida dele, era o que dizia sempre… E eu acredito. Nessa altura era ainda jovem, e depois havia o romantismo da militância clandestina, as assembleias proibidas em caves cheias de fumo, as fugas à

polícia franquista, todos os clichés da época, que realmente são verdadeiros, porque o meu pai os viveu. Mais tarde, quando conheceu a minha mãe e eu nasci, envolveu-se na política sindical e ocupou cargos na UGT, cargos cada vez mais importantes, até chegar a deputado do Parlamento catalão na década de 1990. Deputado pelo Partido Socialista… Esteve aí oito anos, duas legislaturas, e tornou-se bastante conhecido como o flagelo da corrupção. Foi assim que cavou a sua sepultura.

»O que terá de mau ser-se conhecido como o flagelo da corrupção?, perguntar-te-ás. Em teoria, nada, mas na prática… Olha, aquela era uma época em que, na Catalunha, ninguém falava desse assunto. Nessa altura, todos os jornalistas, todo o mundo político e económico sabia que o governo autónomo estava com merda até à cabeça, mas ninguém ou quase ninguém dizia nada… O

erro do meu pai foi atrever-se a dizê-lo. Isso fez dele uma pessoa controversa, com muitos defensores e muitos detratores, com fama de justiceiro. E com muitos inimigos.

E isso acarretou-lhe também muitos problemas… Para começar, no seu próprio partido, em parte porque não percebiam bem a sua estratégia e pensavam que ele era uma espécie de kamikaze, e em parte porque tinham medo de que as suas denúncias acabassem também por os salpicar… A verdade é que quando comecei a estudar na Esade os socialistas catalães afastaram-no, deram-lhe um pontapé e enviaram-no para Madrid. Se calhar por isso estava tão obcecado em que eu aprendesse a ganhar dinheiro e me encostasse à elite. Porque tinha acabado de

descobrir que o dinheiro não era uma forma de poder. O

dinheiro era o poder. E também porque descobriu que sem dinheiro só se consegue ser escravo… Mas estou a desviar-me do assunto que nos interessa.

– Sim. Ainda não me contaste como conheceste os teus amigos.

– Se te referes a como comecei a falar com eles, ou a como nos tornámos amigos, a verdade é que não me lembro muito bem… Do que me lembro é que quando começaram as aulas na Esade eles me chamaram a atenção. A mim e a toda a gente… Ao princípio eu não sabia quem eram, claro, não sabia que faziam parte do famoso punhado de famílias de que o meu pai falava, mas reparei neles porque andavam sempre juntos, porque às vezes faltavam às aulas e, sobretudo, porque estavam todo o tempo a rir-se, como se troçassem de toda a gente ou como se fumassem marijuana sem parar. E também reparei neles porque naquele ambiente da Esade, tão educado, tão formal, os três se vestiam de qualquer maneira, com um ar entre o hippie e o roqueiro: usavam o cabelo comprido, roupa larga, ténis, coisas assim… E tudo isso chamava a atenção num curso onde abundavam os filhos de empresários da província, rapazes calados e formais que dormiam na residência da escola ou em apartamentos arrendados em Sant Cugat… E, agora que penso nisso, se calhar era isso justamente o que nos unia naquela

escola, aos meus três amigos e a mim: os quatro estávamos um pouco desambientados, sentíamo-nos deslocados, nem eles nem eu encaixávamos com os nossos colegas, embora eles não

encaixassem por estarem em cima e eu não encaixasse por estar em baixo, eles por excesso e eu por defeito. Não sei se consigo explicar-me…

– Perfeitamente.

– De modo que tive de me aproximar dos três aos poucos, porque eu era bastante tímido e não tinha grande facilidade em fazer amigos. Além do mais, nenhum dos três parecia muito interessado naquilo que os restantes colegas faziam ou deixavam de fazer, a verdade é que se relacionavam muito pouco connosco, era como se estivessem blindados ou como se não precisassem de nós…

Um dia disse ao meu pai que eles frequentavam o meu ano.

Eu julgo que esperava que ele se alegrasse ou que parecesse impressionado, mas nem pareceu impressionado, nem se alegrou, na realidade limitou-se a falar-me, de uma maneira bastante fria, bastante assética, das famílias deles, das fortunas e dos privilégios e das negociatas e das barbaridades e das falcatruas das famílias deles. E no fim disse-me uma frase que me ficou gravada: «Encosta-te aos bons e serás um deles»… Não sei onde a foi buscar, não sei se era da sua própria lavra ou se a tinha lido nalgum lado, mas eu interpretei-a como a sua forma de me encorajar a tornar-me amigo dos meus novos colegas, embora agora já não tenha tanta certeza, talvez houvesse ali um aviso ou um sarcasmo que nessa altura me escapou… Outra coisa que me ficou gravada foi a primeira vez que saímos os quatro…

Conto-te?

– Claro.

– Foi também a primeira vez que entrei em casa de Vidal. Tinham-nos encarregado de fazer em conjunto um trabalho para uma disciplina que se chamava Matemática Aplicada à Gestão, e ficámos de nos encontrar aí para

o terminarmos. Era sábado à tarde, lembro-me muito bem porque na segunda-feira tínhamos de entregar o trabalho, mas sobretudo pelo que aconteceu no fim, disso nunca me hei de esquecer, foi como o meu batismo de fogo, foi aí que começou realmente a nossa amizade, ou o que quer que fosse, e também quando me dei conta do tipo de pessoas que eram… Embora também me lembre porque durante aquelas horas tive a sensação de ter entrado noutra dimensão, uma dimensão que eu nem sequer sabia que existia…

»O facto é que nesse sábado apareci ao início da tarde em casa dele, uma moradia de três andares rodeada por um gradeamento de ferro coberto de hera. Através do gradeamento via-se um jardim que parecia maltratado e que, com o tempo, soube que era um jardim inglês… Toquei à campainha, o portão abriu-se, percorri um caminho de terra e deparei com um homem de uniforme e luvas brancas que me pareceu um mordomo mas que, na realidade, era o motorista do pai de Vidal. Perguntei-lhe pelo meu colega e o homem deu-me algumas indicações.

Um pouco intimidado, atravessei um grande vestíbulo, subi dois lanços de escadas, percorri um corredor e, já perdido, apareceram duas gémeas de doze ou treze anos. Eram as irmãs mais novas de Vidal… Perguntei-lhes pelo irmão e

responderam-me entre risinhos: «Tito? Está no quarto.» E

indicaram-me a última porta de outro corredor.

»Bati à porta, mas ninguém respondeu… Voltei a bater com o mesmo resultado, e, quando ia regressar por onde tinha vindo, abriu-se a porta do lado e apareceu o avô de Vidal, um velho de roupão e pantufas, a arrastar os pés. O

velho nem sequer reparou em mim, de modo que antes de ele desaparecer chamei-o e perguntei-lhe pelo neto, embora nessa altura eu ainda não soubesse que era seu neto… Tive de lhe fazer a pergunta duas ou três vezes, até ele me indicar por sinais a porta em que eu tinha estado a bater. Achei que ele me estava a encorajar a entrar, entrei sem bater e ali estava Vidal,

sentado na cama do quarto, com as pernas cruzadas e uns auscultadores postos. Não os tirou ao ver-me, mas indicou-me por sinais que esperasse pelo fim da canção que estava a ouvir.

»Esperei… Vidal movia-se na cama ao ritmo da música que saía de um equipamento de som espetacular, eu nunca tinha visto uma coisa semelhante a não ser numa discoteca ou num bar com música, e olhava para o covil de adolescente que estava à minha volta, um quarto iluminado por uma janela que dava para uma parte do jardim das traseiras onde se viam uma pérgula e um pequeno bosque de pinheiros, um quadrado muito grande, com o telhado muito alto, que revelava todos os sinais exteriores de uma riqueza sólida e antiga, embora tentasse dissimulá-los ou não lhes dar importância, ou, justamente por isso, a magia e a imortalidade do dinheiro sobressaíam ainda mais se a tentavam esconder, os verdadeiros ricos nunca ostentam a

sua riqueza… Assim que acabou a canção que estava a ouvir, Vidal tirou os auscultadores com um puxão e saltou da cama, desculpou-se e disse-me o título da canção e o nome de um grupo do qual eu nunca tinha ouvido falar.

Durante algum tempo estivemos a conversar sobre música que, para Vidal, era o mesmo que falar de rock and roll, e eu tentei parecer menos ignorante do que era, acho que sem grande sucesso… Depois Vidal perguntou: «Bom, vamos ao trabalho?»

»Vidal era bom a Matemática e tinha boas bases, não há como ter frequentado uma escola de elite para ter boas bases. De modo que, embora tivesse faltado algumas vezes às aulas, não estava muito atrasado e acabámos o trabalho antes do previsto. Nessa altura disse que me ia embora…

Vidal perguntou-me: «Tens pressa? Vais encontrar-te com alguém?» Disse-lhe a verdade: que não ia encontrar-me com ninguém, que não tinha planos para aquele sábado. E

esperei com toda a minha alma que ele respondesse o que respondeu: «Nesse caso, porque não ficas?»

»Passámos o resto da tarde a ouvir música e a conversar, embora tenhamos estado sós por pouco tempo, porque apareceu Rosell. Mais tarde apareceu Casas… Nenhum dos dois se admirou por eu estar ali, de modo que pensei que Vidal os tinha avisado e que os dois tinham vindo a casa dele sabendo que eu estaria com ele. Continuo a pensar o mesmo… O que quero dizer é que não acho que tenha sido um acaso, mas que estava planeado. Que foi uma espécie de cilada: os três escolheram-me para fazer o que precisavam que eu fizesse, pensaram que era o colega ou o

ajudante ideal para eles, a pessoa perfeita, tenho a certeza de que saltava à vista a vontade que eu tinha de ser amigo deles e o facto de que, para o ser, estava disposto a fazer o que quer que fosse. E a calar-me depois.

»Se foi realmente o que pensaram, foi um acerto. Oh, se foi…

»Por volta das nove ou nove e meia, quando saímos da casa de Vidal, os três insistiram em que os acompanhasse a petiscar alguma coisa. Fomos ao Jumilla, na rua Artesa de Segre, perto do Paseo de la Bonanova… Desse primeiro jantar recordo-me sobretudo de três coisas. A primeira, de como me senti bem com eles, por serem quem eram ou por serem os filhos de quem eram, mas sobretudo porque eu era um rapaz inseguro, uma pilha de nervos, e aqueles três tipos da minha idade comportavam-se como se tivessem uma confiança absoluta em si mesmos, como se pudessem fazer o que lhes apetecesse ou como se fossem os donos e senhores de Barcelona, de modo que ao lado deles a minha insegurança e o meu nervosismo pareciam evaporar-se. A segunda coisa de que me recordo é de que confirmei o que já pressentia a olho nu e que qualquer um adivinharia por pouco que reparasse neles: que Casas e Vidal eram os dois pavões do trio, não só os mais espertos, mas os que mandavam; naquela noite também descobri que passavam o tempo a picar-se sob qualquer pretexto e que adoravam competir entre si, como se tentassem demonstrar a toda a hora quem era o mais engraçado, o mais engenhoso, o mais fixe e o que mais coisas sabia. Rosell era só um comparsa, o espectador de que qualquer parelha de artistas necessita

para que o seu espetáculo seja realmente um espetáculo…

E a terceira coisa de que me recordo e que mais me surpreendeu foi a dada altura começarem a falar de política… Surpreendeu-me o quê e surpreendeu-me o como.

O quê, porque naquela época as pessoas da minha idade não eram politizadas, muito menos os estudantes da Esade, que só pareciam interessados em fazer dinheiro. E o como, porque, bom, eu ouvi o meu pai, os seus colegas de partido e os seus amigos falarem muito de política, mas nunca tinha ouvido falar de política assim, como aqueles três o faziam, que era como sempre ouviram fazê-lo, suponho, como as suas famílias deviam fazê-lo.

– Como?

– Não sei… Com uma ironia depreciativa. Com uma paixão gelada. Uma coisa desse género… Como se a luta política lhes interessasse, mas não fosse nada com eles.

Como se lhes provocasse o tipo de curiosidade que um aristocrata pode sentir pelos seus servos ou um predador pelas suas vítimas… Enfim, o facto é que a dada altura, enquanto Casas e Vidal falavam de política, lhes contei quem era o meu pai. Era inevitável, suponho, e a notícia fez de mim durante uns minutos o centro da conversa. Eles sabiam quem era o meu pai, claro, naquela altura na Catalunha toda a gente sabia quem era o meu pai, porque o nome dele estava sempre nos jornais, mas nunca lhes tinha ocorrido relacioná-lo comigo… Perguntaram-me por ele, pelas suas denúncias de corrupção, pela sua transferência para Madrid, por tudo, e quando se cansaram de perguntar

e o jantar acabou fomos ao Up&Down, aquela discoteca que ficava na Diagonal…

– A discoteca beta.

– Teve essa fama até a fecharem… Eu ouvira falar muito dela, mas nunca tinha lá ido. Para os meus amigos, disso apercebi-me imediatamente, estarem ali era como estarem em casa, ou melhor do que em suas casas,

porque na Up&Down não tinham de dar explicações à família… Eu, pelo contrário, sentia-me como um peixe fora de água e passado algum tempo decidi ir-me embora. Já estava quase a sair quando Casas se pôs ao meu lado, me agarrou num braço e me perguntou para onde ia. «Para casa», respondi-lhe. Ele riu-se. Tinha bebido bastante, mas Casas não precisava de beber para se rir por qualquer coisa, acho que já to mencionei… Ele disse-me: «Não te vás embora. Ainda é muito cedo.» Respondi-lhe que não era assim tão cedo e que tinha de ir. Casas insistiu para que ficasse. «Não sejas parvo», disse, de uma forma encantadora. Quando quer, garanto-te, Casas pode ser encantador… E depois acrescentou: «Fica. Agora é que começa o melhor.»

»Pensei que era uma maneira de dizer, mas a sua insistência

deve

ter-me

lisonjeado,

fez-me

sentir

importante, porque fiquei. Depressa descobri que não era uma maneira de dizer… Pouco depois deixámos o Up&Down, pegámos no carro e saímos de Barcelona em direção ao aeroporto. Perguntei aonde íamos e eles responderam-me que não me preocupasse, que já veria. Eu não estava preocupado, mas intrigado, na realidade não me interessava continuar com a farra, antes pelo contrário,

mas não disse nada… Meia hora depois chegámos a Viladecans, metemo-nos num polígono industrial e estacionámos perto de uma multidão amontoada diante de um enorme armazém industrial com um grande letreiro na porta onde se lia: SOUVENIR. Era outra discoteca, na realidade discoteca e after hours, talvez também tenhas ouvido falar dela, foi muito famosa na sua época…

»Entrámos depois de fazermos fila durante algum tempo. O local estava tão cheio que imediatamente tornei a perder os meus amigos. Pensei que não se iriam embora sem mim e não me deixariam de madrugada naquele ermo, de modo que não me dei ao trabalho de procurar por eles, dirigi-me ao balcão, pedi uma cerveja e pus-me a observar o formigueiro histérico da pista, que fervilhava de pessoas a dançar naquela escuridão varrida por jorros de luz de todas as cores… Não sei quanto tempo passei ali sozinho, mas algum tempo depois apareceu Vidal, pediu uma cerveja e pôs-se ao meu lado. Falávamos de vez em quando ao ouvido, era a única forma de nos ouvirmos no meio daquela barulheira… Mais tarde apareceram Casas e Rosell, acompanhados por uma rapariga. Lembro-me muito bem dela: era morena, baixinha, com traços índios, um bom corpo e bastante bonita. Não me disseram como se chamava, mas Vidal pediu um cocktail para ela ao balcão.

Quando lho entregaram, Casas e a rapariga estavam a beijar-se e Vidal aproveitou para deixar cair na bebida uma pastilha de Rohypnol esmagada… Sei disso agora, claro, nessa altura só reparei que Vidal mantinha a bebida demasiado tempo nas mãos, talvez que fazia alguma coisa

estranha com ela. Quando Casas e a rapariga deixaram de se beijar, Vidal entregou o cocktail à rapariga, que não parava de sorrir, parecia feliz por estar connosco, e, ao terminar a bebida, Casas voltou a levá-la para a pista, Vidal e Rosell seguiram-nos e estiveram os quatro a dançar mais algum tempo, embora eu tenha conseguido não os perder de vista e mantê-los mais ou menos controlados à distância… Até que, depois de algum tempo, não muito, voltaram ao balcão com a rapariga e disseram-me por sinais que eram horas de nos irmos embora.

»Entrámos novamente no carro. Vidal conduzia, como anteriormente, mas agora era eu quem o acompanhava no lugar do copiloto; a rapariga ia atrás, encolhida entre Casas e Rosell… Eu espreitava-os de vez em quando pelo espelho retrovisor, e uma vez pareceu-me que, além de beijar Casas, a rapariga também beijava Rosell ou Rosell a obrigava a beijá-lo, apesar de ter pensado imediatamente que estava enganado… Voltámos a entrar em Barcelona, e, enquanto subíamos para a zona alta, pedi a Vidal que me

deixasse junto de uma entrada de metro. Ele não me respondeu, parecia demasiado concentrado na canção que se ouvia no carro, e eu aproveitei uma pausa da música para lhe perguntar para onde íamos. Ele respondeu-me que íamos concluir a noite. Disse-me ainda: «Hás de gostar. Vais ver», ou coisa do género…

»O sítio aonde chegámos era um antigo espaço comercial de um velho edifício da família Casas. Ficava na León XIII, uma rua paralela à avenida Tibidabo, já muito perto da Ronda de Dalt, e ninguém o usava exceto eles os

três, embora só tenha ficado a saber disto mais tarde…

Estacionámos num jardim cheio de ervas daninhas e a primeira coisa em que reparei ao sair do carro foi que a rapariga andava aos esses. Subimos umas escadas, entrámos naquele casarão que às vezes parecia uma antiga fábrica com muitos espaços abertos e, outras, um palácio abandonado a toda a pressa, e atravessámos quase às escuras várias salas: algumas estavam praticamente vazias, outras estavam cheias de móveis velhos e de trastes… Até chegarmos a um quarto que dava a impressão de estar habitado ou, pelo menos, alguém parecia viver ali, nem que fosse de vez em quando. Era relativamente pequeno, sem janelas, mas com dois candeeiros que davam uma luz suave. Tinha o chão coberto de colchões, colchonetes e almofadões, e as paredes cobertas de posters de músicos de rock e de estrelas de cinema… A rapariga deixou-se cair num colchão, ou atiraram-na, ria-se e murmurava frases incompreensíveis e reparei que falava com um sotaque latino-americano (colombiano, peruano ou equatoriano).

Vidal e Rosell deixaram-se cair também e Casas voltou a agarrar-me num braço e pediu-me que o acompanhasse.

»Segui-o por um corredor até um quarto ainda mais pequeno, com aspeto de ter sido uma despensa ou talvez o quarto de dormir de alguma criada; ali só se via um tripé com uma câmara de vídeo apontada para a parede do fundo. O quarto tinha as paredes descascadas e cheias de manchas de humidade,

uma lâmpada acesa pendia do teto e o ar cheirava a uma mistura de pó, de fechado e de mofo… Casas apontou para a câmara e disse: «Vamos fazer

um filme. Nós somos os atores e tu és o realizador. Bom, o realizador e o operador de câmara. O que achas?» Como não sabia o que dizer, sorri, devo ter pensado que ele estava a brincar… «Um filme?», perguntei. «Isso mesmo», respondeu. «É facílimo. Só tens de gravar tudo o que vires.» O aparelho tinha o visor encostado a um buraco aberto na parede e Casas aproximou-se dele e mostrou-me como funcionava. Quando terminou a sua explicação, perguntou: «É simples, não achas?» Respondi que sim e perguntei o que se passaria no outro lado da parede, o que iria gravar. «É uma surpresa», respondeu-me. «Limita-te a gravar e esquece-te do resto.» E foi o que fiz. Não pedi mais explicações. Não perguntei mais nada… Agi como eles tinham previsto, agora não tenho quaisquer dúvidas. Os três deviam pensar que eu estava demasiado fascinado por me relacionar com eles para recusar o pedido ou para pedir explicações, deviam pensar que eu tinha demasiada vontade de me tornar amigo deles e de entrar no mundo mágico do dinheiro e do poder em que viviam para recusar qualquer coisa que me pedissem… E estavam certos, claro.

É esse o efeito do dinheiro em muitas pessoas: torna-as servis. Casas, Vidal e Rosell sabiam-no desde que nasceram, sabiam-no sem necessidade de que alguém lhes ensinasse, e tenho a certeza de que foi por isso que me convidaram a sair com eles nessa noite. Porque tinham lido na minha cara que eu era uma dessas pessoas. E sabiam que podiam usar-me…

»O facto é que fiquei sozinho naquele quarto e cumpri à risca a incumbência que me deram… Não te vou contar o

que gravei porque podes imaginar. Fizeram tudo à pobre rapariga. No início eu achava que ela tinha consciência do que se passava e até fiz o possível para acreditar que a miúda aceitava, até que apreciava, mas era difícil manter esta ilusão por muito tempo, e, quando tudo terminou, não tive outro remédio senão aceitar a evidência de que acabava de assistir a uma verdadeira violação… E que não tinha mexido um dedo para a evitar.

»Não protestei… Limitei-me a fingir que o que se passou não tinha acontecido. Deixámos a rapariga num dos becos que vai dar ao Paseo de la Bonanova… Estava consciente e chorava… Eu despedi-me dos meus amigos na estação de metro de Reina Elisenda. Já amanhecia e vomitei antes de entrar em casa… «Encosta-te aos bons e serás um deles», teria podido pensar enquanto vomitava. Mas vomitar já era suficiente.

»Aquela noite mudou tudo. A partir dessa altura o trio de amigos tornou-se um quarteto, ou foi o que pareceu durante os dois anos e meio que se seguiram… Ou foi o que quis acreditar… Naturalmente, agora sei que é falso e que, no fundo, eles nunca me consideraram seu amigo. Porque haviam de o fazer, se são de outra espécie? Mas é indiferente… Como te digo, a partir dessa altura as coisas passaram a ser diferentes e tornámo-nos inseparáveis. O

meu pai soube-o imediatamente. Não sei se ficou feliz ou não, mas sempre pensei que aquela deve ter sido a melhor época da sua vida: ele no Congresso de Deputados em Madrid, no centro do poder político, e o filho na Esade, a conviver diariamente com a elite catalã, com os filhos

daquele punhado de famílias que mandam aqui… Que mais podia esperar um Ramírez de Albacete que tinha chegado a Hospitalet com uma mão à frente e outra atrás?

– Estavas a dizer-me que te tornaste inseparável dos teus amigos. O que significa isso?

– Que íamos e vínhamos juntos da Esade. Que eu tentava misturar-me com eles, falar como eles, vestir-me como eles, até rir-me como eles… A única coisa que não fazia como eles era desinteressar-me dos estudos. Continuei a ser um bom aluno, nunca faltava às aulas, situação que lhes convinha bastante, porque eu lhes dava os meus apontamentos,

lhes

explicava

o

que

eles

não

compreendiam, lhes arranjava os livros de que necessitavam e consultava, investigava ou inquiria por eles.

Em troca saíamos juntos quase todos os sábados à noite.

– Em troca?

– Já to disse, suponho que sentia que o pagamento por fazer tudo o que fazia por eles era eles aceitarem-me como amigo, era sair com eles todos os sábados à noite e tudo isso… É asqueroso, mas é assim.

– E faziam o mesmo que na primeira noite?

– Aos sábados? Mais ou menos… Ficávamos em casa de Vidal ou de Casas, íamos jantar ao Jumilla, ao Bar Bero ou ao Flash-Flash, passávamos algum tempo no Up&Down e, de madrugada, íamos a discotecas ou bares dos arredores.

Ou do centro histórico.

– Acabavam sempre a noite arranjando alguma rapariga e levando-a para a casa da León XIII?

– Nem sempre.

– De que dependia?

– De nos apetecer… E de as raparigas se deixarem caçar, claro. Como deves imaginar, nem sempre foi tão fácil como naquela primeira noite.

– Tu participavas na caça? Diretamente, quero dizer.

– Quando calhava.

– E nas violações?

– Nós chamávamos-lhes orgias.

– Foste tu quem lhes chamou assim.

– Porque era isso que eram.

– Participavas nas violações?

– Às vezes.

– Apesar de te repugnarem…

– Sim. Mas uma pessoa habitua-se a tudo, até ao que lhe repugna. A verdade é essa.

– Quem gravava?

– A maior parte das vezes, eu… Na realidade, quase sempre.

– E as raparigas?

– O que têm as raparigas?

– Estavam conscientes do que se passava?

– De que estávamos a filmá-las? Claro que não.

– E de que estavam a violá-las?

– Nem sempre… Pensa na do primeiro dia. Essa, depois de tomar o Rohypnol, não se apercebeu de grande coisa. Se calhar, de nada, pelo

menos até já ser tarde de mais. Isso era o mais comum, embora tenha havido de tudo…

Algumas, sim, tinham consciência, às vezes até apreciavam no início, mas, quando a coisa ficava violenta, resistiam

com unhas e dentes, e nessa altura passavam um mau bocado… Às vezes, um muito mau bocado… Outras resistiam desde o princípio. E também havia aquelas que, assim que se apercebiam onde se tinham metido, ficavam quietas ou chegavam mesmo a tentar levar-nos a crer que estavam a gostar, porque pressentiam que resistir era perigoso e que assim não as magoaríamos… A maior parte eram raparigas humildes, operárias, criadas e empregadas de mesa, coisas assim, jovens e não tão jovens, a maior parte imigrantes, raparigas que saíam para dançar ao sábado à noite e ficavam deslumbradas connosco, para elas devíamos ser uma espécie de príncipes encantados prestes a resgatá-las das suas vidas miseráveis… Ou coisa do género.

– Há uma coisa que não percebo.

– O quê?

– Nenhuma vos denunciou?

– Como querias que nos denunciassem…? Não te disse que metade, mais de metade, nem sabia que estávamos a violá-las?

– E a outra metade?

– Tinham demasiado medo para nos denunciarem.

Ameaçávamos algumas antes de as libertarmos, mas nem era preciso fazê-lo à maior parte delas, elas próprias se davam conta de como éramos e de que, se nos denunciassem, seriam elas que arranjariam problemas… Já te disse que era essa a mentalidade dos meus amigos: eles eram donos e senhores de Barcelona, podiam fazer o que lhes apetecesse, gozavam de uma impunidade total. Era

isso que pensavam, e tinham razão… A prova é que nem uma de todas aquelas mulheres nos denunciou.

– Diz-me outra coisa: gravavam todas as violações?

– Quase todas. Caso contrário, perdia a graça… Pelo menos parte da graça.

– E o que faziam com as gravações?

– Guardávamo-las ali mesmo, na León XIII. E, de vez em quando, quando tínhamos tempo e nos apetecia, víamo-las.

Normalmente, em La Pleta de Bolvir.

– La Pleta de Bolvir?

– O local mais beto da Cerdanya. A família de Vidal tem uma casinha ali perto, em plena montanha. Ou tinha-a…

Não fica longe daqui, ao lado de Puigcerdà, durante anos foi o local de encontros do pai de Vidal. Era o que ele dizia.

Seja como for, já tinha deixado de a usar, ou talvez a deixasse ao filho, a verdade é que estava livre e nós íamos lá de vez em quando, alguns fins de semana… Era quase uma cabana, embora repleta de luxos, entre eles um ecrã enorme onde podíamos ver os vídeos. Às vezes ficávamos noites inteiras a vê-los. Ali… No meio do nada… Só os quatro… Rodeados de neve… Que loucura.

– E um desses vídeos é com a presidente da Câmara Municipal?

– Claro.

3

Melchor identifica-se ao guarda de plantão e, assim que levantam a barreira de acesso e lhe franqueiam a entrada, deixa o automóvel no estacionamento,

sai do carro e dirige-se para a fachada de vidro e aço do vasto complexo que alberga o quartel-general dos Mossos d'Esquadra.

É segunda-feira. Dois dias antes, Blai contou-lhe na Terra Alta que nessa mesma manhã o comissário Vinebre, o novo chefe da corporação, lhe tinha telefonado para lhe dizer que estavam a chantagear a presidente da Câmara Municipal de Barcelona, ameaçando divulgar uma gravação de conteúdo sexual e avisando-a de que, se não a quisesse ver divulgada, tinha de pagar trezentos mil euros. Blai desconfiava de que a informação provinha do secretário de Justiça do governo autónomo que, como era público, mantinha uma boa relação com a presidente, embora militassem em partidos rivais. O pormenor, no entanto, era acessório. Essencial era Vinebre ter entregado o caso a Blai, pressionando-o para que o resolvesse o quanto antes e com a maior discrição possível. Blai também contou a Melchor que ia atribuir o caso à Unidade de Sequestros e Extorsões, e que queria que o chefe da unidade, o sargento Vàzquez, o conduzisse pessoalmente; mas tinha insistido em que não confiava totalmente no sargento. «Já o conheces», disse. «Faz o que lhe apetece. Além disso, neste momento está muito envolvido no sequestro da mulher de um traficante de Santa Coloma de Gramenet. Uma história que, entre nós, não está a correr muito bem.» Por isso

recorria a Melchor, confirmou Blai, para que vigiasse Vàzquez de perto, garantisse que tratava do assunto com a máxima seriedade e o mantivesse informado. De resto, insistiu em que o caso era fundamental, em que não podia confiar em ninguém em Egara e em que precisava de Melchor. Este não lhe disse imediatamente que sim; mas o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta deduziu que a resposta dele seria afirmativa assim que este lhe prometeu pensar no assunto e dizer-lhe alguma coisa na manhã seguinte.

Não se enganou.

Dois colegas da Unidade Central de Estupefacientes com quem trabalhou anos antes, no tempo que passou em Egara, cumprimentam Melchor enquanto este atravessa o pátio interior que separa os quatro edifícios do

complexo, unidos por passagens aéreas interiores e separados por zonas verdes de relva, sebes e árvores. Os colegas perguntam-lhe se está de volta à central e Melchor responde que não, que veio numa comissão de serviço e que não ficará muito tempo. Depois sobe até ao gabinete de Blai, que fica ao lado da Unidade Central de Sequestros e Extorsões; junto à porta, um letreiro anuncia: CHEFE DA ÁREA CENTRAL

DE

INVESTIGAÇÃO

DE

PESSOAS.

A porta está

entreaberta; Melchor empurra-a. Sentado à secretária, Blai fala pelo telefone fixo.

– Por falar no diabo – diz, e indica a Melchor uma mesa de reuniões. – Não se preocupe, senhor comissário, ele irá diretamente para aí. Deseja mais alguma coisa?

Enquanto Blai continua ao telefone, Melchor permanece de pé no meio do gabinete. É muito maior do que aquele que Blai ocupava na esquadra da Terra Alta e está como Melchor se recordava: as duas grandes mesas – uma delas secretária e a outra de reuniões –, os arquivadores metálicos, os quadros um pouco anódinos pendurados nos tabiques e a grande janela que dá para o pátio interior do complexo, por onde a luz estival entra a rodos; o único pormenor que Blai parece ter acrescentado àquela decoração imutável é uma fotografia sua com a mulher e os quatro

filhos,

todos

sorridentes

e

vestidos

de

excursionistas, com o fundo inconfundível das penedias da Terra Alta.

Melchor fica a observar a fotografia familiar enquanto Blai continua ao telefone.

– Aqui em Egara as notícias voam – diz o inspetor ao desligar. – Sabes quem era? – Levanta-se da cadeira e dirige-se para Melchor. – O comissário Fuster.

Fuster foi o superior que em agosto de 2017, após os atentados islamistas de Barcelona e de Cambrils, se encarregou da segurança de Melchor, ameaçada devido ao papel que desempenhou naquele assunto. Foi Fuster que lhe sugeriu que se escondesse por uns tempos na Terra Alta e que, desde essa altura, periodicamente, se interessava pela sua situação. No entanto, há muito tempo que os dois homens não conversavam, apesar de nos últimos anos alguns políticos e meios de comunicação alertarem continuamente para o recrudescimento do islamismo radical na Catalunha.

– Ainda está na Unidade de Informação? – quer saber Melchor.

– Seguro como um prego – responde Blai. – Soube que chegaste. Não sei quem lho disse, não fui eu, evidentemente. Vai vê-lo quando terminarmos aqui, porque ele quer falar contigo. – Agarra nos ombros de Melchor. –

Agradeci-te por teres vindo? – Antes de o outro conseguir responder, acrescenta: – E, a propósito, onde deixaste Cosette?

– Com Vivales – responde Melchor. – Instalámo-nos em casa dele. Chegámos ontem à noite, Vivales já encontrou um ATL de verão. Começa

amanhã.

– Ótimo. – Sentam-se à mesa de reuniões. – Vais ver que serão umas férias para ela. E para ti também. Tanta Terra Alta, tanta Terra Alta… Se não é mais do que umas penedias, porra. Além disso, aposto que liquidamos este assunto em três tempos.

– Assustas-me, Blai – ouve Melchor atrás de si. – O que é que vamos liquidar em três tempos?

Reconhece a voz do sargento Vàzquez e, quando se volta, o chefe da Unidade de Sequestros e Extorsões não consegue esconder a sua surpresa.

– Ora, ora… – repete Vàzquez –, mas o que faz aqui o herói de Cambrils?

O sargento pousa na mesa o capacete da moto e os dois homens abraçam-se. Enquanto sente contra o seu corpo a musculatura marmórea de Vàzquez, Melchor revive a imagem do sargento sentado sobre um charco de sangue, no chão do armazém de Molins de Rei, com a cabeça

decapitada da filha do narcotraficante venezuelano no colo, com a roupa suja de sangue e os olhos arregalados, a gritar como um doido. Quando se separam, Melchor já percebeu que no sábado Blai o enganou, e que não avisou Vàzquez da sua reincorporação temporária. Blai deve ter-lhe adivinhado o pensamento, porque se apressa a esclarecer ao recém-chegado:

– Melchor veio dar-nos uma mãozinha.

– Aleluia! – exclama Vàzquez, pousando também na mesa a mochila que traz ao ombro. Pelo menos fisicamente, naqueles quatro anos quase não mudou: tem o mesmo ar feroz de buldogue e o mesmo corte de cabelo à máquina zero; também não mudou a forma desportiva de se vestir: calças de ganga coçadas, T-shirt azul, ténis. – Muita falta nos faz. Estou com uma confusão tremenda entre mãos e não damos vazão. – Dirigindo-se a Melchor, prossegue: – Já sentias a falta do rock and roll, hã, grande cabrão?

É o que eu sempre digo, o que fazemos é uma droga dura. Quando começas?

– Agora mesmo – responde Blai por ele. – Mas não ficará muito tempo. Veio em comissão de serviço.

O olhar de Vàzquez salta, perplexo, de um para o outro, até que Blai lhe pede:

– Senta-te, por favor.

Sentam-se os três. O sargento pousa à sua frente, na mesa e em paralelo, os seus dois telemóveis, e o inspetor resume-lhe a situação: a presidente da Câmara Municipal de Barcelona está a ser vítima de uma sextorsão, termo pelo qual se designa a chantagem sexual na gíria da

unidade; ameaçam-na de tornar público um vídeo comprometedor; os chantagistas exigem-lhe trezentos mil euros para não difundirem as imagens; o comissário Vinebre encarregou-o de resolver o caso. Vàzquez ouve Blai atentamente, olhando de vez em quando para os seus telemóveis, que não param de vibrar sem que ele atenda: limita-se a verificar com uma vista de olhos quem lhe telefona ou escreve. Melchor repara que o lábio inferior do sargento lhe treme e que a sua expressão se torna azeda por instantes. Quando Blai termina de falar, Vàzquez resmunga:

– Uma chatice. – Abana a cabeça de um lado para o outro. – Quando há políticos pelo meio, é uma grande chatice.

– Eu sei – assente Blai.

– Essa gente está coberta de merda – afirma Vàzquez. –

E mente mais facilmente do que respira.

– Justamente por isso temos de ser nós a encarregarmo-nos do caso – argumenta Blai, cheio de razão. – É o que o chefe deve ter pensado. E não está enganado. Isto não pode ser investigado por uma esquadra.

– Não sei porquê – replica o sargento. – E, se não podem, que o investiguem os Vidal Boys.

– Quem são os Vidal Boys? – pergunta Melchor.

– Não me digas que não chegaram notícias dos Vidal Boys à Terra Alta? – espanta-se Vàzquez, ou finge espantar-se. – Não sabes como estavas bem! Estou quase a dizer-te que voltes para lá a toda a pressa.

– Os Vidal Boys são a guarda pretoriana que a Câmara Municipal organizou com pessoal da Unidade Urbana –

explica Blai, fazendo gala de um espírito didático que Melchor não recordava. – Foi organizada pelo vice-presidente, o número dois da presidente, Enric Vidal, chama-se. Por isso os conhecem como os Vidal Boys. Só reportam a Vidal e fazem o que ele manda, incluindo coisas pouco claras.

– Pouco claras? – sorri Vàzquez com sarcasmo. – Coisas escuríssimas! Lixo puro. Volta-se para Melchor. – Essas pessoas são as cloacas da Câmara, rapaz. Toda a gente sabe, mas ninguém se atreve a enfrentá-los. Uma súcia.

– Vidal reuniu o que havia de pior em cada unidade –

suspira Blai, equânime e desconsolado. – De qualquer forma, um assunto destes não é da competência deles.

– Não me lixes – replica o sargento. – Como se os Vidal Boys só tratassem do que lhes compete.

– O mais provável é ser preciso tratar disto judicialmente – insiste Blai. – E eles não são uma polícia judicial.

Vàzquez emite uma espécie de grasnido sardónico.

– Como se isso lhes importasse – objeta. – De qualquer modo, não vejo porque Vinebre teve de te encarregar a ti, nem porque tens tu de me

encarregar a mim. Por se tratar da presidente da Câmara? Por mim podia ser o Dalai-lama.

Tenho coisas muito mais urgentes que fazer, sabes disso melhor do que ninguém. Contaste-o a Melchor? Contaste-lhe a história da mulher do bandido de Santa Coloma? Isso pode explodir-nos nas mãos a qualquer momento e eu não

pretendo permitir que isso aconteça. – Sufocado, com uma veia colérica a pulsar-lhe no pescoço, Vàzquez põe-se de pé e agarra no capacete e na mochila. – E é isto, chefe. Se a presidente da Câmara se deixou filmar a foder um cabrito que agora lhe quer chupar o sangue, que se lixe. Que tivesse mais cuidado, porra.

Blai volta-se para Melchor enquanto o sargento pendura a mochila ao ombro. A sua expressão, transparente, diz:

«Estás a ver?»; ou talvez: «Eu avisei-te.»

– Vàzquez – diz Blai suavemente.

O aludido volta-se, expectante.

– Dentro de uma hora temos uma reunião na Câmara Municipal – notifica-o Blai com mansidão, olhando para o relógio. – Vamos falar com a presidente, nós os três: tu, Melchor e eu. Eu vou porque o chefe me pediu. Para a tranquilizar, para que ela veja que estamos a levar o problema a sério. Porque o vamos levar a sério. A prova disso é seres tu a encarregares-te do caso. Pessoalmente.

Não é preciso deixares todos os outros, mas vais ser o negociador principal; Melchor será o secundário. Quero que resolvamos isto quanto antes. E que me mantenham informado ao minuto. – Finalmente ergue os olhos na direção do sargento e acrescenta: – Fui claro, não é verdade?

– Estou feito ao bife – pragueja Vàzquez no corredor, abrindo a porta do departamento de Sequestros e Extorsões. – Olha que calhar-me a mim esta

chatice, com as

outras que já tenho em cima… No mínimo podia ter-te designado a ti como investigador principal.

– Eu faço-o, se quiseres – oferece-se Melchor, admirado com as grandes melhorias dos dotes de comando de Blai desde que foi trabalhar para Egara.

– Não – corrige-se Vàzquez imediatamente, ainda sem entrar na sala. – Tu estás fora há demasiado tempo. Fá-lo-ei eu, pelo menos de início. Mais tarde talvez to passe, na condição de Blai não ficar a saber. – Melchor aponta vagamente para a outra extremidade do corredor e faz o gesto de se dirigir para lá. Surpreendido, o sargento pergunta: – Aonde vais? Não começavas agora?

– O comissário Fuster chamou-me. Quer falar comigo.

O sargento parece admirado.

– Ainda estão com aquilo de Cambrils?

– Não sei. – Melchor encolhe os ombros. – Depois conto-te.

O gabinete de Fuster fica no último andar do edifício, muito perto do gabinete do chefe da corporação, e Melchor quase não tem de esperar que o comissário o receba. Fá-lo dando-lhe um aperto de mão com uma alegria que Melchor acha falsa.

– Diga-me, Marín, quando chegou?

– A Barcelona, ontem. A Egara, há meia hora.

– Disseram-me que vem em comissão de serviço.

– Com efeito.

– Foi Blai quem o trouxe?

Melchor diz que sim.

– Sente-se, por favor.

Não se sentam à mesa do gabinete, mas num conjunto de sofás de couro. Quando Melchor o conheceu, no fim do verão de 2017 e naquele mesmo gabinete, Fuster era um jovem comissário acabado de ser promovido ao posto máximo da carreira; agora é um veterano, mais antigo do que quase todos os seus colegas, a começar pelo chefe da corporação. O seu aspeto físico, no entanto, não mudou no essencial: nem ganhou peso, nem perdeu cabelo, aquele cabelo crespo, áspero, avermelhado e colado ao crânio, que quase não precisa de pente; a idade também não lhe corroeu nem a cordialidade, nem o dinamismo. Agora, vendo-o cruzar as pernas à sua frente, Melchor pensa que Fuster o convocou para falar da chantagem à presidente da Câmara.

Mas não. De facto, o comissário nem sequer lhe pergunta pelo motivo da sua presença na central e inicia sem mais preâmbulos o discurso que, com variações mínimas, lhe inflige de cada vez que se encontram: garante-lhe que continua a ser um símbolo essencial para a corporação, recorda-lhe que está ali para tudo o que precisar, repete que não deve confiar demasiado.

– Quanto tempo passou desde os atentados? – interroga-se Fuster, acariciando a sua barbicha de bode. – Oito, nove anos? Não interessa. Na corporação já muita gente sabe quem é você e o que fez, e, se a sua cara se tornasse pública, no dia seguinte a sua fotografia estaria em todos os sites jihadistas e você tornar-se-ia um alvo. Que digo?

Tornar-se-ia um troféu. É verdade que neste momento não

há nenhuma razão para pensarmos que corre perigo, mas tenha a certeza de que os jihadistas não esqueceram.

– Pensava que o risco islamista era maior agora do que há cinco ou seis anos.

Uma careta incrédula enruga a cara do comissário.

– Isso é o que dizem alguns políticos.

– A presidente da Câmara de Barcelona, por exemplo –

assinala Melchor.

– Por exemplo.

– E não é verdade?

– Não, que saibamos. Pelo contrário. Nos últimos anos nunca houve tão pouca imigração muçulmana na Catalunha. E nunca tivemos tão poucos indícios de atividade islamista. E a que temos está controlada.

– Nesse caso…?

O comissário pestaneja várias vezes e volta a franzir o nariz, embora, mais do que incredulidade, desta vez expresse indiferença.

– Coisas da política – diz. Mas apressa-se a acrescentar:

– O que não significa que não possa aparecer um lobo solitário e armar chatice… Além disso, Barcelona não é a Terra Alta. Lá continua a haver poucos muçulmanos; aqui há imensos. Por isso quis falar consigo assim que soube que estava de volta. Quer que lhe dispensemos proteção? Quer que a dispensemos à sua filha?

– Acabou de me dizer que não há perigo.

– Não me faça dizer o que não disse – corrige-o o comissário. – O que eu disse é que o perigo é menor do que nunca desde 2017. Não que não exista. Também lhe disse

que Barcelona não é a Terra Alta e que não posso garantir a sua segurança a cem por cento. Foi isso que disse. O que me diz você? Quer proteção ou não?

Melchor pensa durante alguns momentos. Diz para consigo que aquilo que Fuster acaba de lhe explicar não é de facto muito diferente daquilo que lhe disse há anos, quando voltou a Barcelona a fugir da Terra Alta ou do fantasma de Olga na Terra Alta, e que não vê nenhuma razão para lhe dar uma resposta diferente.

– Não é necessário – responde.

O comissário faz um gesto de aquiescência e, apoiando as mãos nos joelhos, levanta-se.

– Como quiser. – Apertam as mãos. – A verdade é que já calculava que me dissesse isso. Mas, pelo menos enquanto estiver em Barcelona, faça-me um favor: tenha cuidado.

Melchor ainda não tinha chegado ao corredor quando ouviu atrás de si:

– A propósito, Melchor.

Volta-se. Fuster ainda está de pé junto da secretária, mas agora as suas feições revelam contrariedade ou embaraço, como se estivesse a esforçar-se para escolher as palavras que deve dizer a seguir.

– Já lhe falaram do romance, suponho? – acaba por perguntar.

Melchor demora a responder.

– Do romance? Que romance?

– Daquele que fala de si. – Durante alguns segundos eternos, os dois polícias permanecem em silêncio. –

Intitula-se Terra Alta. O autor chama-se Javier Cercas.

Embora Melchor tenha ouvido falar de um romance com esse título, não o leu – Melchor não lê novidades literárias –

e não entende. O comissário tenta explicar-lhe, mas a sua explicação é confusa e Melchor só consegue perceber, angustiado com a sensação de que já viveu aquele instante, ou de que já o sonhou, que se tornou o protagonista de um romance intitulado Terra Alta.

– A minha mulher leu-o – acrescenta Fuster, talvez por não saber o que acrescentar. – Diz que não é mau.

Melchor reconhece que não sabe nada acerca desse assunto e os dois homens voltam a entreolhar-se em silêncio sem saberem o que dizer, dominados pela perplexidade, até que, arqueando as sobrancelhas e curvando os lábios, o comissário volta a despedir-se:

– Enfim, já o disse. Ande com cuidado.

Exceto pelas novas pessoas que ali trabalham, no ambiente febril do costume, com o som dos teclados dos computadores, dos telefonemas ou das conversas, o departamento da Unidade Central de Sequestros e Extorsões também não mudou muito desde a época em que lá esteve. É uma grande sala retangular, no fundo da qual se esconde o gabinete envidraçado de Vàzquez, com a sua mesa, o computador e os arquivadores metálicos; o resto é um espaço iluminado por um vidro comprido e estreito, com as paredes cobertas por diagramas arbóreos e fotografias de criminosos e de suspeitos, onde naquele momento se sentam, diante dos computadores, quatro homens e uma mulher, três deles com auscultadores.

Vàzquez sai do seu cubículo ao encontro de Melchor, chamando a atenção de todos, que suspendem imediatamente as suas atividades. Cinco pares de olhos cravam-se em ambos os homens.

– Este gajo chama-se Melchor Marín – anuncia o sargento por entre o silêncio repentino, apontando para o recém-chegado com um gesto do polegar. – Devem ter ouvido falar dele. Trabalhou aqui há uns anos. Quantos?

– Dois e picos – calcula Melchor em voz alta.

– Dois e picos – admite Vàzquez. – Volta para nos atirar uma boia de salvação, que muita falta nos faz. É bom; um chato do caraças, mas bom. Mas, isso sim, não se fiem: vem da Terra Alta, como Blai. Essa gente é pior do que os Corleone.

Veem-se

sorrisos,

cabeceamentos

aprovativos,

murmúrios, e, enquanto Vàzquez regressa ao cubículo, os cinco colegas aproximam-se de Melchor, dão-lhe as boas-vindas e, um atrás do outro, apresentam-se: Roig, Cortabarría, González, Torrent, Estellés. Depois Melchor entra no gabinete de Vàzquez, que lhe indica uma cadeira.

– Vou pôr-te a par de tudo – anuncia.

Sem mais preâmbulos, o sargento começa a pormenorizar os casos que a unidade tem entre mãos. O

principal, avisa-o desde logo, é um ajuste de contas por causa de drogas e no qual estão atolados há semanas: o sequestro da mulher de um traficante de cocaína de origem árabe, residente em Santa Coloma de Gramenet; além de ser o caso principal, é o que mais o preocupa e no qual concentrou a maior parte dos esforços da unidade, entre

outras razões porque, depois de manter contacto com os sequestradores durante algum tempo, sente que a negociação está prestes a decidir-se. Vàzquez também lhe dá pormenores de outras investigações em curso, entre elas vários casos de extorsão, fala-lhe de telefones sob escuta, de vigilâncias, de perseguições e de um punhado de agentes de outras unidades que nesse momento tem sob o seu comando, a colaborarem com a sua.

– Isto é mais ou menos o que temos – conclui Vàzquez, passados quase três quartos de hora. – Se quiseres mais pormenores, faz pela vida. De qualquer modo, para já não te afastes do caso da presidente da Câmara, que foi para isso que vieste, não foi? – Melchor não responde e Vàzquez deixa escapar um meio sorriso. – E por falar da presidente da Câmara. – Vê as horas num dos telemóveis e, batendo com a mão num dos braços da sua cadeira, levanta-se. –

Vamo-nos embora. Blai deve estar à nossa espera.

São eles que têm de esperar por Blai, à porta da garagem. Quando ele finalmente aparece, os três entram num Seat León e dirigem-se para Barcelona. Blai conduz, Vàzquez vai ao seu lado e Melchor atrás. O antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta acaba de sair de uma reunião com os outros chefes da DIC, a Divisão de Investigação

Criminal.

Conta-lhes

que

foi

o

superintendente que a convocou, que abordaram o problema da falta de pessoal e que o chefe prometeu que no início de outubro se preencheriam as vagas, três delas na Unidade de Sequestros e Extorsões.

– Vamos lá ver se desta vez é verdade – resmunga Vàzquez. – Quando voltei para Egara prometeram-me…

– Eu não te prometi nada – interrompe-o Blai.

– Prometeu-me o comissário – replica Vàzquez.

– Eu não sou o comissário – constata Blai. – E não percebo porque tens de andar sempre a queixar-te.

– Porque me dá na gana.

Sem se incomodar minimamente, como se o descaramento do sargento escorregasse por ele, Blai informa Melchor de que o superintendente reestruturou a DIC há uns meses e de que, em resultado disso, ele tem agora sob o seu comando, além da unidade de Vàzquez, outras cinco: a de Pessoas Desaparecidas, a de Delitos Informáticos, a de Consumo, a de Homicídios e Delitos Sexuais e a de Grupos Juvenis Organizados. Depois pergunta a Vàzquez como está a decorrer o caso do sequestro da mulher do narcotraficante de Santa Coloma.

– Como uma merda – responde o sargento.

Vàzquez explica ao seu chefe imediato aquilo que minutos antes, no seu gabinete, disse a Melchor: que têm quase a certeza de que, embora tenha sido um árabe a encomendar o sequestro – provavelmente um familiar da sequestrada –, todos ou quase todos os que mantêm a vítima vigiada são romenos. Blai pergunta-lhe porque tem tanta certeza disso; Vàzquez explica-lhe: fala-lhe de uma conversa telefónica apanhada por acaso e de um grupo de WhatsApp, fala-lhe de sotaques, de alusões, de erros de ortografia. Depois garante-lhe que o árabe é muito duro a negociar.

– Um verdadeiro filho da puta – afirma. – Os romenos são outra coisa.

– Outra coisa? – pergunta Blai.

– Mais flexíveis – esclarece Vàzquez. – Em minha opinião só querem a massa, livrar-se do pacote e desaparecerem quanto antes.

– Divide et impera – cita Blai. – Ou seja, esquece-te do mouro e negoceia com os outros.

– E o que achas que estamos a fazer? – pergunta Vàzquez. – Atacar por aí, tentar amolecer os romenos. São o elo mais fraco da cadeia. Assim que os

apanharmos, vamos atrás do mau a sério. É esse o plano.

– Parece-me um plano de primeira.

– E é, se tivesse gente que o executasse. Mas, como não tenho, porque metade anda por aí a trabalhar em parvoíces, é um plano de merda.

– Suponho que, entre as parvoíces, estarás a incluir a chantagem à presidente da Câmara.

– O que achas?

O tráfego na Meridiana está a fluir bem, mas para assim que viram em direção ao centro pela rua Aragón. Só quando se dirigem para a zona marítima por Pau Claris voltam a circular sem problemas. Finalmente deixam o carro num estacionamento subterrâneo perto da praça de Sant Jaume, que está em obras: um grande andaime onde formiga um bando de pedreiros cobre por completo a fachada do palácio da Generalitat, há meses em obras de reabilitação. Na porta principal do antigo edifício da

Câmara Municipal têm de se identificar, declarar para onde vão e passar por um controlo de segurança.

– Devíamos ter evitado isto – grunhe Vàzquez. – Se alguém nos põe os olhos em cima, estamos fodidos.

Enquanto sobem do pátio das carruagens até à galeria gótica por uma escadaria solene de pedra, Blai mostra-se de acordo com o sargento, mas explica que a presidente da Câmara só concordou em conceder-lhes alguns minutos. O

sargento volta a bufar:

– Era só o que nos faltava.

Uma secretária avisa-os de que a presidente os irá receber dentro de minutos e acompanha-os até um salão.

Blai e Vàzquez sentam-se num sofá e põem-se a escrever nos telemóveis. Melchor permanece de pé. Estão num salão majestoso, iluminado por lustres de cristal e candeeiros de pé com abajures cremes, cujas janelas não deixam entrar um único raio de luz; o chão é de tacos e as paredes e o teto, revestidos de madeira e ornamentados com molduras douradas, exibem grandes frescos com cenas bíblicas onde predominam, reluzentes, as cores azul e vermelha. Ao centro, sobre um tapete escarlate, está uma mesinha de madeira, duas poltronas de napa e dois sofás, um deles ocupado pelo sargento e pelo inspetor. Melchor repara no fresco que decora a abóbada. Tem forma de medalhão e representa uma mulher nua da cintura para cima, sentada numa nuvem algodonosa, com um minúsculo bergantim no regaço. À sua volta pululam outras mulheres; também se veem cupidos e gaivotas. Acocorado num dos cantos do fresco, quase escondido atrás de umas rochas, um homem

semelhante a um sátiro sopra um corno, rodeado por outros homens; parece estar a anunciar o assalto iminente à mulher seminua. A imagem traz à cabeça de Melchor a chantagem da presidente da Câmara; um segundo depois, o assassinato da sua mãe. Uma bola de angústia bloqueia-lhe imediatamente a garganta.

Naquele momento abre-se a porta do salão e irrompe a presidente. Blai e Vàzquez levantam-se e apertam-lhe a mão; Melchor também a cumprimenta.

– Obrigada por terem vindo – diz a mulher, ocupando uma poltrona e pousando na mesa um sobrescrito de papel manila e uma pasta do tamanho de um computador portátil, de cabedal cinzento e pegas pretas. Blai e Vàzquez voltam a sentar-se; Melchor senta-se diante deles. – Tenho alguma pressa, de modo que não poderei estar muito tempo convosco. De qualquer modo, também não há muito do que falar.

Sem perder um segundo, a presidente da Câmara pega no sobrescrito de papel e estende-o ao inspetor, que, antes de pegar nele, calça umas luvas de borracha. Enquanto Blai tira um papel do sobrescrito e o lê, Melchor concentra-se em dominar a sua angústia e em observar a presidente. É

uma mulher com uns quarenta anos, alta, corpulenta, de olhos verdes e feições finas e angulosas, e, tendo-a ao lado, Melchor sente o mesmo que sente de cada vez que a vê na televisão: que é uma daquelas mulheres para as quais é necessário olhar com atenção para descobrir a sua beleza.

Embora também sinta alguma coisa que contradiz o anterior: que aquela mulher inquieta e apressada, que

mexe sem parar nos dedos de unhas impecavelmente arranjadas, não revela a olho nu muita relação com a política transbordante de aprumo que, pelo menos desde que chegou à presidência da Câmara, parece monopolizar os meios de comunicação catalães (e que, a avaliar pelos resultados eleitorais que obtém, esconde com sucesso a sua altivez natural atrás de uma exibição incansável de sorrisos). Tem os lábios e as unhas pintados de vermelho e veste um saia-casaco justo, cinzento-escuro, uma blusa branca que faz sobressair um peito farto e uns elegantes sapatos de salto alto cinzentos.

Quando Blai levanta os olhos do papel, a presidente pega na pasta e, antes que o inspetor consiga dizer uma palavra, estende-a.

– Aí tem o dinheiro – diz. – Pague a essa gente e que me deixem em paz.

Blai não toca na pasta.

– Quando recebeu isto? – pergunta, brandindo o papel.

A presidente parece não compreender. O inspetor repete a pergunta.

– Na sexta-feira – responde a mulher.

– Onde o recebeu?

– Aqui. Na Câmara.

– Vinha neste sobrescrito?

– Sim.

– Quem tocou nele?

– Não sei. A minha secretária. Creio que mais ninguém.

Porque pergunta?

Blai volta a brandir o papel, desta vez juntamente com o sobrescrito.

– A próxima vez que receber uma coisa destas, não demore tanto tempo a entrar em contacto connosco –

responde. – Ou melhor, telefone para nós imediatamente.

– Não haverá próxima vez – diz a presidente. Deixa de mexer nos dedos, ergue a pasta na direção do inspetor e acrescenta: – Quero que paguem e que acabem com este assunto quanto antes.

O inspetor fica a olhar para a sua interlocutora sem pegar na pasta. Depois de um segundo de perplexidade, a mulher volta-se para Vàzquez e depois para Melchor, procurando nos olhos de ambos a explicação que não encontra nos de Blai. A bola de angústia começa a dissolver-se na garganta de Melchor enquanto ele tenta concentrar-se no diálogo que presencia.

– Parece-me que não compreendeu muito bem a sua situação, senhora Oliver – diz Blai, que pousa na mesa o sobrescrito e o papel e tira as luvas. – Se pagar o dinheiro que lhe pedem, o mais provável é que lhe peçam mais. E

ainda mais se voltar a pagar. De facto, já pagou uma vez, não é verdade? – A presidente não responde; deixou de oferecer a pasta ao inspetor e ouve-o com uma atenção receosa. – Veja – continua Blai –, neste momento a senhora não tem nenhuma garantia de que o chantagista tenha o que diz ter, nem que lho entregue se lhe pagar, nem que não continue a chantageá-la até ao dia do juízo final. De modo que o melhor é não pagar.

– Nesse caso, o que faço? – pergunta a presidente.

– Entregue-se nas nossas mãos – responde o inspetor. –

Faça o que lhe dizemos, confie em nós. – Sem olhar para ele, aponta para Vàzquez, que, ao seu lado, segura no papel com as luvas calçadas e com os cinco sentidos concentrados na leitura. – À senhora é a primeira vez que lhe acontece uma coisa destas, mas o sargento enfrenta diariamente casos como o seu. Deixe-nos trabalhar, oiça o que lhe digo, confie em nós. Não se preocupe e tudo correrá bem.

Agora é a presidente que fica a olhar para Blai. Salta à vista que está a avaliar as suas palavras. Por outro lado, Vàzquez entrega o papel do chantagista a Melchor, que também calçou as luvas. É um papel dobrado ao meio, com um tamanho um pouco maior do que o A4; na metade superior lê-se, escrito à mão, com uma esferográfica e em maiúsculas:

JÁ VISTE EM GAVÀ O QUE ACONTECE POR TE ARMARES EM

PARVA. NÃO VOLTES A FAZÊ-LO. SE NÃO QUISERES QUE TODA A GENTE VEJA A GRAVAÇÃO, PAGA-NOS TREZENTOS MIL EUROS EM

MONEROS. AQUI VAI O NÚMERO DA CONTA ONDE DEVES FAZER O

DEPÓSITO:

4GDON7NCTI8A5GZUG7PRWZNKJVHFMKEV11L6PNJPGJ5QN

EHSN6EEX3DAAQFWZ1UFD4LYZKARKTT113W7QJWVQ7CWGQ

VRZNNMQ5ZHDUIH.

QUANDO RECEBERMOS O DINHEIRO DEVOLVEMOS-TE A GRAVAÇÃO. E NÃO SE FALA MAIS NO ASSUNTO. ISSO SE NÃO

VOLTARES A ARMAR-TE EM PARVA E SE NÃO FALARES COM

NINGUÉM. A COMEÇAR PELA POLÍCIA. FICAS AVISADA.

– E o que acontece se corre mal? – pergunta a presidente. – O que acontece se cumprem a ameaça?

– Não a cumprirão – responde Blai. – Eles não querem difundir a gravação. O que querem é o seu dinheiro, por isso entraram em contacto consigo. E a senhora quer a gravação, para que a deixem em paz. De modo que eles têm o que a senhora quer e a senhora tem o que eles querem. O

que significa que são obrigados a entender-se. Ou seja, são obrigados a negociar. Faço-me entender, não é verdade?

Enquanto domina pouco a pouco a angústia, Melchor percebe que, mesmo que Blai se faça entender, a presidente não parece ser capaz de compreender. Ao lado do inspetor, Vàzquez reprime visivelmente a sua impaciência, desejoso de intervir; segura nos dois telemóveis pousados nas coxas, que não deixam de vibrar, como as suas narinas; os músculos do maxilar parecem prestes a explodir. Aproveitando a perplexidade da presidente da Câmara, Blai insiste:

– Deixe-me ser franco. Um problema a senhora já tem. E

o problema é que fez o que fez e se deixou filmar. Isso nós não conseguimos remediar. Nem nós, nem ninguém. Quero dizer que ceda ou não ceda à extorsão, pague ou não pague o que lhe pedem, os chantagistas podem tornar pública essa gravação em qualquer altura. Em qualquer altura significa em qualquer altura. Neste momento. Enquanto conversamos. A cagada, se me permite a expressão, já foi feita. Agora o que a senhora tem de decidir é se tenta consertá-la com as pessoas que sabem fazê-lo ou não. E as pessoas que sabem consertá-la somos nós. Mais ninguém.

Nós resolvemos centenas, milhares de casos como o seu, temos calos no rabo de tanto o fazermos, somos os melhores, temos cem por cento de eficácia. Não é uma gabarolice, é assim. Mas, se quiser que solucionemos o seu problema, tem de nos ouvir, tem de confiar em nós incondicionalmente. Se o fizer, o sargento Vàzquez criará um grupo de investigação, trabalhará no seu problema, recolherá provas, averiguaremos quem são os malfeitores, apanhá-los-emos e eles pagarão pelo que fizeram. Não tenha dúvidas. Se

fizer o que lhe dizemos, solucionará o seu problema; caso contrário não o solucionará, só o multiplicará. A senhora escolhe.

Um silêncio sólido segue-se ao ultimato de Blai. Ainda com a pasta do dinheiro na mão, a presidente parece tentar assimilar o que acaba de ouvir, com os olhos fixos no inspetor e os lábios franzidos e endurecidos pela reflexão. É

evidente que está muito mais calma do que quando entrou.

De repente desvia os olhos para a porta do salão, como se esperasse alguém ou alguém tivesse acabado de entrar, mas imediatamente os volta outra vez para Blai, suspira fundo e, fazendo uma expressão de anuência, larga a pasta ao pé da mesinha.

– Está bem – admite. – Os senhores dirão.

Blai não tem necessidade de dar a palavra a Vàzquez, que pousa os seus dois telemóveis na mesinha e, num tom de voz pedagógico, começa:

– Desde logo, o mais importante é fazer o que lhe disse o inspetor. Confiar em nós. Em nós e em mais ninguém.

Ninguém deve ficar a saber que estamos a trabalhar neste

assunto, ninguém deve saber que estamos a assessorá-la.

Isto é o mais importante. Sabe porquê? – A presidente ouve-o sem pestanejar e sem se reclinar no sofá. – Porque o segredo é a nossa principal ferramenta de trabalho. Quanto menos pessoas souberem o que está a acontecer, melhor. E

agora diga-me: quem sabe o que está a acontecer?

– Ninguém, que eu saiba. Bom, sim, Gubau, o secretário de Justiça. É meu amigo. Foi ele quem falou com o comissário Vinebre.

– Além do secretário e do comissário.

– Ninguém.

– Tem a certeza?

– Sim.

Vàzquez observa por segundos a presidente; depois volta-se para o seu chefe, como se pedisse explicações, e estala a língua, aborrecido. «Começamos mal», parece dizer.

– É melhor dizer-nos a verdade – intervém o inspetor. –

Se nos mentir, não conseguiremos ajudá-la. – Faz uma pausa mínima para que a presidente reflita e prossegue: –

Diga-nos, quem mais sabe? O que aconteceu em Gavà?

Porque diz a mensagem que a senhora se armou em parva?

Já pagou uma vez, não é verdade?

Acabam de bater à porta; sem desviar os olhos de Blai, a presidente manda entrar. É a secretária, que a informa de que estão à sua espera no gabinete. Decorridos alguns segundos, durante os quais não há qualquer reação da presidente, esta volta-se para a secretária e pergunta-lhe

se podem atrasar a reunião alguns minutos. A secretária diz que sim.

– Contratei uma agência de detetives – confessa a presidente, assim que a secretária fechou a porta. – Chama-se Sayén. Disseram-me que é boa.

– É má – sentencia Vàzquez. – Mas há piores.

– O facto é que não correu bem – reconhece a presidente.

Blai pergunta o que aconteceu e a mulher conta-lhe. E o que conta é que há algumas semanas, quando recebeu a primeira mensagem, sem ouvir ninguém, decidiu ir ao escritório dos detetives. Conta que naquela

mensagem inicial os chantagistas pediam que lhes pagasse trezentos mil euros para não divulgarem a gravação, que devia pagar-lhes em notas de cinquenta, que ela devia levar pessoalmente, num dia concreto, ao entardecer, a um local concreto da praia de Gavà, muito perto da beira-mar, onde encontraria um tupperware no qual os chantagistas deixariam a gravação, em troca do dinheiro. Conta que, seguindo as instruções dos detetives, fez o que os chantagistas pediam e que, depois de deixar o dinheiro no tupperware que encontrou na praia, os detetives permaneceram à espreita, à espera que os delinquentes fossem buscar o dinheiro, para poderem apanhá-los. Conta que os detetives esperaram durante horas, que decorreu a noite e a madrugada sem que ninguém aparecesse, e que, ao amanhecer, quando o sol iluminou a praia, o tupperware tinha desaparecido.

– Levou-o um mergulhador – adivinha Blai. – O

tupperware estava preso a uma corda e, do mar, o mergulhador puxou pela corda.

A presidente da Câmara olha, boquiaberta, para o inspetor.

– Como sabe? – pergunta.

– Porque é o truque mais velho do mundo – responde Vàzquez. – Garanto-lhe uma coisa, eles enganaram esses pardais, mas a nós não nos enganam.

– Está a ver como tem de nos dar um voto de confiança?

– conclui Blai.

Após um momento de hesitação, a presidente abana a cabeça afirmativamente, e Melchor sente que, embora a bola de angústia não se tenha dissolvido completamente, o mau momento ficou para trás; a lembrança recuperada da sua mãe ou do assassinato da sua mãe, no entanto, continua ali.

– Já o dei – garante a presidente. – Diga-me o que querem que faça.

– Quatro coisas – apressa-se Vàzquez a precisar, mostrando quatro dedos enérgicos: todos os da mão direita, exceto o polegar. – Duas delas já lhe dissemos. Primeira –

com a mão esquerda dobra o mindinho –, confiar em nós e só em nós. Segunda – dobra o anelar –, não dizer nada a ninguém. Estas duas são básicas.

– Qual é a terceira?

– Engolir o medo – responde Vàzquez, dobrando o dedo médio. – A base da chantagem é a intimidação da vítima. Os chantagistas querem que tenha medo, querem que se sinta

pressionada e querem isolá-la para que os nervos a dominem, para que fique transtornada, não consiga pensar e faça o que eles querem que faça. E não me diga que não tem medo. – Vàzquez antecipa-se à objeção da presidente: não soltou o dedo, mas já não o exibe com ênfase. – Porque sabemos que tem. Se não tivesse, não teria recorrido a nós.

Se não tivesse, não seria corajosa, seria temerária. E a senhora não é temerária, pois não?

A presidente perscruta Vàzquez, parecendo procurar uma resposta, e Melchor pensa que ela acabou de se dar conta de que o sargento é mais inteligente do que achava.

– Continue – diz.

– Engolir o medo – repete o sargento, voltando a mostrar o dedo médio. – É isso que tem de fazer. E, quando ficar nervosa, quando sentir que o medo está prestes a dominá-la e que pode levá-la a fazer uma asneira, telefone-me. De agora em diante serei o seu confessor, o seu confidente, o seu anjo da guarda. – Aponta para Melchor e acrescenta: –

Se não me encontrar, telefone para o meu colega. Aponte. –

Os três trocam números de telefone. – Telefone-me sempre que precisar. Não se acanhe, estarei disponível nas vinte e quatro horas do dia. De acordo?

A presidente assente.

– Que mais? – pergunta.

– Falta uma coisa – diz Vàzquez. – A quarta e a mais importante. – Dobra o indicador e estica os lábios num sorriso maroto. – Temos de dançar.

A cara da presidente reflete uma perplexidade total.

– Dançar? – pergunta.

– A dança da negociação – esclarece o sargento. – É

preciso dançá-la. O inspetor já lhe disse anteriormente: o seu chantagista não tem outro remédio senão entender-se consigo, porque tem uma coisa que lhe interessa muito e sabe que está disposta a pagar por isso que ele tem.

Portanto, se é verdade que quer receber, terá de fazer coisas para o conseguir. E ao fazê-las terá de mover-se. E

ao mover-se cometerá erros. E ao cometer erros deixará pistas. E será através dessas pistas que o apanharemos.

Pode ter a certeza disso.

– Claro que também é possível que o chantagista recue –

intervém Blai. – Que veja as coisas a complicarem-se, ou que fique com medo e deixe de a chantagear.

– E nesse caso? – pergunta a presidente.

– Nesse caso acabou-se – responde Blai. – A inimigo que foge é preciso facilitar a fuga. A menos que a senhora queira que o persigamos. Mas, da nossa parte, é o que já disse: acabou-se, não vamos arranjar-lhe problemas a si para apanhar o mau da fita. Estamos aqui para solucionar problemas, não para os criar.

– Isso mesmo – corrobora Vàzquez. – Só que a mim cheira-me que este mau não é dos que fogem. Não sem antes conseguir alguma coisa. Não é um amador. O que aconteceu em Gavà não é coisa de amadores. – Ao lado de Vàzquez, Blai semicerra os olhos numa expressão de anuência. – De modo que teremos de dançar. Nós pressionaremos o mau, e a senhora terá de aguentar essa pressão, para que possamos fazê-lo errar. É preciso paciência. Se ele não se mover, esperaremos; acabará por

fazê-lo, acabará por dizer alguma coisa. Isto é um jogo de xadrez, uma corrida de fundo, chame-lhe o que quiser. Mas no fim o mau mover-se-á e cometerá um erro. E nessa altura cairá. Não tenha a mais pequena dúvida. Porque nós somos mais espertos do que ele. – Depois de uma pausa, exibe um sorriso de esguelha e acrescenta: – E, se for preciso, piores do que ele. Percebe, não é verdade?

A presidente volta a assentir, inicialmente insegura, depois sem reservas. A seguir pergunta como se afirmasse, dirigindo-se ao inspetor:

– É tudo?

É Vàzquez quem responde:

– Não – diz. – Isto é só o princípio.

A partir desse momento o sargento submete a presidente da Câmara a um interrogatório sistemático, no qual só de vez em quando Blai mete o bedelho, para o corrigir, esclarecer, matizar, ampliar ou precisar algum excesso. Quanto a Melchor, limita-se a fazer o que fez até então: observar atentamente a mulher.

Vàzquez pergunta-lhe se ela conserva a primeira mensagem dos chantagistas; a presidente diz que não e acrescenta que se desfez imediatamente dela, receosa de que alguém a encontrasse. Então Vàzquez explica-lhe que, para eles, as mensagens do chantagista são uma fonte preciosa de informações e pede-lhe que tente lembrar-se de quem tocou na segunda; a presidente responde que, como disse inicialmente a Blai, só ela e a sua secretária o fizeram. Vàzquez formula mais algumas perguntas sobre as mensagens e depois reorienta o interrogatório para o

conteúdo da gravação com que estão a chantageá-la, levando a presidente a voltar a mexer nos dedos, a apertar as mãos, a dar sinais redobrados de inquietação. A dada altura o sargento pergunta-lhe como sabe que a gravação tem um conteúdo sexual e, depois de o fazer repetir a pergunta, a presidente responde que foi isso que lhe disseram os chantagistas na primeira mensagem. Vàzquez pergunta-lhe se ela faz ideia do tipo de imagens que podem constar da gravação, ao que a presidente responde que não. Então, porque as teme tanto se não sabe o que são, questiona.

– Justamente porque não sei – responde a presidente. –

Se soubesse, poderia temê-las ou não. Como não sei, só posso temê-las.

Vàzquez aceita com um ligeiro movimento da cabeça a lógica imbatível do raciocínio e, ato contínuo, pergunta-lhe se antes de tentarem chantageá-la

ela tinha consciência de que esse tipo de imagens suas existiam e se há a possibilidade de existirem outras semelhantes; a presidente responde não à primeira pergunta e à segunda, que não sabe. Nessa altura o sargento tenta uma finta.

– Está separada do seu marido, não é verdade?

Em vez de a perturbar, a pergunta parece devolver-lhe parte do seu aprumo e ela responde que sim.

– Há quanto tempo se separaram? – pergunta o sargento.

– Oficialmente, há pouco mais de um ano – responde ela.

– O que significa oficialmente?

– Significa que há pouco mais de um ano que não somos um casal.

– Tem alguém agora?

– Não.

Vàzquez volta a assentir. Na mesinha, perto do sobrescrito, os seus dois telemóveis continuam a vibrar de vez em quando com as mensagens recebidas, mas, demasiado concentrado no interrogatório, o sargento deixou de lhes prestar atenção e já nem verifica quem lhe escreve ou telefona. Enquanto Melchor e Blai trocam um olhar fugaz, Vàzquez pergunta à presidente se acha que as imagens com que estão a chantageá-la são do seu casamento ou anteriores a ele, e ela responde-lhe que já lhe disse que não sabe. Depois o sargento quer saber se, enquanto estava casada, manteve alguma relação extramatrimonial. Um pouco incomodada (ou é essa a sensação de Melchor), a presidente pergunta a Blai se também tem de responder a isso e, com uma expressão vagamente afligida, o inspetor dá-lhe a entender que sim. A mulher reflete por momentos.

– Nenhuma – responde.

Juntamente com a incomodidade anterior, esse momento de reflexão parece a Melchor bastante eloquente.

– E antes do seu casamento? – pergunta Vàzquez.

– O que quer saber da minha vida antes do casamento?

– Se teve muitas relações.

– Algumas. Casei-me relativamente tarde.

– Eram relações normais? Quero dizer…

O sargento não termina o esclarecimento e Melchor sente que aquilo que abortou a frase do seu colega foi o sorriso que ronda os lábios da presidente.

– Está a querer saber se fui para a cama com mulheres?

– pergunta ela. – Se participei em orgias? É isso que está a perguntar-me?

A maçã de Adão sobe e desce no pescoço de Vàzquez antes de este conseguir responder que sim. A presidente sorri abertamente, um sorriso irónico, quase trocista, mas não agressivo.

– Olhe, sargento – diz num tom de voz diferente, que, com razão ou sem ela, Melchor identifica com aquele que ela usa diante dos microfones dos jornalistas. – Eu cometi muitos erros na minha vida. Muitos. Mas aprendi com eles.

Evoluí. Aos vinte anos era um tipo de pessoa, agora sou outro. Aos vinte anos acreditava em algumas coisas, agora acredito noutras: nessa altura não acreditava no casamento, e agora acredito; nessa altura não acreditava na importância da fidelidade conjugal, e agora acredito; nessa altura não acreditava que o cristianismo fosse importante, e agora acredito que é, e muito… é o que disse Keynes: «Quando os factos mudam, mudo de opinião. E

você?» – Depois de uma pausa, continua: – Eu mudei porque o mundo mudou. As pessoas que pensam sempre o mesmo não pensam. E eu penso muito, de modo que mudei muito. Só uma coisa é constante em mim: sou uma mulher livre. Fui-o quando jovem e continuo a sê-lo agora, já não tão jovem. O espírito gregário não é o meu forte. Nem a correção política. Creio que o demonstrei de sobra na

minha vida política. Quanto ao resto, deixe-me dizer-lhe que, na sua idade, já deveria saber que a normalidade não existe. É uma fraude. No sexo e em tudo o resto.

A estas palavras segue-se um silêncio pesado. O sorriso desapareceu da cara da presidente, substituído por uma expressão de dignidade satisfeita. O sargento limpa a garganta.

– Nesse caso, interpreto que a sua resposta…?

– Interprete como quiser.

Um dos telemóveis de Vàzquez começa a vibrar e o outro imita-o logo a seguir, mas o sargento nem sequer olha para eles e muda de assunto. Durante algum tempo interroga a presidente acerca do dinheiro que dispõe, dos amigos, da filha e do ex-marido, Daniel Casas, acionista principal e proprietário de várias empresas, a mais conhecida das quais é Clave Barcelona, uma consultora especializada na melhoria de reputação, em comunicação corporativa e em assessoria a empresas privadas do setor tecnológico. Ainda não concluiu o interrogatório quando a secretária torna a aparecer e anuncia que a reunião adiada começa dentro de cinco minutos e que não consegue atrasá-la mais.

– Acabo já – promete Vàzquez, assim que a secretária sai. – Olhe, temos dois instrumentos para apanhar os malfeitores. O primeiro é este. – Volta a pegar na mensagem dos chantagistas e mostra-a à presidente. – Com a sua autorização, ficamos com ela. Tentaremos averiguar a quem pertence a conta de moneros e examinaremos o papel à procura de pistas. Alguma havemos de encontrar.

– E se não encontrarem nenhuma?

– Para isso temos o segundo instrumento. A prova de posse.

A presidente franze a testa.

– Os malfeitores devem demonstrar que têm o que dizem ter – explica Vàzquez. – Refiro-me à gravação, claro. Eles têm de demonstrar que a têm e a senhora tem de a pedir.

– E como a peço?

– Não se preocupe com isso. Se não tiver pressa, se tiver paciência, os chantagistas entrarão outra vez em contacto consigo. Não duvide.

– Porque tem tanta certeza?

– Porque, se não entrarem em contacto consigo, não conseguem o que querem.

– E como entrarão em contacto comigo?

Vàzquez encolhe os ombros.

– Ah, isso ainda não sabemos – reconhece. – A única coisa que sabemos é que o farão. E que, quando o fizerem, teremos mais pistas. E uma dessas pistas levar-nos-á até eles. E apanhá-los-emos. Dê-o como garantido.

O sobrolho da presidente voltou a alisar-se: as palavras do sargento persuadiram-na novamente. Melchor e Blai voltam a entreolhar-se fugazmente. A presidente pergunta:

– O que tenho de fazer quando eles entrarem em contacto comigo?

– Entrar imediatamente em contacto connosco –

responde Vàzquez.

– E se me telefonarem?

– Nessa altura a coisa muda de figura. – O sargento remexe-se no sofá. – Aí, a primeira coisa que tem de fazer é

tentar não ficar nervosa. E, a segunda, dizer ao chantagista o seguinte: «Olhe, há anos que várias pessoas me ameaçam com a publicação de vídeos de cariz sexual onde eu apareço, boatos como esse circulam aos montes, de modo que não tenho porque acreditar que você não seja mais uma. Diga-me, como posso saber que tem essa gravação?

Como sei que posso confiar em si? Dê-me uma prova e acederei ao que diz, porque ficarei a saber que você é a pessoa com quem tenho de negociar para resolver este assunto.» Enfim, isto ou algo semelhante é o que tem de dizer. De qualquer modo, alguma coisa que obrigue o chantagista a dar um passo, a entrar novamente em contacto consigo e a cometer um erro que nos permita apanhá-lo. Faço-me entender?

A presidente não responde imediatamente; tem os olhos fixos na pasta pousada na mesinha, ao lado dos telemóveis do sargento, com o dinheiro do resgate.

– O que não percebo é como vamos obrigar o chantagista a entrar em contacto comigo – insiste, voltando-se novamente para Vàzquez.

– Não o vamos obrigar. Se ele não quiser fazê-lo, que não o faça, mas não levará nem mais um cêntimo, e, como já lhe disse o inspetor, a inimigo que foge é preciso facilitar a fuga. Mas, se ele quiser fazê-lo, se quiser entrar em contacto consigo, e é muito provável que o queira, esperaremos. Não há pressa. Pelo contrário, temos todo o tempo do mundo, como cantava não sei quem. Por isso lhe dizia que tem de se munir de paciência. De paciência e de confiança em nós. Essa é a chave.

A presidente parece conformar-se finalmente, assente, endireita o casaco do fato esticando as lapelas com ambas as mãos e passeia o olhar pelos três polícias, como se quisesse certificar-se de que não têm nada a acrescentar

ao que o sargento disse. É evidente que já não é a mulher apreensiva e instável que entrou no salão há três quartos de hora.

– De acordo – conclui, pegando na pasta do dinheiro e levantando-se da poltrona. – Seguirei à letra as vossas instruções.

Aperta a mão de Vàzquez e de Melchor junto à porta; quando é a vez de Blai, este retém a mão da presidente e aproveita para fazer o que costuma no fim daquele tipo de entrevistas: recordar à vítima o essencial.

– Não fale com ninguém – reitera. – Não se enerve.

Telefone aos meus homens para qualquer coisa de que necessite. Telefone-lhes, sobretudo, se os chantagistas lhe telefonarem ou se entrarem em contacto consigo. Confie em nós e tudo correrá bem.

A presidente volta a garantir-lhe que o fará, agradece-lhe e abre a porta para sair com eles; ainda não a abriu completamente quando volta a fechá-la.

– E o que acontece se eu não pagar e eles publicarem o vídeo? – pergunta, novamente inquieta.

Melchor pensa que o mais estranho não é a presidente fazer aquela pergunta, mas não a ter feito antes. É

novamente o sargento Vàzquez quem lhe responde.

– Não o farão – garante. – Porque, se o fizerem, não terão o que querem, que é o seu dinheiro. Mas, no caso

improvável de o fazerem, pode-se sempre neutralizar a publicação do vídeo.

– Ah sim? Como?

– De muitas maneiras – explica Vàzquez. – Depende de onde, de quando e de quem dê a conhecer a gravação. Se for pela internet, por exemplo, pode contratar-se uma empresa para apagar o conteúdo ou para mandar o vídeo para o inferno do Google, onde ninguém o veja. Se o derem a conhecer

através da televisão, pode-se enviar gente que ponha em dúvida a veracidade das imagens, gente que diga que o vídeo é falso e coisas do género. Já lhe disse que depende.

– E seriam vocês a fazê-lo?

Como única resposta, Vàzquez dá uma gargalhada seca e sem alegria.

– Acha que vamos usar dinheiro público para isso? –

pergunta. – Está a brincar ou quê?

A presidente estremece.

– O que o sargento quer dizer é que nós não podemos fazer esse tipo de coisas – explica Blai, salvando a situação.

– Nós só nos dedicamos a perseguir delitos e a proteger as vítimas. Nada mais. E aqui o delito é a extorsão; o resto, o facto de a terem filmado e de darem ou não a conhecer as imagens, isso já não poderemos evitar, isso não tem solução, a cagada, como lhe disse, já está feita. Embora, claro, no caso de ser necessário, possamos aconselhá-la acerca dos passos que deve dar para que a difusão dessas imagens a prejudique o menos possível. A partir daí tudo dependerá de si, ou seja, dos seus recursos. Mas não se

preocupe – conclui o inspetor, dando por terminado o mal-entendido e apontando para a saída do salão com uma espécie de reverência. – Nada disso será necessário. Faça o que lhe dizemos e tudo se arranjará.

– És um fala-barato, Vàzquez – recrimina-o Blai. – Podias ter poupado isso de a presidente estar ou não a brincar.

– O que podíamos ter poupado era esta comitiva –

replica Vàzquez, abarcando-os aos três com uma expressão cáustica. – Nem que fosse a rainha de Sabá, foda-se. Além disso, a verdade é que essa tipa

está pirada. Então não pensou que vamos andar por aí a limpar-lhe a merda com o dinheiro dos contribuintes?

– Ela não pediu nada – recorda-lhe Blai. – Limitou-se a fazer uma pergunta.

– Nem pergunta, nem coisa nenhuma – replica Vàzquez.

– Um pedido à maneira foi o que fez. E, a propósito, quem caralho terá sido a rainha de Sabá?

Blai desativa essa pergunta com outra pergunta:

– O que achaste da presidente, Melchor?

Tinham saído da Câmara Municipal, atravessado a praça de Sant Jaume e descido até ao estacionamento subterrâneo sempre em silêncio, enquanto Blai discutia por telefone com o chefe da Área Central do Crime Organizado e Vàzquez escrevia com velocidade supersónica mensagens de WhatsApp. Só começaram a comentar a entrevista com a presidente quando o carro saiu para a luz perpendicular do meio-dia.

– Bem – responde Melchor. Endireita-se no assento traseiro, apoia os braços nos bancos dianteiros e, observando o tráfego que circula junto deles, Vía Layetana acima, acrescenta: – Mas mente.

– Lixou-nos – diz Vàzquez. – Já viste algum político dizer a verdade?

– Como sabes que mente? – pergunta Blai, procurando os olhos do amigo no retrovisor.

– Porque, assim que Vàzquez começou a falar das imagens do vídeo, ela ficou mais nervosa do que já estava.

Também acho que mentiu quando disse que não foi infiel ao marido.

– É possível – admite Blai. – De qualquer forma, a mim parece-me uma mulher que aguenta bem a pressão. Uma mulher de têmpera. É o que toda a gente diz dela.

– Todos os clichês são mentira – proclama Vàzquez.

– Todos os clichês contêm uma parte de verdade –

discorda Blai. – Caso contrário não seriam clichês.

– Não digo que não aguente bem a pressão – interveio Melchor. – Só digo que o nervosismo dela aumenta quando se fala do vídeo. Parece-me que está a mentir acerca disso.

E acerca do outro também.

– Achas que sabe quem e quando a filmaram?

– Acho que sabe mais do que nos contou.

– Agora que o dizes – intervém Vàzquez. – Eu também tive essa impressão.

– Há outra coisa que não entendo – acrescenta Melchor.

– Só uma? – pergunta Vàzquez.

– Se essa mulher é tão livre como diz – raciocina Melchor –, se não está preocupada com o politicamente correto e tudo isso, porque se preocupa tanto que tornem público um vídeo sexual?

A interrogação fica suspensa durante alguns segundos sobre o silêncio repleto de ruídos urbanos que reina no interior do carro.

– Porque não é tão livre como afirma – acaba por responder Vàzquez. – Não repararam? Aquela tipa é só pose, mais falsa do que um duro sevilhano[2.]

– Ou porque é verdade que sabe quem e quando fez o vídeo e tem a certeza de que, se essas imagens circulassem por aí, acabariam com a sua carreira política – sugere Blai.

– Vá-se lá saber. Seja como for, tens razão: isto não encaixa nem a brincar.

– Tenho uma pergunta – diz Vàzquez.

– Dispara – encoraja-o Blai.

– Vamos pôr-lhe o telefone sob escuta?

Blai tira uma mão do volante e corta com ela o ar.

– Esquece esse assunto – ordena-lhe. – Não há juiz que vá na conversa, pelo menos para já. E ainda menos com a presidente da Câmara pelo meio.

Quando chegam a Egara, Vàzquez convoca uma reunião no gabinete de Blai. Assistem a ela todos os efetivos da Unidade de Sequestros e Extorsões que estão naquele momento no departamento: Torrent, González, Cortabarría e Estellés. Blai descreve o caso sucintamente e a seguir cede a palavra a Vàzquez, que, sem deixar de ouvir o seu superior, calçou umas luvas, tirou da mochila o sobrescrito

com a mensagem do chantagista, o pousou na mesa e só tem tempo de dizer a frase da praxe («Bom, rapazes, vamos partir pedra») antes de um dos seus telemóveis voltar a vibrar. Como é seu costume, dá uma olhadela para ver quem telefona ou escreve, dessa vez pega no aparelho e levanta-se da mesa.

– Foda-se, a rainha de Sabá – avisa.

A reunião suspende-se temporariamente, enquanto Vàzquez dialoga com a presidente, ou melhor, responde às suas perguntas e tenta acalmá-la. Todos à sua volta ouvem em silêncio, tentando deduzir o conteúdo da conversa; como se quisesse evitá-lo, Vàzquez anda de um lado para o outro no gabinete, da porta para a janela e da janela para a porta.

– Está toda tremeliques – informa ao desligar o telefone, com cara de aborrecimento. – Muito pior do que quando a deixámos.

– É lógico – compreende Blai. – Assim que se fica sozinho, a cabeça começa a não dar descanso. O que te disse?

– Tontices. Mas até parece que ouviu a conversa que tivemos no carro. – Vàzquez volta a sentar-se à mesa. –

Perguntou-me se vamos pôr o seu telefone sob escuta.

Calma, eu disse-lhe para não se preocupar, que não vamos fazê-lo, que para já não é necessário… e o raio que o parta.

Para nós seria ouro sobre azul.

– Já te disse para esqueceres isso – recorda-lhe Blai. –

Neste momento um juiz não nos deixaria fazê-lo nem que estivesse louco. A menos que ela aceitasse, claro.

– Que lhe puséssemos o telefone sob escuta? – replica Vàzquez. – Nem pensar. Pois se me telefonou precisamente por isso. Com certeza que a apavora que fiquemos a par das suas manigâncias. É verdade, mais vale esquecermo-nos disso.

– Esquecido – conclui Blai, que olha em volta e lhe lembra: – Estavas a dizer a esta gente que tinha de ir partir pedra.

– O que tem de ser tem muita força – lamenta-se Vàzquez. Sempre de luvas calçadas, tira o papel do sobrescrito e mostra-o. – A pedra é esta, ou as duas pedras: o sobrescrito e o papel. González, quero que os da polícia científica os analisem ao milímetro: vestígios, impressões digitais, ADN, tudo. Além dos chantagistas, as únicas pessoas que tocaram no sobrescrito e no papel foram a presidente da Câmara e a sua secretária, de modo que esta tarde, Ricart, vais até à Câmara e recolhes as impressões digitais e o ADN de ambas. Acompanha-o tu, Cortabarría.

Averigua onde estão as câmaras de segurança da Câmara; se não há nenhuma que controle a caixa de correio, é preciso instalar uma, caso voltem a deixar alguma mensagem. E outra em casa da presidente, caso decidam mandar a mensagem para lá. Também é preciso pedir ao pessoal da Câmara todas as gravações da videovigilância relativas a sexta-feira

passada, dia em que a presidente recebeu o sobrescrito. Se for preciso, pede todas as gravações dos arredores da Câmara, as desse mesmo dia, digo, e Ricart que te ajude a visioná-las. A ver se encontram alguma coisa estranha. E primeiro e mais

importante – Vàzquez entrega a mensagem do chantagista a um polícia corpulento e um pouco desleixado, que esconde a sua cara infantil atrás de uns óculos de massa e de uma barba cerrada; é o único que ouviu em pé as comunicações dos chefes, apoiado num arquivador, e antes de pegar no papel calça também as luvas. – Os chantagistas querem que a presidente da Câmara lhes pague em moneros. Têm aí o número da conta onde ela deveria depositar os trezentos mil euros. Anota-o, Torrent, vai aos Delitos Económicos e pede-lhes que averiguem quanto antes a quem pertence essa conta. Melchor, encarrega-te de redigir a denúncia. Vê se brilhas, hã? Para que o juiz fique a saber que estás de volta. – Vàzquez dá uma cotovelada a Melchor e pisca um olho à assistência. – Caso não saibam, aqui o da Terra Alta é meio literato, não é verdade, Melchor?

– Que mais? – pergunta Blai, que não está para graças.

– Da minha parte, mais nada – responde Vàzquez.

Enquanto tira as luvas, diz: – Alguma pergunta?

– Isto tem prioridade absoluta? – pergunta um tipo louro, de olhos verdes e muito musculado, com lábio leporino: é Cortabarría. – O que quero dizer é que estamos afogados em trabalho e…

– Não me digas?! – interrompe-o Vàzquez. – Nada de prioridade absoluta. Fazem o que vos disse, e, quando estiver feito, vemos se apareceu alguma pista ou não. Se aparecer, seguimo-la; se não, esperamos que os tipos ponham novamente a cabeça de fora, a ver se nessa altura temos mais sorte. Mas, enquanto isso, nós continuamos

com a confusão que já tínhamos, porque o caso do sequestro de Santa Coloma está quentinho, quentinho. Isto não deixa de ser uma parvoíce.

– Isto não é nenhuma parvoíce, Vàzquez – emenda-o Blai com secura, dirigindo-se depois aos outros: – Estamos a falar de uma chantagem à presidente da Câmara Municipal de Barcelona, de modo que poucas graçolas. Não digo para largarem tudo o que têm entre mãos para se dedicarem a isto. Mas prestem-lhe a vossa máxima atenção, por favor. É

importante que o solucionemos quanto antes. – Blai faz uma pausa. Parece verdadeiramente irritado e acrescenta:

– Não sei se me estou a fazer entender.

Toda a gente assente, incluindo Vàzquez, que o faz de má vontade, e Blai dá a reunião por terminada («Amanhã de manhã quero resultados», avisa). Enquanto todo o grupo vai saindo do seu gabinete, Blai pede a Melchor para ficar, e senta-se à sua secretária.

– Este Vàzquez é um chato – resfolega quando ficam a sós, reclinando-se na sua cadeira e passando uma mão pelo crânio rapado. – Percebes agora porque preciso de ti aqui?

De pé diante dele, Melchor dedica-lhe um olhar inexpressivo. O antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta endireita-se um pouco na cadeira e entreabre a boca, como que disposto a iniciar uma explicação; no entanto, acaba por renunciar a ela.

– É indiferente, espanhol de um raio. – Faz o gesto de afastar uma mosca com a mão. – Não percas Vàzquez de vista e mantém-me informado. Confio em ti.

2 Os duros sevilhanos foram moedas falsas de 5 pesetas, cunhadas, de acordo com a lenda, por um nobre sevilhano. (N. da T.)

Segunda Parte

1

– Bom – diz o sargento Vàzquez na manhã seguinte, pousando os telemóveis na sua secretária e cravando os olhos em González, um trintão magro com os braços cobertos de tatuagens –, o que averiguámos sobre o assunto da presidente?

São dez horas e no gabinete do chefe da Unidade Central de Sequestros e Extorsões estão seis pessoas: além de González e do próprio Vàzquez, estão Torrent, Ricart, Roig e Cortabarría; também Melchor. Todo o turno da manhã. O espaço é um quadrilátero de paredes nuas onde reina uma arrumação obsessiva de cela monástica – não se vê um papel fora do lugar, uma esferográfica sem tampa, um lápis por afiar –, como se o seu ocupante fosse um asceta ou um fanático consagrado ao seu dogma; essa é, de facto, a reputação que nimba o sargento em Egara, onde, de resto, se sabe muito pouco sobre a sua vida pessoal. De facto, Melchor só sabe que tem dois filhos adolescentes e que, depois da crise que há dois anos e meio desfez a unidade, teve um esgotamento que o mandou de volta para Seu d'Urgell, se separou da mulher e vive só. Um sol radiante entra pela vidraça e inunda o espaço.

– Nós, nada – responde González. – A polícia científica analisou a mensagem dos chantagistas e só encontrou as impressões digitais da presidente.

– E no sobrescrito? – pergunta o sargento.

– Aí havia outras duas – intervém Ricart, apontando para o relatório que tem à frente. – Mas são da secretária e de

um contínuo.

– Nada mais – insiste Gónzalez. – Nem impressões, nem vestígios nem nada.

– Nós também não tivemos sorte – intervém Cortabarría, antes que o sargento lhe pergunte. – Não há câmaras que controlem a caixa de correio da Câmara Municipal, nem a casa da presidente, mas já pedimos que as instalem.

Também pedi as gravações de vigilância da Câmara e dos arredores relativas às horas em que devem ter deixado a mensagem, e dividi-as com Ricart.

– Aí não há nada estranho – informa o aludido.

Vàzquez respira fundo e diz o nome de Torrent, que deixa de coçar a barba com a ponta do indicador enquanto olha para um bloco de notas e ergue os olhos para o sargento.

– A Unidade de Delitos Económicos averiguou algumas coisas – anuncia.

– Ainda bem – expira Vàzquez. – Alguma coisa para trincarmos.

Torrent assente.

– O código alfanumérico da conta onde os chantagistas querem que a presidente deposite a massa está ligada a um cartão SIM com o número 696519382 em nome de um tal Farooq Hoque – afirma.

– Um paquistanês – deduz Vàzquez.

– Exatamente – diz Torrent.

– Tens a morada dele? – pergunta Vàzquez.

Torrent dá algumas indicações relativas ao bairro do Raval.

– Também averiguei o código IMEI do telefone –

acrescenta. – Compraram-no no MediaMarkt do Diagonal Mar.

– Ótimo – alegra-se Vàzquez. – Mais alguma coisa?

– Não conseguiram identificar o IP do telefone – lamenta Torrent.

– Porquê? – pergunta Vàzquez.

– Porque eles o camuflaram com uma aplicação –

responde Torrent. – Chama-se Tor. Explicaram-me como funciona. É complicado, mas se quiseres…

– Não é preciso – interrompe-o Vàzquez.

– Disseram-me que podem tentar identificá-la de novo –

continua Torrent. – Mas, para isso, os malfeitores têm de se ligar novamente à conta.

– Ou seja, se a presidente pagar, conseguimos apanhá-los.

– Se a presidente pagar e eles levantarem, podemos tentar fazê-lo – matiza Torrent. – Não tenho a certeza de que o consigamos. Pelos vistos, os tipos são muito bons.

Nada de amadores. Primeira classe. É o que diz a Unidade de Delitos Económicos.

Vàzquez fica a observar Torrent com os seus maxilares de buldogue a pulsarem em uníssono; no entanto, é evidente que deixou de ver o seu subordinado. Há um silêncio. Um dos telemóveis do sargento começa a vibrar e ele parece voltar a si.

– De acordo – diz, olhando rapidamente para o telemóvel. – Comecemos por fazer uma visita ao nosso amigo paquistanês. É a tua vez, Melchor. Vamos puxar por

esse novelo para vermos o que acontece. Os outros esperam.

Melchor assente e, com uma palmada na mesa, o sargento dá por terminada a reunião. Torrent arranca uma folha do seu bloco e entrega-a a Melchor. Tem o nome do paquistanês, o número de telefone e a morada: Joaquín Costa, 13, rés do chão; também um número de IMEI: 36

866906 620391 3.

Enquanto Melchor conduz até Barcelona, toca o telefone: é Vivales.

– Tudo sob controlo? – pergunta.

Melchor diz que sim. Falam de Cosette, que no dia anterior começou a frequentar o ATL de verão.

– Essa miúda não saiu ao pai – comenta Vivales. – No primeiro dia já fez amigas. Mas não te estou a ligar por isso. Puig e Campà podem vir jantar hoje à noite. Convém-te?

– Perfeito.

– Nesse caso combinamos às nove cá em casa – decide Vivales. – Encarrego-me de ir buscar Cosette esta tarde?

– Se puderes, agradecia-te. O mais certo é andar por Barcelona, mas…

– Não se fala mais nisso. Bom, tenho de desligar, estou quase a entrar para um julgamento.

– Não disseste que ias meter férias?

– Começo na segunda-feira. – Melchor ouve o advogado falar com outra pessoa: «Já vou, já vou.» – Combinado, às nove cá em casa.

Deixa o carro num estacionamento subterrâneo junto da Biblioteca da Catalunha, percorre a rua Hospital e vira à direita em direção à rua Joaquín Costa. O ar está impregnado de um aroma intenso a especiarias, e de ambos os lados da rua fervilha uma confusão diversificada de lojas geridas por indianos, paquistaneses, árabes e subsarianos.

Há séculos que Melchor não ia ao Raval, o antigo bairro chinês, no coração de Barcelona. Na realidade, nunca foi grande frequentador do local, nem sequer quando, quase um adolescente, distribuía droga para um cartel de colombianos e de vez em quando se deixava cair por lá para controlar os passadores que trabalhavam na zona.

Agora choca-o a sujidade, o ruído e o excesso de turistas, e pergunta a si próprio se o bairro se degradou nos últimos tempos ou se tudo aquilo o surpreende porque, depois de viver tantos anos na Terra Alta, definitivamente deixou de ser um citadino; também pensa que, durante a sua juventude desregrada de delinquente, teria desatado a rir-se se alguém lhe dissesse que um dia ia regressar àquele labirinto intrincado de ruas estreitas, vetustas e hediondas reconvertido em polícia.

O rés do chão do número 13 da rua Joaquín Costa é ocupado por uma tasca. Ao pé da porta, quase escondida atrás da caixa registadora, está uma velhota sorridente e de tez escura com um sari colorido. A mulher encoraja-o a entrar com uma espécie de reverência, mas Melchor limita-se a tirar do bolso a folha do bloco e a ler em voz alta o nome que Torrent apontou. A velhota volta-se para o interior da tasca e, numa voz ainda mais alta, grita um

nome vagamente semelhante a esse. De uma extremidade caótica do local surge uma cabeça redonda e rapada, cujo proprietário troca algumas palavras incompreensíveis com a mulher e, enquanto Melchor recebe um WhatsApp, que não lê, aproxima-se da entrada com uma expressão de surpresa. É um rapaz de pele tão escura como a da velhota, vestido com uma camisa azul, umas calças grená e umas chinelas de praia. Melchor pergunta-lhe se se chama Farooq Hoque; o rapaz diz que sim e a seguir Melchor pergunta-lhe se o seu número de telemóvel é o 696519382.

Na expressão do rapaz a surpresa é substituída pela inquietação.

– Porque quer saber? – pergunta, num castelhano impecável. – Quem é o senhor?

Melchor identifica-se e olha para a velhota, que junta as palmas das mãos, faz uma nova reverência e sorri. O polícia deduz que a velhota não percebeu uma palavra e, estendendo a mão na direção do rapaz, pede-lhe o seu telemóvel. O rapaz entrega-o sem hesitar, como se o aparelho o queimasse.

– Esse número não é meu – diz, no entanto.

Melchor verifica o número de IMEI do telefone: o rapaz não está a mentir.

– Alguém está a usar o teu nome – explica, devolvendo-o.

– Perdeste o telefone alguma vez?

Visivelmente aliviado, o rapaz diz que não. Melchor pergunta-lhe então se frequenta algum locutório e o rapaz diz que sim e refere um local situado no fim da rua.

Melchor agradece-lhe, inclina a cabeça na direção da

velhota, que continua a sorrir com uma expressão beatífica, e sai.

Ao sair da tasca, Melchor verifica que o WhatsApp que acabou de receber é de Rosa Adell. «Olá, disseram-me que estás em Barcelona», reza. «Amanhã vou aí em trabalho.

Encontramo-nos para jantar?» Melchor nem sequer se interroga como Rosa Adell terá sabido que ele está em Barcelona, porque sabe que na Terra Alta as notícias voam.

«Claro», responde Melchor. «A que horas e onde?» A resposta de Rosa chega quando já localizou o locutório. «Às 21h30 em La Dama», diz. «Na esquina da Diagonal com a Enric Granados. OK?» Melchor responde imediatamente:

«OK.»

O locutório chama-se Internet Begum e fica muito perto da Ronda de Sant Antoni. É um local estreito, comprido e sem janelas, onde se veem várias cabinas telefónicas, quatro computadores e uma fotocopiadora; só duas das cabinas estão ocupadas naquele momento; quatro pessoas estão sentadas em frente dos computadores. Diante da entrada há um balcão, atrás do qual escreve no seu telemóvel um árabe com uma barba cerrada de mujahedin, que levanta a cabeça quando Melchor se aproxima.

– Fazem cartões SIM? – pergunta Melchor.

– Claro – responde o mujahedin.

– Gostaria que me fizessem um em nome de outra pessoa.

O mujahedin deixa de escrever, pousa o telemóvel no balcão e observa com interesse o recém-chegado.

– Posso pagar mais – informa-o Melchor. – Tenho dinheiro.

– Vai custar-te o triplo de um cartão normal.

– Só o triplo? – Melchor altera o tom de voz: – Vamos lá ver, barbinhas, diz-me a quem fizeste um cartão SIM em nome de Farooq Hoque.

Tira novamente o papel que Torrent lhe deu e mostra-o ao mujahedin. Este nem sequer olha para ele.

– És polícia? – pergunta.

– O que achas?

O mujahedin volta a pegar no telemóvel e finge concentrar-se nele. Nesse momento aproxima-se do balcão uma mulher com o cabelo coberto por um véu vermelho, que acabou de sair de uma das cabinas e traz um menino pela mão. Melchor cede-lhe o lugar e, enquanto ela paga, dá um passeio pelo locutório, no fundo do qual se vê um cubículo onde trabalha, inclinado sobre um computador e uns papéis, um homenzarrão velho, albino e quase careca, que nem sequer repara nele. Quando a mulher acaba de pagar e sai, Melchor volta à entrada.

– Não te tinhas ido embora? – pespega-lhe o mujahedin.

Melchor encosta-se ao balcão.

– Posso perguntar-te uma coisa?

O outro fixa os olhos no telemóvel e não responde.

Melchor pergunta com delicadeza:

– A ti nunca te deram uns murros, pois não?

Perdendo a cor, o barbudo levanta os olhos do telefone.

Agora é Melchor quem agarra no telemóvel e o deixa num canto do balcão, depois de o ter desligado.

– Olha – prossegue, com uma voz conciliadora –, vamos fazer um acordo. Tu dizes-me a quem fizeste este cartão SIM e eu não te fecho o negócio, nem te meto na choldra. O

que achas?

O mujahedin ainda não decidiu que resposta dar quando Melchor ouve atrás de si uma voz com sotaque francês.

– Algum problema, Tammam?

Melchor volta-se e reconhece imediatamente o homenzarrão albino e quase careca do escritório, e, passado um segundo, com um sobressalto de alegria, sob as suas feições avantajadas reconhece também Gilles, conhecido como «o Guille» ou «o Francês», o empresário de sucesso transformado em bibliotecário da cadeia de Quatre Camins que há mais de quinze anos, quando Melchor entrou nesse centro penitenciário onde o outro já cumpria pena há uns anos por ter assassinado à martelada a mulher e o amante dela, fez dele, sem querer, um leitor empedernido de romances e lhe transformou a vida para sempre.

– Oh, la, la! – exclama o Francês. – Não posso acreditar!

Quem temos aqui?

– Cuidado, senhor Feraud – avisa-o o mujahedin. – É um chui.

Os olhos sem sobrancelhas do Francês estreitam-se até se tornarem duas ranhuras.

– Um quê? – pergunta, incrédulo.

O mujahedin repete o que acabou de dizer e o Francês, sem afastar os olhos do seu antigo companheiro de prisão,

solta uma gargalhada estrondosa, que revela os seus dentes de esqualo.

– Lembras-te de mim? – pergunta.

Melchor assente e os dois homens observam-se ainda por segundos perante a perplexidade do mujahedin. O

Francês veste uma T-shirt branca e folgada, que disfarça a sua barriga de buda, mas não os seus braços flácidos, leitosos, descomunais; veste também umas calças de fato de treino e umas sandálias de corda, e, a avaliar pelos seus olhos avermelhados, parece cansado. Deve ter setenta e muitos anos e a passagem do tempo enrugou-lhe um pouco a cara, mas não lhe encolheu o corpo.

– Anda, vem, flic – diz, dando o braço a Melchor. –

Convido-te para um café.

Dirigem-se para a outra extremidade do locutório e, assim que entram no cubículo, o Francês dedica-se a preparar dois cafés numa máquina Nespresso, tagarelando alegremente no seu espanhol castiço, mas endurecido pelos erres guturais franceses. O cubículo é o seu escritório, um espaço heterogéneo por onde o velho presidiário se movimenta como um urso inteligente, sem tropeçar em nada; está separado do resto do local por um vidro fosco, mal iluminado por um candeeiro de mesa de braço flexível e mobilado com uma mesa a abarrotar de papéis, um cadeirão de cabedal vetusto e gretado, duas cadeiras de madeira e um computador portátil cujo ecrã mostra uma página Excel. Em cima da mesa, junto do teclado do computador e de dois cadernos abertos em folhas repletas

de números garatujados à mão, estão uns óculos de leitura e um pedaço de papel de alumínio cheio de migalhas.

– Estava a fazer umas contas – diz o Francês, talvez a desculpar-se pela desordem. – Despedi o contabilista, era um inútil. Estou à procura de outro, de modo que trabalho mais horas do que um relógio. Acredita, rapaz: um negócio que não dê para nos levantarmos às onze da manhã não é negócio.

Indica uma cadeira a Melchor, dá-lhe um café num copo de plástico, prepara outro para si e, já com ele na mão, deixa-se cair no cadeirão, que geme sob as muitas dezenas de quilos como se fosse desfazer-se. Durante alguns minutos, os dois antigos presidiários põem-se a par das suas respetivas vidas. Melchor é sucinto e só parcialmente verdadeiro: diz que vive há anos na Terra Alta e que está em Barcelona de passagem; mas, quando o Francês lhe pergunta como e porque se tornou polícia, ele encolhe os ombros e não diz a verdade: que decidiu tornar-se polícia para descobrir os assassinos da sua mãe e que tomou essa decisão por ter lido Os Miseráveis enquanto ambos cumpriam pena em Quatre Camins; também não diz ao antigo bibliotecário que esse romance se transformou no seu livro de cabeceira vital que fez dele outra pessoa, e que o Francês foi o responsável por ele o ter lido.

Repentinamente curioso, o Francês pergunta:

– Não estarás casado?

Melchor nega com a cabeça.

– Muito bem – felicita-o o outro, cuja fadiga parece ter-se dissolvido na alegria do reencontro. – E se cometeres o erro

de te casares, pelo menos não cometas o de te divorciares.

– Fui casado, mas a minha mulher morreu – sente-se obrigado a revelar.

– Ah, tenho muita pena.

– Tenho uma filha. Chama-se Cosette.

– Como a filha de Jean Valjean?

– Exatamente.

– Porquê?

Melchor volta a encolher os ombros.

– A minha mulher gostava d’Os Miseráveis – limita-se a dizer.

Refastelado naquele cadeirão a transbordar da sua imensa humanidade, o Francês abana a cabeça com uma mistura de surpresa e de complacência, e Melchor sente por momentos que não é fácil associar aquele velho cordial com o presidiário rabugento, lacónico e intimidante que conheceu em Quatre Camins, embora ambos partilhem o mesmo ar desconjuntado de cachalote. Por outro lado, o Francês conta que saiu em liberdade há sete anos e que, depois de passar uma longa temporada em Toulon, sua cidade natal, a tentar fazer pela vida e a reconciliar-se com o seu país (sem grande sucesso em ambas as coisas), regressou a Barcelona. Aqui trabalhou em diversos sítios, incluindo naquele locutório, até conseguir comprá-lo ao dono; agora tem três, o segundo também no Raval e o terceiro em Poble Sec, além de uma loja de lembranças para turistas e guloseimas para crianças.

– Estou a reerguer o meu império – conclui com um orgulho sem ironia. – O problema é que me divorciei há

quase um ano e a minha mulher chupa-me o sangue. Ouve o que te digo, Melchor, não voltes a casar-te.

O Francês fala a seguir da sua vida sentimental, ao que parece intensa e variada – não foi a mulher quem se divorciou dele, mas ele quem se divorciou dela, para ir viver com outra trinta anos mais nova e de quem se separou rapidamente –, e depois regressa aos seus negócios. Ainda não esgotou o assunto quando se levanta para preparar mais café. Melchor

declina o que ele lhe oferece, mas aproveita a pausa para lhe perguntar, com grande naturalidade, se no seu locutório se falsificam cartões SIM.

– Claro – responde o antigo presidiário, com a mesma naturalidade. Sem derramar uma gota de café, volta a esparramar-se no cadeirão, que quase se eclipsa atrás da sua massa corporal. – Faço-os eu próprio, nestas coisas não confio em ninguém. Por cada cartão falso cobro o triplo de um normal.

– Já mo disse o tipo da entrada.

– É um bom negócio, sabes? – De repente, o Francês fica com a palavra na boca. Depois sorri vagamente. – Ah, é verdade, és chui.

Sem deixar de sorrir, bebe o café de um gole e pousa o copo na mesa, sobre o papel de alumínio engelhado e sujo.

Quando volta a falar, tinha trocado o sorriso por uma expressão velhaca.

– Ouve, Melchor – diz, mostrando-lhe as palmas das mãos. – Não me vais lixar por causa desse assunto, ou vais?

Não farás isso a um amigo?

Como resposta, Melchor tira novamente o papel de Torrent e entrega-lho.

– Claro que não – tenta tranquilizá-lo. – Só quero que me digas a quem fizeste um cartão SIM com este nome.

O Francês pega nos óculos de leitura, põe-nos, lê o papel. Feito isto, pousa novamente os óculos na mesa, devolve o papel a Melchor e refastela-se no seu cadeirão, suspirando. Depois dá uma rápida vista de olhos ao locutório através do vidro sujo ou embaciado e acaba por perguntar a Melchor com uma curiosidade genuína:

– A sério que estás a pedir-me que me torne um bufo?

– Só te estou a pedir que me dês um nome.

– Não me fodas a cabeça, rapaz! – diz o Francês, e Melchor reconhece o tom exato das primeiras palavras que ouviu o velho pronunciar em Quatre Camins, na noite em que, com Melchor acabado de chegar à cadeia, impediu com rudeza que dois reclusos se metessem com Melchor:

«Julián, Manolito, se não se calam de uma vez, corto-vos os tomates.» – Estás a pedir-me que me transforme num bufo

– insiste o Francês. – Depois de ter passado doze anos na cadeia… Quantos anos passaste tu? Dois? Dois e meio?

– Um pouco mais de um e meio.

– Um pouco mais de um e meio – resmunga o Francês, e, mais perplexo do que irritado, acrescenta como se falasse consigo próprio ou com alguém que não está ali: – Doze anos a manter a compostura naquele buraco asqueroso para me aparecer agora este maçarico a pedir-me que baixe as calças… Merde, alors!

Melchor admite no seu íntimo que o Francês tem razão, que violou uma regra tácita de solidariedade entre reclusos, que ofendeu sem querer o seu anfitrião. Mas não lhe pede desculpa e os dois homens permanecem alguns segundos em silêncio, como dois velhos amigos que não precisam de falar para se sentirem bem juntos. Decorrido esse lapso de tempo, Melchor põe-se de pé.

– Bom, tenho de me ir embora – anuncia. – Obrigado pelo café.

Antes de abrir a porta do escritório ouve atrás de si:

– Sabes porque não te vou dizer o nome da pessoa para quem fiz esse cartão?

Melchor vira-se.

– Já me disseste – responde. – Porque não és um bufo.

O Francês olha para ele como se Melchor tivesse tentado desculpar-se.

– Além disso – diz.

Melchor não sabe o que responder.

– Porque se te dou esse nome isso vai espalhar-se –

responde o Francês. – E, se se espalha, adeus negócio.

Melchor assente, embora tenha a certeza de que o seu amigo ainda não acabou.

– Além disso – acrescenta de facto o Francês –, essa pessoa não fez nada de mal.

– Tens a certeza?

– Absoluta. Conheço-a do bairro.

– E as pessoas deste bairro não fazem coisas más?

– Ela não. Já te disse que a conheço. Acredita em mim.

Tu sabes disto tão bem como eu: a única coisa boa da

cadeia é que nos ensina a distinguir os filhos da puta a sério daqueles que só parecem filhos da puta. E, apesar de haver muitos mais filhos da puta cá fora do que na cadeia, essa pessoa não é uma filha da puta.

O argumento, partindo do princípio de que o é, não convence Melchor, que, no entanto, volta a assentir. «É

uma mulher», pensa. Aparentemente satisfeito, o Francês levanta-se do seu cadeirão com um ranger combinado de articulações, de cabedal e de madeira.

– Anda – diz. – Acompanho-te à porta.

Ao passarem diante do balcão, o mujahedin, que está a atender um deficiente apoiado em duas muletas, olha para eles de esguelha. Melchor sai para o sol candente das duas da tarde e o Francês permanece no umbral do locutório, com a porta entreaberta.

– Volta quando quiseres – diz-lhe o antigo presidiário. –

Agora já sabes onde me encontrar. – De repente parece hesitar, acaba por ir até à rua, fecha a porta atrás de si, e, num tom de voz confidencial, admite: – Tenho uma curiosidade, não me respondas se não quiseres. – Melchor encoraja-o a continuar. – Encontraram os filhos da puta que mataram a tua mãe?

A pergunta apanha-o desprevenido, e, tentando dominar o que sente, o polícia recorda que a única vez que o velho o visitou na sua cela de Quatre Camins foi em consequência do assassinato da mãe; também recorda as únicas duas frases que disse: «Agora és um homem, rapaz. Bem-vindo ao clube.»

– Porque perguntas? – quer saber Melchor.

– Encontraram-nos ou não?

– Não os encontraram.

– E procuraste-os?

Melchor demora dois segundos a responder.

– Não – mente.

Mas percebe que o Francês não acredita.

Enquanto almoça sozinho num restaurante barato da rua Pintor Fortuny, diante de um televisor ligado, Melchor pensa que está há dois dias em Barcelona e que é a segunda vez que alguém ou alguma coisa lhe recorda o assassinato da mãe. Também pensa em Javert, o polícia inflexível que

persegue inflexivelmente Jean Valjean ao longo d’Os Miseráveis, e no Javert que nasceu no seu íntimo quando, devido ao Francês, leu Os Miseráveis. Pensa que a dada altura deu como liquidado esse Javert íntimo, mas a verdade é que este regressa incansavelmente, furioso, indestrutível e obsessivo, tão justiceiro como no dia em que o gerou, como um alcoólico com uma recaída. E

pensa que, embora o assassinato da mãe seja um caso encerrado para toda a gente (incluindo para ele próprio, que desistiu de o solucionar há anos), para o Javert que tem no interior não o é, e, por isso, o acaso ou a necessidade reabre-o cada vez que regressa a Barcelona, com toda a sua carga tóxica de culpa, pus, angústia e fetidez.

Distrai-o deste pensamento funesto a imagem da presidente da Câmara na televisão. O ecrã mostra-a num estacionamento ao ar livre, assediada por um bosque impaciente de microfones. Fala, mas devido ao ruído que

reina no restaurante, a voz dela é inaudível. Sorri, mas aquele sorriso parece-se muito pouco com aqueles que no dia anterior, na Câmara Municipal, exibiu a Blai, a Vàzquez e a ele: é um sorriso sem sombra, aprumado e radiante, o sorriso de uma sedutora profissional, de quem na véspera só tiveram um vislumbre, quando ela era sobretudo um feixe de nervos. Nessa altura, como que iluminado por uma centelha de lucidez, Melchor diz para consigo que a presidente não é uma política, é uma atriz. Mas uma atriz especial. Ainda não conseguiu definir que tipo de atriz é quando a sua imagem desaparece do ecrã, substituída pela de uma locutora do noticiário.

Melchor bebe dois cafés, paga a conta e dirige-se para o MediaMarkt do Diagonal Mar. Aí, na secção de telemóveis, situada no primeiro andar, consegue saber o nome e a morada da pessoa que comprou o telefone associado ao código IMEI que Torrent lhe deu.

– Compraram-no há três semanas – diz-lhe o chefe de secção, entregando-lhe o comprovativo da venda. – O

telefone era da empresa do senhor. E a morada também.

O homem dá-lhe a possibilidade de ver a gravação feita pelas câmaras de seguranças do dia em que o telemóvel foi comprado, para tentar identificar o comprador. Mas, depois de avaliar a oferta, o polícia decide que rever a gravação completa pode levar horas e que, enquanto isso, consegue encontrar o proprietário do telefone no seu local de trabalho.

– Poderiam ser vocês a fazê-lo? – pergunta ao encarregado.

– Se não houver outro remédio… – resigna-se o homem.

– Façam-no, por favor. – Arranca um pedaço de papel onde escreveu o número do seu telemóvel e entrega-o ao chefe de secção. – E, quando o descobrirem, enviem-me um WhatsApp ou telefonem-me para esse número.

No número 6 da rua Casp, sede da Rádio Barcelona, Melchor pergunta por Guillem Jarque ao segurança que está à entrada. O vigilante pede-lhe uma identificação e pergunta-lhe se tem hora marcada com aquela pessoa: Melchor responde que não e mostra o seu distintivo. O

porteiro dá uma vista de olhos ao documento e outra a Melchor. Depois fala por um telefone fixo.

– Espere aí um momento, por favor – diz ao desligar, apontando para o vestíbulo. – Ele já sobe.

Dez minutos depois, já cansado de esperar, Melchor pergunta ao segurança se há algum problema, e o segurança pede-lhe que se dirija aos estúdios e pergunte por Jarque. Seguindo esse conselho, Melchor atravessa um torniquete metálico, desce umas escadas, abre uma porta e quase choca com um rapaz de vinte e poucos anos, moreno, escanzelado, com óculos de massa e barba de dois dias; veste uma T-shirt dos ZZ Top e prepara-se para sair.

– Perdão – desculpa-se o tipo: está ofegante como se tivesse chegado a correr. – És tu o polícia que estava à minha procura?

Melchor diz que sim.

– Entra, entra – encoraja-o o tipo. – Desculpa ter-te feito esperar. É que fiquei sozinho e não podia sair. Queres beber

alguma coisa? Só temos água, mas…

Melchor recusa o convite.

– Só quero fazer-lhe algumas perguntas – acrescenta sem prescindir do você, mesmo que o seu interlocutor seja mais novo do que ele.

– Claro, claro – assente o tipo, dominando pouco a pouco a respiração. Fala muito depressa, gesticula, pestaneja, a cabeça e as feições parecem viver em permanente agitação. – Força, pergunta o que quiseres. Não te acanhes.

Estás a trabalhar num caso? Posso perguntar-te de que trata? Não, claro que não. Desculpa. É que sou jornalista e o meu trabalho consiste em perguntar.

– O meu também – diz Melchor.

O tipo ri-se por obrigação.

– Sim, sim, claro, que tontice. Desculpa-me outra vez. É

que… Bom, comecei a trabalhar aqui há três semanas, estou em estágio, tu sabes como são estas coisas. E agora apareces tu, um chui e… Enfim, já to disse, pergunta o que quiseres.

Melchor pergunta-lhe se há três semanas comprou um telemóvel no MediaMarkt do Diagonal Mar. O jornalista olha para ele como se o polícia tivesse acabado de acertar na chave do Totoloto.

– Foda-se, pá, como é que sabes? Era um telemóvel ótimo, comprei-o porque o que tinha era uma merda e pensei que, já que ia trabalhar numa boa rádio, tinha de comprar um bom telemóvel. De modo que…

– Onde o tem?

– O quê?

– Onde tem o telemóvel?

– Perdi-o. Ou roubaram-mo.

– Perdeu-o ou roubaram-no?

– Perdi-o.

– Participou a perda?

– Claro. E dei baixa do telefone.

– Onde participou a perda?

– Na esquadra de Sarrià-Sant Gervasi, aquela que fica em Iradier. Perdi o telefone na estação de metro do Putxet.

Queres que te conte como o perdi? – Melchor assente. – Já vais ver. Foi uns dois dias depois de começar a trabalhar aqui. A verdade é que eu andava encantado com o meu novo telemóvel, e, enquanto esperava pelo metro, sentei-me num banco e pus-me a enviar mensagens e a ler os jornais. Até que, de repente, não sei porquê, pousei o telemóvel ao meu lado, no banco, devo ter-me lembrado de algo ou coisa assim. Não sei. O facto é que o metro chegou e o telefone ficou ali. Assim que o comboio arrancou apercebi-me do que tinha acontecido e praguejei contra a minha mãe e contra toda a parentela. De modo que saí na estação seguinte e voltei a correr; mas, claro, quando cheguei o telemóvel já não estava lá. Alguém deve tê-lo levado, já te disse que era novo, uma bomba de última geração, é normal que o primeiro que o encontrou tivesse ficado com ele, não iam devolvê-lo na esquadra mais próxima, neste país somos assim… Que tristeza, não achas?

Eu perco muitas coisas, se houvesse umas Olimpíadas de Cabeças no Ar eu seria um candidato garantido a uma medalha.

– Obrigado.

– É tudo?

Melchor diz que sim e estende-lhe a mão.

– Ora, julguei que me ias perguntar mais coisas –

reconhece o tipo, apertando-a. – Podes perguntar-me tudo o que quiseres, hã? Agora tenho algum tempo livre e eu adoro ajudar as pessoas. Espero que o que te contei tenha sido útil, mas não sei, eu sou muito bom a fazer perguntas, mas muito mau a dar respostas, isso acontece amiúde aos jornalistas, suponho que por isso somos jornalistas, não achas? De certeza que não podes dizer-me o que estás a investigar?

Assim que sai para a rua Casp, Melchor telefona a Blai, que não atende; depois telefona para Vàzquez, mas dá impedido. Ainda não tinha chegado ao carro quando o sargento lhe devolve a chamada.

– Tudo bem? – pergunta Melchor.

– Tudo muito mal – responde Vàzquez. – O sequestro da mulher do ladrão de Santa Coloma está a complicar-se. Os romenos estão a ficar nervosos.

– Queres que vos ajude?

– Não. Concentra-te no caso da presidente, que não para de me telefonar. Que melga, santo Deus! Alguma novidade por aí?

Melchor conta-lhe o que Guillem Jarque acabou de dizer-lhe e pergunta-lhe qual é a maneira mais rápida e simples de visionar as gravações das câmaras de vigilância da estação de metro do Putxet, para tentar identificar a pessoa que roubou o telemóvel do jornalista.

– Sabemos o dia e a hora em que o tipo perdeu o telefone? – pergunta Vàzquez.

– Deve estar na participação que apresentou na esquadra de Sarrià-Sant Gervasi – conjetura Melchor.

– Nesse caso, o melhor é ires lá tu próprio e visionares as imagens – propõe Vàzquez. – Envia-me um WhatsApp com o nome do tipo e telefono agora mesmo para a esquadra para que tenham as imagens à mão. Se não te disser nada é porque não há problemas.

– Ótimo – diz Melchor.

– Averiguaste alguma coisa sobre o cartão SIM?

– O paquistanês do Raval não tinha nada a ver com o assunto – responde Melchor. – Fizeram um cartão em nome dele num locutório do bairro.

– E foste ao locutório?

– Claro. Tentei sondar o encarregado assustando-o, mas sem sucesso.

– Não me admira – lamenta-se Vàzquez. – Dadas as circunstâncias, os cabrões dos proprietários escolhem tipos cada vez mais duros como encarregados.

– Foi o que me pareceu – volta a mentir Melchor, recordando o mujahedin. – Um tipo duro.

Estaciona num dos espaços reservados aos carros-patrulha, à porta da esquadra, e, depois de se identificar à entrada, pergunta ao agente de serviço se já estão disponíveis umas imagens pedidas pelo sargento Vàzquez, de Egara. O agente olha para ele sem perceber, garante-lhe que não sabe de nada e pede-lhe um momento. O momento

prolonga-se por vários minutos – com várias chamadas pelos telefones internos –, passados os quais o agente avisa Melchor de que as imagens estarão prontas dentro de alguns minutos, e convida-o a esperar lá dentro. Melchor responde que prefere ficar no vestíbulo.

Senta-se numa cadeira e, mais uma vez, espera.

Enquanto subia da rua Casp até ali – a esquadra de Iradier fica muito perto da Ronda de Dalt, entre a praça de Sarrià e a de Bonanova –, Blai devolveu-lhe a chamada e ele informou-o sobre os desenvolvimentos da investigação.

Também teve tempo de falar com Cosette, que lhe contou em pormenor o seu segundo dia no ATL; por outro lado, ele disse à filha que nessa noite jantavam com Puig e com Campà, os amigos de Vivales, e que chegaria a casa por volta das nove. Agora, enquanto espera, o polícia despacha os WhatsApp. Um dirigido a Vivales, a quem se esqueceu de perguntar ao telefone se precisava que comprasse víveres para o jantar. «Não é preciso nada», responde-lhe Vivales imediatamente. «Tudo sob controlo.» O segundo WhatsApp é a resposta a outro em que o encarregado da secção de telemóveis do MediaMarkt o informa que já localizou, nas gravações das câmaras de segurança, o comprador do telemóvel que lhe interessa. «Muito obrigado pela informação», é a sua resposta. «Já não é preciso.»

Já passa das sete quando um agente fardado o informa de que as imagens estão prontas. Melchor segue-o por um corredor, sobem por um elevador até ao segundo andar, voltam a percorrer outro corredor e entram num gabinete onde o espera um caporal também fardado que

cumprimenta Melchor e o convida a sentar-se diante de um computador em cujo ecrã se vê a imagem congelada de uma estação de metro, numa esquina do qual sobressai um relógio digital que indica uma hora: 7:40. Melchor explica ao caporal do que está à procura e o caporal mostra-lhe como acelerar, ver au ralenti, retroceder e parar as imagens.

– Na participação diz que perderam o telefone por volta das oito – comenta o caporal, com o rato do computador na mão. – Aí tens as imagens desde as sete e quarenta até às oito e quarenta. Uma hora completa de gravação. Se precisares de mim, chama-me. Estou no gabinete do lado.

Melchor agradece-lhe e, assim que fica só, põe mãos à obra. A qualidade das imagens é fraca mas suficiente para, pelo menos, reconhecer as pessoas que pululam nelas.

Examina-as atentamente e embora julgue reconhecer o jornalista umas duas vezes entre a multidão que entra e sai das carruagens, só o identifica com certeza às 8:12. A essa hora, justamente quando o metro acaba de absorver todos os passageiros que esperam no cais e está prestes a partir novamente, um homem com uma bolsa a tiracolo irrompe no plano a toda a pressa e chega a dar uma palmada de raiva na porta da carruagem que se fecha diante dele, mas Melchor só percebe que é o jornalista quando, depois de recuperar o fôlego com as mãos apoiadas nos joelhos, este se senta num banco de pedra que sobressai da parede do cais acabado de esvaziar, tira um telemóvel e se põe a ler.

Não está muito longe da câmara, de modo que o vê bastante bem. Pouco a pouco, começam a afluir

passageiros à estação, homens e mulheres sozinhos, casais ou grupos que, inicialmente, se situam longe do jornalista, em pé ou sentados. A dada altura, o jornalista pousa o telemóvel no banco, tira uma agenda do bolso, ou o que Melchor julga ser uma agenda, e põe-se a revê-la. Uma velhota senta-se pouco depois junto dele, no lado contrário àquele onde o telemóvel está pousado; mais tarde, duas crianças acompanhadas pelo pai sentam-se junto da velhota e a seguir aparecem vários adolescentes com uniforme e gravata, que permanecem de pé junto do jornalista e tapam a vista do telemóvel. Melchor tenta ver-lhes as caras, mas estão todos de costas para a câmara e não consegue. Mais pessoas chegam à estação, até que, quando esta já fervilha de pessoas, surge num dos cantos do plano a locomotiva do metro seguida pelo restante comboio. Nesse instante, o jornalista

levanta-se

e,

rodeado

pelos

restantes

passageiros, entra na carruagem. Melchor repara no banco de pedra: o telemóvel desapareceu. Compreende então que o jornalista está enganado e que o telemóvel não ficou no banco, pronto para que alguém o levasse. O jornalista não perdeu o telemóvel; alguém o roubou.

A pergunta é quem.

Rebobinando, Melchor congela o momento em que o jornalista pousa o telemóvel ao seu lado. Torna a ver a velhota e as duas crianças com o pai; não podem ter sido eles, porque não estão sentados ao lado do telefone, mas do jornalista. Volta a ver o grupo de estudantes.

Imediatamente alguns pormenores nos quais não reparou de início lhe chamam a atenção: o primeiro é que não vêm

da rua, mas da outra ponta do cais; o segundo é que rodeiam o jornalista pelo lado em que este deixou o telemóvel e que o fazem sem que o jornalista se aperceba disso, nem ele, nem ninguém à sua volta, recorrendo a um movimento envolvente que, por um segundo, Melchor julga ser ensaiado. Continua sem conseguir ver-lhes as caras ou só consegue vê-las de forma tão desfocada e parcial que lhe é impossível identificá-las, mas tem a certeza de que foram eles. Volta a rebobinar, volta a ver, imobilizando a imagem várias vezes, nos poucos minutos que lhe interessam. Tudo em vão.

Dirige-se ao gabinete do lado, bate à porta entreaberta, e o caporal, que está a escrever no seu computador, indica-lhe com um gesto que entre.

– Posso pedir-te um último favor? – O caporal assente. –

Quero que vejas uma coisa.

Regressam ao gabinete e Melchor explica-lhe o que procura e mostra-lhe as imagens pertinentes. O caporal, um homem de uns cinquenta anos, alto, forte e com o cabelo todo branco, examina-as duas vezes.

– Típico – conclui quando se dá por vencido, também ele incapaz de identificar os estudantes. – O grupo de fedelhos levou o telemóvel. Depois rifam-no ou vendem-no e dividem o dinheiro. Fazem-no na perfeição, parece uma coreografia, está na moda. A única coisa estranha é ter chegado a estes bairros, até agora isso passava-se em Hospitalet, Santa Coloma e sítios desse género… Enfim, companheiro, esquece o assunto: acertaste em pedra.

Quando chega a casa de Vivales já passa das dez. O

advogado e o seu grande amigo Chicho Campà esperam por ele sentados no terraço, com a mesa posta; estão ambos com um avental branco à cintura e com um copo de vinho na mão. Melchor desculpa-se pelo atraso.

– Não te preocupes, rapaz – tranquiliza-o Campà, dando-lhe um aperto de mão e uma palmada efusiva no ombro. –

Não há pressa nenhuma.

Melchor pergunta por Cosette e Vivales responde que jantou às nove e que, como estava a cair de sono, foi para a cama esperar por ele.

– Mas se calhar ainda a apanhas acordada – acrescenta.

– Manel estava a ler-lhe.

Melchor entra no quarto que partilha com Cosette e vê a filha na cama, adormecida e levemente iluminada pelo candeeiro da mesa de cabeceira. Junto dela, sentado num cadeirão de vime, com o fato enxovalhado e o nó da gravata lasso, está Puig, também adormecido e com um exemplar de Miguel Strogoff aberto sobre as pernas. Melchor põe a dobra do lençol sob o queixo de Cosette, entala o lençol sob os pés dela e depois abana Puig suavemente.

– O quê! O que se passa? O que se passa? – O outro amigo de Vivales dá um salto e arregala os olhos. – Onde está a menina?

– Calma. – Melchor agarra-o por um braço. – Sou eu.

Cosette está a dormir.

Ainda ofegante, Puig parece acalmar-se, Melchor apaga o candeeiro da mesa de cabeceira e os dois homens saem do quarto.

– Porra, que susto me pregaste – diz Puig.

– Adormeceu depressa?

– A menina? – Agora percorrem o longo corredor até à outra ponta da casa. – Imediatamente e como um anjinho.

Pediu-me que lhe lesse um pouco, mas na verdade o que queria era falar de ti. Sabes o que me disse?

– O quê?

– Que tu és como Miguel Strogoff, porque os malfeitores vos perseguem a ambos. O que achas? – Melchor não diz nada. – Também me perguntou se eu achava que os malfeitores te iam apanhar.

– Disse-te isso?

– Palavra por palavra.

– E o que respondeste?

– O que havia de responder?

– Não comeces a dar cabo da cabeça de Melchor com as tuas cantilenas, Manel – exige-lhe Vivales quando entram na cozinha, onde ele e Campà acabam de fazer o jantar. –

Que aqui se veio comer e beber e não chatear o pessoal.

– Só lhe estava a falar de Cosette – desculpa-se Puig. –

Bolas, que perguntas faz aquela miúda.

– As perguntas das crianças são as únicas que têm interesse – comenta Campà, mexendo um molho de castanhas numa frigideira. – Tudo o resto é verborreia. Por que razão as maçãs caem das árvores para baixo e não para cima? É a pergunta de uma criança, não é? Então podes ver o partido que Newton tirou disso. Bom, está pronto.

– Todos para a mesa! – celebra Vivales. – Que hoje Chicho se esmerou. Digo-vos eu, que como ajudante de cozinha não tenho rival.

Com efeito, Campà passou a tarde na cozinha de Vivales a preparar o jantar, parte do qual espera agora por eles na mesa do terraço: três tipos de saladas – uma de frutos secos e queijo, outra de tomates de La Pera, anchovas de L'Escala e abacate, e outra de endívias au roquefort –, creme de abóbora, tâmaras com bacon, caracóis a la llauna e canelones de trufa. Não é a primeira vez que organizam um banquete como aquele desde que Melchor conheceu Puig e Campà, num amanhecer distante durante o qual, depois de passar a noite numa suíte do hotel Arts a conversar

com

o

magnata

mexicano

que

tinha

encomendado o assassinato dos Adell (juntando assim os últimos ou penúltimos fios soltos do caso), foi buscar Cosette àquele mesmo apartamento para a levar de volta a casa e deparou com os dois velhos camaradas de Vivales a montarem guarda para proteger a sua filha, que, depois do assassinato de Olga, Melchor tinha querido manter afastada dos

perigos da Terra Alta (ou da sua própria paranoia). Puig está divorciado, tem dois filhos já grandes e é um dos três sócios de um reputado atelier de arquitetura, Pere Chimal Arquitetos; além disso, dá aulas como professor associado na Universidade de Lérida e na Politécnica, o que o obriga a deslocações constantes que provocam o sarcasmo periódico de Vivales, que sabe que a universidade lhe paga pouquíssimo e não percebe ou diz não perceber porque trabalha de graça. Quanto a Campà, é

catedrático de Ciências Políticas na Universidade Autónoma de Barcelona, solteirão empedernido e homossexual secreto: nem ele lhes confessou alguma vez as suas inclinações sexuais, nem os amigos se mostraram alguma vez cientes delas. De resto, Puig e Campà são, física e metafisicamente, tão opostos como o dia e a noite, ou, pelo menos, parecem-no: Campà usa óculos de míope, é alto, descuidado e quase tão corpulento como Vivales – o que lhes valeu no serviço militar o modesto privilégio de serem designados para a escuadra de gastadores, ou seja, aqueles que abrem as marchas militares –, e exerce um ceticismo militante e irónico, enquanto Puig é baixinho, irrequieto, macilento, mais bem arranjado e facilmente inflamável. Vivales é de opinião de que nestas diferenças aparatosas reside o segredo da amizade férrea que os une.

Quando acabam o primeiro prato, Campà volta a pôr o avental e enquanto os outros preparam a mesa para o segundo, acaba de cozinhar o seu prato forte: o lombo com molho de castanhas. Os três já se habituaram a ver Melchor acompanhar as refeições com Coca-Cola (as primeiras vezes que o viram fazê-lo, os amigos de Vivales deram-lhe os pêsames), mas eles acompanham a carne com duas garrafas de Torres Gran Coronas Reserva. Depois preparam café e levam para o terraço uma cafeteira cheia e um jogo de chávenas; Vivales pousa também na mesa uma caixa de Montecristo n.º 4, uma garrafa de Jameson Black Barrel, três grossos copos de whisky e um balde de gelo.

Enquanto serve o whisky, o advogado revela aos seus dois amigos a verdadeira finalidade daquele banquete: Melchor

está interessado em falar da presidente da Câmara Municipal.

– Da nossa? – Procurando os olhos do jovem polícia por entre as densas baforadas de fumo, Campà afasta dos lábios o cachimbo acabado de acender. – Da presidente da Câmara de Barcelona?

– De qual querias? – pergunta Vivales, depois de saborear o primeiro gole de whisky e de estalar a sua língua satisfeita contra o palato; dirigindo-se a Melchor, acrescenta: – Os dois sabem muito acerca dela, sobretudo Manel; o seu atelier trabalha frequentemente para a Câmara.

– Nós sabemos muito acerca de tudo – ri-se Puig, acabando o café. – Sobretudo a partir do quarto copo.

Melchor não contou ao advogado de que trata o caso que o trouxe a Barcelona, mas mencionou que tem relação com a Câmara Municipal em geral e com a sua presidente, em particular. E embora esperasse que a dada altura ele trouxesse o assunto à baila, também esperava que o fizesse de forma mais sinuosa ou menos direta. Comeu de mais e sente-se pesado, um pouco incomodado fisicamente, mas a noite está fresca e, no terraço de Vivales, acompanhado pelos amigos dele e rodeado de prédios altos e de terraços repletos de rumores de risos, de música e de conversas, é tudo muito agradável; de facto, é como se não estivesse no centro de uma grande cidade, mas na praça de uma povoação de veraneio. Campà pergunta a Melchor o que lhe interessa saber sobre a presidente.

– Interessa-me saber que tipo de pessoa é – responde Melchor.

– Eu não sei que tipo de pessoa é – apressa-se a explicar Puig. – Mas sim que tipo de política.

– As duas coisas diferem? – pergunta Vivales.

– Tens razão – responde Puig. – Eu só estive uma vez com ela e sabes a primeira coisa que fez ao cumprimentar-me?

– O quê? – pergunta Campà, com o cachimbo a funcionar em pleno, o que faz com que a partir de então praticamente só o tire da boca para falar.

– Olhar-me para o pacote – responde Puig.

– Deve ter levado uma deceção enorme – afirma Vivales.

– Tens a certeza de que não tinhas a braguilha aberta? –

volta a perguntar Campà.

– Esta tarde, enquanto almoçava, vi-a na televisão –

interrompe Melchor.

– Aposto que foi na dela – assevera Puig. – Na televisão municipal, quero dizer. Passa o dia a passear o rabo por lá.

Anteriormente, em Barcelona, tínhamos uma televisão pública manipulada. Agora temos uma televisão pública transformada em instrumento de propaganda da presidente e da sua camarilha. Embora talvez não a tenhas visto na televisão municipal mas na 12TV. É a televisão do seu ex-marido: outro órgão de propaganda ao seu serviço.

– Não sei em que televisão era – reconhece Melchor. –

Mas pareceu-me uma atriz.

– Acertaste na mouche à primeira – felicita-o Campà.

– A mim todos os políticos me parecem atores – afirma Vivales.

– E são – diz Campà, pousando na mesa o copo de whisky a meio. – Mas nem todos são tão bons como ela.

Essa mulher é um camaleão. Se fala numa rádio de direita, parece ser de direita; se fala numa rádio de esquerda, parece ser de esquerda; e, se fala numa rádio que não é carne nem é peixe, é também assim que parece ser. É isso a nossa presidente: uma série de máscaras. A pergunta é o que existe por detrás de todas essas máscaras. E a resposta é nada: as máscaras que escondem a sua cara são a sua verdadeira cara. Aquela mulher tem menos

convicções do que um mosquito e a única coisa em que acredita é em acumular poder. Maquiavel ficaria encantado com ela.

– Se calhar é por isso que gosta tanto de dizer que a direita e a esquerda não existem – sugere Puig.

– Exatamente – assente Campà. – Quem diz que a direita e a esquerda não existem é como se estivesse a dizer que não existem o norte e o sul: ou está desorientado ou tenta desorientar. E, no caso da presidente, não há dúvida: o que tenta é desorientar. Nunca na minha vida vi um político com semelhante habilidade para dizer sempre o que o seu auditório está à espera de ouvir. Aquela mulher sabe o que as pessoas querem antes de as próprias saberem. Basta ver como chegou a presidente.

– Como chegou? – pergunta Melchor.

Campà demora uns segundos a responder, tempo durante o qual dá duas baforadas reflexivas no seu cachimbo. Veste umas bermudas demasiado largas e uma

balalaica demasiado estreita, com várias nódoas de gordura aqui e ali e algumas migalhas de pão nas pregas da barriga.

– É inacreditável – começa, empurrando os óculos com o dedo médio. – As pessoas esquecem mais depressa do que nunca, talvez por os jornalistas esquecerem mais depressa do que nunca. Vivem o dia a dia. Não têm tempo para olhar para trás e por isso não compreendem o que acontece à frente, nem sequer o que acontece diante dos seus narizes.

Como é possível que já ninguém se lembre de que esta mulher era a líder dos refugiados há quatro anos apenas?

E, se alguém se lembra disso, ainda pior: como é possível que ninguém lho recorde, agora que se tornou o pesadelo da imigração? Como é que ninguém lhe pergunta porque mudou? O que aconteceu para que esta senhora diga sobre este assunto, e sobre tantos outros, exatamente o contrário do que dizia há uns anos?

– Porra, é verdade! – espanta-se Vivales. – Já nem me lembrava.

– Eu também não – confessa Puig. Como o advogado, tem o charuto numa mão e o copo de whisky na outra. –

Parecem duas pessoas diferentes.

– Mas não são – afirma Campà. – É a mesma pessoa a dizer coisas diferentes. Ou melhor, opostas. E porque as diz? – A resposta da presidente ainda ecoa no cérebro de Melchor: «Eu mudei porque o mundo mudou.» – Porque sabe que as pessoas querem ouvi-las – responde Campà, que dá novamente uma baforada no cachimbo. – E julgo que começou a aperceber-se disso depois dos atentados

islamistas de 2017. Diz-se muito que aquilo que transformou Barcelona de cima a baixo foi o Procés, mas não é verdade. O Procés não mudou quase nada, nem em Barcelona, nem na Catalunha, nem em lado nenhum. A única coisa que o Procés fez foi mudar alguma coisa, muito pouco e muito episodicamente, para que nada de essencial mudasse. Era disso precisamente que se tratava. Para isso o desencadearam aqueles que aqui sempre foram os donos disto tudo, usando as pessoas como carne para canhão.

Mas não, o que realmente começou a mudar esta cidade foram os atentados. Os atentados e a sensação de incerteza que se lhes seguiu. De repente começou a falar-se sem parar de assassinatos, de roubos e de violações, como se aqui nunca tivessem existido. De repente começou a dizer-se que esta era a cidade mais violenta da Europa. De repente começaram a aparecer patrulhas de cidadãos contra a delinquência. E, sobretudo, de repente, nós que em crianças nunca tínhamos visto um árabe nem ao longe demo-nos conta de que estávamos rodeados de árabes. De árabes e de africanos e de chineses e de paquistaneses e do diabo que os carregue. E também nos demos conta de que nem todas essas pessoas chegavam aqui com vontade de se adaptarem, nem estavam dispostas a baixar a cabeça e a dizer «sim, bwana» a tudo o que lhes ordenássemos. Meu amigo…! –

Campà expele o fumo pela boca, bebe um gole de whisky e volta a reclinar-se na cadeira com o copo apoiado

na

balalaica

salpicada

de

migalhas.

–

Provavelmente ninguém se deu conta de que nessa altura começava a dar-se uma mudança muito profunda na

mentalidade dos barceloneses, uma mudança que, mais tarde, com a crise do coronavírus, se tornou ainda mais evidente… Ninguém se deu conta senão essa mulher. A prova é que seis ou sete anos depois se instalou na Câmara Municipal com um discurso duro em matéria de segurança, um discurso islamofóbico e anti-imigração que apanhou toda a gente desprevenida, sobretudo porque não parecia ser o que era: parecia um discurso progressista, mas corajoso e politicamente incorreto, que defendia a preservação sem complexos da segurança dos cidadãos. Foi por isso que ganhou. Há pouco vocês falavam da televisão municipal, e aí a têm a difundir diariamente imagens de barcos cheios de imigrantes preparados para nos invadirem e a atemorizar as pessoas com o fantasma da imigração massiva. E aí têm também, na própria televisão, nas rádios e nos jornais, os ideólogos a soldo da presidente, os Rabasseda, Boronat e companhia, antigos radicais de esquerda ou radicais nacionalistas a vociferar diariamente dos seus púlpitos mediáticos sobre a urgência de preservar os valores ameaçados da cultura ocidental, as raízes cristãs da Europa e mais não sei quantas futilidades com o seu cocktail supremacista feito à base de um pedacinho de Spengler, de um pedacinho de Huntington e um bom jorro

de Renaud Camus, o mau, e da sua teoria da grande substituição, com o devido respeito pela palavra teoria.

Enfim, esta mulher soube prever antes de qualquer pessoa a direção dos ventos e está a utilizar muito bem o instrumento de domínio mais poderoso que um político tem ao seu alcance, que é o medo.

– Esta mulher e o marido – precisa Puig. – Ou ex-marido.

– Voltando-se para Melchor, explica: – Separaram-se há coisa de um ano, depois de ela vencer novamente as eleições.

– Daniel Casas – diz Vivales. – É como se chama. A família dele é uma daquelas de que Chicho falava, uma daquelas que passaram toda a vida a mandar e desmandar a seu bel-prazer. Sempre se disse que era ele o cérebro da carreira da presidente, que estava por trás de todas as decisões importantes e tudo o mais. E sempre se disse que a presidente era um instrumento do marido. Do marido e da família dele.

– O que quer dizer que tu tens razão e que a presidente é uma atriz – raciocina Puig –, nesta obra Casas era o empresário e o encenador. E a presidente, a estrela.

– Esqueces-te de uma personagem fundamental –

recorda-lhe Campà.

– Tens razão – reconhece Puig, apontando vagamente para o amigo com a ponta incandescente do seu Montecristo. – Enric Vidal. Esse sim, é uma verdadeira personagem.

– O vice-presidente da Câmara? – pergunta Melchor, que segue o diálogo com a máxima atenção e um pouco de assombro.

– O próprio – assente Campà. – Dizem que é ele o poder na sombra da Câmara Municipal, que é ele quem realmente manda. Embora eu não acredite.

– Não? – pergunta Puig, surpreendido.

– Não – responde Campà. – Como não acredito que a presidente seja um instrumento de Casas e da família, ou não mais do que Casas e a família são um instrumento dela.

E digo o mesmo da Câmara. Ali quem manda é ela. Ali e no seu partido. Não se deixem enganar. Vidal julga-se muito esperto, e Casas também, mas esperta a sério é ela. Tão esperta que os deixa acreditar que os espertos são eles, que são eles que mandam. Tão esperta que se sabe armar em parva como ninguém. Ela é o verdadeiro animal político, é ela quem tem o instinto assassino dos verdadeiros políticos. Não tenham dúvidas… Atenção, não estou a dizer que Vidal não tenha poder na Câmara, hã?

Tem e muito. – Campà acaba o whisky e explica: – Na Câmara Municipal de Barcelona, o vice-presidente sempre mandou muito, era a mão direita do presidente e a pessoa que geria a maquinaria interna da Câmara. Isso continua a ser assim, mas corrigido e aumentado, entre outros motivos porque, desde o início, a presidente deu algo a Vidal que, até onde sei, nunca um vice-presidente teve, para poder combater a psicose de insegurança que ela própria criou e com a qual chegou à presidência.

– Referes-te às competências de segurança – conjetura Puig.

– Exatamente – responde Campà. – Mas não é só isso.

Ainda por cima, Vidal aumentou essa área de uma forma monstruosa. Dou-te um exemplo que te interessará. –

Vivales pega na garrafa de whisky e começa a encher os copos com espírito generoso. – Tradicionalmente, a Guarda Urbana tinha um serviço de informações muito pequeno.

Encarregava-se da segurança do presidente e pouco mais; o resto era convosco, os Mossos. Bom, Vidal criou um serviço fortíssimo, formado por não se sabe exatamente quantos polícias, em todo o caso uma verdadeira

guarda presidencial que está ao seu serviço exclusivo e ao da presidente. E que se dedica a fazer todo o tipo de manigâncias.

– Os Vidal Boys – interrompe Melchor.

– Também chegaram notícias das suas façanhas à Terra Alta? – pergunta Vivales, pousando novamente a garrafa na mesa.

– Não – reconhece Melchor. – Mas foi praticamente a primeira coisa que soube ao chegar aqui.

– Não me espanta – diz Puig. – São pessoas muito pouco recomendáveis, os arruaceiros de Vidal, da presidente e do marido dela. São tipos todo-o-terreno: tanto servem para dar enxertos de porrada, para comprar polícias, juízes e jornalistas, como para criar ficheiros com a roupa suja de qualquer um… De modo que ninguém tem tomates para se meter com eles. O mais perigoso é o chefe deles, chama-se Juan María Lomas, o inspetor Lomas, embora toda a gente lhe chame Hematomas, não é preciso dizer mais nada.

Vocês não sei, mas desde a Transição que não tinha medo da polícia e agora com estes tipos voltei a ter.

– Só te falta saberes que Vidal é amigo íntimo de Casas –

avisa Vivales a Melchor. – Com isso fechas o triângulo.

– Conhecem-se desde sempre – informa-o Puig. – A família de Vidal é outra daquelas que sempre mandaram aqui. A propósito – acrescenta, olhando alternadamente

para Campà e Vivales –, devem ter ouvido dizer que ele e a presidente se zangaram…

– Como devemos ter ouvido? – troça Vivales. – Pois se vem em todos os jornais!

– O que eu ouvi dizer – explica Puig – é que a história da separação amistosa entre a presidente e Casas é uma história da carochinha, que se dão como cão e gato e que ela também se dá mal com o outro. Tão mal que quase não se falam ou só falam o estritamente necessário.

– É o que toda a gente diz – assente Campà.

– Pois sabem o que vos digo? – pergunta Puig. – Que não acredito.

Vivales pergunta-lhe porquê.

– Porque são o trio perfeito – responde Puig, levantando-se da cadeira com o charuto na mão. Está a suar, tirou a gravata, arregaçou as mangas da camisa e tem os olhos febris devido ao álcool. Entrincheirados atrás dos seus whiskies, Vivales e Campà ouvem-no com atenção. – Vamos lá ver. Que Casas e a presidente se separem é normal, estranho é terem ficado juntos tanto tempo, toda a gente sabia que cada um deles tinha os seus arranjinhos por fora, sobretudo a presidente…

– Não voltes a sair-te outra vez com a história de ela te ter olhado para o pacote – previne-o Vivales. – Isso são alucinações tuas, Manel, porque essa tipa te dá tusa.

– Sobretudo a presidente – repete Puig, fechando os olhos com força como se receasse perder o fio do raciocínio; volta a abri-los. – Isso apesar de agora pregar a castidade, o regresso à família tradicional e a necessidade

de mais filhos para preservar a civilização cristã, para que os muçulmanos não nos invadam e toda essa merda xenófoba.

– Tal como pregava o amor livre e se gabava das suas experiências homossexuais quando era ativista –

complementa Campà. – Esta mulher fez da sua própria vida um argumento político. Antes dava lições de moral esquerdista, agora, de moral direitista. O que interessa é dar lições de moral.

– É verdade – admite Puig. – Mas agora esqueçam-se de tudo isso e vejam o que conseguiram em pouquíssimo tempo essa mulher e os seus dois associados. Criaram um partido que mudou de uma ponta à outra a política catalã e a agenda da política espanhola; governam com maioria absoluta na Câmara Municipal e todas as sondagens dizem que, se se candidatarem às eleições autónomas, as ganharão. Que mais poderiam querer? Porque haviam eles de lutar entre si? Para quê mudar o que funciona se, além disso, funciona às mil maravilhas?

A pergunta fica a pairar durante alguns segundos no ar estival do terraço e Puig deixa de gesticular, com os olhos postos em Campà.

– Porque a política não é como o cálculo de estruturas, amigo Manel – responde-lhe o interpelado, satisfeito por, finalmente, conseguir contradizê-lo. – Se a política fosse racional, terias razão. Mas não é. Lembras-te da hybris? –

Volta-se para Melchor. – Sabes o que é a hybris dos gregos?

– A soberba que leva os homens a enfrentar os deuses –

responde Melchor.

– Mais ou menos – aprova Campà. – E devido a essa soberba os deuses castigam-nos. É isso que acontece nas tragédias gregas e é isso que costuma acontecer aos políticos quando chegam ao poder, sobretudo se é por uma maioria esmagadora, como aconteceu à presidente.

– Se compreendi bem – recapitula Puig, ainda em pé e com o charuto na mão, ou com o que resta dele –, o que queres dizer é que, por maior que tenha sido o sucesso conseguido pela estrela em conjunto com o vice-presidente e com o empresário, por melhor que as coisas tenham corrido devido ao apoio deles, no fim o que ela quer é livrar-se dos dois e de todos aqueles que a puseram ali, e criar a sua própria companhia.

– Compreendeste-me perfeitamente – volta a aprovar Campà. – Exceto pelo facto de a tua comparação não funcionar plenamente, porque a presidente

não é só a estrela do espetáculo. Pode levar toda a gente a acreditar nisso, a começar pelos jornalistas e pelos analistas políticos. Provavelmente levou Casas e Vidal a acreditarem também, porque lhe interessava que acreditassem, porque precisava deles, nem que fosse só porque para fazer política se necessita de dinheiro, e eles e as famílias deles têm-no, enquanto ela não passa de uma rapariga comum e corrente, nascida numa família trabalhadora e criada em La Salut… Mas repito-te que essa mulher é muito mais do que uma atriz, mesmo que seja uma atriz extraordinária, e, se puder e quiser, livrar-se-á dos dois. Isto se partirmos do princípio de que eles não estão a prevê-lo e se livrem dela antes, claro… De qualquer forma, pensem que isto

acontece na política desde que o mundo é mundo: um zé-ninguém chega ao poder levado pelos poderosos, o poder torna o zé-ninguém num líder carismático (é o que o poder faz quase sempre, por mais tonto que seja o zé-ninguém) e o líder carismático desfaz-se ou tenta desfazer-se dos poderosos que o puseram aí. Desde que o mundo é mundo.

Puig sentou-se sem perder uma palavra do que diz o amigo e, enquanto acaba o resto do seu whisky e do seu charuto, Campà fornece alguns exemplos do fenómeno que acaba de descrever, uns antigos e outros recentes. Quando chega a Carles Puigdemont, o presidente acidental do governo autónomo catalão que, em 2017, declarou unilateralmente a independência da Catalunha, Puig volta a intervir e, pouco tempo depois, o diálogo desemboca, através de algum meandro imprevisto, num debate sobre a qualidade da educação democrática na Catalunha, assunto no qual, para variar, ambos os amigos estão totalmente de acordo – ambos a acham péssima –, embora não pareça, porque Puig se levanta várias vezes para enfatizar os seus pontos de vista, a suar em bica e dirigindo-se sobretudo a Campà, que olha para ele com uma sobrancelha arqueada e com o cachimbo na boca. Entretanto, alguém repõe o whisky nos copos, Vivales assume-se como mediador no calor da discussão e, apontando para os dois amigos, diz ao polícia:

– Não te disse antes porque tinha vergonha, mas aqui Ortega y Gasset são dois cidadãos honrados que acreditam na democracia.

– E tu não? – pergunta Melchor, que nunca ouviu o advogado falar de política, exceto para insultar os políticos.

Vivales, surpreendido, deixa de servir.

– Estás a gozar ou quê? – pergunta por sua vez, olhando para Melchor com a sua cara inconfundível de alfinetada. –

Como queres que acredite num sistema político que dá direito de voto a um indivíduo como eu?

Atónitos, Puig e Campà entreolham-se por segundos e no instante

seguinte

festejam

a

boca

de

Vivales,

entrechocando os copos com uma dupla gargalhada.

Vivales junta-se ao brinde, de má vontade. Puig é o primeiro a retomar a palavra.

– Voltando à nossa presidente – diz num tom de voz reflexivo, como se o efeito do muito álcool entornado lhe tivesse passado de chofre –, eu previ o desastre imediatamente. Sabem quando? Quando ela chegou à Câmara e a primeira coisa que fez foi abolir a lei Colau da habitação. Aquela lei que obrigava todos os empresários privados a reservar trinta por cento da área construída para habitação pública. Eu nunca fui um fã de Ada Colau, que também era uma atriz de primeira, como vocês sabem; mas esta lei dos trinta por cento estava bem feita. E, assim que esta mulher a aboliu, eu disse

para comigo: chegou uma política business friendly; ou seja, prende o gado, que vem aí um governo de ladrões.

– Como vês – Vivales volta-se novamente para Melchor –, além de acreditar na democracia, Manel é um comuna perigoso.

– E a puta que te pariu! – irrita-se Puig novamente, agarrando-se aos dois braços da cadeira como se quisesse refrear o impulso de se atirar ao advogado. – Comuna sim, e com muita honra; agora perigoso… Mas se sou só o raio de um social-democrata, homem, que é o mais inofensivo que se pode ser. O que acontece é que, nos tempos que correm, os sociais-democratas parecem comunas perigosos.

– Por uma vez, e sem que sirva de precedente, tenho de dar razão a Manel – intercede Campà, que esteve quase toda a noite a dar razão ao amigo. – Esta Câmara Municipal é governada por um bando de ladrões.

– Falas a sério? – pergunta Melchor.

– Absolutamente – responde Campà. – Antes, em Barcelona, ou na Catalunha em geral, quem roubava às mãos-cheias era a Generalitat; agora a Câmara também rouba. – Como o cachimbo deixou de fumegar, tira de algum lado uma espécie de flechazinha metálica e, usando-a como uma colher, começa a deitar no cinzeiro as cinzas do fornilho e, dirigindo-se a Melchor, continua num tom professoral: – Olha, o que aconteceu aqui foi o seguinte: no início da democracia, o nacionalismo instaurou na Catalunha uma cleptocracia clientelar. Ou seja, o governo autónomo roubava os cidadãos e o produto do saque era repartido entre o partido do governo e as famílias do partido do governo, a começar pela família do presidente.

Quanto ao resto da região, compravam metade dela à base de favores, prebendas e chantagem sentimental; enfim, a velha peta: tudo pela pátria e restantes baboseiras. – Acaba de esgaravatar o fornilho e prossegue: – A outra metade do

país não sabia ou não queria saber. A maior parte era composta por imigrantes vindos do resto de Espanha que, enquanto lhes metiam a mão na

carteira, achavam que o assunto não lhes dizia respeito, que isto da Generalitat era uma coisa de catalães de pura cepa e que eles só cá estavam de passagem. Grande asneira… Mas as coisas funcionaram assim até ao Procés, e continuam a funcionar, porque, como te dizia, o Procés foi organizado precisamente para isso, para que continuassem a funcionar da mesma maneira. O problema é que agora a Câmara também funciona assim.

– Antes não funcionava assim? – pergunta Vivales, com uma expressão de descrédito.

– Não – responde Campà, que pousou o cachimbo e o limpador metálico na mesa, ao lado de uma bolsa de couro cheia de tabaco e fechada com um fio. – Ou não totalmente.

Claro que havia corrupção na Câmara, mas não como agora, que é sistemática e generalizada, como a Generalitat foi desde o início. Além disso, a administração municipal foi sempre bastante competente e funcionava muito bem, mas em muito pouco tempo burocratizou-se e politizou-te tanto como a Generalitat. Ou mais.

– Acerca disso posso dar testemunho – garante Puig.

– É verdade o que diz Vivales? – pergunta Melchor. –

Vocês trabalham muito para a Câmara?

– O meu atelier, bastante. As pessoas conhecem-nos sobretudo por isso. Fazemos muita habitação pública, embora muito menos do que se deveria fazer.

– Não, por piedade! – suplica Vivales, tapando os ouvidos com os indicadores. – O teu sermão sobre a habitação pública não, por favor. Prefiro perecer no meio de tormentos horríveis.

Puig sorri como um miúdo apanhado a empanturrar-se de guloseimas.

– É verdade que o assunto me interessa – desculpa-se o arquiteto. – De facto, ando há uma série de anos a tentar escrever uma tese de doutoramento sobre habitação pública no pós-guerra e…

– Agora vai dizer bem de Franco.

– Ouve, Chicho, como era a frase de Machado? –

pergunta Puig; ele próprio responde: – «A verdade é a verdade, diga-a Agamémnon ou o seu porqueiro.» Era assim? – Campà assente, absorto no ritual de encher de tabaco o fornilho do cachimbo e de o acender. – Olha –

continua Puig, dirigindo-se novamente a Melchor –, uma coisa boa que a ditadura fez foi criar habitação pública. É

verdade, raios, gostemos ou não. Criou muita e, às vezes, bastante boa. Aqui mesmo, em Barcelona. Emigrantes do resto de Espanha, gente miserável que vivia em buracos, no Somorrostro ou em Montjuïc, passou a viver em apartamentos. Bastante precários, às vezes de muito baixa qualidade, em zonas inadequadas, mas apartamentos, ao fim e ao cabo. Assim salvaram a vida de muitos infelizes. E

uma das coisas más que a democracia fez foi esquecer-se da habitação pública. Apesar de o direito à habitação constar da Constituição, porra! – Puig ameaça exaltar-se novamente, mas permanece na cadeira; limpa o suor da

testa e do pescoço. – É muito simples, Melchor: em Espanha temos um serviço de saúde e uma educação pública que funcionam razoavelmente bem, mas não temos uma habitação pública digna desse nome. O que achas?

– Muito mal – responde Vivales, com a expressão de um tédio infinito, caído sobre a mesa e com a mão direita apoiada na bochecha.

– E o que é mais importante? – volta a perguntar Puig. –

Curar as pessoas e ensiná-las a ler e a escrever ou dar-lhes um teto onde se protegerem e um sítio onde caírem mortos?

– Ter um sítio onde caírem mortos – repete Vivales, como se estivesse a recitar o catecismo católico.

– E por culpa de quem não temos neste país uma habitação pública comparável ao serviço de saúde ou à educação pública? – pergunta Puig.

– Por culpa do capitalismo selvagem – responde Vivales.

– Ou seja, por culpa dos construtores, que só pensam em fazer dinheiro. – O advogado parece acordar de repente da sua letargia memoriosa e abre os braços como se pedisse clemência. – Estás a ver como conheço de uma ponta à outra o raio do teu sermão comunista sobre a habitação pública?

– Lamento ter de dizer que nisto Manel tem razão –

intervém Campà, cujo cachimbo volta a funcionar em pleno.

– Que a habitação pública neste país é uma vergonha até os ratos sabem. Mas no fundo a culpa não é dos construtores.

É dos políticos, que não se atrevem a enfrentar os construtores, sobretudo porque entre eles estão os bancos,

e os partidos estão endividados até ao pescoço. E como cortar as vazas a alguém a quem se deve uma pipa de massa? Como conseguir o perdão de dívidas astronómicas que se tem com ele, senão facilitando-lhe as coisas e fazendo-lhe favores?

– Outro comuna desenfreado – lamenta-se Vivales. – Aqui o rapaz pediu-vos que lhe falassem da presidente da Câmara, não que lhe digam como se conserta o mundo.

Puig e Campà não ligam nenhuma à reprimenda do advogado e envolvem-se num debate abstruso sobre o financiamento dos partidos políticos,

segundo ambos origem e fim da corrupção em Espanha – uma corrupção irremediável, também segundo ambos, porque só poderiam terminá-la aqueles que vivem dela, que são os próprios partidos –, até o advogado voltar a chamá-los à ordem.

– Repito – diz a Puig, servindo mais whisky. – O que interessa a Melchor é a tua relação com a Câmara Municipal.

– Chicho já resumiu muito bem – transige Puig, que bebe um gole de Jameson enquanto olha novamente para Melchor. – O que aconteceu foi que, com esta presidente, a Câmara começou a funcionar como a Generalitat. Quase como funcionava o franquismo. O meu pai também era arquiteto e contava-me que, na década de 1970, durante o período do presidente Porcioles, corria entre os arquitetos uma piada sobre os técnicos da Câmara Municipal que assinavam as licenças de construção: «Si quieres construir en las aceras, llama a Soteras / Si quieres construir hoy, llama a Bordoy. »**3** – Os versos provocam o riso de Campà e

arrancam um meio sorriso a Vivales. – Agora não é a mesma coisa, mas quase. Nós, no nosso atelier, vemo-lo diariamente. Antes os concursos públicos eram honestos, agora são combinados. São sempre os mesmos que os ganham, os amigos da presidente e dos seus sequazes, que são aqueles que mais tarde financiam o partido dela. Os cargos de designação política multiplicaram-se e tem vindo a ocupá-los gente incompetente, mas fiel a quem manda, que ainda por cima substituiu os próprios funcionários da Câmara, a maior parte deles elementos valiosos. Isto não é nostalgia de sessentão, hã, Melchor? É a mais pura realidade. O resultado é a Câmara Municipal estar completamente colapsada, não funcionar, e a cidade degradar-se a olhos vistos. Corrige-me se estou enganado, Chicho.

– Não estás enganado – diz Campà, negando com a cabeça enquanto afasta o cachimbo dos lábios. – Em política, criar algo que funcione é muito difícil, mas destruí-lo é muito fácil. A prova é que em menos de quatro anos esta gente deu cabo de uma coisa que todos davam como garantido que funcionava e que, independentemente de quem estivesse no poder,

continuaria a funcionar. É o problema da democracia: assim que a damos como certa, já estamos a pô-la em perigo.

Vivales serve o quarto whisky, e, depois de voltarem ao assunto da corrupção («Nem toda a culpa é dos políticos», precisa Campà. «Evidentemente que não», volta a dizer Puig, acalorado. «É nossa. Neste país, quem paga impostos podendo não o fazer passa por tonto.» «E é tonto», diz

Vivales. «Não brinques comigo.»), a conversa deriva para o serviço militar. Melchor não é apanhado de surpresa. Sabe por experiência que, em serões como aquele, os três amigos acabam sempre por falar da época em que se conheceram; também sabe que é a altura certa de os deixar à vontade.

Despede-se deles, dirige-se para o seu quarto, mete-se na cama e põe-se a ler os contos do concurso literário do Instituto Terra Alta, mas depressa se aborrece e pega no romance A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queiroz.

Passada meia hora pousa o livro na mesa de cabeceira e, depois de uma última olhadela à filha, que dorme placidamente junto dele, apaga a luz.

Muito tempo depois, continua às voltas no colchão enquanto frases e imagens giram insones na sua cabeça, retalhos desconexos de um dia que resiste com unhas e dentes a terminar, e quando entra finalmente naquele dormitar que antecede o sono, voltam a acordá-lo as vozes procedentes do outro lado da casa. Levanta-se, percorre o corredor sem acender a luz e fica na porta da sala, protegido pela escuridão, a olhar para o terraço, onde os três velhos amigos cantam aos gritos, desafinando sem compaixão, indiferentes ao silêncio que os rodeia, Puig e Vivales sentados e com os braços sobre os ombros um do outro, Campà de pé diante deles, brandindo o cachimbo como um maestro a brandir a batuta. A canção reza: Eres alta y delgada

como tu madre,

morená saladá,

como tu madre.

Melchor sente inveja.

No dia seguinte levanta-se às sete e um quarto da manhã, e, depois de tomar o pequeno-almoço com Cosette e de a levar de carro ao ATL (Vivales ficou na cama, a negociar com a ressaca), dirige-se para Egara. Ao passar diante do gabinete de Blai, ouve através da porta entreaberta a voz do antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta, bate à porta com os nós dos dedos e espreita. Lá dentro, sentado à frente de Blai, está o sargento Vàzquez.

– Entra – ordena-lhe o inspetor. – Vens mesmo a tempo.

Algo de mau aconteceu, os seus superiores têm-no estampado na cara.

– A presidente telefonou-me outra vez ontem à noite –

diz-lhe Vàzquez sem rodeios. – Os tipos voltaram a entrar em contacto com ela.

– Novamente por carta? – pergunta Melchor.

– Não – responde o sargento. – Desta vez foi por telefone.

– E?

– Já não querem só dinheiro.

Melchor espera que Vàzquez diga. Quem o faz é Blai:

– Querem a sua demissão.

3 «Se queres construir nos passeios, telefona a Soteras / Se queres construir hoje, telefona a Bordoy.» (N. da T.)

– Devemos ter visto o vídeo da presidente da Câmara na cabana de La Pleta de Bolvir, onde costumávamos ver o que gravávamos na casa da rua León XIII… Embora eu não me lembre de o termos visto há pouco tempo. Pode ser que esteja enganado, mas não me lembro dele. Do que tenho a certeza é que a história da presidente aconteceu pouco antes de uma situação nos fazer desistir de caçar raparigas e de nos filmarmos com elas.

– Que situação?

– Um incidente… Uma coisa que aconteceu… Enfim… Na realidade não tem nada a ver com o que estamos a falar.

– Tem a ver contigo e com os teus amigos da Esade?

– Sim. E com as gravações da casa da León XIII, mas…

– Nesse caso tem a ver com o que estamos a falar.

– Não devia ter mencionado isso.

– Combinámos que me contarias tudo.

– Contarei, não te preocupes… Tens a certeza de que não queres um pouco de whisky?

– Tenho.

– Bom, eu vou servir-me de mais um pouco. E antes de continuar deixa-me que te diga uma coisa. Uma coisa importante… Desde que cheguei aqui que comecei a gostar de ler, estava sozinho e longe de Barcelona, sem outras visitas além de Marga, que além disso só veio ver-me duas ou três vezes, de modo que praticamente não fiz outra coisa senão ler, ler, navegar pela internet e ver televisão…

Bom, há pouco tempo, numa antologia de ensaios que

comprei num supermercado, li uma frase que adorei. Não me lembro de quem é o autor, mas diz mais ou menos o seguinte: «Há tantas diferenças

entre nós e nós próprios como entre nós e os outros.» Uma coisa assim… O que achas? Eu acho que é verdade… Acho que isso da identidade individual é um disparate. Achamos que somos uma única pessoa, mas somos uma multidão.

– A tua mulher disse-me mais ou menos a mesma coisa.

– Herminia? Falaste com ela?

– Anteontem. E disse-me uma coisa parecida com o que acabas de dizer.

– O que te disse?

– Que o fracasso te transformou noutra pessoa, numa pessoa diferente daquela que ela conheceu. Que te envenenou.

– Tem razão. Herminia quase sempre tem razão…

Qualquer que seja a perspetiva, eu já não sou a mesma pessoa que se casou com ela, nem a mesma que estudou na Esade e se tornou amigo de Casas, de Vidal e de Rosell e que saía com eles nas noites de sábado à procura de raparigas para as levar até à casa da León XIII… Não sou.

Tenho o mesmo nome e mais ou menos a mesma cara que ele, mas não sou a mesma pessoa. Nem eu sou aquele tipo, nem aquele tipo era quem eu tinha sido até então, a prova é que pouco depois de chegar à Esade abandonei os meus velhos amigos do La Salle e não voltei a vê-los. Também não é que tivesse muitos, mas… Enfim… Na realidade, acho que naquela época, na época da Esade, desejava ser outra pessoa, queria parecer-me com os meus novos amigos, isso

de certeza, queria assemelhar-me a eles… Queria eu e queria o meu pai e eu queria isso através dele ou ele através de mim… Não sei se me faço entender… Meu pobre pai, que morria de vontade que eu fizesse parte da elite catalã a que pertenciam os meus amigos da Esade, ou era o que eu pensava, a elite que tinha a magia imortal e o poder real do dinheiro, aquela gente que ele odiava e admirava porque era a única soberana, independente,

os outros eram só um bando de escravos, isso é que de nenhuma maneira o meu pai queria, que eu fosse um escravo como os outros, queria que eu fosse um homem livre… O que tento dizer-te é que naquela época eu sentia-se secretamente um impostor, também me sentia um canalha, evidentemente, mas sentia-me sobretudo um impostor, um farsante, por isso agora tenho nojo de quem era, parece-me inconcebível que tenha querido sê-lo, e por isso no fundo quase me alegro por ter de te contar esta história que não contei a ninguém, para ver se assim me livro de uma vez por todas daquele que fui… Por isso e porque é a única possibilidade de esses filhos da puta pagarem pelo que fizeram… Embora saiba que é muito difícil.

– Dei-te a minha palavra de que farei o que puder para que paguem.

– Essa gente nunca paga, livra-se sempre, safa-se sempre… é uma lei universal.

– Vamos ver… Diz-me uma coisa, em que ano conheceste os teus amigos?

– Em 2007. Quando comecei a estudar na Esade.

Porquê?

– Porque os delitos não prescreveram.

– Oxalá paguem por eles. Oxalá lixe a vida deles como eles lixaram a minha… Mas não acredito.

– Ias contar-me o que aconteceu com a presidente.

Disseste-me que foi pouco antes de um incidente…

– Sim, deve ter sido no terceiro ano do curso, o último que estudei na Esade, de qualquer forma foi de certeza antes dos exames semestrais de dezembro, sei porque quando começavam os exames eu deixava de sair aos fins de semana e fechava-me a estudar… Os meus amigos também, ainda mais do que eu, porque eu não tinha disciplinas atrasadas dos semestres

anteriores, mas eles sim, sobretudo Rosell, que sempre foi dos três o pior aluno.

De modo que eram todos obrigados a estudar mais do que eu…

»Naquela época os hábitos do grupo tinham mudado um pouco, refiro-me aos nossos hábitos de caçadores de sábado à noite… Vidal e Rosell tinham namorada, duas raparigas de boas famílias que conheciam desde sempre, Carme e Eva, e as duas costumavam vir jantar connosco e a seguir ir ao Sutton, na rua Tuset, o Up&Down tinha fechado no ano anterior, quando estávamos no segundo ano. Ao sairmos da discoteca, tentávamos livrar-nos delas, coisa que nem sempre era fácil, às vezes conseguíamos, outras vezes não… Quando conseguíamos íamos caçar, mas os sítios para onde íamos já não eram os mesmos.

Continuávamos a ir onde nos parecia mais fácil o engate e onde nos sentíamos mais seguros, sobretudo às discotecas da periferia, mas também tínhamos começado a frequentar

discotecas, bares com música e after hours do centro histórico, do centro ou do bairro de Gràcia ou de Sants, locais que fechavam muito tarde ou só fechavam ao amanhecer ou já a meio da manhã, e onde a clientela era muito diferente daquela que encontrávamos na periferia…

Dessa noite recordo que, depois de Vidal e Rosell deixarem Carme e Eva em casa com uma desculpa qualquer, ficámos os quatro na Bikini, uma discoteca da Diagonal. Aí não caçámos nada, não era um local onde fosse fácil caçar, de modo que andámos de bar em bar pelo centro histórico, pela praça del Pi, pela praça Real e pela Rambla, e, já resignados a irmos para a cama sozinhos, chegámos à avenida del Paralelo e entrámos para beber um último copo numa espelunca que ainda estava aberta.

»Não me perguntes como se chamava porque só lá estive nessa noite e não me lembro… Do que me lembro é que ficava muito perto do velho teatro Arnau e que, quando chegámos, tinha a porta metálica meio fechada. Também recordo que o local era pequeno e estreito, que lá dentro não cabia um alfinete, que a música estava no volume máximo… Juntámo-nos lá

dentro a um grupo de pessoas, todos ou quase todos estudantes da Universidade de Barcelona, jovens da classe média, embora isso só o tenhamos sabido mais tarde. Casas e Vidal deitaram o olho imediatamente a uma rapariga, ou talvez tenha sido ela a deitar-lhes o olho a eles, o facto é que começaram a conversar e a namoriscar enquanto eu e Rosell nos misturávamos também com o grupo… Era tarde, teoricamente o local estava fechado, pouco a pouco os

estudantes começaram a ir-se embora e, passado algum tempo, no bar quase vazio e sem música só restávamos nós os quatro, a rapariga e uma amiga dela, outra estudante que estava bastante bêbada e com quem eu conversava. As duas pareciam dispostas a vir connosco, mas nem sequer encarámos essa possibilidade… Nunca tínhamos levado duas raparigas ao mesmo tempo para a casa da León XIII, e com razão: ao fim e ao cabo, é muito mais difícil dominar duas mulheres do que uma só.

»De modo que fizemos o que já tínhamos feito outras vezes em situações semelhantes… Era uma estratégia que tínhamos tão bem oleada que bastava olharmos uns para os outros para a pôr em prática. Casas saiu com a rapariga e nós despedimo-nos da amiga dela e fomos à procura do carro. Não tivemos de esperar muito tempo… Quase imediatamente chegaram Casas e a acompanhante, que não pareceu surpreendida por nos ver ali, sós e sem a amiga. Perguntou por ela e mentimos, dizendo que tínhamos tentado convencê-la a vir, mas que ela nos dissera que ia para casa porque estava cansada e enjoada e que para ela a noite tinha acabado. Dito isto, a rapariga entrou no carro sem mais averiguações e sem sequer perguntar para onde íamos… Até aqui foi tudo mais ou menos normal, mais ou menos como tantas outras noites, as raparigas nunca ou quase nunca desconfiavam de nós, e aquela também não tinha razão nenhuma para o fazer. Quem podia imaginar que aqueles quatro betos perdidos na avenida del Paralelo, jovens, agradáveis e educados seriam um perigo para alguém…?

»Mas o que nenhum de nós podia imaginar foi o que aconteceu a seguir.

»A rapariga manteve uma serenidade total desde que entrou na León XIII, ou desde que entrou connosco para o carro… Pelo menos é assim que me

lembro dela, com um domínio total de si própria, como se não tivesse bebido um único copo ou como se os que bebeu não lhe tivessem provocado qualquer efeito…

– Deitaram alguma coisa na bebida dela?

– Não. A ideia era fazê-lo na casa da León XIII e esperar que fizesse efeito. Era o protocolo que seguíamos quando as raparigas não chegavam ali sem forças, bêbadas ou drogadas e corríamos o risco de que a coisa se complicasse… O facto é que, enquanto os meus amigos davam uma volta com a rapariga pela casa e preparavam o terreno, eu desapareci para o meu esconderijo e ainda não estava pronto para começar a gravar quando, muito antes do esperado, eles entraram no quarto com as paredes cobertas de posters de músicos de rock e de estrelas de cinema, o quarto onde gravávamos sempre. Não me perguntes porque demoraram tão pouco a aparecer ali.

Não sei… A única coisa que sei é que, conforme me disseram mais tarde os meus amigos, a rapariga praticamente não provou a bebida com Rohypnol que lhe prepararam. E também não me peças que entre em pormenores sobre o que aconteceu depois, avalia por ti próprio quando vires a gravação, como te dizia eu só me lembro de a ter visto há pouco tempo, e a verdade é que me parece estranha. Por um lado é mais ou menos como as

outras gravações que fiz, ou seja, uma dessas coisas que dão uma enorme vergonha alheia, uma dessas coisas que preferíamos nunca ter visto porque conspurcam quem a vê… Mas, por outro lado, aquelas imagens têm qualquer coisa de estranho, uma espécie de obscenidade, de escárnio ou de perversão acrescidos, um suplemento penoso de degradação e de indecência e, ao mesmo tempo, porque te hei de mentir, algo excitante, algo tremendamente excitante, embora se calhar só o tivessem para mim, não sei, mas se precisasse de descrever numa única frase o conteúdo desse vídeo diria que não é a violação de uma mulher por três homens, mas a violação de três homens por uma mulher… Eu sei que isto parece um disparate, entre outras razões porque nas imagens não há rasto de violência, pelo menos da violência que costuma associar-se a uma violação. Mas tu que és polícia

sabes muito bem que, para haver violação, não é preciso nenhum tipo de violência, basta haver intimidação, e foi esse sentimento que eu tive enquanto gravava e o mesmo que senti muitos anos depois, quando vi essas imagens, ou quando voltei a vê-las, refiro-me ao sentimento de que aquela mulher intimidava os meus amigos, de que, enquanto ela os beijava e os despia e os acariciava e os chupava e os encorajava a penetrá-la, os meus amigos estavam paralisados, aparvalhados, sem saberem o que fazer a não ser deixar-se levar, a não ser desfrutar com mansidão do que ela estava a fazer-lhes, a ponto de nem sequer serem capazes de olhar uns para os outros, de dizerem uma palavra e até de se moverem sem que ela os

guiasse, como se estivessem prestes a cair num precipício ou como se fossem três palhaços que tivessem ficado em branco em cima de um palco, em plena representação, e que quisessem sair dali mas não soubessem como… Enfim, nunca tinha visto uma coisa semelhante e nunca mais voltei a ver… Bom, adivinha lá quem era aquela rapariga.

– Não me digas que era a presidente da Câmara?!

– Surpreendido, hã?

– Um pouco. Achas que o que me contaste explica também por que razão ela tem tanto empenho em que ninguém veja a gravação?

– Não sei. Mas se eu estivesse no lugar dela não gostaria nada que a vissem.

– E se fosses algum dos teus amigos? Eles não parecem importar-se…

– Se fosse algum dos meus amigos não gostaria que se visse nenhuma daquelas gravações, exceto essa… Essa deixar-me-ia indiferente. Aí eles parecem umas marionetas, às vezes até enfeitiçados, mas nada mais, já te disse que parecem vítimas, não verdugos. A imagem dela, pelo contrário, é diferente, avalia por ti próprio quando vires o vídeo, tudo o que possa dizer-te é inútil… Bom, tudo exceto uma coisa: até então nunca tinha feito o que fiz nessa noite.

– O quê?

– Masturbar-me enquanto gravava.

– Nunca o tinhas feito? Antes disso não te excitava gravar aquelas violações em grupo?

– Não… Pelo menos como me excitou daquela vez, era o que estava a tentar dizer-te… Ou seja, até essa altura a

excitação existia, mas não era o sexo que me excitava, era a violência. Quero dizer que não me excitava ver os meus amigos a foder aquelas desconhecidas, o que me excitava era ver os meus amigos a foder aquelas desconhecidas que resistiam a foder com os meus amigos, ou que não estavam conscientes de estarem a foder com eles… Uma coisa do género. Mas daquela vez, com a presidente, não foi isso que aconteceu; dessa vez o que importava era o sexo, não a violência, por isso comecei a tocar-me e acabei por me vir contra a parede quase ao mesmo tempo que os meus amigos se vinham sobre a presidente… É a última coisa de que me lembro relacionada com essa noite… Não… Minto…

Lembro-me de outra coisa, de que quando chegámos à rua a presidente pareceu surpreendida ao ver-me aparecer outra vez, lembro-me de que já tinha amanhecido e de que, ao reconhecer-me, ela sorriu como se estivesse a troçar e perguntou-me: «E tu, onde te meteste?»

»Durante a semana seguinte nenhum de nós falou do que tinha acontecido na casa da León XIII, ninguém mencionou a presidente. Isso não é estranho… Nós nunca falávamos daquelas farras de fim de semana, ou só falávamos delas quando íamos para a cabana de La Pleta de Bolvir para ver os vídeos, coisa que, como te disse, só fazíamos de vez em quando, em sessões que podiam durar fins de semana inteiros e dos quais não me recordo bem, ou de que só recordo como se fossem uma alucinação ou um sonho. No resto do tempo, como te digo, aquilo não existia, na realidade era como se ocorresse num tempo paralelo ou num outro planeta, num sítio onde não se aplicavam as

normas que regem a vida corrente… Era a sensação que tinha, creio que era isso que sentiam os meus amigos e, de certa forma, talvez fosse verdade. O

que não significa que o que acontecia nesse outro sítio não nos afetasse… Às vezes afetava-nos, mas afetava-nos de um modo particular, lento e subtil, quase secreto, que só com o tempo acabava por ser visível.

»Isso é o que creio que ocorreu com os acontecimentos dessa noite… De início continuou tudo mais ou menos como até então, mas no fim das férias do Natal comecei a notar coisas estranhas. Ao princípio não me dei conta ou não lhes dei importância, até perceber que se passava alguma coisa… Não sei se te disse que os meus amigos iam de carro todas as manhãs para a Esade e que, quando me tornei amigo deles, começaram a ir buscar-me ao cruzamento do Paseo de la Bonanova com a Vía Augusta. A partir daí, pelo túnel de Vallvidrera, chegávamos a Sant Cugat num quarto de hora (até essa altura eu ia de metro e saía na estação de Sarrià)… Bom, de repente Casas e Vidal começaram a ir até Sant Cugat em separado, cada um no seu carro. Às vezes iam buscar-me Vidal e Rosell sozinhos ao cruzamento do Paseo de la Bonanova com a Vía Augusta, outras vezes eram Casas e Rosell quem ia buscar-me. Havia manhãs em que só Casas passava, ou Vidal, ou mesmo Rosell, e também havia manhãs em que tinha de ir para Sant Cugat como o fazia antes de ser amigo dos três, nos Ferrocarriles Catalanes, e depois a pé até à Esade, onde, ainda por cima, Casas e Vidal começaram a sentar-se afastados na sala de aula, deixaram de ir juntos para toda a

parte e evitavam-se… Tudo isto me criava um problema tremendo, porque não sabia a qual dos dois juntar-me. Se me juntasse a Vidal, sentia que estava a ser desleal com Casas. E, se me juntasse a Casas, sentia que estava a trair Vidal… Rosell estava com o mesmo problema, é o que penso, embora não o tivesse comentado comigo, nem eu com ele, com certeza porque ambos intuíamos que um problema não existe realmente até o nomearmos e que, enquanto

não

o

fizermos,

é

só

um

problema

fantasmagórico, um falso problema… Não vale a pena dizer-te que deixámos de sair juntos nas noites de sábado, de repente e sem nenhuma explicação acabaram-se as farras de fim de semana. Ao princípio perguntei várias vezes o que se passava, mas eles não me respondiam ou faziam-no com evasivas, imprecisões ou mentiras, até que deixei de perguntar. Finalmente, num sábado à noite, mesmo antes das férias da Semana Santa, voltámos a sair juntos. Não recordo quem, porquê ou como organizou a saída, mas acabei por pensar que, qualquer que fosse o problema entre Casas e Vidal, tinha sido solucionado.

»Erro crasso… A noite foi curtíssima. Durante o jantar, Casas e Vidal envolveram-se numa daquelas discussões absurdas em que as pessoas discutem teoricamente sobre uma coisa quando salta à vista que na verdade estão a discutir sobre outra, embora ninguém saiba sobre o que estão a discutir concretamente, exceto os que discutem e, às vezes, nem sequer eles… Rosell e eu tentámos mediar, deitar água na fervura, mudar de assunto, mas não houve maneira, e no fim do jantar a coisa tinha azedado de tal

forma que só eu, Casas, Rosell e Carme fomos até ao Sutton. Vidal foi-se embora com Eva e só voltei a vê-lo depois das férias.

»Só nessa altura soube o que estava a acontecer… Foi Rosell quem me contou, uma tarde em que voltávamos sozinhos de Sant Cugat no carro dele. O que me disse deixou-me de boca aberta. Primeiro perguntou-me se me lembrava da presidente, não lhe chamou assim, claro, não sei como lhe teria chamado, mas eu respondi-lhe que me lembrava dela, como não me lembraria? Depois contou-me que, depois da noite em que a conhecemos e a levámos para a casa da León XIII, Casas e ela tinham começado a encontrar-se às escondidas. Perguntei-lhe como sabia e ele respondeu-me que o próprio Casas lhe contara… «Achas estranho, não é verdade?»,

perguntou-me Rosell. «Um pouco», disse, embora na realidade não tenha achado assim tanto. Rosell disse-me: «Espera, que isso não é nada.» Então contou-me que, depois de sair várias vezes com a presidente, Casas a deixou, mas passados uns dias ou umas semanas arrependeu-se, telefonou-lhe e reataram… «E agora é que vem o melhor», disse-me Rosell.

O melhor foi que Casas descobriu, quando começou a sair novamente com a presidente, que ela e Vidal também tinham estado a sair juntos, ou talvez tenha sido a presidente quem lhe disse… Ou seja, o que Casas soube foi que ela e Vidal saíam juntos enquanto ele também o fazia com a presidente, que continuaram a sair juntos quando ele a deixou e que continuavam a sair juntos agora, quando ele voltava a sair com a presidente… Ao princípio, esta

descoberta não incomodou Casas, que até achou graça, isto segundo Rosell ou, pelo menos, foi o que me disse. Mas a verdade é que com o tempo a coisa deixou de lhe agradar, sobretudo por ser com Vidal que tinha de partilhar aquela mulher e também porque tinha a certeza de que Vidal também estava a par, ou seja, porque achava que ambos sabiam que o outro sabia, mas nenhum dos dois tinha coragem de o dizer ao outro. Isto não foi Casas que disse a Rosell, embora este não tivesse quaisquer dúvidas… Não lhe perguntei se Casas tinha falado do assunto com Vidal e muito menos se pensava que os dois se tinham apaixonado pela presidente: não o fiz a respeito do primeiro, porque tinha a certeza de que, se tivesse falado com Vidal, Rosell ter-me-ia contado; quando ao segundo, porque me pareceu evidente. Mas quando Rosell me deixou na estação de Sarrià nessa tarde e eu apanhei o metro para minha casa, já estava convencido de que a amizade entre Casas e Vidal estava destruída e de que, sem essa amizade, tudo passaria a ser diferente.

»Voltei a enganar-me… Poucos dias depois, numa manhã em que tinha combinado com Vidal e Rosell estar à hora do costume no cruzamento do Paseo de la Bonanova com a Vía Augusta, em vez de aparecerem só os dois, apareceram com Casas, como nos velhos tempos. Eu perdi a fala, mas entrei no carro como se nada se passasse, e como se nada se passasse fizemos a viagem até Sant Cugat e entrámos na Esade, e a partir daquela manhã

voltámos a ser novamente inseparáveis, voltou a camaradagem e as piadas e os risos e as alfinetadas e a cumplicidade anterior, também entre

Casas e Vidal ou sobretudo entre eles, que de repente pareciam entender-se melhor do que nunca. Sem saber porquê, da noite para o dia desaparecera o mau ambiente e nos dias que se seguiram perguntei várias vezes a Rosell o que tinha acontecido, mas ele respondeu-me sempre que não sabia nada e que o mais surpreendido era ele… Mais tarde soubemos, ou deduzimos, que Casas e Vidal tinham acabado com a presidente, que os dois tinham deixado de a ver quase ao mesmo tempo, embora eu nunca tenha sabido se isso se passou por puro acaso ou se foi o resultado de alguma espécie de acordo entre os dois, que era o que às vezes tendia a pensar. Outras vezes pensava o contrário. E

outras não sabia o que pensar… A verdade é que as águas voltaram ao seu leito, como costuma dizer-se, voltou tudo a ser mais ou menos como tinha sido até ao aparecimento da presidente, incluindo as farras de sábado à noite e as caçadas no fim das farras de sábado à noite… Embora nem umas nem outras tenham durado muito mais tempo, refiro-me às caçadas e às farras, claro, calculo que duraram mais um ou dois meses, no máximo. Depois deixámos de ir à casa da León XIII, pouco antes de começarmos a estudar para os exames do fim do ano…

– E pouco depois do incidente de que falaste, não foi?

Aquele que vos fez deixar de caçar raparigas e de se filmarem com elas.

– Sim.

– Vais contar-mo agora?

– Já te disse que não tem nada a ver com a presidente.

– Eu decidirei se tem ou não a ver. Se não mo contares, não há acordo.

– Já te conto. Calma… Mas antes deixa-me contar-te outra coisa que te interessará mais… Aconteceu naquela época e, isso sim, mudou tudo, pelo

menos para mim, a começar pela relação com os meus amigos. Isso foi muito mais decisivo para o que te interessa. Lembras-te do caso dos cartões fantasma?

– Dos cartões fantasma?

– Foi como lhe chamou um jornalista e como toda a gente passou a referir-se… Não ouviste falar disso?

– Vagamente.

– É inacreditável. Apesar de não saber porque me espanto, as coisas funcionam assim… Um dia um escândalo está nas primeiras páginas dos jornais, ocupa os noticiários das rádios e das televisões, satura as redes sociais e no dia seguinte já ninguém se lembra dele. Exceto as pessoas que arrastaram consigo e que ficaram com a vida destruída, claro… Esses lembram-se, esses lembram-se para sempre.

Mas os outros, a matilha, não, esses esquecem-se imediatamente, estão demasiado impacientes para se atirarem à jugular da próxima vítima.

– O escândalo afetou a presidente?

– O dos cartões fantasma? Não. O meu pai é que foi afetado… E eu tanto ou mais do que ele… Queres que te conte como?

– Se tem relação com a chantagem à presidente…

– Eu acredito que sim.

– Força.

– Tudo começou antes do meu último ano na Esade, não sei dizer-te exatamente a data, talvez no ano anterior, ou mesmo no outro. A primeira faísca saltou quando um jornal madrileno publicou uns e-mails do diretor de uma caixa de aforro onde ele falava de uns cartões de crédito que, segundo o jornalista, serviam para pagar despesas privadas de executivos e de

conselheiros da entidade. Por aquela época, creio que já to disse, o meu pai era deputado no Parlamento de Madrid, deputado socialista, e o partido tinha-o nomeado conselheiro daquela instituição, um banco semipúblico que tinha conselheiros de partidos e de sindicatos de direita e de esquerda. Não estou a falar de executivos, mas de conselheiros, ou seja, de membros do conselho de administração, pessoas que tomavam colegialmente decisões estratégicas sobre a gestão da caixa e assim: quanto deviam investir neste ou naquele setor económico, quanto nas fundações sociais, coisas desse tipo… O facto é que quando falei ao meu pai daqueles e-mails, ele disse que não me preocupasse, que era verdade que, como todos os outros conselheiros do banco, ele tinha um cartão para despesas de representação e pessoais, mas que isso fazia parte do seu salário de conselheiro, que era uma prática habitual no mundo da banca e que a fuga de informação sobre os e-mails e a sua publicação na imprensa era só uma tentativa natural para desgastar o presidente do Governo, que tinha nomeado o diretor daquele banco, e uma tentativa artificial de criar um escândalo político e económico onde não havia nenhum escândalo, nem económico, nem político. Não te preocupes,

repetiu. Isto vai dissolver-se como açúcar na água.

Acabarão por nos pedir desculpa.

»Não sei se se enganava ou se tentava enganar-me… O

meu pai, já to disse, não era banqueiro, mas sindicalista, esse era o seu mundo, não conhecia as maquinações da banca, as suas práticas habituais ou não tão habituais, não percebia nada de tudo isso e pagou muito caro a sua ignorância… Pouco depois de termos tido aquela conversa, a Procuradoria pediu a um juiz da Audiência Nacional que investigasse os setenta e oito diretores e conselheiros da entidade que tinham usado cartões da empresa para pagar despesas privadas e, quase ao mesmo tempo, informaram que o banco estava em falência técnica, toda a gente sabia há muito tempo que o banco tinha sérios problemas, mas agora anunciou-se que tinha de ser resgatado com dinheiros públicos, que muitos clientes

perderiam os seus depósitos e que centenas de trabalhadores ficariam sem emprego.

»Assim começou o calvário do meu pai, que foi também o calvário da minha família e o meu, esse foi o início do cataclismo… Assim que pôde, o meu pai devolveu o dinheiro até ao último euro gasto e jurou de todas as maneiras possíveis, a todos aqueles que o interrogaram, que não cometera qualquer irregularidade, que a direção do banco lhes garantira que aqueles cartões tinham sido aprovados pelos órgãos de governo e estavam regulados pela instituição que, conforme lhe tinha dito o secretário, eram uma forma de pagar os conselheiros em espécie, que ele respeitou sempre os limites de gasto que lhe

impuseram e que tinha a certeza de que o banco declarava os seus rendimentos à Autoridade Tributária, porque foi isso que lhe disseram os responsáveis técnicos.

»Jurou de todas as maneiras possíveis a todos aqueles que o interrogaram, digo-te, a começar pelos jornalistas que o interrogaram e a acabar nos juízes perante os quais teve de depor, mas foi tudo inútil… Durante o verão do meu último ano na Esade o meu pai foi obrigado a demitir-se de todos os seus cargos, abandonou o Parlamento, foi expulso do partido e, meses depois, ao terminar o julgamento, foi condenado a dois anos e meio de prisão, embora só tenha cumprido dez meses… Tudo isto foi um pavor, mas não foi o pior. O pior foi o linchamento público… Como os acusados pertenciam a todos ou a quase todos os partidos e sindicatos do espectro político, o caso dos cartões fantasma foi apresentado pelos meios de comunicação como uma prova flagrante da corrupção generalizada das elites políticas, económicas e sindicais de uma democracia corrupta, e os acusados foram condenados pela imprensa muito antes de um juiz os condenar. Ninguém se interessou pelos matizes do caso, nem em fazer a distinção entre os executivos do banco e os simples conselheiros, entre os que tinham usado os cartões de acordo com as normas que lhes foram dadas e aqueles que os usaram à sua vontade e como lhes apeteceu; só se falava era do dinheiro que um executivo tinha gastado em bares de putas e outro, numa viagem recreativa a Bora Bora, como se todos os outros acusados

tivessem feito o mesmo… Quanto ao meu pai, já te contei que anos antes se tinha tornado conhecido na

Catalunha como o flagelo da corrupção da direita nacionalista, de modo que os meios de comunicação (sobretudo os nacionalistas e de direita, pagos pelo governo nacionalista e de direita) exibiram a sua condenação como um troféu, como o símbolo insuperável da hipocrisia de uma esquerda que denunciava o roubo com uma mão, mas com a outra roubava.

»Foi uma época horripilante, a pior da minha vida, e olha que passei por épocas más… Recordo, por exemplo, as duas vezes que acompanhei o meu pai a depor durante o julgamento na Audiência Nacional. À porta esperava um grupo de pessoas, esperavam-no a ele e aos outros imputados que iam desfilando, quase todos depressa, a correr e de cabeça baixa… Não sei quem eram essas pessoas, essas que esperavam à entrada, lesados ou presumíveis lesados pela falência da caixa, imagino, ou simples curiosos, gente que não tinha mais que fazer senão ir insultar e atirar ovos e tomates ao meu pai e aos outros acusados, eu sei lá… Mas garanto-te que não pareciam pessoas, pareciam feras, hienas sedentas de sangue; naqueles dias aprendi uma coisa que nunca mais esqueci: que não há nada mais perigoso do que alguém que é ou se julga uma vítima, ninguém se transforma tão facilmente em verdugo quanto uma vítima, supondo que aquelas pessoas eram realmente vítimas, a mim parecia-me evidente que não estavam ali para pedir justiça, mas para pedir vingança, e que não vociferavam e atiravam coisas aos acusados para os envergonharem ou por os desprezarem, mas porque eles, os que gritavam, não conseguiram fazer o

mesmo que os acusados, o mesmo que imaginavam que eles teriam feito. E isso deixava-os furiosos…

»Para cúmulo dos males, a minha mãe caiu numa depressão desde que o escândalo explodiu, e, pouco antes de o juiz pronunciar a sentença, sofreu um AVC e teve de ser internada num hospital, com metade do corpo paralisado. Assim sobreviveu os anos que lhe restaram, deprimida, paralisada e sem sair de casa, primeiro a meu cargo, depois, quando ele cumpriu a pena, a cargo do meu pai. Como deves imaginar saí da Esade…

Que havia de fazer? A minha mãe doente, o meu pai, primeiro imputado e perseguido, e mais tarde na cadeia, a minha família arruinada. Nem sequer tinha dinheiro para pagar as propinas… Não me perguntes se alguém me ajudou, por favor, porque me vais fazer rir. Em circunstâncias como estas ninguém nos estende a mão, a não ser para acabar de nos afundar. O meu pai tinha-se tornado um empestado, e de um empestado toda a gente quer distância. Dele e da família… E, sobretudo, não me perguntes se os meus amigos me ajudaram… Eles teriam podido fazê-lo, dirás…

Quem mais, senão eles, não é verdade?… Eles e as suas famílias, que tinham a magia do dinheiro e do poder e que teriam podido ajudar-me facilmente, depois de tudo o que fiz por eles teriam podido perguntar-me, pelo menos, se precisávamos de ajuda, teriam podido interessar-se por nós… Perguntaram-me? Interessaram-se pela nossa situação? Pela do meu pai, pela da minha mãe, pela minha?

Não me faças rir… Claro que não… Evidentemente que não… As pessoas são assim, os ricos, sobretudo, são assim.

Já te disse que são feitos de outra massa. Para eles, os outros são invisíveis, não existem, ou só existem em função dos seus interesses. Quando deixamos de lhes interessar, deixamos de existir. Acabou-se. Fazem de conta que não nos conhecem. Ponto final.

»Foi o que aconteceu nessa altura… Apesar de os meus amigos estarem a par do cataclismo desde o início (não podiam deixar de saber, toda a gente soube), não abriram a boca, não disseram uma palavra nem fizeram o mais pequeno comentário, não moveram um dedo por mim, nem sequer me telefonaram ao ver que, em setembro, quando começou o ano letivo, eu não apareci na escola, fingiram não saber nada, comportaram-se, já te disse, como se eu não existisse, como se nunca tivesse existido… Como gostaria que pagassem por isso!

– A ingratidão não é um delito.

– Não, mas devia ser… De qualquer forma, nem pelos delitos pagarão.

– Isso é o que veremos.

– É tarde. Não tens sono?

– Não.

– Não estás cansado?

– Não.

– Eu sim.

– Temos de continuar.

– Está… De acordo… Dá-me um minuto. Tenho de ir à casa de banho.

3

A presidente da Câmara convocou-os para as quatro da tarde no Botafumeiro, um restaurante elitista encaixado no coração de um bairro popular: o bairro de Gràcia. No entanto, a ideia de marcar o encontro longe da Câmara Municipal não foi dela mas de Vàzquez, que não quer voltar lá. «Quanto menos gente nos vir naquela casa de putas, melhor», disse o sargento. «Não vá algum espertalhão cheirar alguma coisa.»

O Botafumeiro ainda está bastante concorrido quando chegam. Um dos guarda-costas da presidente diz-lhe que a sua chefe ainda não acabou de almoçar, e, como não há lugar ao balcão, optam por esperar fora, sob o toldo azul que cobre a porta do restaurante, ladeado por dois candeeiros dourados em forma de fogareiro. Permanecem ali algum tempo, absortos e em silêncio, observando a multidão que enche os passeios de Gran de Gràcia e a torrente de carros, autocarros, motas, bicicletas e trotinetes que sobe com estrépito em direção à praça Lesseps, e, no meio daquele barulho, Melchor crê por um momento adivinhar o pensamento de Vàzquez: sabe que ele está obcecado e nervoso com o sequestro da mulher do narco de Santa Coloma e por instantes volta a recordar-se dele no armazém de Molins de Rei, sentado no chão encharcado de sangue, com a cabeça

cortada da filha do narcotraficante venezuelano no colo, a cara banhada em lágrimas e gritando a plenos pulmões, e sente vontade de

lhe dizer que não foi ele quem falhou e que não se torture mais, porque enquanto dura o remorso dura a culpa.

Nesse momento toca um dos telemóveis de Vàzquez, que o atende e se afasta alguns passos pelo passeio estorricado pelo sol, prescindindo da proteção do toldo do Botafumeiro.

– Era Verónica – informa depois o sargento, ao voltar para junto de Melchor. – A rapariga da imprensa. Quer vernos imediatamente.

– Aos dois?

– Aos dois. Encontramo-nos com ela aqui ao lado, no bar Roure. Vamos assim que acabarmos o encontro com a presidente. Ela tem o seu gabinete em Les Corts, mas vem aqui. Diz que também tem de falar contigo. Vocês conhecem-se, não é verdade?

Conhecem-se. Verónica é a responsável da corporação pela ligação com a imprensa, e, uns meses depois dos ataques islamistas de 2017, deslocou-se até à Terra Alta para lhe pedir um favor: a televisão pública catalã estava a preparar uma reportagem sobre os atentados e os responsáveis queriam entrevistá-lo; evidentemente, ele apareceria nas imagens de costas para a câmara e com a voz

distorcida

pelos

técnicos,

que

a

tornariam

irreconhecível; ela já tinha falado com o comissário Fuster, que concordara com a proposta, desde que Melchor também o fizesse. Melchor não o fez. A responsável pela imprensa insistiu: argumentou que naquele momento, com o chefe da corporação, o major Trapero, imputado por um juiz da Audiência Nacional pelo seu papel na intentona secessionista do outono de 2017, e com toda a instituição

deprimida e em xeque devido aos acontecimentos que levaram à declaração de independência de outubro desse ano, essa reportagem era fundamental para eles, garantiu que nada levantaria tanto o moral dos seus colegas como a lembrança da sua atuação nos atentados islamistas e que ninguém representava como ele o que aquela atuação teve de melhor. Foi tudo inútil: Melchor recusou taxativamente aparecer na reportagem.

– Disse a Cosette que ia buscá-la ao ATL às cinco – alega.

– Nesse caso, pede a alguém que vá em teu lugar – diz Vàzquez. – A questão de Verónica é urgente. Foi o que ela me disse.

Melchor telefona a Vivales, conversam durante alguns momentos sobre o jantar da noite anterior (o advogado diz-lhe que os seus amigos saíram de casa ao amanhecer), e, pela segunda vez nos últimos três dias, pede-lhe que vá buscar Cosette. Vivales aceita.

– Resolvido – diz Melchor.

Agora já encontram lugar ao balcão do Botafumeiro, que se vai despovoando pouco a pouco enquanto eles bebem um café. A dada altura, um secretário da presidente leva-os até um reservado onde só se veem dois empregados de mesa de uniforme que se apressam a levantar uma mesa comprida e oblonga, escoltada por nove cadeiras fofas e encimada por um lustre de onde pende um cacho de lágrimas de metal dourado. É uma sala sem janelas, com um grande espelho ao fundo e vários quadros a óleo de paisagens marítimas que decoram as paredes forradas a

papel grená. O secretário pergunta aos dois polícias se desejam tomar alguma coisa.

– Acabámos de o fazer – responde Vàzquez.

Ele pede então aos empregados outro café para a presidente, uma garrafa de água mineral e três copos e diz a Melchor e a Vàzquez que esperem um pouco. Minutos depois aparece a sua chefe.

– Desculpem fazer-vos esperar – cumprimenta-os. –

Estive mais de duas horas aqui fechada com o pessoal da Câmara de Comércio e precisava de me refrescar.

Aperta a mão de Vàzquez e retém a de Melchor, que recorda que, no encontro anterior, a presidente os tratava por «você».

– Anteontem não fazia ideia de quem eras – reconhece a mulher. – Se tivesse sabido…

– Disse a alguém que esteve connosco? – alarma-se Vàzquez.

– Não te preocupes, sargento – tranquiliza-o a presidente. – Quem me falou sobre o teu colega foi o comissário Vinebre, que teve a amabilidade de me telefonar para saber como correm as coisas.

A presidente elogia a atuação de Melchor no atentado de Cambrils e enquanto encadeia dois ou três lugares-comuns sobre a crescente ameaça do terrorismo islâmico, Melchor sente que aquela mulher fala como se sentisse uma enorme admiração por ele, uma gratidão imensa, como se, naquele momento, ele fosse, para ela, a pessoa mais importante do mundo, e de chofre julga compreender que deriva daí grande parte do seu atrativo: não do que ela é, mas do que

consegue que os outros creiam que são para ela. Também recorda uma das coisas que Chicho Campà disse na véspera, no terraço do apartamento de Vivales: «É isso a nossa presidente: uma série de máscaras. A pergunta é o que existe por detrás de todas essas máscaras. E a resposta é nada.» A presidente ainda não tinha terminado a sua exposição anti-islamista quando batem à porta do reservado: é um empregado com o café e a água.

– Sentem-se, por favor – pede-lhes ela.

Melchor e Vàzquez sentam-se diante da mulher, que mexe no seu telemóvel até o empregado sair e os três voltarem a ficar sós. Nessa altura a presidente entrega o aparelho ao sargento.

– Aí têm o número de onde me telefonaram – diz. – E a hora. Digo-vos a verdade: estou muito preocupada.

– Compreendo – garante o sargento, devorando com os olhos o ecrã do telemóvel.

– Não, não compreende – replica a presidente. – Deram-me dez dias para entregar os trezentos mil euros e demitir-me. Se não o fizer, difundem o vídeo.

Vàzquez levanta os olhos do telemóvel.

– Dez dias? – pergunta.

– Até sábado – assente ela. – Não neste, no seguinte.

O sargento mostra a Melchor o ecrã do telemóvel.

– Parece-me ser de um telefone público – comenta. –

Manda uma mensagem a Cortabarría e diz-lhe que o identifique. Não, é melhor não dizeres nada. Eu já o faço. –

Depois volta-se para a presidente: – Se tivéssemos o seu telefone sob escuta seria tudo mais fácil.

Vàzquez tenta explicar-se rapidamente, argumentar o seu pedido, mas a mulher corta cerce essa possibilidade («Nem pensar») e o sargento mostra as palmas das mãos num gesto de desculpa.

A presidente conclui:

– O que é preciso fazer é pagar a pronto e acabar quanto antes com este assunto.

– Pagando não acabaríamos com nada – objeta Vàzquez.

– Já lhe disse. E peço-lhe que não fique nervosa. É o que os chantagistas querem.

– Não estou nervosa. Estou assustada.

– Isso também compreendo – garante Vàzquez.

– Não voltes a dizer-me que compreendes.

A réplica da presidente provoca um silêncio embaraçoso.

Vàzquez pestaneja várias vezes, range os dentes, endurece o queixo; Melchor volta a recordar o sequestro da mulher do traficante de Santa Coloma e durante um segundo receia que o seu colega expluda. Felizmente, a mulher retifica imediatamente.

– Desculpa – diz. – Já te disse que estou assustada.

– Não se preocupe. – Vàzquez aponta para a chávena de café. – Beba isso e fale-nos da chamada, por favor.

A presidente inspira e expira profundamente, pega na chávena de café e bebe um gole. Veste umas calças e um casaco cor de marfim e uma blusa camiseiro de seda lilás com uma corrente lavrada de cuja extremidade pende um camafeu que lhe cobre a separação entre os seios; salta à vista que, além de se refrescar, refez a maquilhagem na casa de banho. Atrás dela, uma paisagem marítima

representa um grupo de pescadores nos seus barcos, na faina, com um bando de gaivotas como uma esquadrilha de caças em miniatura a planarem sobre o mar.

– Recebi o telefonema ontem à noite – refere a presidente. – Em minha casa. Era tarde, estava quase a deitar-me, não costumo atender se não reconheço o número, sobretudo a essas horas. Mas desta vez tive um pressentimento.

– Reconheceu a voz da pessoa que lhe telefonou? –

pergunta Vàzquez.

– Não.

– Era um homem ou uma mulher?

– Uma mulher.

– Nacional ou estrangeira?

– Nacional.

– Alguma ideia da idade que podia ter?

– Nenhuma.

– Continue, por favor.

De um gole, a presidente acaba o seu café.

– Tentei conservar a calma – continua, cruzando as mãos sobre a mesa: umas mãos finas, ossudas, de dedos longos e unhas pintadas de púrpura. – Disse-lhe o que me pediram que dissesse. Que anda por aí muita gente a dizer que tem vídeos meus com conteúdo sexual e a ameaçar publicá-los.

Como podia saber se ela tinha um. Que só estava disposta a negociar se me demonstrasse que o tinha. – Uma pausa. –

Sabes o que me respondeu?

– O quê? – pergunta Vàzquez.

– Disse-me que eu estava a tentar enganá-la, que tudo o que lhe disse era mentira e que nunca me tinham tentado chantagear com nenhum vídeo de conteúdo sexual. E

depois demonstrou-me que tem realmente o vídeo.

– Como?

– Contou-me o que lá está.

– Descreveu-lhe as imagens?

– E disse-me quando e onde foram filmadas.

– Essa mulher podia saber tudo isso e não ter o vídeo.

– Sim. Mas tem-no.

– Tem a certeza.

– Absoluta.

Vàzquez e a presidente ficam a olhar-se como se estivessem a avaliar em silêncio o intelecto ou a capacidade de resistência de cada um. Melchor compreende que verbalizar a sua aflição está a dissipar o nervosismo inicial da mulher e a devolver-lhe o seu aprumo. Um dos telemóveis de Vàzquez vibra sobre a toalha; o sargento limita-se a dar-lhe uma vista de olhos.

– Diga-me o que há no vídeo – pede.

Um pouco desconcertada, a presidente volta-se para Melchor e a seguir novamente para o sargento. Depois suspira, deita um pouco de água num copo e bebe-a.

Melchor repara que as mãos não lhe tremem.

– A gravação é do dia em que conheci o meu ex-marido –

diz a mulher.

– E isso foi quando? – pergunta Vàzquez.

– Há quase vinte anos. Ainda éramos ambos estudantes, eu estava a terminar a licenciatura, sou dois anos mais

velha do que ele. Tinha ido jantar com alguns colegas de curso e, como era sábado, metemo-nos nos copos e a noite foi-se prolongando. Dani apareceu num bar, a altas horas.

Estava com uns amigos. Enfim, uma coisa levou à outra e acabámos num espaço da família dele, perto da avenida Tibidabo. Devem-nos ter filmado aí.

– Como sabe?

– Pelo que me contou a mulher.

– A chantagista?

A presidente assente.

– Apercebeu-se de que a filmavam?

– Claro que não.

– E o seu marido?

– Não. Não creio. Não sei. De qualquer forma, nunca me disse nada.

– Só a filmaram a si e ao seu marido?

– Não.

– Quem estava convosco?

– Já te disse: amigos do meu marido.

– Que amigos?

A presidente não responde imediatamente; indecisa, volta a olhar para Melchor, como se procurasse refúgio nele ou uma escapatória. Se era isso, não encontrou nem uma coisa, nem outra.

– Enric – acaba por dizer. – Enric Vidal.

Vàzquez também demora a reagir.

– O seu vice-presidente? – pergunta, perplexo.

A presidente volta a assentir.

– Era muito amigo do meu marido. – E acrescenta: – Tal como Gonzalo Rosell. O porta-voz do PP…

– Na Câmara Municipal.

– Sim.

– Rosell também era amigo do seu marido ou também aparece no vídeo?

– Ambas as coisas.

Vàzquez parece não conseguir acreditar no que está a ouvir. Notoriamente incomodado, aclara a garganta e, pelo canto do olho, Melchor nota que se volta discretamente para ele, que evita imitá-lo.

– Mais alguém? – pergunta o sargento.

– Mais alguém o quê? – responde a presidente.

– Aparece mais alguém na gravação?

– Não.

– A chantagista também lhe disse isso?

– Isso vivi-o eu, não preciso que ninguém mo diga. –

Novamente impaciente, a presidente resfolega, volta a cruzar e a descruzar as mãos, fá-las esvoaçar à altura da paisagem marítima que tem atrás. – Olhem, não me venham com melindres. Isto são coisas que se fazem na juventude – prossegue, tomando como garantido que todos sabem a que coisas se refere. – Há dias avisei-vos de que nessa altura fiz muitas asneiras, todos as fizemos e, se alguém não as fez, pior para ele. Mas não vale a pena dar-lhes muita importância. A questão é que…

– Não somos nós que lhes damos importância – agora é Vàzquez quem a interrompe. – É a senhora.

– É que para uma pessoa normal não têm importância –

replica ela –, mas para mim sim. É o que tentava dizer-te: que a carreira política de um homem consegue sobreviver a uma gravação como esta, mas a de uma mulher não. E, sobretudo, se essa mulher sou eu. Não percebem?

A interrogação silencia o reservado por alguns segundos, durante os quais Melchor volta a recordar o jantar da véspera em casa de Vivales: «Isso apesar de agora pregar a castidade», disse Manel Puig referindo-se à presidente, «o regresso à família tradicional e a necessidade de mais filhos para preservar a civilização cristã, para que os muçulmanos não nos invadam e toda essa merda xenófoba.» O sargento não parece muito convencido pelos argumentos da presidente e depois de responder num instante à mensagem que acaba de entrar no seu telemóvel, muda de assunto.

– Quanto tempo falou ao telefone com o chantagista?

– Com a chantagista, era uma mulher – corrige-o a presidente. – Quatro ou cinco minutos, não mais. O

suficiente para saber que não é bluff. E também para outra coisa. – O sargento interroga-a com os olhos. – Tive a impressão de que a demissão é

só uma forma de me pressionar. Que não é o fundamental. Que o fundamental é o dinheiro.

– Como ficou com essa impressão? – pergunta Vàzquez.

– Não sei. Pela forma como a mulher falava, suponho.

Não falava da mesma maneira de um assunto e do outro.

Foi o que me pareceu. Por isso julgo que o melhor é pagar de uma vez por todas e negociar para que me entreguem o

vídeo em troca do dinheiro e deixem de me chatear. E para não piorarmos as coisas ainda mais.

Nas duas conversas mantidas com a presidente, Melchor obrigou-se a guardar silêncio e a focar-se em decifrar a sua linguagem não verbal; mas agora não é capaz de se conter.

– As coisas não estão a piorar – discorda.

A mulher observa-o com mais espanto do que interesse: aquela é a primeira frase um pouco articulada que o ouve completar.

– Há quatro dias, essa gente pedia-me trezentos mil euros – recorda-lhe a presidente. – Agora pedem-me os mesmos trezentos mil euros além da minha demissão da Câmara. Explica-me porque não pioraram.

– Porque o mais provável é que, desde o princípio, quem está a chantageá-la queira a sua demissão – explica Melchor.

– E porque não ma exigiram anteriormente? – pergunta a presidente.

– Não sei – admite Melchor, mas arrisca: – Para nos desorientar. Para não nos dar pistas. Para que não suspeitemos de quem possa ser o chantagista.

– É possível – apoia-o Vàzquez. – E também é possível que haja dois chantagistas diferentes: um que quer o dinheiro e outro que quer é que se

demita. Isso explicaria a impressão que teve ao telefone. E isso seria bom para nós, porque poderia provocar conflitos entre os chantagistas e nós poderíamos aproveitar-nos disso. Diga-me, há alguém interessado em que deixe a Câmara Municipal?

Na expressão da mulher, o interesse e o espanto transformam-se de chofre em incredulidade.

– Estás a brincar ou quê? – pergunta, com um riso um pouco forçado. – Fazes a mais pequena ideia de como funciona a política?

– Refiro-me a alguém relacionado com a gravação –

apressa-se Vàzquez a precisar.

O matiz congela o riso na boca da presidente, que leva a mão direita ao camafeu de ónix e o acaricia com as pontas dos dedos indicador e polegar, deixando vislumbrar por instantes a carnuda profundidade do desfiladeiro que separa os seus seios.

– Não sei – afirma, largando o camafeu.

– Há uma coisa que gostaria que me esclarecesse – volta Melchor a intervir. – Se o seu marido e os seus dois amigos participaram na orgia, quem a filmou?

Como se não tivesse percebido a pergunta, ou como se precisasse de tempo para a processar, a presidente fá-lo repeti-la; Melchor reformula-a, substituindo a palavra

«orgia» pela palavra «festa».

– Havia outra pessoa – evoca a presidente. – Outro amigo do meu marido. Fazia parte do grupo, mas não participou naquilo.

– Pode ter sido ele a filmar? – interroga Vàzquez.

– É possível – reconhece a mulher. Ninguém entrou no reservado, mas ela olha para a porta e permanece por momentos com os olhos fixos aí. Depois, dirigindo-se novamente aos dois investigadores, continua: – Não sei quem era, só estive com ele essa noite, Dani nunca me

falou nele, que me lembre… – Estende os braços num gesto resignado ou impotente. – Enfim, continuo a insistir que o que devíamos fazer era pagar.

– Não digo que não – aceita Vàzquez. – Mas ainda é cedo.

Olhe, como sabe, os chantagistas pedem-nos que paguemos com moneros, e o pessoal da Unidade de Delitos Económicos diz que, usando essa forma de pagamento, temos uma hipótese de os apanhar. Não é garantido, mas é uma hipótese. De qualquer forma, antes disso deveríamos esgotar outras vias.

– Por exemplo?

O sargento mostra o número do chantagista no ecrã do telemóvel da presidente e, enquanto o aponta, diz:

– Vamos ver no que isto dá. – Devolve o telefone à mulher e acrescenta: – Claro que, se tivéssemos o seu telefone sob escuta…

– Não insistas – interrompe-o. – Não me vais convencer. –

A presidente olha para o relógio. – Mais alguma coisa?

– Sim – intervém Melchor novamente. – Como se dá com o seu ex-marido?

Os olhos da presidente perfuram-no com uma mistura de estranheza e de contrariedade, como se ele tivesse acabado de

a

dececionar

imenso.

Mas

logo

a

seguir,

inesperadamente, dirige-lhe um sorriso encantador.

– Dou-me bem – garante. – Muito bem, diria mesmo.

Estivemos casados cinco anos, temos uma filha, damo-nos bem. Foi uma separação de mútuo acordo.

Dizendo para consigo que três afirmações equivalem a uma negativa, Melchor pergunta:

– E com Enric Vidal?

– O que se passa com Enric?

– Também se dá bem com ele?

– Também.

– Não é o que as pessoas dizem.

A mulher encolhe os ombros sem deixar de sorrir.

– Não acredites em tudo o que as pessoas dizem –

recomenda-lhe. Depois de uma pausa anuncia: – Bom, tenho de me ir embora.

Levanta-se da mesa e os dois polícias imitam-na.

– É melhor que saia primeiro – diz Vàzquez, devolvendo-lhe o conselho e apertando-lhe a mão. – Não convém que nos vejam juntos.

– Como queiram. – Despede-se também de Melchor, aproxima-se da porta, agarra na maçaneta e olha para os dois homens. – Lembrem-se de que só faltam dez dias.

– Não se preocupe – diz Vàzquez. – Confie em nós.

A presidente volta a assentir.

Assim que a mulher sai do reservado, Melchor di-lo:

– Vidal está metido no esquema.

– O quê? – pergunta Vàzquez, pestanejando muito.

– O vice-presidente está a chantagear a presidente –

esclarece Melchor. – Ou está conivente com aqueles que a chantageiam.

– Como sabes?

– Não sei, pressinto-o. E a presidente também. Porque achas que encarregou o caso primeiro a uns detetives e depois a nós?

O sargento torna a sentar-se e, após uns segundos de silêncio, parece finalmente compreender.

– Claro – diz. – Se não pensasse que Vidal estava metido no esquema, entregava-lhe o caso a ele e ao pessoal dele.

– Exatamente. Entregou-o a nós porque não tem confiança neles. E não confia neles porque acha que o chefe está metido no assunto.

Vàzquez dá um murro na mesa e dois copos vazios caem sobre a toalha.

– Puta que o pariu! – resmunga o sargento. – É verdade.

– Pelo menos é possível – ressalva Melchor, levantando um dos copos caídos. – Eu acho que anteriormente ela só desconfiava, mas agora tem a certeza.

– Porque o dizes?

– Pela cara que pôs quando lhe perguntaste se alguém que aparece no vídeo está interessado na sua demissão. Foi aí que ela fez o clic.

Como se pensasse em voz alta, Vàzquez conclui:

– Ou seja, o seu próprio vice-presidente quer que ela se demita.

– Se está metido no esquema, com certeza.

– Não nos estamos a passar? – reconsidera de repente o sargento. – Não andamos aqui aos papéis?

– Não acho – insiste Melchor. – Há quem pense que Vidal está louco para substituir a chefe. E têm boas razões para o pensar. É mesmo possível que até o ex-marido da presidente, que também aparece no vídeo, esteja interessado na demissão dela.

– O que significa que, se calhar, o ex-marido também faz parte dos malfeitores – raciocina o sargento, abandonando o seu efémero papel de advogado do diabo.

– Se calhar. Ao fim e ao cabo, ele e Vidal são amigos desde sempre. Como o outro. Como se chama?

– Rosell. – Os dois polícias guardam um momento de silêncio e Melchor nota que a face esquerda de Vàzquez treme quase impercetivelmente, como se lhe tivesse aparecido um tique. – Há uma coisa que não bate certo –

admite o sargento. – Se a presidente desconfiava desde o princípio que Vidal estava metido no esquema, porque não nos disse? Porque não nos diz

agora? Por medo? Vidal e o seu pessoal não andam com paninhos quentes, é verdade.

Mas…

– Não sei – admite também Melchor. – Seja como for, o que é certo é que temos de falar com ele quanto antes.

Vàzquez arregala os olhos.

– Com Vidal?

– Com ele, com o ex-marido e com o outro.

– Para saberem que estamos atrás deles? Nem pensar.

– Não têm porque saber que estamos atrás deles. Só que estamos atrás de quem está a chantagear a presidente.

– E se quem estiver a chantagear a presidente forem eles?

– É preciso correr esse risco. Prefiro perder o segredo e ganhar uma boa conversa com esses três.

– Lembra-te de que há um quarto. Embora ainda não saibamos quem é.

– Então com esses quatro.

Vàzquez parece refletir: a boca endureceu-lhe e, por baixo das olheiras de cansaço ou de insónias, a sua face esquerda continua a tremer.

– Tem paciência – diz a Melchor, recusando a sua proposta. – Vamos explorar primeiro esta via.

– Pelo menos ponhamos esses três sob vigilância.

– Estás louco? Nem tenho pessoal para o indispensável e vou pô-lo a trabalhar nisto?

– Pede-o a Blai. Ele dar-to-á. De Vidal encarrego-me eu.

Diz a alguém que controle os outros dois.

Vàzquez não se permite pensar na proposta de Melchor.

– Bom, já pensarei nisso. – Levanta-se da cadeira. –

Vamo-nos embora, que Verónica deve estar farta de esperar.

O encontro é no Roure, um bar dos antigos, perto do Botafumeiro. De modo que, depois de saírem novamente para a confusão ardente de Gran de Gràcia e de caminharem uns metros em direção à Diagonal, viram à direita na primeira ruela e percorrem-na até à praceta onde se situa o local. Não veem imediatamente a assessora de imprensa entre os poucos casais que conversam sob as velhas ventoinhas – uns aparelhos reformados como instrumentos de refrigeração que garantem a antiguidade do local –, mas, ao passarem por um balcão repleto de tapas tradicionais, reconhecem-na ao fundo, agitando os braços como hélices para chamar a atenção de ambos.

– Que coincidência, Vàzquez! – Verónica dirige-se ao sargento, mas aponta para Melchor. – Andava há tanto

tempo a pensar que tinha de falar com este homem, telefono-te a ti e estás com ele. – Pespega um par de beijos nas faces de cada polícia e, abrindo um espaço na sua mesa a transbordar de papéis, acrescenta: – Sentem-se, por favor. E desculpem a confusão: é que ando sempre com o escritório às costas.

É uma mulher com trinta e tal anos, pequena, morena e vivaça, que veste umas calças de ganga desbotadas e uma T-shirt verde-escura, tem o cabelo apanhado num coque e gesticula profusamente com os seus braços de bailarina.

Acabou de se sentar diante dos dois polícias quando aparece o empregado. Melchor e Vàzquez não pedem nada; ela, que acabou de tomar um café pingado, pede outro.

– Bom, conta-me. – Agora Verónica dirige-se a Melchor com um sorriso sem reservas. – O que fazes em Barcelona?

– Tinha saudades nossas – troça Vàzquez.

– A sério? – pergunta Verónica.

– Vim em comissão de serviço – explica Melchor. –

Ficarei pouco tempo.

– E voltas para a Terra Alta? – torna a perguntar Verónica.

Melchor assente. A assessora de imprensa resfolega com uma expressão de tédio infinito.

– Não percebo o que vês nesse sítio, rapaz. Já estiveste lá, Vàzquez?

– Não.

– Nem vale a pena, digo-te eu. Fica no cu de Judas! –

Tentando cair nas graças de Melchor, precisa: – Atenção, não digo que não dê para um fim de semana romântico, hã?

– Mas corrige-se imediatamente: – Claro que para um fim de semana romântico até um bunker serve… É incrível, ficarias tão bem aqui em Barcelona. Além disso, terias tratamento de luxo. Sabes disso, não sabes?

A chegada do empregado poupa Melchor a uma resposta. Sem deixar de ponderar nas vantagens que ele teria ao transferir-se para a capital, Verónica tira da carteira um dispensador de estévia, deita no café pingado duas pastilhas do tamanho de lentilhas, devolve o dispensador à carteira e começa a mexer o café com uma colherzinha.

– Enfim, vamos ao que interessa: conheces Isaki Lacuesta? – Melchor nega com a cabeça. – Nunca viste nenhum filme dele? – Perante a incredulidade de Verónica, Vàzquez também diz que não. – Pois não sabem o que perdem, queridos. É um realizador fantástico, que faz uns filmes fantásticos e que, enfim, não tenho palavras. Eu conheci-o na pré-história, quando ele trabalhava no Diari de Girona. Tivemos um caso, e tal. Curto, infelizmente.

Bom, não vou entrar em pormenores. – Passa uma mão pela cara, como num passe de magia ou num floreado flamenco.

– Resumindo: ele quer fazer um filme sobre os atentados de 2017.

Talvez tentando avaliar a reação de Melchor, Verónica faz uma pausa e bebe um gole da sua bebida; na cara do polícia não se move um único músculo.

– Mas, claro – termina a assessora de imprensa –, só vai fazê-lo se puder contar contigo.

Melchor ensaia um sorriso educado.

– Já te disse que não quero aparecer na televisão –

recorda-lhe.

– Mas se isto não é para a televisão, homem! – exclama Verónica, pegando na mão dele com uma das suas e dando-lhe umas palmadinhas com a outra. – É para o cinema.

Seria um documentário, nada de coisas inventadas, para quê? E seria fantástico. Vais ver. Tu não conheces Isaki, é um craque, se alguém pode tornar essa história num filme porreiro é ele.

Verónica inicia um elogio apaixonado do cineasta e pondera sobre o valor que o filme pode ter para a instituição policial ou para o seu moral; repete, refinados e atualizados, os argumentos que esgrimiu anos antes, quando tentou convencer Melchor a aparecer na reportagem da televisão catalã; acrescenta um novo, segundo o qual Melchor se tornou ao longo dos anos um símbolo «transversal e suprapartidário», diz, daquilo que a polícia catalã tem de melhor.

– Não percebes? – insiste Verónica. Tinha largado a mão de Melchor, mas volta a pegar nela. – Há miúdos que chegam à Escola de Polícia e a primeira coisa que fazem é perguntar por ti.

– Não me lixes – diz Vàzquez, cujo tique facial acelerou.

– É como te digo – reafirma Verónica, dando outra palmadinha na mão de Melchor. – E é preciso aproveitar isso. Depois de tudo o que padecemos estes anos…

A assessora volta à carga, como se estivesse perante a sua última oportunidade de convencer Melchor. Ainda não

esgotou o seu arsenal de argumentos quando Vàzquez a interrompe, apontando para o colega:

– Se lhe vais fazer um broche, diz-me, que vos deixo sozinhos, hã? Porque tenho muito trabalho.

– Estou a falar a sério, Vàzquez – ralha-lhe Verónica.

– Eu também – afirma Vàzquez.

Verónica ri-se, alvoroçada, simulando afastar com uma mão coquete o comentário do sargento («Estás ciumento, homem»), mas demora um segundo a recuperar a expressão de seriedade, bebe outro gole de café e retoma a ofensiva.

– Há outra razão para aceitares – dirige-se novamente a Melchor. – Poderias dar a tua versão dos factos.

– Já a dei ao juiz – recorda-lhe Melchor.

– Não me refiro só aos factos do atentado – esclarece Verónica. – Refiro-me aos factos em geral.

Agora Melchor olha para ela sem compreender. A mulher apoia o tronco na beira da mesa e os seios derramam-se sobre a superfície de madeira. Vàzquez tenta em vão que os seus olhos não se fixem neles. A assessora de imprensa pergunta a Melchor:

– Não me digas que não leste o último romance de Javier Cercas?

O

interpelado

está

prestes

a

desculpar-se,

argumentando que não lê romances atuais, quando Vàzquez intervém:

– Que romance?

– Não posso acreditar – suspira Verónica. – Não veem os filmes de Isaki, nem sequer leem os romances que falam de

vocês. Mas… em que mundo vivem, queridos?

Vàzquez repete a pergunta.

– De um que fala sobre Melchor – explica Verónica. –

Bom, sobre Melchor ou sobre um tipo que se chama como Melchor e que se parece bastante com Melchor… Intitula-se Terra Alta. A sério que não ouviram falar dele? – Os dois polícias

permanecem

num

silêncio

um

pouco

envergonhado; a mulher prossegue, dirigindo-se ao sargento: – Cercas diz que se baseou na história de Melchor, embora também diga que tudo o que conta no romance é falso; ou seja, que inventou a história de uma ponta à outra. Mas há quem diga que isso é mentira e que a história é verdadeira, ou

seja, que aqui o teu colega contou a sua história a Cercas e que ele se limitou a escrevê-la. Tu conheces esse tipo, Melchor?

Melchor garante-lhe que não.

– Foda-se, que confusão – diz Vàzquez, coçando o crânio rapado.

– Estás a ver? – reafirma Verónica. – Também por isso seria bom que ajudasses Isaki a fazer o seu filme: para desmentir o que é mentira e confirmar o que é verdade.

Refiro-me ao livro de Cercas. Que alguma verdade terá, ou não?

Melchor não responde.

– Estou a ficar enjoado – reconhece Vàzquez. – Se não estivesse de serviço, emborcava um copo agora mesmo. –

Impaciente e um pouco irritado, acrescenta: – Diz-me uma coisa, Verónica, era só para isto que querias falar connosco?

Endireitando-se na cadeira, a mulher volta a suspirar, suplica a Melchor que torne a pensar na sua oferta e alisa a T-shirt, amarrotada pelo contacto com a mesa.

– Não, chato, essa era só a parte boa. – A assessora de imprensa acaba o café pingado e pergunta à queima-roupa:

– Vocês estão a investigar uma chantagem à presidente da Câmara Municipal?

O sargento dá um pulo.

– Quem te disse isso?

– Roger Galí – responde Verónica. – Um jornalista do Ara. Não me perguntes como conseguiu saber porque não faço ideia. A única coisa que me disse é que correm rumores de que estão a chantagear a presidente com

um vídeo de teor sexual e que vocês estão atrás dos chantagistas. É verdade ou não?

– Puta que o pariu! – pragueja Vàzquez. – Era só o que nos faltava.

– É verdade ou não? – insiste Verónica.

– Claro que é verdade, foda-se. O que não percebo é como isto pôde chegar a um jornalista. A não ser que…

– A não ser que na segunda-feira alguém nos tivesse visto entrar na Câmara Municipal e começasse a seguir o rasto – termina Melchor.

– Merda – lamenta-se o sargento.

Sobrevém um silêncio.

– Se calhar está só a sondar – conjetura Melchor. – Se calhar há alguém interessado em tornar público o assunto.

Ou interessado em que nós saibamos que o pode fazer.

A hipótese fica a pairar sobre a mesa enquanto Melchor e Vàzquez se entreolham. Verónica pergunta:

– Pode saber-se que diacho estão a pensar?

O sargento responde com outra pergunta:

– O que disseste ao jornalista?

– O que querias que lhe dissesse? A verdade. Que não fazia ideia. Que tentaria averiguar. Que depois lhe diria alguma coisa.

– Tens de travá-lo – pede-lhe Vàzquez. – Se ele publica essa informação, lixas-nos completamente. Se os tipos ficam a saber que estamos atrás deles…

– Farei o que puder – promete Verónica. – Embora não vá ser fácil. Para variar, o Ara anda em baixo, dizem que está quase a fechar, só que agora parece que a coisa é mesmo a sério. De modo que um furo como este lhes cai que nem ginjas.

– Tens de travá-lo – repete Vàzquez. – Desenrasca-te como puderes.

– Eu desenrasco-me – assente Verónica. – Mas apressem-se, por favor, estou a dizer-te que a coisa está quase a explodir. E milagres, só em Roma. Percebes, não é verdade?

Vàzquez também assente. Relativamente satisfeita, Verónica observa por instantes o caos de papéis que reina na mesa e parece um pouco perdida, como se não soubesse por onde começar a cumprir a sua promessa. Vàzquez aproveita a decisão para anunciar:

– Bom, se não há mais nada, nós vamos dar à sola. Eu estou com a água até ao pescoço, tenho de voltar para

Egara a abrir.

Terminam a reunião e, enquanto os dois polícias saem para o calor das seis da tarde, Verónica paga o seu consumo. Despedem-se na praça, onde a assessora de imprensa estacionou a mota. De capacete na mão e sentada na sua máquina, Verónica recupera a expressão de júbilo com que os recebeu. No fim volta a falar de Isaki Lacueta e pede a Melchor que dê uma vista de olhos ao seu projeto cinematográfico.

– Em setembro telefono-te ou vou ter contigo à Terra Alta – diz-lhe. – Se calhar entusiasmo-me e até apareço com um engate. Estás solteiro, Vàzquez?

– E sem compromisso – responde o sargento imediatamente.

Verónica pisca o olho a Melchor e põe o capacete.

– Então se calhar apareço-te com este machão – ri-se. –

Enquanto isso, não te esqueças de mim.

Vàzquez responde-lhe que não se esqueça deles e, enquanto a vê afastar-se pela Riera de Sant Miquel, comenta:

– Bem simpática, não achas?

Ao entrar em casa encontra Vivales a ler uma pilha de documentos e Cosette a brincar com uma colega do ATL, uma menina chamada Sandra que tem os dentes couraçados com aparelho e uma mãe bonita e conversadora que não passa despercebida entre a balbúrdia das entradas e saídas do ATL. A mãe vem buscar Sandra pouco depois e o polícia conversa uns minutos com ela. Depois, enquanto

Cosette se entretém a ver televisão, Melchor faz o jantar com Vivales e, no fim, deixa a filha e o advogado a jantar sozinhos em casa e vai a pé até La Dama, um restaurante escondido num velho edifício modernista da Diagonal.

Uma empregada acompanha-o até à sala de jantar onde Rosa Adell espera por ele, sentada num divã de veludo vermelho, com um martini na mão. Cumprimentam-se com um beijo e Melchor senta-se diante da amiga enquanto a empregada lhe pergunta se deseja um aperitivo. Ela pede uma Coca-Cola e, quando a empregada se retira, comenta:

– Não devias ter reservado num restaurante tão caro.

– Quem paga manda – alega Rosa.

– Celebramos alguma coisa?

A mulher ergue o copo de martini num brinde solitário, bebe um gole e pergunta:

– Que tal o regresso a casa?

– Barcelona não é a minha casa – corrige-a Melchor. – A minha casa é a Terra Alta.

Rosa sorri. Estão sentados ao fundo de um elegante salão. Atrás de Melchor janta um casal de velhotes japoneses muito bem vestido; à sua esquerda uma vidraça dá para a Diagonal, embora as cortinas que a cobrem só deixem transparecer um candeeiro disforme. Rosa Adell veste uma blusa branca de popelina, escurecida por um alfinete de peito que representa uma águia em miniatura com as asas abertas: o logótipo das Gráficas Adell; deu um toque discreto de cor nos lábios grossos e nos olhos profundos e ovalados, e a luz de um candeeiro de parede, atrás dela, dá à sua pele uma sugestão de ouro. Olhando

para ela, Melchor sente-se um grande felizardo por aquela mulher bela, culta e educada o agraciar com a sua amizade e por ter posto de lado os compromissos que a trouxeram a Barcelona para jantar com ele, um simples polícia quinze anos mais novo do que ela; também pensa o que costuma pensar frequentemente quando a vê: que Rosa tem a mesma idade que Olga teria, se estivesse viva.

– Então, que tal a capital? – pergunta ela.

Melchor explica até onde pode as razões que o levaram a Barcelona, a empregada traz a Coca-Cola e duas ementas e Rosa pede com um gesto outro copo de martini. O pedido surpreende Melchor. Rosa bebe álcool, mas muito pouco e quase sempre vinho, e o polícia interroga-se se terá pedido dois cocktails antes do jantar por precisar de ficar alegre.

Para quê?, interroga-se. Interroga-se também se, desde sábado, ela soube de alguma coisa ou se aconteceu algo (relacionado com o seu ex-marido ou com Salom, por exemplo, algo relacionado com o caso Adell ou com os culpados no caso Adell), e se esse é o verdadeiro motivo daquele jantar.

– E tu? – pergunta Melchor.

– Eu o quê?

– O que fazes aqui?

A mulher suspira com um ar aborrecido e fatigado.

– Problemas de trabalho – responde.

Enquanto partilham a entrada (anchovas de Santoña e lambujinhas gratinadas), Rosa fala de um romance de Don Winslow intitulado O Cartel. É uma situação habitual entre ambos: leitora de romances contemporâneos (sobretudo

policiais), Rosa tenta contagiar Melchor com o seu entusiasmo por um deles. Sem grande sucesso. Depois da morte de Olga, os gostos literários de Melchor sofreram uma espécie de regressão, e desde essa altura o polícia voltou a alimentar-se exclusivamente de romances do século XIX, como antes de conhecer Olga; nunca disse a Rosa que histórias policiais lhe bastavam e sobravam as do seu trabalho, e esforça-se por ouvi-la, também sem grande sucesso. De modo que, enquanto ela fala do agente da DEA Art Keller e do rei dos narcos Adán Barrera, Melchor distrai-se pensando na chantagem feita à presidente da Câmara, embora só se aperceba da sua distração quando surpreende Rosa Adell a espiá-lo com um meio sorriso.

– Em que pensavas? – pergunta a mulher.

– Em nada.

– É impossível não pensar em nada – objeta ela. – Além disso, nunca te disseram que mentes muito mal?

«Claro», esteve quase a responder. «Olga.»

Mas não responde.

Chegam os pratos (também os partilham: robalo mediterrânico com ratatouille e vieiras com puré de couve-flor e sumo de carne), e enquanto Rosa começa a dividi-los, Melchor pergunta:

– Conheces a presidente da Câmara?

– A de Barcelona?

Melchor assente.

– O caso tem relação com ela? – pergunta Rosa por sua vez.

– Que caso?

– Que caso havia de ser? O que te trouxe aqui, o caso em que pensavas enquanto te falava de O Cartel.

Sem deixar de servir, Rosa olha para ele com ironia.

– Conhece-la ou não? – insiste Melchor.

– Uma vez almocei com ela. Foi numa reunião de empresários, ou coisa do género. Eu tinha acabado de me encarregar das Gráficas Adell.

– E?

A resposta só chega depois de Rosa ter provado o robalo.

– Francamente, pareceu-me ter muito paleio.

Melchor recorda Chicho Campà e pergunta:

– Isso significa que só diz o que as pessoas querem ouvir?

– Mais ou menos. E também que não tem nada sério para dizer, mas que o diz muito bem. São os segredos do sucesso em política.

A conversa muda depois para Cosette e para as quatro filhas de Rosa, todas muito mais velhas do que Cosette e todas emancipadas, embora visitas assíduas da casa familiar na Terra Alta. Este também é um tema de conversa frequente entre eles e, embora lhe interesse mais do que o dos romances policiais, Melchor tem de se esforçar para não se pôr novamente a pensar na

morte da bezerra. Só então se apercebe de que nunca viu a sua amiga tão contente desde que a conheceu, precisamente no dia a seguir ao assassinato dos pais, no estúdio do marido.

Interroga-se se Rosa terá começado a derrotar a infelicidade que se abateu sobre ela há cinco anos; depois

interroga-se se ele também começa a derrotar a sua e, como se já tivesse a resposta, aproveita a primeira oportunidade para lhe dar uma novidade: assim que surgir uma vaga de bibliotecário na Terra Alta, ou nos arredores, ele pretende concorrer.

– Se for aceite, saio da esquadra – garante Melchor.

Rosa observa-o, pasmada. Sabe que Melchor estuda biblioteconomia há três anos, mas sempre pensou que o fazia por simples prazer, ou pela mesma razão que o leva a pôr flores frescas na campa de Olga todos os sábados: como uma forma de prolongar a lealdade à sua defunta mulher; mas nunca imaginou que tencionasse ganhar a vida como bibliotecário.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

Também partilham a sobremesa, uma tarte Tatin.

Assim que saem do restaurante, Rosa pendura-se no braço de Melchor e pede-lhe que a acompanhe. Ela bebeu sozinha uma garrafa quase inteira de vinho (um verdejo de Rueda recomendado pelo sommelier), mas não está ébria, ou não parece estar. Percorrem a Diagonal, viram à direita pelo Paseo de Gràcia e descem em direção ao mar. A noite está quente e a conversa flui com facilidade entre ambos e a dada altura Melchor pensa que a intuição lhe falhou e que a amiga não o convidou para jantar para lhe dar uma má notícia.

Não se engana. Rosa Adell para à entrada do hotel Majestic, no gaveto da esquina do Paseo de Gràcia com a rua València.

– Eu fico aqui – diz.

Um pouco desconcertado, Melchor olha para a fachada do hotel, com os seus três arcos de pedra ladeados por grandes vasos metálicos com ciprestes anões e com o seu toldo modernista de ferro e vidro. A entrada está deserta; só o porteiro negro, com chapéu de coco e libré, deambula pelos arredores com as mãos atrás das costas, fingindo não reparar neles. Melchor estava convencido de que desceriam até ao apartamento das filhas de Rosa, na rua Pau Claris, onde ela costuma ficar quando vem a Barcelona.

– Não vais ficar com as tuas filhas? – pergunta.

– Não – responde Rosa. Os lábios dobram-se numa expressão travessa, quase infantil, e ela baixa os olhos para os hexágonos de motivos florais que pavimentam o passeio.

– A verdade é que não vim a Barcelona em trabalho. –

Ergue os olhos e acrescenta: – Menti. A verdade é que só vim para te ver.

Nessa altura aproxima-se de Melchor, e como uma adolescente apaixonada, indiferente ao movimento metropolitano que os rodeia, pega-lhe na cara com as mãos, procura-lhe a boca e beija-a. Ao separar-se dele, os seus olhos brilham na noite iluminada.

– Queres subir até ao meu quarto? – pergunta-lhe.

Melchor compreende então que aquela é a notícia que Rosa tinha reservada para ele, a última notícia sobre o caso Adell, e compreende também porque precisou Rosa de beber para a dar. Desvia os olhos e encontra os do porteiro que, imediatamente, afasta os seus. Depois olha novamente para Rosa. «Olga está morta», lê nos olhos dela. E lê

também: «Morreu há cinco anos.» E também: «Mas eu estou viva.» Melchor compreende que Rosa tem razão. De repente recorda: «Enquanto dura o remorso, dura a culpa.»

– Não posso – ouve-se a dizer. – Não funcionaria. Ia dececionar-te. – Cala-se. Hesita um momento, acrescenta: –

Além disso, tu mereces melhor.

Assim que o disse, lamenta tê-lo feito, porque sente que, para Rosa, aquelas palavras equivalem a uma injúria acrescida à injúria da sua recusa; mas não sabe como retificar. A proprietária das Gráficas Adell suspira e volta a sorrir.

– Melhor do que tu não há nada, Melchor – diz-lhe, e os seus olhos já não brilham como antes. – Mas se calhar tens razão. Não deveria tê-lo proposto.

Rosa deseja-lhe boa-noite e afasta-se na direção do hotel. Ainda não passou a entrada quando, mesmo ao chegar junto do porteiro, se volta para o polícia, que permaneceu imóvel no passeio, vendo-a afastar-se. O

porteiro olha para eles como se estivesse preso entre dois fogos.

– Deixas-me dizer-te uma coisa? – pergunta a mulher.

Para alívio do porteiro, Rosa recua uns passos, afasta-se dele e fica a poucos metros do amigo.

– Não te enganes, Melchor – diz-lhe, apontando para ele com um indicador admonitório. – Tu serás sempre um polícia.

Ao chegar a casa, encontra Vivales afundado na sua poltrona favorita, junto da porta aberta do terraço. Tem a

televisão ligada e está a ver um velho filme do Oeste a preto e branco. Melchor senta-se junto dele e pergunta por Cosette.

– Tudo sob controlo – responde Vivales. – Apagou há horas.

Veste uns boxers folgadíssimos e uma T-shirt branca com bolas vermelhas que faz sobressair a proeminência da sua barriga, e as suas pernas grossas, pálidas e peludas, repousam sobre um pufe; à sua esquerda, sobre uma mesa

de apoio, está um whisky aguado. No ecrã, James Stewart dá uma aula a um grupo de alunos composto por meninos e meninas, Vera Miles, um escravo negro e vários peões, perante o olhar satisfeito de um xerife obeso. O escravo negro está a ler, a pedido de Stewart, o segundo parágrafo da Declaração de Independência dos Estados Unidos:

«Todos os homens foram criados iguais.»

– Não me lixes – murmura o advogado, como se discutisse consigo próprio. – E depois dizem que Ford era um racista.

Melchor não é um grande adepto do cinema, mas, graças a Vivales, que adora os westerns (e que tem o hábito de ver um filme todas as noites), sabe quem é John Ford; sabe também que aquele filme se intitula O Homem que Matou Liberty Valance.

– Como correu com a rica herdeira? – pergunta o advogado.

– Bem.

Vivales fala sem perder pitada do que se passa no ecrã e Melchor recorda uma cena de outro western. Um cowboy

crê descobrir, atónito, que gosta de uma mulher, e para esclarecer os seus sentimentos pergunta ao encarregado do saloon: «Já estiveste apaixonado alguma vez?» «Não», responde o tipo. «Eu sempre fui empregado de bar.»

Passados alguns segundos, Melchor pergunta a Vivales se ouviu falar de um romance chamado Terra Alta.

– O quê? – responde Vivales.

John Wayne acaba de irromper pela escola, coberto de pó e com más notícias urgentes – Liberty Valance e os seus homens dirigem-se para a povoação para matarem James Stewart –, e este suspende a aula e sai disparado para o campo, montado numa carroça puxada por cavalos, disposto a aprender a disparar. Acompanhado pelo seu escravo negro, John

Wayne segue-o com a sua carroça e oferece-se para lhe ensinar a usar a pistola. Melchor volta a formular a pergunta e acrescenta o nome do autor do romance. Vivales diz que não ouviu falar dele.

– É sobre mim – explica Melchor.

Por indicação de John Wayne, James Stewart está a pôr três latas cheias de tinta sobre três postes. Quando acaba de pôr a última, John Wayne fá-las voar a tiros enquanto troça da ingenuidade de James Stewart, que se dirige disparado até John Wayne e, furioso e coberto de tinta, o atira ao chão com um murro que provoca a gargalhada de Pompey, o seu escravo negro. Vivales, que nunca se ri, ri-se.

Melchor interroga-se se estará a rir de John Wayne ou dele.

O advogado acaba com as dúvidas.

– O quê? – pergunta novamente.

– É sobre mim – explica Melchor.

Vivales volta-se para ele pela primeira vez com vestígios de riso a pairar-lhe ainda na boca.

– O romance – repete Melchor. – É sobre mim. Foi o que me disseram.

O advogado tenta sem sucesso assimilar aquelas palavras.

– Um romance a teu respeito?

– Sim – responde Melchor. – Chama-se Terra Alta.

Vivales abana a cabeça, cético, enquanto os seus lábios adotam a forma de um acento circunflexo e entra pela porta do terraço um sopro de brisa que alivia por segundos o calor da sala; depois o advogado bebe um gole de whisky e o filme monopoliza novamente a sua atenção. Melchor vê as horas no telemóvel: é quase uma da manhã. Olha novamente para o ecrã do

televisor e tenta descobrir o que está a passar. Antes de conseguir fazê-lo, Vivales volta-se novamente para ele.

– Queres que lhe ponhamos um processo? – pergunta.

– A quem? – responde Melchor.

– Ao tal Cercas.

– Um processo? Porquê?

– Como porquê? – espanta-se Vivales. – Por atentado à honra. Por imoralidade pública. Eu sei lá. Qualquer desculpa é boa para instaurar um processo. Esse Cercas deve ser um pé-rapado, mas, enfim, alguma coisa lhe arrancaríamos. Digo eu.

Melchor observa Vivales pensando que este está a gozar.

Percebe que não.

– É tarde – diz Melchor. – Vou para a cama.

Enquanto se levanta da poltrona, reconhece a cena do ecrã: desesperada, com lágrimas nos olhos, Vera Miles suplica a John Wayne que salve James Stewart, que se prepara para enfrentar Liberty Valance em duelo sem saber disparar um revólver.

– Espera. – Vivales endireita-se para pegar no comando à distância. – Eu também vou dormir.

– Não acabas de ver o filme?

– Sei-o de cor. Além disso, na sexta-feira tenho julgamento e amanhã de manhã tenho de o preparar.

O advogado desliga o televisor e, com um gemido, levanta-se da poltrona. Os dois homens arrumam um pouco a sala, apagam as luzes e deixam dois copos sujos no lava-louça da cozinha. Enquanto se dirigem para os seus

quartos, Melchor interroga Vivales sobre o julgamento de sexta-feira, e o advogado explica-lhe que tem de defender um tipo acusado de maltratar a mulher. Melchor pergunta como se chama o tipo; Vivales responde que se chama Alexis Rosa.

– Não percebo como consegues defender gente assim –

escapa-se-lhe.

Estão diante da porta do quarto que partilha com Cosette. Na penumbra do corredor, Melchor sente o hálito a whisky de Vivales e ouve o rumor pedregoso da sua respiração. O advogado baixa a voz para não acordar a menina.

– E eu não percebo como um polícia como tu me faz uma pergunta dessas – afirma.

– Não me digas que o tipo é inocente?

Como única resposta, Vivales pousa no ombro de Melchor uma mão piedosa e, com verdadeira curiosidade, pergunta:

– Inocente de quê? – Depois continua: – Pelo que sei, esse gajo é pior do que a tinha. Mas nesta altura já devias saber que eu sou capaz de defender Jack, o Estripador. Que digo? Jack, o Estripador? Não, Liberty Valance. E sabes porquê? – Não espera pela resposta. – Porque até o maior filho da puta do mundo tem direito a que alguém o defenda.

Se não for assim, não há justiça. – Faz um silêncio e Melchor apercebe-se de que o advogado procura os seus olhos; alegra-se por estar escuro de mais para os encontrar.

– Ou será que eras inocente quando te defendi? – Tirando-lhe a mão do ombro, Vivales conclui: – Cada um com o seu ofício, filho: tu, dedica-te a perseguir os malfeitores, que eu, enquanto isso, me dedicarei a defendê-los.

Melchor mete-se na cama pensando que é a primeira vez na sua vida que Vivales lhe chama filho.

Às oito e meia da manhã deixa Cosette no ATL, e já se prepara para entrar no carro e dirigir-se a Egara quando diz para consigo que deveria mandar um WhatsApp a Rosa Adell, mas não sabe o que escrever e não escreve nada.

Nesse momento Vàzquez telefona-lhe e pede-lhe para permanecer em Barcelona.

– Já sei de onde telefonaram para a presidente – diz. –

Não te disse que era de um telefone público? – Dá-lhe uma morada do Raval. – Passa por lá, a ver o que consegues averiguar.

– Vou sozinho?

– Como um anjinho – responde Vàzquez, que fala cada vez mais depressa, ou é o que parece. – Há novidades sobre o sequestro de Santa Coloma, a coisa está a rebentar, estou desde a noite de ontem a fazer preparativos para intervir.

– Queres que te dê uma ajuda?

– Nem pensar – responde Vàzquez. – Blai está a portar-se muito bem, e por uma vez tenho o pessoal de que necessito.

Continua com o caso da presidente. Assim como assim, não podemos abandoná-lo, ainda menos com o pouco tempo que nos resta até terminar o prazo. Precisas de alguma coisa?

– Não – diz Melchor, mas retifica logo a seguir: – Bem, sim. Quando puderes, arranja-me o endereço de um tipo.

Chama-se Alexis Rosa.

Vàzquez fá-lo repetir o nome; depois pergunta:

– E quem é esse?

– Depois conto-te.

Caminha até à Rambla, apreciando a frescura passageira da manhã, e ao chegar à estação de metro do Liceo, vira à direita pela rua Sant Pau, continua em frente e, mesmo na esquina da Rambla del Raval, descobre o telefone público encastrado na parede.

Passa o resto da manhã a bisbilhotar o bairro. De início, explora os arredores do telefone até descobrir dois estabelecimentos que dispõem de câmaras de vigilância orientadas para a rua: o primeiro é uma empresa de segurança; o segundo, o multibanco de uma sucursal do Banco de Santander. Nenhuma das duas câmaras foca diretamente o telefone, mas Melchor quer visionar as

imagens que ambas gravaram dois dias antes, à hora em que a chantagista telefonou para a presidente. O gerente da agência do Santander não coloca nenhuma objeção; o responsável da empresa de segurança, no entanto, mostra-se mais renitente, mas também acaba por aceitar. Melchor examina cuidadosamente as duas gravações e não deteta nada suspeito. Também não esclarece nada ao interrogar empregados e proprietários de lojas, bares e restaurantes da zona, vários moradores do prédio onde está o telefone e um sem-abrigo que dorme numa esquina, enrodilhado sobre um saco-cama e mimetizado com o seu cão. Percorre algumas vezes a rua Sant Pau para cima e para baixo e as ruelas adjacentes, tentando reconstituir o trajeto hipotético da chantagista. A dada altura assalta-o mesmo a tentação de voltar ao locutório do Francês, que fica muito perto, para lhe perguntar novamente pelo cliente para quem duplicou o cartão SIM do telemóvel de Farooq Hoque, mas decide imediatamente que seria inútil ou contraproducente, e acaba por pôr a ideia de parte.

Ao meio-dia mandam-lhe de Egara a morada de Alexis Rosa. Uma hora depois telefona duas vezes consecutivas para Vàzquez e envia-lhe dois WhatsApp, mas o sargento não responde; Blai também não responde às suas mensagens. Decide então fazer um recado.

Entra no metro na praça de Cataluña e toma a linha um em direção ao Hospital de Bellvitge. Nove paragens depois sai na estação de Torrassa e vai a pé até à rua Orient. Aí procura

o

número

sete,

encontra-o,

toca

no

intercomunicador de um apartamento do terceiro andar.

Ninguém responde e ele mete-se num café mesmo em frente.

Já são horas de almoço e está com uma fome de lobo, de modo que se senta junto de uma vidraça e pede uma salada, um bife e uma Coca-Cola. Come sem perder de vista a entrada do número sete, de onde vê sair um casal maduro, uma rapariga com ar punk, uma velhota que arrasta um carrinho. Por volta das quatro, já preparado para telefonar a Vivales para lhe dizer que surgiu novamente um imprevisto e lhe perguntar se pode ir buscar Cosette, vê entrar um cinquentão roliço e ruivo. Sem se apressar, paga a conta, sai do café, atravessa a rua e volta a tocar na mesma campainha. Desta vez atendem.

– Alexis Rosa? – pergunta Melchor.

– Sou eu – diz uma voz masculina.

– Venho da parte de Domingo Vivales – mente Melchor.

– De quem? – pergunta o homem.

– De Domingo Vivales – repete Melchor. – O seu advogado. Abra, por favor. É importante.

A porta abre-se.

Nessa noite, depois de ler Miguel Strogoff durante algum tempo à filha, que já está na cama, esta pergunta-lhe se vão ficar muito tempo em Barcelona; Melchor responde-lhe que não muito.

– Quanto tempo? – insiste Cosette.

– Não sei – reconhece Melchor. – Não te sentes bem aqui?

– Muito bem.

– Então?

Aninhada junto dele, Cosette encolhe os ombros e faz uma careta. Melchor pergunta:

– Gostarias de ir a casa este fim de semana?

– Adoraria.

Combinam passar o fim de semana na Terra Alta e pouco depois de Cosette adormecer Melchor recebe um WhatsApp cheio de maiúsculas e de pontos de exclamação onde Vàzquez o informa de que à tarde libertaram a mulher do narco de Santa Coloma, lhe diz que estão a comemorar no Nicosia, um bar de Sabadell, e o convida a ir festejar com eles. Melchor dá-lhe os parabéns e responde que se verão na manhã seguinte em Egara.

Na manhã seguinte, em Egara, a festa continua, ou é essa a impressão de Melchor ao chegar lá. A sala da Unidade de Sequestros e Extorsões está a abarrotar de colegas que quase não dormiram e que bebem sumo de laranja e café e devoram croissants e madalenas; entre eles estão também vários guardas civis e agentes da Polícia Nacional. No centro da confusão, a sorrir de orelha a orelha, eufórico e extenuado, Vàzquez exibe uma hiperatividade

verborreica, e, ao ver Melchor, dá-lhe um abraço e conta-lhe, comendo as palavras, que a operação da véspera se precipitou numa questão de horas, que, sob a supervisão de Blai, improvisou um dispositivo integrado por mais de cinquenta agentes, que irromperam às cinco da tarde numa moradia de Sant Vicenç dels Horts, perto de Barcelona, onde encontraram a mulher do narco, aterrorizada mas fisicamente bem, e detiveram, no total,

cinco indivíduos, quatro deles na moradia de Sant Vicenç –

dois romenos e dois espanhóis – e outro – um argelino –

num apartamento de Sant Joan Despí. A dada altura, Vàzquez interrompe o seu relato para atender uma chamada.

– Chegam as felicitações das senhoras, rapazes –

anuncia o sargento, que pisca um olho cúmplice ao grupo e procura um sítio tranquilo para falar. – É Verónica, o bombom da imprensa.

Quando o sargento regressa ao grupo, o sorriso apagou-se da sua boca, substituído por uma expressão desabrida.

– Como dura pouco a alegria na casa do pobre! –

lamenta-se. – No Ara saiu o assunto da presidente da Câmara.

Os

membros

da

unidade

atiram-se

aos

seus

computadores e telemóveis. A notícia, com efeito, ocupa toda a primeira página da edição digital do diário, assinada por Roger Galí. Este, para justificar o título a quatro colunas que encabeça o seu artigo («Sextorsão na praça de Sant Jaume»), encheu-o de mexericos sobre a vida sexual da presidente e de politiquices sobre as intrigas da Câmara Municipal. A única notícia tangível dada pelo escrevinhador é a de que a presidente da Câmara Municipal da cidade está a ser vítima de uma chantagem sexual e que os Mossos d'Esquadra abriram uma investigação a esse respeito. Melchor ainda não tinha terminado de ler o texto quando o toque do seu telemóvel o torna consciente, de chofre, do silêncio que reina na sala. É Blai.

– Viste o Ara? – pergunta.

– Estou a vê-lo – responde Melchor.

– O intendente está fora de si – resmunga o seu amigo. –

Quero-vos agora mesmo, a ti e a Vàzquez, no meu gabinete.

O sargento não se importa de receber através de um subordinado a ordem de um superior, que saltou assim a hierarquia, e, enquanto a festa se desintegra e Vàzquez e Melchor saem da sala, aquele pergunta a Melchor se ontem averiguou alguma coisa acerca do telefone público que os chantagistas usaram para telefonar à presidente.

– Nada – responde Melchor, pensando que Cosette terá de ficar sem o seu fim de semana na Terra Alta.

Quem está fora de si é Blai, que os recebe no seu gabinete como uma fera enjaulada, percorrendo-o de um lado para o outro à frente da janela que dá para o pátio central de Egara.

– Bom – diz quando deixa de praguejar contra a imprensa, contra o intendente, contra a sua pouca sorte e contra o mundo em geral. – E agora?

Ajudado por Melchor, Vàzquez improvisa uma síntese apressada da situação. O tique da face disparou, os lábios tremem-lhe e Blai tem de lhe pedir por duas vezes que fale mais devagar. Quando o sargento conclui a sua explicação, faz-se silêncio, e, antes de alguém reagir, toca o telefone de Vàzquez.

– Aqui a temos – anuncia Vàzquez, depois de olhar para o ecrã.

O sargento respira fundo antes de atender e durante alguns minutos Melchor e Blai veem como o colega, com uma serenidade repentina, ouve, assente, tenta acalmar a

presidente, lhe pede uns minutos para pensar, promete telefonar-lhe imediatamente.

– Agora sim, está assustada – constata Vàzquez assim que desliga. – Quer pagar dê lá por onde der.

Torna a fazer-se silêncio no gabinete do chefe da Área Central de Investigação de Pessoas, mas desta vez é Melchor quem o quebra.

– Não acho mal – diz, certo de estar a traduzir por palavras o pensamento dos colegas. – Se a Unidade de Delitos Económicos tem razão, ao pagar temos uma oportunidade de apanhar os malfeitores. Chegou a altura de experimentar.

Blai fica a observar Melchor; depois volta-se para Vàzquez e pede-lhe a opinião. O sargento demora alguns segundos a responder, durante os quais pestaneja como se as suas pálpebras tivessem sido contagiadas pelo tique da face.

– Eu também não acho má ideia – confessa. – Seja como for, é preciso mudar de estratégia. Não nos resta muito tempo e já perdemos a vantagem do secretismo.

Evidentemente, poderíamos falar agora mesmo com os três tenores. Ao fim e ao cabo…

– Os três tenores? – interrompe Blai.

– Os três suspeitos – esclarece Vàzquez. – Os três tipos que aparecem no vídeo: o marido, Vidal e o outro.

– Rosell – precisa Melchor.

– Esse – diz Vàzquez. – Poderíamos ir atrás deles, no fim de contas já sabem que andamos atrás dos chantagistas.

Mas eu não o faria. Ainda não. Eu esgotaria o cartucho do

pagamento. É mais simples e mais rápido. Se calhar é o momento de o usarmos, como diz Melchor. Se acertarmos, ótimo. Caso contrário, começamos a interrogar os três.

Blai ouviu a argumentação do sargento, regressando às grandes passadas diante da janela do gabinete, pela qual entra um sol deslumbrante. Assim que Vàzquez deixa de falar, o inspetor para, fixa os olhos nele e depois na parede da direita, justamente onde está pendurada a fotografia familiar, com a mulher e os quatro filhos vestidos de montanhistas e empoleirados num promontório rochoso da Terra Alta; contemplando essa imagem bucólica, o inspetor parece ficar absorto por momentos.

– Está feito – acaba por decidir, saindo da sua abstração.

– Experimentemos o pagamento. Melchor, vai agora mesmo à Unidade de Delitos Económicos e diz-lhes que comecem a procurar moneros e que, assim que tiverem o dinheiro da presidente, os comprem e paguem o que tiverem de pagar.

É melhor esta tarde do que amanhã, se for possível. Diz-lhes que me avisem quando souberem alguma coisa. –

Aponta para o sargento: – E tu diz à presidente que prepare o dinheiro. E que me telefone assim que o tiver. Se não me encontrar, que telefone para Melchor. E quando acabares de falar com ela, vais para a tua casa, tomas

um duche e metes-te na cama. Parece que estás há uma semana sem dormir. – Vàzquez prepara-se para protestar quando Blai o interrompe: – É uma ordem.

Melchor passa o resto da manhã com três agentes da Área Central de Investigação de Delitos Económicos que pouco depois do meio-dia lhe confirmam que antes de

quarenta e oito horas será muito difícil conseguirem os moneros necessários para pagar a chantagem. A notícia irrita-o e alivia-o: irrita-o porque paralisará o caso durante o fim de semana; alivia-o porque, a menos que Blai diga o contrário, ele e Cosette poderão passá-lo na Terra Alta. Blai não diz o contrário.

– Não te preocupes – é o que lhe diz o inspetor, depois de disparatar a preceito contra a Unidade de Delitos Económicos. – Vai tranquilamente. Este fim de semana estou de serviço. Assim que souber alguma coisa, ligo-te.

Melchor vai buscar Cosette à saída do ATL, compram uns bocadillos e comem-nos no carro a caminho da Terra Alta. Quando saem da autoestrada do Mediterrâneo e entram na estrada nacional, Vivales telefona. Conversam um pouco os três com o mãos-livres e, antes de desligar, Melchor pergunta ao advogado pelo julgamento dessa manhã.

– Foi suspenso – responde Vivales. – Ontem o tipo caiu pelas escadas de casa e está no hospital, com duas costelas partidas e feito num oito. Que grande aselha.

Passa o fim de semana hesitante em telefonar ou não para Rosa Adell, mas acaba por não o fazer. Cosette quase não para em casa: na companhia das amigas joga futebol, vai à piscina municipal, vê filmes, e no sábado à noite fica a dormir em casa de Elisa Climent. Por outro lado, Melchor vai correr todas as manhãs para o campo e dedica o resto do tempo a ler em casa ou sentado à porta do bar da praça, com um café ou uma Coca-Cola à mão. No domingo à tarde, enquanto termina A Ilustre Casa de Ramires depois de ter

passado a manhã a ler os manuscritos do concurso literário, Blai telefona-lhe e diz-lhe que a Unidade de Delitos Económicos conseguiu os moneros na noite anterior e pagou o resgate na manhã do dia de hoje.

– E? – pergunta Melchor, impaciente.

Afastou-se da esplanada do bar, tentando resguardar-se do sol assassino de julho, sob a proteção das amoreiras que dão sombra ao centro da praça.

– Nada de nada – responde Blai. – Pelos vistos os malfeitores são uns hackers do caraças. Ligaram-se ao telefone para levantarem o dinheiro, mas camuflaram o IP

com uma aplicação chamada Tor e, ainda por cima, ligaram-se a essa aplicação através de uma VPN.

– Uma quê?

– Virtual Private Network: rede privada virtual. Uma espécie de tubo ou de túnel que liga diretamente ao servidor sem ninguém conseguir aceder às transações, de modo que a comunicação se torna privada. Foi o que me disseram. Em resumo, os tipos estão blindados, de modo que por aí não vamos a lado nenhum.

Blai cala-se e enquanto Melchor observa de longe o bulício alvoroçado da tarde na esplanada do bar, imagina o seu colega, sozinho e abatido com as más notícias na desolação dominical do complexo Egara, com a mulher e os filhos a duzentos quilómetros dele, na Terra Alta. Pergunta:

– Contaste a Vàzquez?

– Telefonei-lhe duas vezes, mas não atende. Telefona-lhe tu. Diz que amanhã mesmo começamos a interrogar os três tenores.

– Telefono já.

Outro silêncio; por momentos, Melchor pensa que Blai já desligou. Mas logo a seguir ouve:

– Restam-nos seis dias, espanhol de um raio. É preciso solucionar isto antes, seja de que maneira for. Não vamos permitir que uns gatunos decidam quem deve ou não ser o presidente da Câmara de Barcelona, não achas?

Melchor despede-se.

Terceira Parte

1

Segunda-feira de manhã, depois de deixar Cosette no ATL, Melchor mete-se num café da rua Córcega, pede um café duplo e inicia uma ronda de chamadas telefónicas.

Primeiro telefona para Vàzquez, que não atende; perdeu a conta das vezes que tentou em vão falar com ele para lhe transmitir a ordem que Blai lhe deu no dia anterior: é preciso interrogar quanto antes os únicos suspeitos de que dispõem. De modo que, depois de telefonar sem sucesso para Vàzquez, Melchor telefona para Casas, Vidal e Rosell.

Não consegue falar com nenhum dos três, mas fá-lo com as suas secretárias. A de Casas diz-lhe que este ainda não chegou ao gabinete, pede-lhe o nome, o motivo da chamada e o número de telefone e garante-lhe que voltará a entrar em contacto com ele. As de Vidal e de Rosell são menos imprecisas; assim que Melchor se identifica como polícia, ambas conseguem arranjar-lhe um buraco nas agendas dos seus respetivos chefes: Vidal recebê-lo-á na terça-feira ao meio-dia na Câmara Municipal e Rosell, que está em viagem fora de Barcelona, na quinta-feira à tarde. Está a despedir-se da secretária de Rosell quando entra no seu telefone uma chamada de Vàzquez.

– Já não era sem tempo – queixa-se Melchor. – Estive todo o fim de semana a telefonar-te. Onde te meteste?

Ninguém responde; Melchor ouve alguém a respirar com dificuldade no outro lado da linha.

– Vàzquez? – pergunta.

– Estou aqui – diz o sargento.

Fala com um fio de voz. Alarmado, Melchor pergunta:

– Estás bem?

– Não muito.

– O que tens?

A resposta de Vàzquez demora uns segundos; Melchor percebe que se passa alguma coisa. O sargento pergunta:

– Podes vir até aqui?

– Onde estás?

Vàzquez dá-lhe a morada da sua casa em Cerdanyola.

– Vou já para aí.

– Melchor – interrompe-o o sargento, antes que aquele desligue. Há um silêncio. – Promete-me que não dizes nada disto a ninguém.

– Nada de quê?

– Nada de nada. Depois explico-te. Promete.

Melchor promete.

Demora quase três quartos de hora a chegar a Cerdanyola, deixando para trás Nou Barris e Santa Coloma de Gramenet. Durante a viagem telefonam-lhe Blai e Cortabarría, mas ele não atende nenhum dos dois porque pensa

que ambos perguntarão por Vàzquez e ele não saberia o que responder; também lhe telefona a secretária do ex-marido da presidente dizendo-lhe que está com sorte: o seu chefe pode recebê-lo nessa mesma tarde, às quatro, na sede de Clave Barcelona.

– Perfeito – alegra-se Melchor. – Aí estarei.

O apartamento de Vàzquez fica num prédio que faz esquina com uma rua pedonal do centro de Cerdanyola, a

rua San Ramón, mesmo em cima de uma loja de roupa para bebé. Melchor toca na campainha do intercomunicador; ninguém responde, mas a porta abre-se com um estalido. A pé, sobe três andares, e ao chegar ao terceiro vê uma porta entreaberta, tem um pressentimento desagradável e tira a pistola do coldre axilar. Segurando a arma com as duas mãos, empurra a porta e entra. No vestíbulo reinam umas trevas quase herméticas, que se vão atenuando à medida que Melchor avança pelo corredor até que, já na sala, uns raios de luz as transformam numa penumbra. Melchor tateia a parede à procura do interruptor quando ouve:

– Não acendas a luz.

É a voz de Vàzquez. Vê-se um vulto na sombra, e, enquanto Melchor volta a guardar a pistola no coldre, vislumbra o sargento na obscuridade: está sentado no chão, ao fundo da sala, despido da cintura para cima, com as costas encostadas à parede e as pernas esticadas, como se estivesse exausto. As frinchas de uma persiana deixam passar uma claridade incerta, e cheira a uma mistura de reclusão e de sujidade. Melchor aproxima-se de Vàzquez, cuja cabeça parece caída sobre o seu ombro esquerdo, e acocora-se diante dele.

– Calma, Melchor – murmura o sargento, encolhendo-se um pouco. – Não te preocupes. Estou bem.

Não parece. De facto, está com um aspeto horrível: está ofegante, treme e sua em bica, com os lábios ressequidos e uma barba de vários dias que lhe devora a cara; os olhos brilham-lhe, febris e avermelhados.

– O que aconteceu? – pergunta Melchor.

– Nada – responde Vàzquez. – Não te preocupes.

Acontece-me às vezes. Vou ficar bem. Só preciso de tomar as minhas pastilhas e…

Vàzquez não consegue terminar: um choro convulsivo apodera-se dele. Sem saber o que fazer, Melchor tenta tocar-lhe num ombro, mas, antes de poder consumar o gesto, o sargento abraça-o. Permanece assim durante algum tempo, agarrado a ele a chorar. Tresanda. Decorrido um tempo que a Melchor parece eterno (durante o qual tenta digerir o espanto de o homem que soluça nos seus braços como uma criança assustada ser também o tipo mais duro que conhece), o sargento separa-se dele, deixando-lhe as mãos húmidas e a camisa encharcada.

Vàzquez olha para ele agora com as pálpebras muito abertas, sem deixar de tremer mas esforçando-se por parecer mais calmo, e volta a dizer que não se preocupe.

– Há quanto tempo estás assim? – pergunta Melchor.

– Só há uns dias.

– Quantos?

– Não sei. Dois ou três.

A última vez que Melchor viu Vàzquez foi há três dias, na Unidade de Sequestros e Extorsões, quando, depois de uma noite de farra, ele e os seus homens continuavam a festejar o final feliz do sequestro da mulher do traficante de Santa Coloma. Melchor lembra-se do sargento muito nervoso, muito agitado, a falar muito depressa, e pergunta-lhe se durante o fim de semana dormiu e comeu; o sargento responde com balbucios e Melchor nem quer imaginar o que aconteceu durante as últimas cinquenta ou sessenta

horas naquele apartamento tenebroso, malcheiroso e insípido. Levanta-se.

– Vamos – diz, pegando em Vàzquez por uma axila.

Vàzquez afasta-o com uma palmada.

– Para onde? – pergunta.

– Para um hospital – responde Melchor. – Tens de ser visto por um médico.

Vàzquez nega com a cabeça, taxativo.

– Não estás a perceber – murmura.

– O que é que não estou a perceber? – pergunta Melchor.

Vàzquez agarra na cabeça com as duas mãos e passa-as pela cara, como se quisesse limpá-la; depois, com os olhos arregalados, olha para Melchor.

– Sou bipolar – diz. – Diagnosticaram-me quando estive no hospital, depois daquilo de Molins de Rei.

Melchor volta a acocorar-se diante de Vàzquez.

– Tenho temporadas de euforia e temporadas de depressão – explica o sargento: os lábios e as narinas vibram, tensos como cabos agitados pelo vento. – Para cima e para baixo, para cima e para baixo, primeiro uma coisa e depois outra. Eu já sei como isto funciona, estou habituado, de modo que normalmente controlo-o, mas desta vez… Não sei, fugiu-me das mãos. A semana passada começou a aumentar a euforia, eu notava-o, a coisa estava a subir, a subir, mas tinha a certeza de que conseguia controlá-la e não tomei os comprimidos… É que com os comprimidos não trabalho bem, sabes? Entontecem-me, não me deixam pensar. E com a confusão do sequestro… Não queria que aquilo acontecesse outra vez, não podia deixar que

acontecesse outra vez. Consegues perceber, Melchor.

Percebes, não é verdade?

Melchor volta a ver Vàzquez sentado sobre um charco de sangue, no chão de cimento do armazém de Molins de Rei, com a cabeça cortada da filha do narco venezuelano no regaço, a cara banhada em lágrimas e a guinchar fora de si como um demente. «Enquanto dura o remorso, dura a culpa», pensa.

– A única coisa que percebo é que estás feito num oito –

diz Melchor. – E que devia levar-te a um hospital.

– Estás louco? Se me levas a um hospital, internam-me.

E se me internarem, ficarão a saber em Egara. E se ficarem a saber em Egara, acabou-se: achas que vão deixar a unidade nas mãos de um tarado?

Melchor não tem outro remédio senão reconhecer no seu íntimo que a lógica do sargento é imbatível.

– Reformam-me – responde Vàzquez para si próprio. –

Mandam-me para casa. E que faço eu em casa, hã? O que faço? Dar de comer às pombas? Dou um tiro na cabeça.

Juro-te que, se me mandam para casa, dou um tiro na cabeça. No entanto… – Endireita-se um pouco, trata de limpar as lágrimas da cara, de fungar. – No entanto, se me deres uma ajuda… Acredita, Melchor, eu sei como tratar disto sem necessidade de médicos ou de hospitais, já me aconteceu outras vezes, só preciso de tomar os meus comprimidos, de comer e de dormir bem dois ou três dias.

Confia em mim.

Sem saber o que dizer, durante alguns segundos Melchor fica a olhar para o homem sujo e destroçado que

lhe implora ajuda, sentado no chão à sua frente. Os seus olhos já se habituaram à penumbra; o seu olfato, à pestilência.

– O que queres que faça? – pergunta-lhe.

Melchor passa o resto da manhã ocupado em casa de Vàzquez, entrando e saindo. A primeira coisa que faz é um sumo com umas laranjas meio secas que encontra no frigorífico, prepara um pouco de leite com cereais e consegue que o sargento tome ambas as coisas juntamente com um comprimido de Lithobid de 300 mg, outro de Zyprexa de 10 mg e um terceiro de Trankimazin de 2 mg, e a seguir, depois de o lavar e refrescar um pouco com uma esponja, areja o quarto, arruma-o um pouco, muda os lençóis da cama, ajuda-o a deitar-se e fica ao seu lado até ele adormecer. Depois acaba de limpar o apartamento –

deixa os dois telemóveis do sargento bem longe dele, em modo silencioso –, telefona para Blai e diz-lhe que Vàzquez teve de ir com urgência a Seu d'Urgell porque a mãe adoeceu.

– Puta que o pariu! – pragueja Blai. – Depois de dar férias a metade do seu pessoal? E porque não me telefonou a mim?

– Não sei. A única coisa que sei é que a mãe vive numa quinta sem rede, de modo que não te dês ao trabalho de lhe telefonares – recomenda-lhe Melchor, que se apressa a mudar de conversa. – A propósito, esta tarde fiquei de me encontrar com o ex da presidente.

– Com Casas?

– E amanhã com Vidal.

– Ótimo. Só falta Rosell.

– Vou encontrar-me com ele na quinta-feira. Está fora.

– Consegues encarregar-te sozinho de falar com todos eles?

– Claro. Na condição de me fazeres um favor.

– Que favor?

– Achas que podíamos pôr os telefones dos três sob escuta?

– Nem pensar. Um juiz não nos autorizaria a fazê-lo nem que estivesse louco.

– Nesse caso, põe-nos sob vigilância. Até Rosell chegar são só dois.

– De acordo. Não sei onde vou arranjar gente, mas considera-o feito.

– Se for preciso, conta comigo.

– Será preciso. E, a propósito, onde estás? Também não te vi esta manhã na…

– Blai? Blai? Merda, eu também estou a ficar sem rede.

Melchor sai do apartamento de Vàzquez carregando vários sacos de lixo, deixa-os nos contentores, vai a uma farmácia, e, com as receitas que o sargento lhe deu, compra três frascos de comprimidos, de cada um dos medicamentos que ele tomou, aos quais acrescenta uma caixa de Symbyax de 25 mg. Depois dirige-se a um supermercado, compra água mineral, cereais, fruta, verduras, hortaliças, pão, leite, queijo, sopas de pacote e latas de comida, regressa a casa, prepara duas saladas e duas sopas e deixa-as no frigorífico.

São quase três da tarde quando termina. Vàzquez continua profundamente adormecido.

Encontra estacionamento numa ruela escondida entre a igreja da Bonanova e a Ronda de Dalt, desce até à praça de la Bonanova e continua pelo Paseo de la Bonanova até chegar à passagem Güell. É uma ruazinha privada, recatada e protegida por um grande portão de ferro, aberto nesse momento. Melchor entra e logo à esquerda reconhece, encastrado na parede ao lado de uma porta, o logótipo da consultora de Casas, um quadrado vermelho-sangue atravessado por catorze letras brancas: CLAVE

BARCELONA.

Abre-lhe a porta uma jovem com óculos de intelectual e minissaia de cabedal castanho, que o leva até uma sala de espera e, apontando para um conjunto de sofás, lhe pede que aguarde um momento e lhe pergunta se deseja um café. Nessa altura Melchor apercebe-se de que não meteu nada na boca desde o pequeno-almoço, aceita a oferta e senta-se no sofá. À sua direita, numa divisória, o logótipo da consultora repete-se infatigavelmente, como se estivesse preso entre a vertigem de dois espelhos frente a frente; à sua esquerda, a parede está quase toda ocupada por uma única frase escrita em inglês: «It's likely that something unlikely will happen.»

Ainda não tinham trazido o café quando Casas aparece.

– Lamento ter-te feito esperar – desculpa-se, sorridente, estendendo-lhe uma mão solícita. – Nesta altura do verão

as pessoas só conseguem pensar nas férias… Mas, diz-me, ofereceram-te alguma bebida?

Apertando-lhe a mão, Melchor responde que sim. Casas pede à secretária que sirva o café no seu gabinete e, enquanto os dois homens percorrem um corredor, lamenta não poder dedicar-lhe tanto tempo como gostaria, ao que Melchor responde que só pretende roubar-lhe alguns minutos.

– A propósito – diz o outro, parando de chofre já no seu gabinete e olhando-o nos olhos –, deixa-me que te diga que para mim é uma honra receber-te. Não é todos os dias que temos o herói de Cambrils em nossa casa.

O polícia não se espanta por Casas ter adivinhado o motivo da sua visita – depois da reportagem do Ara, a extorsão da presidente da Câmara já não é um segredo, nem o facto de essa extorsão estar sob investigação policial

–, mas por ele conhecer a sua identidade. Como descobriu?

Pela própria presidente?

– Sabes uma coisa? – O seu anfitrião oferece-lhe uma cadeira colocada diante de uma secretária de design onde se veem um candeeiro de

halogéneo e um computador portátil, e senta-se à frente dele. – Eu sou daqueles que pensam que todas as sociedades precisam de heróis, e a nossa mais do que nenhuma outra. Tipos de quem as pessoas possam orgulhar-se, espelhos onde olhar-se. E

aqui, na Catalunha, temos tão poucos… Mas, diz-me, tu não vivias na Terra Alta? O que fazes em Barcelona?

– Só vim por uns dias – explica Melchor. – Estou em comissão de serviço.

– Pois devias ficar. O que tens na Terra Alta, hã? É aqui que acontecem as coisas, homem, viver numa povoação é enterrar-se em vida. – Batem à porta, entra uma secretária que, obedecendo a uma indicação de Casas, pousa na mesa uma bandeja com um conjunto de café em metal esmaltado e uma cafeteira. – Claro que, tendo em conta como te trataram… E não me refiro apenas ao governo, que deveria ter-te feito uma estátua. Refiro-me à Catalunha em geral.

Se fôssemos norte-americanos, já teriam estreado algumas séries e filmes sobre Cambrils, e David Fincher e Christopher Nolan já teriam andado à bofetada para ver quem os realizaria. Nós, em vez disso, temos de nos conformar com o romancezito de Javier Cerca. Que tristeza, meu Deus, que falta de autoestima! E depois há quem queira que a Catalunha seja independente. Açúcar?

Melchor diz que não. A secretária saiu depois de lhes servir os cafés.

– A propósito, suponho que estarás farto de seres interrogado – prossegue Casas, entregando a Melchor a sua chávena –, mas o que achaste do romance? O de Cercas, claro.

Melchor bebe um gole de café e devolve a chávena à bandeja enquanto sente o murro de cafeína no estômago vazio.

– Não o li – reconhece.

Casas olha para ele como se ele tivesse começado a levitar. É uns anos mais velho do que Melchor, muito magro, de estatura média e compleição atlética, com uns olhos claros, vivos e inquietos e um desses sorrisos um

pouco trocistas de adolescente perpétuo, seguro de agradar; tem uma pele muito bronzeada e veste-se com uma informalidade de marca: polo Hermès branco, calças de ganga J Brand e mocassins Lotusse. Estupefacto, passa uma mão pelo cabelo, muito curto e muito escuro.

– Não posso acreditar! – exclama. – Escrevem um romance contigo como protagonista e nem sequer o lês?

Embora também não percas grande coisa, francamente. O

que acontece é que quem o leu se sente espicaçado pela curiosidade e quer saber o que é verdade e o que é mentira. É lógico, não achas? Eu tive algumas discussões sobre o assunto… Ouviste falar de Lluís Bassets? É um velho amigo do meu pai, jornalista do El País, com certeza que já o leste. Bom, Lluís conhece o tal Cercas e diz que é um trapaceiro do caraças. Ou seja, quando afirma que tudo o que escreve nos seus livros é verdade, é tudo mentira; e, quando afirma que é tudo mentira, é tudo verdadeiro. De modo que, como Cercas afirma que nesse romance tudo é mentira, toda a gente pensa que é tudo verdade. – Ri-se com um riso franco, que revela uns dentes perfeitos. – Mas eu não acredito. Quero dizer, há coisas no livro que não creio que sejam verdadeiras. Não sei. Essa história de antes de seres polícia teres estado na cadeia por pertenceres a um gangue de narcotraficantes, por exemplo.

Ou teres sido tu quem solucionou o caso Adell. E acredito muito menos no que diz acerca da tua mãe…

Uma bola de angústia volta a fechar a garganta de Melchor.

– O que diz dela?

– Que ganhava a vida como puta – refere Casas. – E que uma noite a mataram e deixaram o seu cadáver num descampado de Sant Andreu. Isso

aconteceu realmente, claro, eu lembro-me muito bem porque foi um crime muito falado, comentou-se muito. Mas aquela mulher… enfim, tenho a certeza absoluta de que não era a tua mãe. Tenho razão?

Casas espera pela resposta com interesse. Melchor respira fundo e abana a cabeça.

– Eu sabia! – exclama Casas, dando uma palmada exultante na secretária. – O tipo deve ter seguido o caso através da imprensa, como fizemos todos, e, quando começou a escrever o livro, decidiu atribuir à tua mãe a história daquela desgraçada. Que personagem esse Cercas, que maneira de enganar as pessoas… Mas, bom, suponho que não vieste aqui para falar de romances, mas do que o Ara publicou. Mais um pouco de café?

Melchor recorda o impacto da infusão no estômago, mas tem tanta fome que aceita repetir. Casas serve-o e depois serve-se também. Noutro tom de voz previne o polícia:

– Aviso-te de que não sei nada acerca desse assunto.

A bola de angústia dilui-se pouco a pouco na garganta de Melchor, que tenta focar-se no interrogatório.

– Não é o que diz a sua ex-mulher.

– Trata-me por tu, por favor. Temos quase a mesma idade.

– Não é o que diz a tua ex-mulher.

– O que diz a minha ex-mulher?

– Diz que apareces na gravação com que estão a chantageá-la. E tem a certeza de que foi feita no dia em que se conheceram. Pelos vistos, nas imagens apareces tu, Enric Vidal e Gonzalo Rosell. Além dela, claro.

Casas assente sem convicção.

– Foi o que te disse?

– Sim.

– Como pode ter tanta certeza?

– Não sei, mas o facto é que a tem. Sabes de que gravação fala, não é verdade?

Casas curva os lábios numa expressão desdenhosa.

– Faço uma ideia. Isso torna-me suspeito de a chantagear?

– Quem disse que eras suspeito do que quer que fosse?

Os dois homens ficam a observar-se por uns segundos e Casas força um sorriso amarelo e bebe um gole de café.

Além do computador e do candeeiro de halogéneo, na sua secretária só se vê um recipiente metálico eriçado de lápis, esferográficas e marcadores e uma resma imaculada de folhas; atrás dele, pende de uma parede um Tàpies enorme, presidido por uma peúga autêntica, engelhada e colada a uma tela dominada por largas pinceladas cinzentas, negras e pardas, que sugerem uma paisagem vulcânica, intergaláctica

ou

pós-nuclear.

Ou,

quem

sabe,

simplesmente uma paisagem da periferia de uma grande metrópole; à sua direita, uma janela que dá para a passagem Güell deixa entrar em abundância uma luz ardente na sala refrigerada. Enquanto bebe o café e volta a sentir o seu golpe no estômago, Melchor pergunta:

– Viste a gravação?

Casas assente novamente.

– Uma vez, há séculos, pouco depois de a filmarmos. É

uma tontice. Não sei por que razão Virginia se preocupa tanto.

– Falaste deste assunto com ela?

– Não. Mas estivemos casados e conheço-a como se a tivesse parido. Diz-me, o que achas que contém esse vídeo?

– Casas abre os braços de par em par, como se clamasse ao céu, e desdramatiza: – Que pode conter? O raio de uma orgia de fedelhos. Entra no Youporn e existem aos pontapés. E achas que uma coisa dessas pode acabar com a carreira de um político?

– A presidente acha que sim.

– Pois engana-se.

– Aqueles que a chantageiam também?

– Também. Olha, Virginia não é uma política, não tem estofo de política. Nunca teve. Na realidade, meteu-se na política porque se casou comigo, porque eu a convenci a fazê-lo, porque me interessava; se não fosse por isso, teria feito outra coisa, teria continuado com a conversa dos refugiados ou coisa do género. Essa é a verdade. – Acaba de beber o café de um gole, passa a língua pelos lábios, finos e bem delineados, e acrescenta: – Digo-te mais. Nós, catalães, não sabemos fazer política. Sabemos fazer algumas coisas, mas política não. Somos péssimos a fazê-lo.

Sabes porquê? Porque há séculos que o poder político não está na Catalunha. Isso significa que estamos pouco familiarizados com ele, que não sabemos geri-lo, que, no

fundo, nos assusta. E significa também que quando o temos, nos embriagamos. Claro, o poder embriaga sempre, mas, se nunca o provámos, embebeda muito mais.

Lembras-te do Procés? Parece que já decorreram séculos sobre tudo aquilo, não é verdade? Bom, pois o Procés foi em parte, numa parte enorme, o resultado de uma bebedeira de poder… Mas falávamos de outra coisa…

– Falávamos da tua ex-mulher – recorda-lhe Melchor. – O

poder também lhe subiu à cabeça?

– Da pior forma – responde Casas. – E falamos do poder municipal, que não é poder a sério. O poder a sério continua a estar onde sempre esteve, e Virginia não sabe o que é. Talvez comece a intuí-lo, mas ainda não o conhece.

E, mesmo assim, embriagou-se com ele. Enfim… De qualquer forma, com vídeo ou sem vídeo, a minha ex-mulher tem pouco futuro na política. Digo-te eu.

– Tem pouco futuro porque se separou de ti?

– Evidentemente.

Casas arqueia duas vezes as sobrancelhas, como se não quisesse que Melchor levasse a sério o que acabou de dizer, ou não muito a sério.

– A bebedeira da tua mulher teve a ver com a vossa separação? – prossegue o polícia.

– É possível. – Casas encolhe os ombros. – Na vida de um casal tudo tem a ver com tudo. Mas, se o que me estás a perguntar é se foi essa a causa da nossa separação, a resposta é não.

– As infidelidades também não?

Agora Casas sorri, embora seja evidente que a pergunta não lhe agradou.

– Que infidelidades? – Antes de Melchor conseguir responder, o seu anfitrião estala a língua e explica: – Olha, Virginia e eu divertimo-nos muito juntos e fizemos muitas coisas juntos. Incluindo uma filha. Incluindo criar um partido político e chegar à Câmara Municipal de Barcelona.

Não é mau, não achas? E a dada altura decidimos separar-nos. Porquê? Porque tudo acaba e quando um casal acaba, o melhor é separar-se. Sem culpas. Sem ressentimentos.

Simplesmente. Ou seja, se te passou pela cabeça que eu tenho alguma coisa contra a minha ex-mulher e que quero destruí-la, esquece. Eu não odeio Virginia. – Casas desvia os olhos para a janela e fica a olhar para a rua castigada pelo sol vespertino. Por segundos parece absorto; depois volta a olhar para Melchor. – E mesmo que a odiasse…

Como diz Michael Corleone, nunca odeies os teus inimigos: não te permite avaliá-los.

– Isso significa que a presidente se tornou tua inimiga?

A resposta ronda os lábios de Casas quando o seu telemóvel toca. Atende-o sem se desculpar, e, com o sobrolho um pouco franzido, ouve durante alguns segundos. «Estou com uma visita», diz. «Dá-me cinco minutos.» E desliga o telefone.

– Isso significa que, embora Virginia se tivesse tornado minha inimiga, eu não a odiaria – corrige-o, retomando o fio do interrogatório como se ninguém os tivesse interrompido:

– Mas nem sequer é minha inimiga: nesta vida é preciso escolher inimigos que estejam à nossa altura, e Virginia,

francamente… Enfim… O que é verdade é que já não é minha protegida.

– Quem é agora o teu protegido?

A pergunta parece deixar Casas desconcertado.

– Isso também te interessa para a investigação?

– Depende. Agora o teu protegido é Vidal?

Casas ri-se novamente, mas desta vez o seu riso soa um pouco forçado.

– Que ideia! – exclama. – Como se Enric precisasse que alguém o protegesse! Mas se o que perguntas é se vou apoiar a sua carreira política…

– É isso que pergunto.

– Não sei. – Casas encolhe os ombros: os vestígios do riso perduram ainda nas suas feições. – Ele não mo pediu.

E, se mo pedisse, não sei o que faria. O que sei é que eu saí do partido e ele não, e também sei que, até nova ordem, Enric continua a ser o braço direito de Virginia, que, por outro lado, não sei o que faria sem ele… Tenta perceber, eu e Enric conhecemo-nos desde sempre, somos como irmãos.

E, sim, claro, eu sei que ele tem ambições políticas; era o que faltava: um político que não é ambicioso não é um político. Mas, aqui entre nós, não sei se será a pessoa mais adequada para substituir Virginia. Acho que não, está há demasiado tempo na Câmara, é muito malvisto na política municipal; se neste momento eu pudesse escolher, escolheria sem hesitar alguém novo, mais fresco e mais maleável, alguém como Virginia era há alguns anos. Se as coisas mudassem radicalmente a própria Virginia poderia…

– Casas volta a ficar pensativo por momentos, durante os

quais o quadro que pende da parede atrás dele atrai novamente a atenção de Melchor: de repente, parece-lhe que a peúga de Tàpies descaiu um pouco, que escorregou sobre a superfície da tela e já não está onde estava, mas mais em baixo. – Enfim, o facto é que neste momento Virginia nem sequer é minha adversária política. Não tenho nada contra ela. Além disso, continua a ser a mãe da minha filha. Continuo a gostar dela. E, como continuo a gostar dela, nunca lhe faria mal. Percebes, não é verdade?

Melchor assente, mas, enquanto o faz, apercebe-se de que não acredita numa única palavra de Casas. Evitando que a desconfiança o denuncie, pergunta:

– Conheces alguém que o fizesse? Que lhe fizesse mal, digo.

Casas volta a encolher os ombros.

– Muita gente, suponho. Quanto mais poder temos, mais pessoas nos odeiam. É a lei da vida. Mas, voltando à história da gravação, isso parece mais uma partida.

Acredita. E agora terás de me desculpar porque…

– Ainda tenho algumas perguntas.

Casas tinha iniciado o gesto de se levantar, mas fica aparafusado à cadeira. É a primeira vez durante a entrevista que parece incomodado. No entanto, exibe imediatamente um sorriso amável e encoraja Melchor a continuar.

– Sabes quem a fez? – continua o polícia.

– A gravação?

– Sim. Se tu, Vidal, Rosell e a presidente aparecem nas imagens, alguém teve de as gravar. A presidente falou de

um amigo…

– Claro. Chamava-se Ricky Ramírez. Virginia tem razão, foi ele quem nos filmou. Era um colega de estudos na Esade.

– A presidente disse que só esteve com ele nessa noite.

– É possível. Na realidade, eu também não era assim tão amigo dele, talvez o tenha sido durante dois ou três anos, não mais. Depois perdi-o de vista. E há alguns meses soube que tinha morrido. Foi Enric quem mo disse, porque ele manteve contacto com Ricky. Pergunta-lhe a ele.

– Sabes o que foi feito da gravação? Fazes ideia de quem guardou o vídeo?

– Não. Eu sempre julguei que se tivesse perdido.

– Estavam todos conscientes de que vos estavam a filmar?

– Sim.

– Todos?

– Bom, todos menos Virginia.

– Ela soube-o depois? Quero dizer, soube mais tarde que a tinham filmado?

– Não. Não sei. É possível que lhe tenha dito mais tarde, embora a verdade é que não me lembro, já te disse que não era uma coisa a que déssemos importância.

– Filmaram outros vídeos do mesmo estilo?

– Não, claro que não. Para quê? Aquilo foi improvisado, uma experiência ou uma patifaria de rapazes, se é que chega a isso… – Abre as mãos num gesto que combina impaciência e desculpa. – Enfim… Terminámos?

Melchor não terminou, mas percebe que já não vai arrancar mais nada naquela entrevista e diz que sim.

Casas acompanha-o até à saída e, percorrendo o corredor, recupera a desenvoltura alegre com que o acolheu, volta a desculpar-se pelo pouco tempo que pôde dedicar-lhe, insiste na necessidade que qualquer sociedade tem de heróis e na ingratidão que a sua demonstrou para com Melchor, insta-o novamente a regressar a Barcelona, e, já na sala de espera, deseja-lhe sorte e dá-lhe o número do seu telemóvel pessoal.

– Telefona quando quiseres – despede-se, apertando com entusiasmo a mão do polícia. – Estarei aqui para o que necessitares.

Diz-lhe mais qualquer coisa, que Melchor não percebe porque se distrai com a frase que, escrita repetidamente, satura a parede diante dele: «It is likely that something unlikely will happen.»

Telefona para Vàzquez assim que chega ao Paseo de la Bonanova e põe-se a andar na direção da ruela onde estacionou o carro. O Sol ainda está muito alto, está muito calor e a fome passou-lhe. O sargento atende passados segundos. Melchor pergunta:

– Como estás?

– Melhor. Acabo de acordar.

Não é a sua voz habitual, mas também não é a voz de além-túmulo daquela manhã. Melchor diz isto para consigo e no mesmo instante assalta-o a suspeita de que alguém o segue.

– Dormiste até agora? – pergunta.

– Sim.

– Poça! Grande sova deste à cama.

– É do que preciso. Dormir, comer e tomar a medicação.

Melchor trava de repente diante do colégio La Salle, olha para a esquerda, na direção do pátio, da fachada neogótica, do punhado de palmeiras que a escondem parcialmente, e transforma a sua suspeita em certeza.

Depois continua a andar.

– Já comeste? – pergunta.

– Não.

– Enchi-te o frigorífico. Também te fiz duas saladas.

Queres que passe aí por casa?

– Não é preciso. Vai buscar a tua filha. Sai a esta hora do ATL, não é verdade?

– Sim.

– Falaste com Blai?

– Disse-lhe que estás em Seu d'Urgell, com a tua mãe, que adoeceu. Ele engoliu.

– Ótimo. Que tal o resto?

– Muito bem. Acabo de falar com um psicopata e tenho um filho da puta a seguir-me.

– O quê?

– Calma, homem. Estou a brincar. Faz-me o favor de ficar bem, de acordo?

Prepara-se para afastar o telefone do ouvido para o desligar quando ouve:

– Melchor.

– O quê?

Vàzquez não responde imediatamente. Finalmente diz:

– Obrigado, pá.

Sobe pela rua que ladeia a igreja da Bonanova, vira à esquerda, depois à direita e, ao virar novamente à esquerda, fica à espreita na esquina, com o corpo encostado à parede, imóvel. Segundos depois aparece o seu perseguidor e, sem dizer uma palavra, Melchor passa-lhe uma rasteira, atira-o ao chão, com uma mão contorce-lhe um dos braços atrás das costas e, com a outra, agarra-lhe no pescoço e empurra-lhe a cabeça contra o passeio. O tipo dá um grito abafado e Melchor volta a empurrar-lhe a cabeça contra o passeio, uma, duas vezes. Depois contorna a sua vítima e

apoia um joelho no peito dele, sem deixar de lhe agarrar no pescoço. Ele tem a cara ensanguentada e o nariz ferido. Melchor pergunta:

– Quem és? O que queres? Porque me segues?

Balbuciando qualquer coisa, o homem tenta proteger-se com os braços, mas Melchor interpreta esse gesto defensivo como um gesto ofensivo e dá-lhe um murro na cara.

– Já chega, foda-se! – geme o tipo. – Deixa de me bater!

Eu também sou polícia.

Melchor olha para os olhos dele sem acreditar. Tem o punho fechado a um palmo da cara do outro, como um martelo disposto a abater-se novamente sobre ele.

– Estou-te a dizer que sou polícia, raios te partam –

repete o tipo, exasperado. – Da Guarda Urbana.

Melchor baixa o braço, mas o seu olhar continua a exigir explicações. Ofegante, mais calmo, o tipo cospe sangue

para o passeio.

– Somos colegas, porra – explica, com uma expressão avinagrada de dor. – Mandaram-me seguir-te.

– Quem te mandou?

– O meu chefe. O inspetor Lomas.

Melchor percebe que o tipo está a dizer a verdade.

Larga-lhe o pescoço, tira o joelho do peito, levanta-se.

Ainda deitado no chão, o tipo apalpa a cara, lamentando-se.

– Merda – pragueja. – Deste-me cabo do nariz.

– Trabalhas para Hematomas? – pergunta Melchor. – O

chefe dos Vidal Boys?

O guarda apoia-se num cotovelo e volta a cuspir sangue.

É bastante mais velho do que Melchor; está muito pálido e é quase calvo. Parece exausto, sem forças sequer para se pôr de pé.

– É assim que nos chamam – grunhe, resignado. – E é assim que lhe chamam a ele. Nesta merda de trabalho ninguém se livra de uma alcunha.

– Ele disse-te porque tinhas de me seguir?

– O que achas?

– Responde-me ou encho-te de bofetões.

– Claro que não me disse, chiça! Nem eu lhe perguntei.

Limito-me a fazer o meu trabalho.

Melchor volta a acreditar nele. Bruscamente consciente de que estão em plena rua, olha para um lado e para o outro, mas não vê ninguém. Agacha-se novamente junto do seu perseguidor.

– Ouve-me bem – pede-lhe. – Diz ao teu chefe que não volte a mandar ninguém atrás de mim. Diz-lhe que, se

quiser falar comigo, sabe onde me encontrar. Di-lo-ás, não é verdade?

O tipo assente.

– Perfeito. – Melchor levanta-se de novo. – E tu não voltes a espiar um colega.

– Eu só faço o que me mandam – replica o tipo. – Como tu.

Melchor pensa que ele tem razão; depois pensa que não tem.

– Vai tratar dessa cara, anda – diz, apontando para ela com um dedo. – Que está feita num oito.

Na manhã seguinte, à porta do ATL, a mãe de Sandra insiste em ir buscar Cosette à saída e em levá-la para sua casa, para as duas amigas brincarem; como à tarde ele tem um encontro com Vidal que pode prolongar-se, Melchor aceita a oferta.

Enquanto conduz até Egara, reprime a tentação de telefonar a Vàzquez, porque pensa que estará ainda a dormir e que o que mais lhe convém é descansar. Na Unidade de Sequestros e Extorsões encontra Torrent, que acaba de chegar; Cortabarría aparece pouco depois. São os dois únicos elementos da unidade que vieram trabalhar –

González e Estellés estão de férias, como outros dois elementos do turno da tarde – e Melchor diz-lhe que devido a problemas familiares, Vàzquez teve de ir com urgência a Seu d'Urgell, onde ficará alguns dias, e que antes de sair lhe telefonou para lhe pedir que ajude a ultrapassar aquela semana em que a unidade está reduzida, desfalcada e sem

comando, e para lhe dar instruções. De modo que, durante uma reunião improvisada, distribuem entre si o trabalho pendente, e Melchor compreende imediatamente que não poderá atribuir mais de dois membros da unidade ao caso da presidente, o que é insuficiente até para cobrir os turnos de vigilância de Casas e de Vidal. Durante a reunião recebe duas chamadas. Não responde à primeira, que é de Vàzquez, mas atende a segunda, que é da secretária de Vidal, que se desculpa por nessa tarde o vice-presidente não poder recebê-lo no seu gabinete da Câmara às três e meia, como tinham combinado.

– Surgiu um imprevisto – alega. – Uma entrevista com o correspondente de um jornal estrangeiro. Fá-lo-á depois do almoço, no próprio restaurante onde tem um almoço de trabalho. Não sabe a que horas terminará. Às

quatro ou quatro e meia. Se não se importar de esperar, talvez possa dispor de alguns minutos depois disso.

– Não me importo – diz Melchor. – Onde é o almoço?

A secretária dá-lhe o nome do restaurante, Melchor afirma que estará aí às quatro e, ao acabar a reunião com Torrent e Cortabarría, fecha-se no gabinete de Vàzquez e telefona para o sargento, que lhe garante estar melhor e que dentro de dois dias estará de volta a Egara.

– Não há pressa – mente Melchor. – Aqui ninguém sente a tua falta, nem imaginas como a malta está feliz sem chefe.

Melchor ouve uma espécie de grasnido, que tanto pode ser tosse como riso; calcula que seja tosse.

– És um filho da puta – diz Vàzquez.

– E tu um mariquinhas.

Dirige-se para o gabinete de Blai, mas encontra-o fechado e telefona para o seu inquilino, que não atende.

Manda-lhe um WhatsApp: «Estás operacional?» Blai responde

imediatamente:

«Completamente

atolado.

Almoçamos?» «Combinado», escreve Melchor de volta.

«Mas cedo. Às quatro tenho de estar em Barcelona.»

Combinam encontrar-se às duas horas num restaurante chamado Clotilda.

Passa o resto da manhã a despachar papelada e a informar-se sobre Daniel Casas, Enric Vidal e Gonzalo Rosell. Por volta da uma e meia sai do gabinete e antes das duas está no Clotilda, um restaurante de Sabadell onde há anos, durante a sua primeira época em Egara, almoçava às vezes com Vàzquez e com outros colegas da unidade. Blai reservou uma mesa na cave, uma espécie de reservado sem cobertura telefónica, e, quando se senta, Melchor percebe que o amigo o fez propositadamente, para desligar um pouco da insistência incansável dos telemóveis. O antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta aparece já passava das duas e meia.

– Desculpa, espanhol de um raio – cumprimenta-o com uma palmada na cara. – Tive uma manhã de loucos.

Chama imediatamente a atenção de um empregado, pede-lhe uma cerveja com urgência, aponta para a Coca-Cola vazia de Melchor e pergunta-lhe se quer outra; Melchor diz que sim.

– Uma Coca-Cola e uma imperial – resume Blai. – E traz-nos o menu rapidamente, por favor. Temos pressa.

– Vou a voar – cantarola o empregado.

– Não adivinhas com quem acabei de cruzar-me – diz Blai assim que ficam sós.

Irradia alegria.

– Com Gomà – diz Melchor.

Blai arregala os olhos.

– Bolas, como adivinhaste?

– Porque só pões essa cara de felicidade quando te encontras com Gomà.

O inspetor dá uma gargalhada. Melchor sente que ali, na central de Egara, Blai veste um espartilho de seriedade hiper-responsável, obcecado em estar

à altura do seu cargo, e que só quando fica a sós com ele descontrai e volta a ser quem é, ou, pelo menos, quem era na Terra Alta.

– Não me lixes – responde Blai, encantado.

O empregado aparece com as bebidas e os menus. Blai consegue retê-lo enquanto bebe um gole de cerveja e dá uma vista de olhos aos pratos do dia. Por fim, os dois homens pedem o mesmo: salada verde e bife com batatas.

– Também não te vou mentir, rapaz – afirma depois Blai: adota uma voz de satisfação exagerada e põe os polegares nas axilas movendo os dedos restantes como se tocasse vertiginosamente um piano invisível. – Adoro tê-lo ali, coberto pelos seus galões de subinspetor, a espumar de inveja ao ver-me como chefe da Área Central de Investigação de Pessoas enquanto ele morre de tédio na Unidade de Carros Roubados. Gabarolas e beto como era, o cabrão… Mas espera, que ainda não te contei o melhor.

Lembras-te de Pires?

Há quatro anos, a sargento Pires era a ajudante do subinspetor Gomà na Unidade de Investigação Territorial de Tortosa e, como tal, foi a encarregada de redigir o relatório do caso Adell. Melchor diz que se lembra.

– E deves lembrar-te de que Gomà deixou a mulher por ela. – Desta vez Melchor não consegue responder porque Blai se antecipa. – Pois agora foi ela que o deixou a ele.

Pires deixou Gomà, quero dizer. Dás-te conta? Gomà deixa a mulher por Pires e Pires deixa Gomà por… Bom, isso já não sei. Deve tê-lo deixado por ser medíocre, fracassado, tonto, devia pensar que ia fazer uma bruta carreira e ali está, nem sequer foi capaz de passar no concurso para inspetores. É do caraças, não achas?

Blai continua a cascar no subinspetor Gomà até o empregado aparecer com a salada.

– Bom – muda de assunto enquanto a tempera e começa a comê-la –, querias falar-me de quê? Como vai o caso da presidente? Como correu ontem com Casas?

– Bem – responde Melchor. – Quando me despedi dele disse a um amigo que tinha acabado de estar com um psicopata.

Blai engasga-se com um pedaço de alface. Melchor socorre-o dando-lhe umas palmadas nas costas.

– Um psicopata? – consegue repetir Blai; limpa a boca com o guardanapo e olha desconfiado para o seu subordinado.

– Foi o que disse ao meu amigo – repete Melchor. – Saiu-me sem pensar.

– E?

Melchor faz uma expressão onde convivem a incerteza e o desagrado.

– Não sei. – Contradizendo-se, explica: – É um tipo com um conceito muito elevado de si próprio. Acha que a sua ex-mulher é presidente da Câmara graças a ele, e que sem ele não é ninguém. Diz que ainda gosta dela e não lhe deseja nenhum mal, mas não acredito. Também não acredito que não tenha relação com a chantagem. Em resumo: é preciso pô-lo quanto antes sob vigilância.

– Tens gente?

Melchor responde que não.

– Estamos com a água pelo pescoço. Quando muito posso usar dois homens. De qualquer modo, até Rosell chegar, chegam-me outros dois.

– Verei o que posso fazer.

– Ontem disseste-me que contasse com isso.

– Ontem era ontem e hoje é hoje. Mas calma, vou tratar disto.

Permaneceram em silêncio durante uns segundos, mastigando conscienciosamente as respetivas saladas. Da outra ponta do restaurante chega-lhes um rumor denso de talheres e de conversas, mas nenhum dos dois levanta a cabeça do prato.

– Há outra coisa – diz Melchor.

– Que coisa?

A alegria inicial eclipsou-se da cara do inspetor, que ostenta agora uma expressão muito concentrada. Melchor bebe um gole de Coca-Cola e limpa os lábios com o guardanapo.

– Ontem apanhei um tipo a seguir-me – conta. – Era da Polícia Urbana. Um dos Vidal Boys.

A expressão de Blai torna a mudar: agora é de clara inquietação.

– Como sabes?

– Porque falei com ele.

– Com o tipo que te seguia?

– Sim. Tivemos uma troca de impressões. Disse-me que tinha sido o seu chefe quem o mandou seguir-me.

– Hematomas.

Melchor assente. O empregado aparece com os dois bifes com batatas e leva os dois pratos de salada já vazios.

Assim que se afasta, Blai resmunga:

– Foda-se, pá, isto está a complicar-se. Essa gente é perigosa.

– Não me pareceu.

– Mas é. Além disso, se denunciar isto lá em cima, pode armar-se uma confusão dos diabos: a Polícia Urbana a vigiar os Mossos d'Esquadra. É inacreditável.

Atacam com uma fome imparcial os seus respetivos bifes.

– Não faças a denúncia e vê o lado positivo – propõe Melchor passado algum tempo. – Isto significa que Vidal quer saber o que fazemos, e se Vidal quer saber o que fazemos é porque está metido no imbróglio.

– Não necessariamente – contesta Blai; fala, engole e corta ao mesmo tempo. – Não seria a primeira vez que Hematomas age por sua conta e risco.

– Num caso que afeta a presidente? – interroga-se Melchor. – Não acredito.

– Sobre esse fulano eu já acredito em tudo.

Voltam a comer num silêncio absorto. Quando Melchor acaba, olha para o relógio.

– Tenho de me ir embora – anuncia. – Fiquei de me encontrar às quatro com Vidal. – Diz a Blai que acabe de comer sem pressas, deixa uma nota de vinte euros em cima da mesa e põe-se de pé, acrescentando: – Vê lá se esta tarde consegues resolver a questão da vigilância.

– Não te preocupes.

– E diz a quem seguir esses dois que queremos um relatório pormenorizado dos movimentos deles.

– Direi.

Ao passar junto do amigo, Melchor toca-lhe num ombro em jeito de despedida. Blai agarra-lhe na mão por um segundo.

– E tu faz-me um favor – pede-lhe, erguendo para ele um olhar firme. – Tem cuidado.

Dois homens montam guarda num espaço aberto de terra, à porta do restaurante La Balsa. Melchor reconhece um deles, que viu em fotografias: forte, atarracado, moreno, com bigode e barriguinha.

– Ora, ora, vejam lá quem temos aqui – diz o homem. –

Tu és Marín, não é verdade?

Melchor aproxima-se.

– E tu és Hematomas, não é verdade?

O semblante do aludido ensombra-se.

– Não é assim que te chamas? – pergunta Melchor. –

Desculpa, devem ter-me informado mal.

– Onde vais? – interpela-o o inspetor Lomas.

– Ver o teu chefe – responde Melchor. – Ele não te disse?

Lomas ignora a pergunta.

– Está ocupado.

– Calma. – Melchor segue o seu caminho. – Tenho tempo, posso esperar.

O chefe dos Vidal Boys para-o com uma mão; Melchor olha para a mão, não para o inspetor. Pela primeira vez, repara também no seu acompanhante, um tipo muito mais novo do que Lomas e com mais dois palmos de altura; parece concentrado e tenso, vigilante.

– Ontem deste uma sova a um dos meus homens –

censura-o o inspetor.

– Que exagero – exclama Melchor. – Aqui na capital chamam sova a qualquer coisa.

– Tem o nariz partido.

– Deveras? Sinto muito. Mas a culpa é tua. Se não lhe tivesses ordenado que me seguisse, teria o nariz intacto.

Lomas observa-o com uma mistura equitativa de aborrecimento e desconfiança, encavalita o lábio inferior sobre o lábio superior e acaricia com ele as pontas do bigode, reflexivo.

– Vou dar-te um conselho – acaba por dizer. – E grátis.

– Agradeço-te – diz Melchor. – Sabes, sou muito mau a dar conselhos, mas muito bom a recebê-los.

– Não te armes em engraçado comigo.

– Desculpa – diz Melchor, sabendo que com quanto maior ligeireza encarar o homem que tem à frente, mais perigoso será; no entanto, acrescenta sem conseguir evitar:

– E o conselho?

Lomas parece desconcertado. Olha de esguelha para o seu homem, como se receasse estar a fazer má figura; depois volta-se novamente para Melchor.

– Esse é o conselho – esclarece.

– Que não me arme em engraçado contigo? – Melchor sorri. – Ah, não tinha percebido.

Antes de o inspetor conseguir replicar, Melchor afasta-lhe a mão e segue o seu caminho. Começa a subir as escadas do restaurante quando ouve atrás de si:

– Marín.

Dá a volta e vê Lomas aproximar-se do início da escada, seguido pelo seu acompanhante.

– Estás a meter-te em problemas – constata o inspetor. –

Sabes disso, não é verdade?

Melchor semicerra os olhos com uma expressão fatalista ou resignada.

– Depois não digas que não te avisei – ameaça-o Lomas.

O restaurante está apoiado à encosta do Tibidabo e foi construído sobre uma antiga balsa. Melchor entra numa vasta sala de jantar elevada, com ar tropical, onde sobressaem um balcão e uma lareira de mármore, iluminada por enormes vidraças e com um teto de madeira suportado por vigas. Àquela hora a sala já se esvaziou, mas na esplanada, sob uma lona branca, restam ainda duas mesas ocupadas; de uma delas alguém lhe faz um sinal.

– O senhor Vidal está à minha espera – diz a um empregado que se aproxima com um olhar inquisitivo.

O vice-presidente da Câmara de Barcelona está sentado numa esquina da esplanada, com um charuto fumegante numa mão e um balão de whisky na outra; à sua frente está um homem alto, louro e sorridente, que se levanta quando Melchor se aproxima e lhe dá um aperto de mão.

– Senta-te, senta-te – convida-o Vidal, apontando com o charuto para uma cadeira junto ao homem. – Eu e o meu amigo senhor Burton já tínhamos terminado. Agora estávamos a falar off the record, que é sempre melhor, não é verdade, Denis?

– De facto – diz Burton.

– Queres tomar alguma coisa? – Vidal dirige-se a Melchor. – Um café? Um copo?

– Nada, obrigado – diz o polícia.

Vidal faz um gesto dissuasório na direção da sala de jantar.

– O senhor Burton é o correspondente do jornal The Guardian em Espanha e está a escrever um livro sobre Barcelona – diz Vidal. – Acabei de lhe dizer uma frase que o meu pai repetia sempre: «O catalão que não quer a independência, não tem coração; o que a quer, não tem cabeça.»

– A sério que não a posso citar? – pergunta Burton, que tem um caderninho fechado diante dele.

– Cita-a, se quiseres – admite Vidal, magnânimo. – Mas não a atribuas ao meu pai, paz à sua alma. Pensarão que era um cínico inveterado. E era, claro, mas… – Vidal bebe

um gole de whisky. – Olha, Denis, nós não podemos ter ideais, nem sequer ideias. Refiro-me a ideias políticas. Esse é um luxo a que nós não podemos permitir-nos.

– Quando diz «nós», a quem se refere? – pergunta o correspondente.

– A quem me hei de referir? – responde o vice-presidente. – A nós. Os que mandam. Os que detêm o dinheiro e o poder, supondo que são duas coisas distintas.

As ideias são para os intelectuais, e os ideais, para as pessoas humildes; mas, no nosso caso, seriam uma irresponsabilidade. Sobretudo num lugar como este.

– Receio não estar a acompanhá-lo – reconhece o jornalista, que, depois de escrever alguma coisa no caderninho, examina Vidal.

Melchor também o observa. Tem a mesma idade que Casas, mas parece bastante mais velho do que ele. Em parte, talvez, pela maneira de vestir, que sugere a Melchor a de um diplomata um pouco vetusto, com o seu fato antracite, largo e de um bom tecido, a camisa azul às riscas e a gravata de seda grená; e em parte também pelo modo de falar tranquilo e cuidado, pelo excesso de peso e pela barba farta e entremeada de cãs. Não parece

importar-se com o calor húmido que se adensa sob a lona branca, só de vez em quando aligeirado por uma brisa morna, porque nem sequer tirou o casaco. Uma mancha de suor molha-lhe a camisa e tem o nó da gravata lasso e o cabelo um pouco revolto.

Vidal acaricia a papada com a mesma mão com que segura o charuto e saboreia outro gole de whisky, olhando

pensativamente para além dos seus interlocutores, para o resto da esplanada que parece cercada por uma vegetação selvagem.

– Antes falávamos do Procés – lembra ao jornalista, que confirma com um cabecear enfático. – Bom, o Procés é um bom exemplo daquilo que quero dizer. – A seguir recapitula: – Em 2012 vivíamos mergulhados numa crise tremenda, a mais grave dos cem anos anteriores, e estávamos mal. Muito mal. O que fizemos? O que tínhamos de fazer: levámos as pessoas para a rua, com os nossos próprios meios e com a ajuda inestimável do nosso governo, para pressionar ao máximo o governo de Madrid, para o colocar entre a espada e a parede e obrigá-lo a resolver-nos o problema. Não é preciso dizer-te que nós não somos independentistas, claro, nem nunca fomos, porque

fomos

sempre

pessoas

com

cabeça;

o

independentismo é outro desses luxos a que não podemos permitir-nos. Mas qual era a melhor maneira de pressionar Madrid? Aquela que usámos. E

qual é a maneira mais rápida e mais fácil de levar as pessoas para a rua? A que usámos também.

– Está a dizer-me que vocês criaram o movimento independentista?

– O movimento independentista, não. Independentistas, na Catalunha, sempre os houve há mais de um século: gente com muito coração e pouca cabeça, como diria o meu pai. O que nós criámos foi o Procés, ou seja, transformámos uma reivindicação de uma minoria numa reivindicação de quase metade da região.

O correspondente do jornal britânico arqueia a boca numa expressão dubitativa.

– Francamente, custa-me a crer que durante quase uma década vocês conseguissem levar todos os anos para a rua um milhão de pessoas a exigir a independência –

reconhece. – Nem que fossem idiotas.

– São idiotas – afirma Vidal. – Não tenhas qualquer dúvida. Individualmente, há alguns que não são. Poucos.

Mas, em massa, arrastados pelos sentimentos, pelas paixões e pelas emoções das bandeiras, são-no todos eles, sem exceção. Incluindo, provavelmente, nós os dois, querido amigo, se fosse o caso. Que não é. De qualquer forma, para prevenir, tomei a precaução de nunca ir a uma manifestação na minha vida, supondo que as do Procés foram manifestações.

– Não eram?

– Estás a gozar comigo? Evidentemente que não. Eram desfiles. Não te lembras? Toda a gente uniformizada, toda a gente no seu lugar, preparada para cumprir o que os organizadores ordenassem, toda a gente a saber o que devia fazer, tudo pronto para que as câmaras filmassem…

Como é que isso é uma manifestação? E por isso nos foram tão úteis. As pessoas, acredita, fazem o que lhes mandam, sobretudo se temos o dinheiro e o poder político do nosso lado, como nós tínhamos, e, ainda por cima, tínhamos televisões, rádios, jornais, redes sociais e tudo o que é preciso ter. É facílimo tirar as pessoas de casa, sobretudo agora. O problema é voltar a metê-las lá dentro.

– Foi esse o problema do Procés?

– Exatamente. O problema foi que se nos fugiu das mãos.

Verás. – Bebe outro gole de whisky, dâ uma baforada no charuto e expele uma nuvenzinha de fumo que fica a pairar no calor estival da esplanada. – Nós tínhamos o nosso homem na Generalitat, que era Artur Mas. Um bom rapaz.

O herdeiro do patriarca Pujol e o moço de recados da família dele. Um dos nossos, que até falava castelhano em casa, como nós. Mas as coisas complicaram-se, expulsaram Mas da presidência e ele deixou ali Puigdemont, um zé-ninguém provinciano que não mandava nada e não tinha nem poder nem categoria. Tínhamos todos a certeza de que Mas o controlaria sem problemas, mas enganámo-nos.

Porque Puigdemont era um crente, um talibã que levava muito a sério aquilo que para nós era só um jogo, um ardil, um estratagema para sairmos beneficiados da crise. Mas para ele não era assim. Ele estava disposto a ir até onde fosse preciso, ou então tinha mais medo de não o fazer do que de o fazer. Conclusão, um desastre.

– A vocês não correu assim tão mal.

– É verdade, embora pudesse ter corrido melhor. Mas não te esqueças de que os nossos interesses são os da Catalunha. Os da Catalunha em geral e os de Barcelona em particular. E, se as coisas correm mal a Barcelona e à Catalunha, a nós correm-nos mal, mesmo que nos corram relativamente bem. Não sei se consigo explicar-me. De qualquer forma, a ideia do Procés, como te dizia, era boa.

Boa e, sobretudo, necessária. Indispensável, diria eu. E

precisamente por isso é tão importante o que estamos agora a fazer na Câmara Municipal de Barcelona e que no

futuro faremos na Generalitat, ou na Câmara Municipal e na Generalitat em simultâneo: consertar o desastre. Nós provocámo-lo e nós consertá-lo-emos. Não achas que isso é o mais responsável?

O jornalista do The Guardian parece refletir uns momentos, lança a Melchor um olhar fugaz, entre irónico e interrogativo, e volta-se novamente para Vidal.

– É possível – admite. – Embora haja gente que pensa o contrário.

– Há sempre gente que pensa o contrário – constata Vidal.

– Há gente que pensa que aquilo que vocês estão a fazer agora é substituir um culpado por outro – apressa-se a esclarecer o jornalista. – Antes, a culpa de todos os males estava em Madrid; agora, a culpa de todos os males está nos imigrantes.

A observação do seu interlocutor parece apanhar Vidal desprevenido, que durante uns segundos faz rodar o whisky que ainda tem no copo, concentrando-se nele.

– Que injusto, não achas? – Ergue um olhar entre malicioso e magoado e saboreia outro gole de whisky sem afastar os olhos do correspondente, como se tentasse dizer-lhe sem palavras o que não pode dizer-lhe com elas. –

Enfim, digo-te que neste país há gente capaz de tudo.

Vidal leva o charuto à boca e, enquanto o jornalista sorri como se tivesse percebido, a coluna de cinza que se formou na sua extremidade cai sobre a brancura da toalha.

– Bom. – O jornalista levanta-se. – Devem ter assuntos a tratar. Agora tenho de me ir embora.

Pega no seu caderno, agradece a Vidal o tempo concedido e aperta a mão do polícia. Prepara-se para apertar a mão do vice-presidente quando este também se levanta.

– Acompanho-te à saída, Denis – diz.

O correspondente diz que não é necessário, mas o político insiste e os dois homens afastam-se em direção à saída do restaurante, o político com uma mão sobre o ombro do jornalista. Melchor consulta o telemóvel, aonde chegaram vários WhatsApp. Um é de Vivales, que lhe pergunta se deve ir buscar Cosette à saída do ATL. «Não te preocupes», responde-lhe Melchor. «Fiquei de ir buscá-la mais tarde, a casa de uma amiga.» Outra das mensagens é de Blai. «A vigilância já está resolvida, pelo menos até Rosell voltar. Amanhã à tarde começas com Vidal, OK?»

«OK», responde Melchor, e acrescenta: «Ainda estou com ele.» «E?», escreve Blai. «Um gangster», escreve Melchor.

«Um psicopata e um gangster», resume Blai. «Fica de olho.» Melchor volta-se para o interior do restaurante e avista Vidal à entrada, a conversar com o inspetor Lomas.

Escreve um WhatsApp a Vàzquez: «Que tal estás?» Assim que o enviou, ouve a voz de Vidal atrás de si:

– Grande idiota, hã?

O vice-presidente volta a sentar-se no outro lado da mesa.

– Refere-se a Hematomas? – pergunta Melchor, sabendo perfeitamente a quem o outro se refere.

– Refiro-me ao jornalista – responde Vidal, como se não tivesse ouvido a alcunha do seu subordinado. É evidente

que foi à casa de banho: lavou a cara, ajeitou o cabelo e apertou um pouco o nó da gravata; a mancha de suor, no entanto, continua na camisa, grande e escura. – Estes ingleses andam há séculos a dizer-nos como somos e acabam por acreditar que sabem disso melhor do que nós.

Já vêm com as respostas prontas, de modo que lhes dizemos uma coisa e eles escrevem o contrário. O que quer que lhes digamos, eles escrevem o que lhes apetece. Claro que isso acontece com todos os jornalistas, não achas?

– Não sei – admite Melchor, que nesse momento recebe um WhatsApp de Vàzquez. «Fino», lê de relance. – Nunca me fizeram uma entrevista.

– Pois não sabes a sorte que tens – felicita-o Vidal. –

Prestar-se a uma entrevista é como prestar-se a levar no cu: abrimos as pernas e seja o que Deus quiser. Se o jornalista é esperto, na entrevista parecemos espertos; se é tonto, parecemos tontos. E, como a maior parte dos jornalistas são tontos… Acredita, não há nada pior do que um jornalista. Exceto um político, claro.

Um empregado chega com uma bandeja que traz uma garrafa de Lagavulin, um balde de gelo e uma garrafa de água mineral.

– A sério que não queres beber nada? – pergunta Vidal enquanto o empregado serve um jorro generoso de whisky.

– Não, obrigado – responde Melchor. – Se não se importa, vou diretamente ao assunto; não quero fazê-lo perder o seu tempo.

– Não te preocupes – diz Vidal. – Não vais fazer-me perdê-lo. Além disso, interessa-me mais a mim falar contigo

do que tu falares comigo.

– É por isso que manda seguir-me?

O vice-presidente arqueia uma sobrancelha e não olha para Melchor mas para o empregado, um homem de pele azeitonada e aspeto oriental que prendeu um cubinho de gelo com uma pinça e o mantém mesmo na borda do balão de whisky meio cheio. Vidal faz um gesto de assentimento e o empregado deixa cair o cubinho e vai-se embora.

– Mandei seguir-te porque a informação é poder –

responde Vidal. – E o meu trabalho consiste em administrar poder. – Espera um momento enquanto bebe um golinho de whisky e espia a reação de Melchor; como se desconfiasse que ele não o compreendeu, pousa o balão na mesa, inclina-se para a frente, apoia os braços na toalha suja de cinza, cruza os dedos e crava os olhos nos olhos do polícia.

– Olha, Melchor, eu percebo muito bem o que se passa contigo. Ouviste o que as pessoas dizem de mim, o que os jornalistas escrevem sobre mim, a minha lenda negra, e acreditaste nela. E acreditaste que estou metido na chantagem a Virginia.

– Quem lhe disse isso? Casas?

– Não preciso que ninguém mo diga, homem. Eu sei.

Assim que soubeste que eu aparecia nesse vídeo, foi isso que pensaste. Mas vou dizer-te uma coisa: não é verdade.

Nem eu estou metido, nem Dani o está, e muito menos Gonzalo. De facto, podiam chantagear-nos a nós como estão a fazer com Virginia.

– E porque não o fazem?

– Ah, isso não sei. Se calhar porque sabem que não o permitiríamos, pelo menos com esse vídeo. Mas, antes de me fazeres mais perguntas, permite-me que te diga uma coisa: a lenda negra sim, é verdadeira. Ou melhor, é parcialmente verdadeira. As lendas são sempre assim. Uma mistura de verdades e de mentiras. Só que, se somares uma verdade e uma mentira, o resultado é sempre uma mentira. Não sei se me faço entender.

– Perfeitamente. E qual é a verdade desta mentira?

Das pupilas de Vidal brota uma centelha que Melchor não sabe se atribuir ao álcool ou à súbita e indisfarçável alegria que provoca, em determinadas pessoas, a pergunta exata de que necessitam para vencer uma discussão, ou simplesmente para brilharem. O vice-presidente esmaga o charuto no cinzeiro a transbordar de cinza onde jaz morta outra beata.

– Leste Montaigne? – pergunta.

Melchor nega com a cabeça.

– É verdade, tu só lês romances – diz o outro. – Pois eu leio-o todos os dias. Um pedacinho, duas ou três páginas, não mais. Mas todos os dias. E é do caraças. Parece que só fala dele, mas na realidade fala de tudo e fá-lo como ninguém. Claro que eu leio pouco, porque não tenho muito tempo, mas… Quando se trata de política, sem ir mais longe, toda a gente enche a boca com Maquiavel, e eu não digo que esteja mal. Mas Montaigne é muito mais sério, muito mais radical, muito melhor. Por exemplo, ele diz que o bem público exige que se traia, que se minta e que se assassine, e que, por isso, a política tem de estar nas mãos

das pessoas mais fortes e com menos escrúpulos, gente capaz de sacrificar a sua honra e a sua consciência pelo bem-estar do país. O que achas, hã? Eu nunca assassinei ninguém, evidentemente, mas o resto, mais ou menos, já o fiz. E sabes porquê? Porque eu não me iludo, porque eu sei muito bem que em política é preciso fazer coisas que ninguém quer fazer, que é preciso sujar as mãos, fazer pactos com o diabo se for preciso. Por isso, se houver inferno, todos os políticos irão para o inferno. Essa é a realidade, e quem não a conhece não deveria dedicar-se à política, porque não sabe o que é o poder. – Melchor tenta meter a colher, mas Vidal antecipa-se: – E sim, já sei que há quem diga que nós, catalães, não sabemos gerir o poder, que não sabemos o que é, que nos assusta e que por isso somos maus a fazer política.

– Foi o que Casas me disse ontem – consegue intercalar Melchor.

– Di-lo sempre – troça Vidal. – E sabes porquê? Porque o pai dele o dizia. E o meu pai também. E toda a elite económica catalã há mais de um século. Mas não é verdade. Se calhar foi, mas já não é. Agora o poder não está só nos estados; temo-lo também nas cidades. Quase te diria que o temos sobretudo nas cidades. Diz-me, o que é mais importante, Barcelona ou a Catalunha, que não é um estado, mas quase, porque tem quase tanto poder como um estado? Barcelona mil vezes mais. E nós administramos poder, oh, se o administramos! Poder a sério. Ou, pelo menos, estamos a aprender a administrá-lo. Isso quem o percebeu primeiro foi Margaret Thatcher, que por isso

acabou com a área metropolitana de Londres: não queria que a cidade voasse sozinha, à margem do país, e pôs-lhe rédea curta para que não lhe fizesse sombra. E foi o que Jordi Pujol fez aqui em Barcelona. Ou que tentou fazer.

– Porque me diz tudo isto? – pergunta o polícia; é a pergunta que está a tentar fazer há algum tempo.

– Para despachar quanto antes este assunto e passar para o que me interessa – responde Vidal. Como Melchor não dá sinais de ter compreendido, o vice-presidente descruza as mãos e endireita-se um pouco, mas não tira os cotovelos da mesa. – O que quero dizer é que eu posso ser um filho da puta, não digo que não. Mas não estou a chantagear Virginia. Pensa bem. O que ganharia com isso?

– Conseguir que se demita e ficar no lugar dela –

apressa-se Melchor a responder. – E, de caminho, acabar com a carreira política da presidente. – Vidal estala a língua, abanando a cabeça com um meio sorriso condescendente.

– Dececionas-me – afirma. – Tinham-me dito que eras esperto e sensato, mas estou a ver que se enganaram. Não te dás conta de que o que dizes não faz qualquer sentido?

– Nesse caso, por que razão a presidente não o encarregou a si da investigação da chantagem?

– Isso deverias perguntar-lhe a ela. Mas, já que me perguntas a mim, posso dar-te várias respostas, entre elas que nós não somos a polícia judiciária e não estamos autorizados a investigar estas coisas.

– Não me faça rir.

– Não era minha intenção – Vidal esforça-se por parecer sincero. – E não me interpretes mal: não estou a dizer que a nossa relação passa pelo seu melhor momento. A minha e de Virginia, digo. Isso é do domínio público. Algumas coisas complicaram-se desnecessariamente, e o divórcio dela estragou outras… Mas daí a chantageá-la para que abandone a política vai uma distância muito grande. Além disso, se quisesse chantageá-la, acredita, não o faria com esse vídeo; isso é uma criancice, uma dessas estupidezes que se fazem na juventude… – Uma centelha de deboche dilata as pupilas do vice-presidente e Melchor adivinha o que vem a seguir. – Tu também deves ter feito alguma, não é verdade?

– Não sei do que está a falar.

– Claro que sabes – contradi-lo Vidal, endireitando-se na cadeira; pega no copo de whisky pelo pé e faz girar o líquido, no qual o cubinho de gelo já quase se dissolveu. –

Falo do romance de Javier Cercas.

Melchor encolhe os ombros.

– Não o li – confessa. – Mas, pelo que dizem, é tudo inventado.

Vidal arregala os olhos e acaba por se rir; depois leva o copo aos lábios, grossos e húmidos, e bebe um longo gole.

– É isso que dizes às pessoas? – pergunta, saboreando ainda o whisky. – Percebo. Mas não me digas isso a mim, por favor. Parece-me quase uma

falta de respeito.

Durante alguns segundos Melchor sustém o olhar do vice-presidente.

– Está a ameaçar-me? – pergunta por sua vez.

– Mas… como te passa isso pela cabeça, homem? –

escandaliza-se Vidal, ou finge escandalizar-se. – A única coisa que te estou a explicar é a realidade. Diz-me uma coisa, lembras-te de Isaías Cabrera? Até há pouco tempo era sargento no departamento de Assuntos Internos dos Mossos, disseram-me que se conheciam.

Melchor não precisa de escavar muito na sua memória; Vidal, por outro lado, não necessita de ouvir a resposta de Melchor porque pode lê-la na cara dele.

– Há uns tempos que trabalha para mim – informa-o o vice-presidente. – E está encantado. Fala com ele, se quiseres. Foi ele quem me disse que é verdade teres estado na cadeia. E que trabalhaste como pistoleiro para os narcos colombianos. E mais algumas coisas que os teus chefes e colegas não sabem, ou sabem mas preferem não saber, e que demonstram que o tal Cercas, vê lá tu, tem menos imaginação do que dizem. Mas, enfim, não era disso que te queria falar. Acredita, é-me indiferente o que fizeste ou não quando eras um miúdo. O que queria era explicar-te outra coisa. Desde que tenhas acabado o teu interrogatório.

– Ainda não comecei – diz Melchor.

Vidal abre uns braços hospitaleiros.

– E estás à espera de quê?

Durante alguns minutos falam sobre a gravação com que estão a chantagear a presidente. Melchor faz ao vice-presidente as mesmas, ou quase as mesmas perguntas que fez na segunda-feira a Casas, e recebe as mesmas, ou

quase as mesmas, respostas, só que carregadas de menos dúvidas e hesitações; coisa que infunde ao polícia a

suspeita (ou melhor, a convicção) de que, no intervalo de tempo decorrido entre ambos os interrogatórios, os dois velhos amigos combinaram dar a mesma versão dos factos, entre eles e quem sabe também com Rosell, supondo que Rosell está igualmente envolvido na operação, o que, a priori, não lhe parece de todo improvável. Melchor, a dada altura, menciona o nome da pessoa que efetuou as filmagens; insinua:

– Casas contou-me que ao terminar os estudos o perdeu de vista, mas que você manteve o contacto com ele.

– Exagera. Ou percebeste-o mal. Na realidade só voltei a vê-lo nos últimos meses. – Vidal resfolega, semicerrando os olhos. – O caso de Ricky é terrível. Dramático, diria eu.

Conhecemo-lo naquela época, quando estudávamos. Nessa altura era um tipo inteligente, mesmo brilhante, embora um pouco infantil. Abandonou os estudos antes de os terminar e desapareceu do mapa, não voltámos a saber nada dele. Até que, de repente, há pouco tempo voltou a aparecer, voltou a entrar em contacto connosco, primeiro com Dani e depois comigo. Na realidade, vinha pedir-nos ajuda. Eu dei-lha, ou tentei fazê-lo; Dani não. Ele não te disse isso? Mas é a verdade. E que conste que não estou a censurar Dani por não o ter ajudado, porque Ricky era um tipo autodestrutivo, uma dessas pessoas que nos pedem ajuda, mas que salta à vista que nos odeiam por terem de nos pedir ajuda, e que nos odeiam ainda mais se lha damos… Enfim, um clássico. Não sei se sempre foi assim ou se foi o fracasso que o tornou assim. A verdade é que, quando Ricky apareceu novamente, estava arruinado e

desesperado, o seu fracasso foi total, sem paliativos. E eu fiz o que pude para o ajudar, acredita, tentei comportar-me com ele o melhor possível. Em homenagem aos velhos tempos. Porque lhe tinha carinho. Porque no fundo sou um sentimental. Seja como for, tentei ajudá-lo. – Corta horizontalmente o calor imóvel da esplanada com uma mão plana, taxativa. – Foi tudo inútil.

Mas continuei a vê-lo e, no fim, o máximo que pude fazer foi ajudá-lo a morrer. Quero dizer que, quando soube da sua morte, me encarreguei dos gastos do funeral e do enterro, porque ele não tinha onde cair morto. Literalmente. O médico-legista disse que morreu de uma paragem cardíaca, mas eu não me admirava que ele tivesse posto fim à vida. Eu, no lugar dele, era o que teria feito.

– O seu amigo tinha família?

– Não. Não que eu saiba. Ao funeral só compareceram alguns vizinhos. Uma história triste, digo-te.

O vice-presidente deixou-se contaminar pelo fim amargo do seu amigo de juventude; ou essa é a impressão que dá, com os olhos fixos na toalha que cobre a mesa, como se estivesse a interrogar-se, na sua brancura suja de cinza, sobre a justificação ou o consolo daquele destino ruinoso.

Até que parece acordar, repara no seu interlocutor, leva novamente o copo de whisky aos lábios e pergunta num tom de voz diferente:

– Bom, já acabaste? Mais alguma pergunta?

– Não. Da minha parte terminámos.

– Ótimo – diz, satisfeito, como que repondo-se de uma fraqueza momentânea. – Agora é a minha vez. Quero fazer-

te uma proposta.

Antes das sete vai buscar Cosette a casa da sua amiga Sandra. É a mãe quem lhe abre a porta, despenteada e a feder a álcool. A mulher deixa-o entrar e, depois de o deixar trocar algumas palavras com Cosette, que está a brincar com Sandra no quarto, propõe-lhe tomar um copo. Melchor recusa a oferta, mas a mulher desaparece na cozinha, regressa com um copo de genebra e desata a falar do marido, de quem, segundo Melchor deduz, porque só consegue perceber metade do que ela tenta dizer-lhe, se está a separar. Quando a mulher já está há algum tempo a barafustar contra o

marido, Melchor pergunta-lhe se este lhe bate. «Bater-me?», pergunta ela por sua vez, surpreendida, mas sem deixar de vociferar e sem se importar minimamente que as crianças oiçam. «Se me batesse, cortava-lhe os tomates com uma motosserra! Mas põe-me os cornos com todas as que se metem a jeito. O

grande filho da puta!» Nesse momento a mulher desata a chorar e Melchor tenta consolá-la até que, sem saber como nem de que maneira, dá consigo no quarto dela, circunstância que ela aproveita para lhe pôr uma mão na fruta, ensaiando um sorriso sedutor, que provoca a Melchor uma pena indisfarçável. Ao ver a reação do homem, a mulher afasta a mão, afasta-se dele, balbucia uma desculpa e, com uma mistura de desespero e de vergonha, afoga um grito e deixa-se cair na cama, a chorar baba e ranho e a murmurar censuras ininteligíveis e imprecações de autocomiseração. Sem saber o que fazer, incapaz de se ir

embora e de a deixar naquele estado lamentável, Melchor senta-se numa cadeira e espera em silêncio. A mulher começa pouco a pouco a acalmar-se, mas a dada altura escapa-se-lhe um peido evidente, que ressoa no quarto, entre soluços, como o toque de um cornetim.

– Bom – diz Melchor, fazendo muito ruído ao levantar-se da cadeira, para esconder o mais possível o barulho do peido e tentar poupar a mulher àquela derradeira humilhação –, Cosette e eu temos de nos ir embora.

Estão ambos a fazer o jantar quando chega Vivales.

Jantam no terraço, e depois de os dois homens tratarem da cozinha, enquanto Cosette vê uns desenhos animados na televisão, Melchor passa algum tempo a ler Miguel Strogoff à filha. Depois espera que esta adormeça e, assim que adormece, regressa à sala. Vivales descansa na sua poltrona do costume, diante do televisor desligado.

– Hoje não há filme? – pergunta Melchor.

– Hoje não – responde Vivales, apontando para uma pilha de documentos no chão. – Tenho coisas que fazer.

– Julguei que estavas de férias.

– Isso era também o que julgava. – Vivales levanta-se. –

Esqueci-me de que os escravos não têm férias.

O advogado sai da sala e o polícia, com um iPad na mão, senta-se ao lado da poltrona dele. Vivales regressa logo a seguir, trazendo uma garrafa de whisky, um copo de vidro grosso e uma taça a abarrotar de cubos de gelo. Melchor está concentrado no seu iPad, à procura de informações sobre Ricky Ramírez. Não lhe sai da cabeça o facto de Casas lhe ter mentido acerca dele: disse-lhe que não voltou

a vê-lo desde a sua época de estudante; mas, segundo Vidal, isso não é verdade: num dado momento posterior da sua vida, Ramírez pediu-lhe ajuda e ele recusou-a. Por que razão Casas tentou enganá-lo? Ou será que se esqueceu simplesmente daquele pedido de socorro? Quem foi Ricky Ramírez? Terá sido ele quem guardou a gravação com que agora chantageiam a presidente? E, se assim é, quem ficou com ela depois da sua morte e está a usá-la agora? Apesar de ter morrido há alguns meses, Ramírez terá alguma relação direta com a chantagem, além de ter sido o responsável por filmá-la? E a sua morte? Também estaria relacionada com o caso?

– Hoje veio um cliente ao meu escritório – conta Vivales, sentado novamente ao lado de Melchor e segurando entre os dedos um cubo de gelo que deixa cair no copo com um tilintar de vidro. – Um ladrão daqueles perigosos que acaba de sair em liberdade condicional. Graças à minha pessoa, modéstia à parte. Bom, para comemorar ofereci-lhe um whisky e perguntei-lhe como gostava dele. Sabes o que me respondeu? – Vivales imita uma voz ainda mais rouca do que a sua: – Com muito fumo e muitas putas!

Falando consigo próprio («Isto é o que o meu trabalho tem de bom: aprendemos sempre coisas novas»), o advogado serve-se de um boa dose de whisky; Melchor permanece impávido, demasiado absorto no seu iPad para

reagir à piada do advogado, que, sentado novamente na sua poltrona, pergunta:

– Que tal o dia?

Um pouco impaciente, Melchor ergue os olhos na direção de Vivales e está quase a pedir-lhe que se cale e o deixe continuar a sua leitura.

– Fizeram-me uma oferta de emprego – diz, no entanto.

O advogado franze o sobrolho.

– Fê-lo Enric Vidal – continua Melchor.

– O cão sarnento da presidente da Câmara?

– O próprio. Propôs-me trabalhar para ele.

– Não me lixes!

– Insinuou que em meia dúzia de dias fico a dirigir os Vidal Boys. Ou melhor, em dois.

– Deves ter respondido que te faça um broche.

– Respondi-lhe que vou pensar nisso.

Vivales olha para ele com alguma incredulidade e algum sarcasmo, e endireita-se, expectante, na poltrona enquanto Melchor pousa o iPad no chão. Não quer preocupar o advogado mais do que o necessário, de modo que não acrescenta que disse a Vidal que pensaria nisso desde que os homens de Hematomas deixassem de segui-lo, e que Vidal aceitou o acordo.

– Lembras-te do que disse Campà há dias? – pergunta Melchor. – Bom, não sei se foi Campà ou Puig.

– É indiferente – diz Vivales. – O que diz Ortega também o diz Gasset. O que disse?

– Que é possível que Vidal e Casas estivessem a tentar fazer a cama à presidente. Lembras-te? – Vivales assente. –

Pois é verdade.

– Não estarás a falar da história da chantagem que saiu no Ara?

Melchor responde que sim, explica a Vivales porque foi enviado para Barcelona em comissão de serviço e faz-lhe um resumo do que averiguou desde a sua chegada à capital. O advogado ouve-o com a máxima atenção. Quando Melchor acaba de falar, Vivales reflete durante alguns segundos.

– E tens a certeza de que Casas e Vidal estão por detrás da chantagem? – pergunta.

– Não – responde Melchor, apanhando o iPad do chão. –

Mas acredito que sim. E possivelmente outras pessoas.

Rosell, por exemplo. Pelos vistos, também aparece no vídeo.

– E também falaste com ele?

– Não. Com ele falarei na quinta-feira.

Vivales volta a assentir, mas não parece muito convencido. Melchor pensa outra vez em Ricky Ramírez.

– Tem cuidado – avisa-o o advogado. – Essa gente é perigosa.

– Hoje é a segunda vez que me dizem isso.

– Mais razão me dás.

O polícia também assente. Depois olha para o ecrã do seu iPad, que ficou às escuras; roça-o com a ponta do dedo e o ecrã ilumina-se.

– Bom – encerra a questão. – Chega de paleio.

2

– De que estávamos a falar?

– Do caso dos cartões fantasma. Embora continue sem ver qual a sua relação com a chantagem à presidente.

– Mas tem.

– Dizias-me que, quando o teu pai caiu em desgraça devido a esse assunto, ninguém vos ajudou.

– Espantas-te? Eu não. Se uma pessoa se afunda, ninguém lhe dá uma mão; e, se a dá, é para acabar de afundá-la. É assim que as coisas funcionam… No fundo, os meus amigos só fizeram o que qualquer um teria feito: ir-se embora a correr, afastar-se quanto antes do empestado. E

eu estava tão empestado como o meu pai. É verdade que, em setembro, quando não regressei à Esade, eles teriam podido telefonar-me, teriam podido perguntar-me porque não ia às aulas, interessarem-se pelo meu pai ou por mim…

Mas não fizeram nada. Não o haviam feito até essa altura, nem o fizeram nesse momento. Tínhamos sido inseparáveis, mas não mexeram um dedo… Claro que eu também não fiz nada para continuar a vê-los. E sabes porquê? Porque o que sermos empestados tem de pior é levar-nos a aceitar sem protestar a nossa condição de empestados. Envergonhamo-nos de nós próprios, fechamo-nos em nós próprios, a única coisa que queremos é escondermo-nos num canto a lamber as feridas como cães espancados… De modo que talvez não devesse censurar nada aos meus amigos. Mas se o faço, e acho que os reprovo e naquela altura os reprovei muito mais, talvez porque de chofre me dei conta de que não quis

ver o que era evidente, que nunca tinha sido um deles, que eles só fingiram que eu o era, que sempre me viram como um subalterno, nem sequer como um espectador ou uma testemunha, isso era o que Rosell significava para Casas e Vidal, para eles eu era só um serviçal, um lacaio, nessa altura dei-me conta disso de chofre, e o pior é que representei esse papel porque quis, sem que ninguém me obrigasse, tinha sido criado deles porque queria ser como eles, na esperança de me integrar naquele círculo, de pertencer de alguma forma à elite mágica do poder e do dinheiro… E por isso tinha feito tantas coisas que me repugnavam ou que agora me repugnam, quando já estão feitas e não têm remédio. E foi ao dar-me conta de tudo isto que comecei a sentir asco, um asco enorme. E foi também quando jurei a mim próprio que me vingaria deles por me terem arrancado o que de pior tinha no íntimo, por me terem tornado um monstro… Foi o que tentei fazer agora, apesar de me ter corrido mal.

– Talvez não te tenha corrido tão mal.

– Foi uma lástima.

– Ainda podem acabar por pagar pelo que fizeram.

– Oxalá, mas não acredito… O que julgo é que quem vai pagar sou eu, não eles. São sempre os mesmos que pagam.

Já te disse que é uma lei universal.

– E eu disse-te que farei o possível para que paguem.

– Claro. Por isso estou a contar-te tudo isto, embora…

Ouve, de certeza que não queres um pouco de whisky?

– Não. Continua.

– Devias acompanhar-me, quando bebo acompanhado falo mais… Continuo. Como te estava a dizer, ao rebentar o caso dos cartões fantasma ficámos arruinados de um dia para o outro, o meu pai deixou de receber

salário, teve de devolver o dinheiro que tinha gastado e começar a pagar a advogados, de modo que eu saí da Esade e transferi a minha matrícula para a Universidade de Barcelona, que era muitíssimo mais barata do que a Esade. Também me pus a dar aulas de Matemática na escola privada de um tipo que devia favores ao meu pai, aí sim, tive alguma sorte, pelo menos consegui imediatamente um trabalho, mesmo sendo um trabalho de merda deu-nos para viver, à minha mãe e a mim, até o meu pai sair em liberdade depois de dez meses de cadeia, já eu tinha acabado o curso, às três pancadas, mas tinha-o acabado. Nessa época comecei a procurar formas alternativas de fazer dinheiro e foi então que ouvi falar pela primeira vez dos bitcoins e que comecei a fazê-los, enfim, depois falo-te disso, deixa-me que continue agora com a história do meu pai…

»O regresso dele a casa melhorou e piorou as coisas. Por um lado, melhorou-as, porque no mínimo ele já não estava preso e eu já não tinha de ir vê-lo a Madrid, à prisão de Soto del Real, com os custos da viagem, hotel e refeições que isso acarretava, sem falar da senhora que tinha de ficar a cuidar da minha mãe enquanto eu estava fora e que também cobrava bem… Mas, por outro lado, o regresso do meu pai também piorou as coisas. Porque o meu pai saiu da cadeia transformado noutra pessoa, uma sombra do que fora, uma espécie de fantasma. E embora tenha batido a

todas as portas, suplicando e até humilhando-se, demorou muito tempo a arranjar um emprego… Ou talvez não tenha sido assim tanto tempo, mas foi o que me pareceu; na realidade, aquela época tornou-se-me eterna. Primeiro, porque agora, além de manter a minha mãe, tinha de manter o meu pai. Segundo, porque o tipo que devia favores ao meu pai deve ter achado que já os tinha pagado, pelo que não me renovou o contrato na sua escola e eu tive de ganhar a vida dando explicações particulares em minha casa de todas as disciplinas possíveis e imaginárias (a sorte tinha-se-me acabado, a mim dura-me pouco). E, terceiro, porque, enfim, até esse momento fora um pesadelo conviver só com a minha mãe, que não podia valer-se e que não fazia outra coisa, pobre coitada, senão olhar para a televisão apagada e gemer. Mas com o meu pai em casa o pesadelo multiplicou-se, imagina o que era viver com os dois, ver a toda a hora aquele homem que até há pouco tempo era tudo para mim, como se fosse

Deus omnipotente, e que agora, digo-te, era uma sombra de si mesmo, um velho diminuído e quebrado, acobardado, que não parava de se lamentar sem se atrever quase a sair à rua… Foram meses pavorosos, os três fechados naquele apartamento claustrofóbico do Ensanche, um apartamento que, ainda por cima, tinha uma hipoteca que já não conseguíamos pagar, os três a cozer em lume brando no nosso próprio infortúnio… até que, finalmente, um antigo colega do meu pai, um vereador socialista da Câmara Municipal de Torredembarra, se compadeceu dele e lhe arranjou um trabalho administrativo no departamento de Assuntos

Sociais da povoação, e o meu pai começou a trabalhar ali.

Com o salário que ganhava arrendou um apartamento e levou a minha mãe com ele.

»Eu protestei, ou melhor, fingi protestar, mas não muito… A verdade é que me alegrei por me ter livrado dos meus pais; isto soa muito mal, eu sei, mas a verdade quase sempre soa muito mal. Não é que tivesse deixado de os ver, de facto telefonava-lhes de vez em quando e uma vez por mês ia visitá-los a Torredembarra e passava o dia com eles.

De modo que não os abandonei, pelo menos não os abandonei completamente, mas consegui livrar-me do peso angustiante de ter de os manter e de conviver com eles, que eram a imagem viva da derrota, uma imagem com a qual é muito difícil conviver… Além disso, as coisas começaram a endireitar-se um pouco. Consegui vender o apartamento dos meus pais a bom preço, paguei a hipoteca e arrendei um pequeno apartamento perto da praça Joanic, em Gràcia. Depois encontrei um emprego numa empresa alimentar, deixei as explicações particulares, apaixonei-me por uma colega de trabalho e passado pouco tempo casei-me com ela, numa cerimónia religiosa onde o meu pai, que não era crente, passou todo o tempo a chorar, enquanto segurava na cadeira de rodas da minha mãe… Enfim… Os anos seguintes foram bons. O casamento fez-me bem, a minha mulher… Disseste-me que falaste anteontem com ela?

– Sim.

– Deve dizer horrores a meu respeito, o fim correu muito mal. Mas o início não, nessa altura fomos felizes, eu, pelo

menos, fui muito feliz, não sei o que ela te terá dito…

Herminia é uma mulher maravilhosa, que me amava muito, guardo dela lembranças maravilhosas. Era economista, como te disse trabalhávamos juntos, eu gostava mais do trabalho do que ela, mas ela não se queixava, eu fui subindo no quadro da empresa e comecei a ganhar a vida sem apertos. Tudo corria bem, mas isso a mim não me bastava. Sempre sonhei montar o meu próprio negócio, porque pensava que essa era a única maneira de ser independente, de modo que, depois de passar muito tempo às voltas com o assunto, decidi finalmente criar uma empresa de envio de encomendas… Porquê de envio de encomendas?, perguntar-te-ás. Porque era um tipo de negócio que naqueles anos estava no auge e, além disso, porque um primo da minha mulher tinha sido gerente de uma empresa do ramo e encorajou-me a criá-la. A minha mulher também me apoiou e até os meus sogros, que investiram parte das suas poupanças no negócio e foram fiadores de vários créditos. A crise económica de 2008

também parecia águas passadas, respirava-se um novo otimismo e como eu confiava na minha capacidade de gestor (foi o que sempre quis ser, para isso tinha estudado), depressa cheguei à conclusão de que aquela empresa podia ser viável…

»Acertei. Durante os dois ou três primeiros anos, o negócio funcionou, na realidade funcionou bastante melhor do que todos esperávamos. No princípio isto foi uma bênção, claro, mas depressa transformámos a bênção em inconveniente, porque a euforia nos encorajou e nos levou

a cometer alguns erros que inicialmente pareciam pouco importantes, mas não eram. Rapidamente as coisas se complicaram, em parte devido a esses erros, em parte porque eu e o primo da minha mulher não nos entendíamos, e passado algum tempo, depois de lutarmos desesperadamente durante meses para nos salvarmos, chegou a ruína: primeiro fomos obrigados a suspender os pagamentos, depois a empresa faliu e no fim tive a mesma

sensação que teria se a minha casa se tivesse incendiado, e tivesse caído em cima de mim em chamas e me tivesse sepultado debaixo de um monte de escombros.

»Foi então que compreendi o que significava realmente fracassar… Eu tinha vivido a queda em desgraça do meu pai como um fracasso, mas não tinha sido um fracasso; ou seja, tinha sido um fracasso do meu pai, não meu. Por isso o meu pai não se conseguiu levantar e eu sim (embora só me tenha levantado para fracassar mais e melhor, para fracassar completamente). O que quero dizer é que o fracasso a sério não se herda, nem se partilha; é uma coisa própria e exclusiva, intransferível. Além do mais, em Espanha só se fracassa uma vez. Não há segundas oportunidades para nós. A menos que estejamos blindados pelo dinheiro imortal da nossa família, no nosso país quem fracassa a sério fracassa para sempre. O fracasso espanhol é assim: um fracasso sério, sujo e inglório, um fracasso sem redenção. Por isso me dá náuseas toda esta mitologia romântica e enjoativa sobre o fracasso vendida pelos filmes, todo esse lixo sentimental sobre a dignidade e o glamour do fracasso… No fracasso não há dignidade,

glamour, nem nada que alguém queira comprar, e quem o compra, como quem o vende, não sabe o que é fracassar a sério, pelo menos fracassar a sério em Espanha. Isso é assim, acredita, e tudo o resto é conversa.

»Tudo isto para te dizer que a minha vida ficou literalmente na merda. Tivemos de fechar a empresa e de despedir os empregados, que nos processaram nos tribunais; alguns dos nossos fornecedores acusaram-nos de falência fraudulenta. Fui a julgamento e, apesar de milagrosamente me ter livrado da cadeia, ao terminar estava enterrado em dívidas, dívidas tão grandes que nunca conseguirei pagar e que não pagaria se pudesse pagá-las. Seria como dar de comer aos tubarões, que nunca se fartam de comer e que no fim nos comem… Aposto que ouviste dizer isto muitas vezes, que o mundo dos negócios é assim, um mundo de tubarões. É verdade. Aí, se não devoras, devoram-te, nesse mundo não há compaixão por ninguém. As pessoas deveriam saber estas coisas e deixarem-se de fantasias, porque tudo correria muito melhor… Enfim, perdi-me outra vez. Onde íamos?

– Na falência da tua empresa de envios.

– Ah, sim. Dizia-te que me livrei de ir para a cadeia por uma unha negra. Mas acabei afogado em dívidas. De qualquer forma, consegui com grande sacrifício que a minha mulher não tivesse de ir a tribunal… Estou orgulhoso disso, de facto, embora não me tenha servido para salvar o casamento. À minha mulher, diga-se de passagem, não tenho nada a censurar. Os pais dela ficaram sem um cêntimo, os bancos embargaram-lhes os bens e ela

sofreu tanto que o amor que sentia por mim secou como uma passa e só deve ter-lhe deixado aquele gosto amargo e malcheiroso que deixa o fracasso… Em resumo, estava desesperado, e quando uma pessoa está desesperada comete as maiores asneiras. Uma das muitas que eu cometi foi recordar-me dos meus velhos amigos da Esade.

»Explico-te porquê.

»Durante o julgamento conheci muita gente que pululava pelos tribunais e pelos escritórios de advogados, tinha ouvido falar de novos tipos de negócios, de negócios muito prometedores, dizia-se, de criptomoedas, de apostas online e coisas do género… Eu queria ressarcir-me do desastre da empresa de envios e fiquei obcecado com a ideia de demonstrar que não era um fracassado… Nessa altura o negócio das apostas online já estava regulado em Espanha, mas continuava a dar muito dinheiro, de modo que me pus a investigar a sério. Fiz amizade com dois tipos, jovens empregados na banca, que trabalhavam nos seus tempos livres para uma casa de apostas online, mas que tinham ideias próprias, tinham a certeza de que aquilo podia render muito mais e queriam criar algo por sua conta, para se envolverem a sério no negócio… Explicaram-me o plano, propuseram-me participar nele e eu convenci-me de que era uma boa ideia e de que era apenas necessário um sócio capitalista que investisse inicialmente, um investimento não muito grande, mas suficiente para arrancarmos.

– E tu pensaste que esse sócio podia ser um dos teus amigos.

– Exatamente.

– Não soubeste deles durante todo aquele tempo?

– Não voltei a falar com eles, mas claro que me chegavam notícias… Em Barcelona é impossível isso não acontecer. O dinheiro é discreto, e o dinheiro catalão ainda mais, mas essas famílias são demasiado poderosas para se esconderem com facilidade. De modo que, claro, de vez em quando ouvia falar deles… E, para te ser sincero, nada do que ouvia ou lia me surpreendia muito, nem sequer me surpreendeu os meus amigos terem acabado a fazer política, direta ou indiretamente, já te disse que a política sempre lhes interessou como sempre interessou aos da classe deles, ou seja, como uma extensão dos seus negócios. De qualquer modo, quando tentei voltar a entrar em contacto com eles, só Vidal se tinha metido em cheio na política, naquela época já estava na Câmara Municipal, creio que era vereador socialista do distrito de Sant Gervasi, enquanto Rosell tinha abandonado os negócios da família, acabavam de nomeá-lo presidente da Barcelona Global, não sei se ouviste falar disso, é um estaminé que os ricos de Barcelona criaram para promover a cidade e que mais tarde se transformou num lobby para tentar evitar a decadência da cidade depois da fuga das empresas que se seguiu à tentativa independentista de 2017… Embora, para sermos exatos, não tenha sido Rosell quem abandonou os negócios da família, foram os negócios da família que o abandonaram a ele, naquela época o irmão mais novo de Rosell, Martín, tinha acabado de ficar com o controlo da holding familiar e a Rosell deram-lhe um pontapé no rabo,

de modo que aquilo da presidência da Barcelona Global era um desses cargos decorativos onde se põem as pessoas que não se sabe onde pôr.

»Rosell foi justamente o primeiro a quem telefonei, mas nem sequer consegui falar com ele. Na Barcelona Global disseram-me que estava fora de Espanha e que demoraria a regressar… Com Vidal aconteceu uma coisa parecida.

Lembro-me de que lhe telefonei várias vezes para o seu gabinete da Câmara Municipal, mas ou não estava, ou tinha acabado de sair, ou estava ao telefone, ou em reuniões, e embora tenha deixado o meu nome e número de

telefone, e tenha pedido que me telefonasse, ele não o fez. Nessa altura eu já devia ter percebido que nenhum dos meus antigos colegas queria ver-me ou falar comigo, mas estava demasiado obcecado e telefonei para Casas… E desta vez a minha obsessão teve prémio. Tinha ouvido falar muito de Casas naqueles anos, muito mais do que de Vidal e de Rosell, porque era ele quem mais aparecia nos meios de comunicação, embora fosse ele quem mais tentava evitá-los, ou justamente por isso… Casas tinha vivido muito tempo em Nova Iorque, casou-se com uma japonesa, divorciou-se dela e voltou para Barcelona. Aqui fundou um jornal e andava atrás das concessões de rádio e televisão que mais tarde a Generalitat lhe deu. Além disso, há algum tempo que tinha criado a sua consultora, Clave Barcelona ou como quer que se chame, e graças a ela começou a rodeá-lo uma auréola de homem dos bastidores ou de promotor de alguns políticos relevantes.

– Já se tinha casado com a presidente?

– Acabava de fazê-lo. Na realidade, eram o casal do momento em Barcelona, apesar de ela ainda não ter chegado à Câmara Municipal; nem à Câmara, nem à política, praticamente. Nem fazia falta para que os dois se tornassem muito apetecíveis para a imprensa… Nada mais, nada menos do que um empresário de sucesso, herdeiro de uma das maiores fortunas da região, bonito, inteligente e jovem, casado com uma rapariga de família humilde, defensora dos direitos humanos, lembra-te de que nessa época a presidente tinha criado o Home Refugees e tornara-se uma estrela mediática, pouco menos que uma madre Teresa de Calcutá jovem, sexy, laica, catalã e de esquerda. Lembras-te?

– Não. Mas quem a viu e quem a vê.

– Claro, as pessoas já não se recordam, mas ela era assim nessa altura. E aqueles que se recordam devem pensar que a sua transformação se deveu ao marido, à influência do marido.

– E deveu-se?

– Não sei. Mas, francamente, estou-me nas tintas. A única coisa que sei é que os políticos não são de esquerda nem de direita, são só políticos. A

única coisa que lhes interessa é o poder. Estão-se a cagar para tudo o resto.

– O teu pai também era assim?

– O meu pai era uma exceção… Por isso acabou assim…

Além disso, já te disse que ele não era um político, era um sindicalista.

–

Voltemos

à

presidente.

Diz-me

uma

coisa:

reconheceste-a? Quero dizer, quando voltaste a vê-la,

identificaste-a imediatamente como uma das raparigas da casa da León XIII?

– Não imediatamente… Eu não tenho muito boa memória, mas não me esqueço das caras daquelas raparigas, acho que conseguia reconhecê-las a todas…

Mas, se calhar, estou a exagerar. Seja como for, como iria identificar esta ativista famosa com uma daquelas desgraçadas? É verdade que, na noite que passou pela casa da León XIII, a presidente acabou por ser uma desgraçada bastante especial, tão especial que a ela a palavra desgraçada não se aplica, menos ainda a palavra vítima…

Agora, também é verdade que, desde a primeira vez que voltei a vê-la, não me recordo onde, deve ter sido na televisão ou nalgum jornal, me pareceu familiar, uma dessas pessoas que conhecemos, ou com quem nos cruzámos, mas não sabemos porque as conhecemos, nem de onde, nem como nos cruzámos com elas.

»Até que se envolveu com o meu velho amigo e, da noite para o dia, se tornou uma estrela das revistas cor-de-rosa.

Então, de repente, tudo encaixou na minha cabeça, lembrei-me da noite na León XIII e do que aconteceu mais tarde entre ela, Casas e Vidal, ou do que Rosell me disse ter acontecido… E, é curioso, isso também não me espantou. Pelo contrário, senti que aquela jogada, que parecia tão inverosímil, ou tão absurda, não era nem absurda nem inverosímil, talvez nem sequer fosse uma jogada, ou seja, talvez fizesse todo o sentido aqueles dois acabarem juntos, precisamente por parecerem tão diferentes e por se terem conhecido de uma forma tão

especial… Enfim, sei que é um raciocínio tonto e oportunista, e que depois dos factos é fácil encontrar uma lógica até para as coisas mais ilógicas, mas foi isso exatamente que senti. Se te dissesse o contrário, estaria a mentir. Mas ia falar-te de outra coisa…

– Dizias-me que estavas à procura de um sócio para a tua empresa de apostas online e que com Casas tiveste mais sorte do que com Vidal e Rosell.

– Pelo menos consegui falar com ele de imediato… Claro que lhe telefonei diretamente para o telemóvel particular, não para o escritório, alguém mo tinha dado. De início ele não estava a ver, não reconheceu o meu nome, ou fingiu não o reconhecer, mas recordou-se logo a seguir ou fingiu recordar-se, trocámos duas ou três frases amáveis e no fim perguntou-me o que queria… Menti-lhe. Disse-lhe que não queria nada, que de vez em quando sabia dele pela imprensa, que estava para lhe telefonar há muito tempo, que conseguira por acaso o seu número de telefone e que tinha pensado que talvez lhe apetecesse tomar um café comigo, para recordar os velhos

tempos. Ao princípio hesitou, mas quando eu já pensava que me ia dar uma desculpa qualquer, convidou-me para almoçar na semana seguinte num restaurante, Santa Clara, que fica em Pedralbes, perto do Clube de Ténis Barcelona…

»Passei a semana à espera do encontro, mas acabei por chegar atrasado. Fi-lo propositadamente, queria que Casas pensasse que eu era um homem ocupado e que não estava impaciente por me encontrar com ele… A propósito, não sei se já te disse que Casas consegue ser uma pessoa

encantadora, um tipo alegre, afetuoso e divertido.

Consegue sê-lo e nessa tarde foi. Recebeu-me de braços abertos, estava com um aspeto saudável e de muito bom humor, parecia contente por me ver… A dada altura lamentou que eu tivesse desaparecido sem explicações e atribuiu ao estouvamento da juventude o facto de não me ter telefonado nem tentado entrar em contacto comigo quando, no início do último ano do curso, sem mais nem aquela, não voltei à Esade. Não mencionou o calvário do meu pai, como se não tivesse sabido dele, e eu menti-lhe quando me perguntou pela minha vida posterior à Esade…

Mas isso foi só um momento, o resto do tempo dedicámo-lo a brincar e a contar histórias, e, enquanto eu me ria com vontade, senti que tínhamos sido amigos verdadeiros e que, no fundo, ele me tinha feito falta, senti saudades da nossa relação, disse para comigo que fora muito injusto com os meus velhos amigos, que durante todos aqueles anos estive a contar a mim próprio histórias da carochinha, a enganar-me, os meus amigos não eram responsáveis pelos meus fracassos e pelas minhas deceções, nem pelas minhas tropelias, o único responsável era eu, era injusto atribuir-lhes as culpas de todos os meus males e muito mais injusto ter querido vingar-me deles… Pensar tudo isto fez-me bem, tão bem que tive o pressentimento de que aquele encontro podia ser uma mudança de direção capaz de dar início a uma nova etapa na minha vida. Ou coisa do género…

Também gostei que Casas, durante todo o almoço, tentasse evitar falar dos seus sucessos ou lhes desse pouca

importância, que me tratasse como se ele não fosse o paradigma do triunfador e eu, o do perdedor.

– Falaram da mulher dele?

– Não. Não que eu me lembre… E não me surpreende.

Aposto que ele se tinha esquecido de que na noite em que a conhecemos eu estava com eles… Enfim. À hora dos cafés, pedimos dois whiskies e enquanto os bebíamos lembrei-me do conselho do meu pai: «Encosta-te aos bons e serás um deles.» Foi então que decidi falar do negócio. Eu não ia com essa ideia, pelo menos não exatamente, o meu objetivo era mais o de sondar Casas, ver como estava e tal, mas naquele momento vi-o tão predisposto que devo ter sentido que não podia deixar passar a oportunidade… Dito e feito. Falei-lhe das apostas online, expliquei-lhe como funcionavam, mencionei os meus dois sócios («dois especialistas», creio que lhes chamei), expus-lhe a ideia de criar uma nova casa de apostas, disse-lhe que só precisávamos de um quarto sócio disposto a investir uma modesta quantia de dinheiro (modesta para ele, embora isso não lho tivesse dito) e garanti-lhe que o trabalho seria por nossa conta e que, em troca desse pequeno investimento, ele receberia lucros que inicialmente não seriam espetaculares, porque não queríamos correr riscos desnecessários, mas que, com o tempo e à medida que a confiança no projeto aumentasse, estava

convencido

de

que

seriam,

no

mínimo,

substanciais… Lembro-me de que, à medida que falava, tinha a sensação de que o álcool me tornava eloquente.

Pedi um guardanapo de papel, escrevi uns números e ao acabar entreguei-lho. «Não pode falhar», disse-lhe, com

toda a ênfase do whisky. «É um negócio seguro. Por isso to quis apresentar.» Calei-me e concluí: «Por isso e porque me encanta a ideia de sermos sócios e de voltarmos a ser amigos.»

»Acabei de falar convencido de que era impossível Casas recusar a proposta. Ele pegou no guardanapo de papel e esteve a observá-lo durante algum tempo, como se quisesse confirmar que os números eram corretos ou como se o que eu tinha garatujado ali não fossem números mas um enigma ou o mapa de um tesouro… Nessa altura comecei a ficar com dúvidas, a angustiar-me, devo ter sentido que me tinha deixado arrastar novamente pelo meu maldito otimismo. Perguntei: «Bom, o que achas?» «Queres que te diga a verdade?», perguntou. Disse-lhe que sim. Então ele disse: «A verdade é que me parece uma ideia muitíssimo boa.» «A sério?», perguntei. «A sério», respondeu. Dei um murro de euforia na mesa e pus-me a elogiar as virtudes do projeto, elogiei-me a mim próprio, de tanta alegria baralhei-me um pouco… Finalmente disse: «Bom, nesse caso contamos contigo?» Era uma pergunta retórica, claro.

Mas só para mim, não para Casas, e a prova é que respondeu que não. Julguei que estava a brincar…

Perguntei: «Como não? Não dizes que é uma ideia muitíssimo boa?» «E é», disse ele. «Mas não para mim. É

uma belíssima ideia se se trata apenas de fazer dinheiro.»

Tentei sorrir, voltei a perguntar: «E para que servem os negócios?» E ele respondeu-me: «Para fazer dinheiro. Mas não de qualquer maneira. Não a qualquer preço.» Foi o que me disse, literalmente, e depois continuou a dizer que,

embora o negócio do jogo fosse bom, um grande negócio, também era um negócio sujo, e que não estava disposto a sujar as mãos com ele.

»O que achas…? Inacreditável, não é verdade? Não sei de onde vem a fortuna dos Casas. Do tráfico de escravos, imagino. Ou da guerra, da exploração e do crime, que é de onde vêm as grandes fortunas. Mas aí tens esse filho de uma grande puta, que pertence a uma dessas famílias de criminosos, que passou a juventude a violar mulheres, a acusar-me de falta de ética por querer ganhar a vida no negócio legal do jogo… Eu tinha aprendido há muito tempo que os ricos são os únicos que não dão importância ao dinheiro, porque já o têm. O que não sabia é que, além disso, adoram dar lições de moral.

»Já não me lembro do resto do almoço… Bom, a verdade é que preferi esquecer. Só me lembro de que, ao terminar, um motorista esperava por Casas à porta do restaurante e que, quando nos despedimos, eu estava bêbado e tinha um pedaço de papel numa mão e uma sensação de sujidade absoluta, como se alguém tivesse acabado de vomitar para cima de mim… O pedaço de papel tinha escrito o nome, o endereço e o número de telefone do encarregado da sucursal barcelonesa de uma firma suíça de chocolate com sede em Berna, uma empresa da família Casas, ou na qual a família Casas tinha uma participação maioritária. O meu amigo tinha-me encorajado a telefonar para esse número porque, conforme me disse, pensava que ali poderiam precisar de alguém como eu, de modo que suponho que, depois de Casas recusar a minha proposta, devemos ter

falado da minha situação económica ou da minha situação laboral… A bebedeira durou o tempo que dura uma bebedeira, mas a sensação de sujidade durou muito mais tempo, acompanhou-me enquanto me odiava nos dias ou nas semanas seguintes, por ter recorrido a Casas, por me ter deixado enredar outra vez por ele e ter permitido que ele expusesse novamente o meu velho eu com o seu instinto servil, aquele antigo eu repugnante que queria adular a elite mágica e transcendental do poder e do dinheiro, odiei-me porque tinha sido suficientemente idiota para dar a Casas a oportunidade de me humilhar três vezes seguidas e da forma mais selvagem possível: primeiro, esfregando-me na cara o seu sucesso e o meu fracasso, tão evidentes que nem sequer era necessário falar neles (embora só muito depois me tenha dado conta disso); segundo, dando-me uma aula de ética aplicada; e terceiro, demonstrando-me quão caritativo podia chegar a ser com os amigos caídos em desgraça… Seja como for, durante aquelas semanas hesitei muitas vezes se devia telefonar para o número que Casas me tinha dado. Mas, embora estivesse ainda mais desesperado do que antes, cheguei à conclusão de que o emprego que me esperava na sucursal da empresa chocolateira só podia ser outra forma de humilhação. De modo que no fim pôde menos a necessidade do que o orgulho e não telefonei.

»Aquela foi a última vez que estive com Casas. Deve ter sido há uns cinco anos, calculo que foi em meados de 2020, em plena pandemia do

coronavírus, pouco antes de eu ter passado uma temporada no hospital e de bater no fundo…

O que me fez bater no fundo foram os bitcoins, aquilo acabou por afundar-me completamente. Lembras-te de que te disse que tinha começado a fabricar bitcoins quando o meu pai estava na cadeia?

– Sim.

– Naquela época estávamos arruinados, já te contei, de modo que precisava de fazer dinheiro como quer que fosse e os bitcoins pareceram-me uma boa maneira de o fazer…

Aquela era uma altura em que as criptomoedas ainda eram pouco conhecidas em Espanha. De facto, eu comecei a manejar bitcoins com uma ingenuidade total, nem sequer sabia muito bem o que era, ninguém ou quase ninguém o sabia na verdade, só se dizia que era um projeto a longo prazo, que era o dinheiro do futuro, que se fariam com ele grandes fortunas… Outra coisa muito atrativa era, nessa altura, podermos fazer bitcoins em casa, com um computador

e

muito

pouco

dinheiro,

ligando-nos

simplesmente à rede de Bitcoin, que nos pagava uma comissão por contribuirmos para o seu funcionamento. A isso, a fabricar bitcoins, chama-se minerar. De modo que, enquanto vivia com o meu pai e com a minha mãe e ganhava a vida a dar explicações particulares, pus-me a minerar bitcoins e em muito pouco tempo minerei mais de mil. Sabes quanto valeria isso ao câmbio atual? Milhões de euros. Mas naquela época os bitcoins não

tinham valor nenhum, nem sequer se sabia se, com o tempo, teriam ou não… O facto é que, depois de uns meses a minerar, o computador se estragou e deixei de ter acesso aos meus bitcoins, que se tornaram bitcoins adormecidos, bitcoins

que existem, mas de que não consegues dispor. Isso lixou-me, claro. Embora o que me lixou mais foi descobrir, anos mais tarde, já depois de casado, que os bitcoins já se podiam trocar por euros… Isso sim, foi uma sacanice; isso sim, lixou-me a sério, porque de repente compreendi que tinha um dinheirão em bitcoins, mas que era como se não os tivesse porque estavam enterrados no meu velho computador. De modo que me pus a tentar desenterrá-los, até me aperceber de que não conseguia, de que era completamente impossível recuperar os meus bitcoins.

»Digo-te desde já que aquilo me lixou a sério, e se não me lixou mais, se não me lixou totalmente foi porque estava demasiado esperançado com o projeto da empresa de envios e demasiado absorvido por ele… A loucura começou depois, quando a empresa faliu e foi tudo para o galheiro e, como te dizia, me esforcei por ressarcir-me do desastre fosse de que maneira, para demonstrar a toda a gente que conseguia triunfar e me pus à procura de um bom negócio, às cegas, sem deixar, no entanto, de me lembrar nem por um momento dos meus bitcoins enterrados, cada vez mais dominado pela raiva de não ter o que era meu, tão furioso que no fim, pouco depois da tentativa fracassada das apostas online, decidi atirar-me novamente e a sério aos bitcoins e recuperar a fortuna que tinha perdido.

»Esse foi o meu maior erro, o erro definitivo… Durante os anos que se seguiram vivi dominado por uma obsessão doentia, às voltas num torvelinho sem saída. Passei a ser frequentador habitual dos fóruns especializados em criptomoedas, fiz nome como guru do bitcoin, comprei nos

Estados Unidos, para voltar a minerar, máquinas que nunca chegavam ou que, quando chegavam, já estavam obsoletas, fiz investimentos ruinosos, enganaram-me não sei quantas vezes… Eu sei lá… Mas o pior foi o preço do bitcoin subir sem parar enquanto tudo isto acontecia e eu me ofuscar

com a ideia venenosa de que havia montes de filhos da puta a encher-se à minha volta e de que a galinha dos ovos de ouro estava a fugir-me das mãos… A ansiedade daquela montanha-russa era viciante, mas esgotava-me e estava a dar-me cabo dos nervos, de modo que a dada altura consegui sair dela e comecei a trabalhar como intermediário, que era muito mais simples e mais calmo, muito menos arriscado também: limitava-me a comprar e a vender bitcoins e a cobrar uma comissão aos compradores e outra aos vendedores. Eu sabia que assim não me tornaria rico, claro, mas pelo menos levava uma vida tranquila e ganhava o meu sustento, enquanto não aparecesse a oportunidade que esperava.

»A

oportunidade

apareceu

quando

conheci

o

intermediário de um narcotraficante galego que manejava bitcoins e comecei a trabalhar com ele… Conheci-o num fórum da internet, chamava-se Bitcointalk. O trabalho era o mesmo de sempre, só que, como o intermediário não podia dizer-me de onde saíam os bitcoins do narco, tinha de fazer todas as operações em dinheiro sujo e a minha margem de lucro era muito mais alta. O negócio funcionava às mil maravilhas até que um dia, quando estava a preparar-me para fechar uma transação para aquele cliente, o preço oficial do bitcoin teve uma descida brutal, numa questão de

segundos desceu de doze mil para seis mil euros, e os compradores recuaram… Expliquei ao intermediário do narco que a operação tinha ido por água abaixo e que não podia pagar-lhe o que tínhamos combinado, mas ele respondeu-me que não tinha nada a ver com isso e que eu tratasse de resolver o assunto. «Eu já disse ao meu cliente que os seus bitcoins valem

cento e cinquenta mil euros», avisou-me. «Se agora lhe digo que valem metade, mata-nos a ambos. De modo que espevita e arranja esses cento e cinquenta mil que faltam.» Não os arranjei, claro, e um dia, ao chegar à minha casa, deparei com três tipos que levaram o meu dinheiro, destruíram tudo o que puderam e me deram uma sova tal que passei duas semanas no hospital.

»Acabou assim a minha relação com os bitcoins. E foi assim que bati no fundo… Saí do meu apartamento de Gràcia, arrendei outro mais barato no Raval e conheci Marga, que me deu a mão e me ajudou a ganhar a vida…

Pouco tempo depois o meu pai morreu. A minha mãe tinha morrido há anos, e desde essa altura ele estava deprimido e doente, ou mais deprimido e mais doente do que estava quando saiu da cadeia. Continuava a viver em Torredembarra, mas a sua pensão de reformado nem lhe dava para pagar alguém que lhe fosse limpar o apartamento e cozinhar duas vezes por semana, de modo que eu o ajudava com o que podia. Por isso me surpreendeu tanto descobrir, aquando da sua morte, que durante todos aqueles anos ele tinha continuado a pagar o aluguer de um

cofre no Banco Santander de Barcelona, coisa que atribuí a um esquecimento ou a um erro.

»Mas não era nem uma coisa, nem outra… Fiquei a saber disso quando fui cancelar o aluguer do cofre, depois de tratar dos assuntos do meu pai, de esvaziar o apartamento e de levar as duas ou três coisas que quis levar. O cofre estava numa agência do Santander da rua Calabria, muito perto do nosso antigo apartamento do Ensanche, e, ao abri-lo, tive a surpresa da minha vida.

Sabes o que encontrei lá dentro?

– O quê?

– A minha herança.

– A tua herança?

– Isso mesmo. O que estava naquele cofre, adivinhei-o à primeira vista, eram todos os vídeos que tínhamos gravado na casa da León XIII… Imagina a minha surpresa. Durante algum tempo fui incapaz de acreditar no que tinha diante dos olhos. Eu esquecera-me por completo daquilo, julgava que os vídeos tinham desaparecido há anos. Como haveria de pensar que o meu pai os tinha…? Mas, assim que saí do meu assombro, pensei que, se o meu pai conservara aquele material durante tanto tempo, pagando um dinheiro que não tinha para alugar aquele cofre, era por saber que aquilo era valioso, por pensar que eu podia tirar algum proveito disso.

– E foi nessa altura que decidiste chantagear a presidente?

– Não, foi nessa altura que decidi chantageá-los a todos.

Casas, Vidal, Rosell. A todos… Bom, na realidade a todos

menos à presidente, essa ideia não foi minha.

– De quem foi?

– Já te conto. Mas antes gostaria que percebesses como me senti ao fazer aquela descoberta. Pensa bem… O meu pai morrera, tinham acabado de me dar uma sova valente, abandonara a ideia de uma operação que me permitisse encher-me da noite para o dia, tinha deixado mesmo de comprar e de vender bitcoins e sobrevivia a traficar marijuana e a ajudar alguns conhecidos do bairro com a contabilidade das suas lojas. E justamente nessa altura, no pior momento da minha vida, quando pensava que já não podia cair mais baixo, o meu pai oferecia-me depois de morto a possibilidade de me tornar rico de chofre, ou, pelo menos, de resolver a minha vida e de ajustar contas também com os meus velhos amigos da Esade… Pensei que finalmente se faria justiça, pensei que tinha nas mãos aquilo de que necessitava para cumprir os meus sonhos.

Imagina como me senti…

»De qualquer modo, naquela altura eu já tinha muito calo e estava consciente dos riscos que correria, de modo que tratei de tomar todas as

precauções… A minha intenção era chantageá-los aos três, digo-te já, um atrás do outro, mas comecei por Casas, porque era o único que não tinha um cargo político e me pareceu ser o mais vulnerável: Rosell já era vereador do PP na Câmara Municipal depois de passar pela Barcelona Global e de ter conseguido aí o tipo de reputação que costumam ter em política as pessoas que não servem para nada (uma reputação de homem prudente, razoável, conciliador), e há muito tempo que

Vidal tinha deixado de ser o líder do grupo socialista na Câmara, aderira ao partido da presidente e ocupava o cargo que ocupa agora… De modo que consegui o e-mail pessoal de Casas, criei uma conta anónima e, de um locutório, enviei-lhe uma mensagem onde lhe dizia que, se não queria que tornasse público um vídeo gravado na casa da León XIII, deixasse trezentos mil euros em notas de cem num local específico da Carretera de las Aguas. Eu tinha a certeza de que os meus amigos pensavam que aquelas gravações tinham desaparecido há anos, como eu pensei também até à morte do meu pai, e, embora contasse que Casas pudesse desconfiar de quem fosse o chantagista, também contava com o facto de ele não o poder provar, e, sobretudo, contava que pagasse para se livrar quanto antes do problema…

»Mas não contava com o que aconteceu.

»Uma tarde, pouco depois de mandar aquela mensagem a Casas, deparei com dois tipos à porta do meu prédio.

Obrigaram-me a subir à força até ao meu apartamento, começaram a espancar-me e eu pensei que o narcotraficante galego tinha descoberto o meu esconderijo e enviado os seus gorilas para terminar o serviço… Ainda estavam a espancar-me quando apareceram outros dois tipos que os mandaram parar. Os dois tipos que me espancavam saíram e os outros dois ficaram. Um deles era Hematomas, o outro era Vidal.

»Há quase vinte anos que eu e Vidal não estávamos juntos, mas ele nem sequer fingiu alegrar-se com o reencontro… Agradeci-lhe. «Que se passa, Ricky?»,

perguntou-me. «Há quanto tempo não nos vemos, não é verdade? Lembras-te de mim?» Eu estava no sofá da sala, em bastante mau estado e Vidal pediu a Hematomas que fosse buscar um copo de água. O inspetor trouxe a água da cozinha e, enquanto eu me endireitava e a bebia, Vidal voltou a perguntar-me se me lembrava dele. Disse-lhe que sim. Também lhe devo ter perguntado o que fazia na minha casa ou porque tinha vindo ver-me ou coisa do género, porque ele me respondeu: «Não te armes em parvo, Ricky.

Estou aqui porque não te contentas em roubar as pessoas vendendo marijuana e bitcoins. Ainda por cima tens de chantagear os teus velhos amigos.» Eu tentei defender-me.

«Não sei do que estás a falar», disse-lhe. Vidal estalou a língua, pôs uma expressão desgostosa e Hematomas começou a bater-me. Quando se cansou, Vidal perguntou-me se já sabia do que ele estava a falar e eu cuspi sangue e disse que sim. «Que tristeza, Ricky!», disse então. Falava como se estivesse a cumprir uma tarefa desagradável ou um dever doloroso. «Olha que termos de nos encontrar assim, na nossa idade, depois de tantos anos…» Estava gordo e tinha a cara inchada e avermelhada, como se tivesse chegado de um banquete onde se tivesse enchido de tudo… Já estávamos em maio, mas ele vestia uma gabardina e, sob a gabardina, fato e gravata. Ao seu lado, Hematomas ainda limpava o suor da sova que me tinha dado, mas não parecia furioso nem cansado: parecia entediado. Enquanto me deixava recuperar, Vidal continuou a falar. «O que não percebo é como pudeste acreditar que conseguias safar-te com isto», disse-me. «Como se não

fosse a coisa mais fácil do mundo seguir o rasto de um e-mail, por mais anónimo que seja, e do locutório de onde foi enviado, por mais público que seja. És um trapalhão, Ricky, tal como o teu pai… Correu-lhe mal a ele. E corre-te mal a ti.»

»Falar do meu pai naquele momento foi o que se chama uma punhalada à traição… Tive vontade de chorar, mas não quis dar esse gosto àquele filho da puta e consegui aguentar-me. «Olha, Ricky», disse, quando pensou que eu estava novamente em condições de processar o que ia dizer-me. «Tenho

muito trabalho e pouco tempo, de modo que te peço por favor que não mo faças perder. De acordo?» Abanei a cabeça para cima e para baixo, que remédio… «Ótimo», disse ele então. Pegou numa cadeira, sentou-se à minha frente e foi direto ao assunto enquanto Hematomas ouvia com as mãos nos bolsos das calças, atrás dele e de pé, sem olhar para nós, como se aquilo não lhe dissesse respeito. «Calma», começou Vidal. «Não te vou perguntar quantos vídeos daquela época tens. Nem como os tens. Nem onde os tens… Tudo isso me é indiferente. A única coisa que me interessa é uma coisa: tens o vídeo de Virginia?» A pergunta apanhou-me de surpresa, mas naturalmente soube imediatamente a que vídeo se referia, e, como já não estava em condições de voltar a armar-me em parvo, respondi-lhe apressadamente que sim. «Ótimo», voltou a dizer. «Felicito-te. Ganhaste a lotaria. Vou fazer-te uma proposta para saíres do buraco onde te meteste sozinho. Ouve-me bem.» Vidal explicou-me então que me tinha enganado na vítima, que não devia ter tentado

chantagear Casas, mas a presidente, e que o que teria de fazer seria ameaçá-la de difundir aquele vídeo se não me pagasse o dobro do dinheiro que exigira a Casas. Em resumo, isso foi mais ou menos o que me disse.

»A cara que eu pus deve ter sido um poema… Como deves imaginar, o que menos podia esperar era que o vice-presidente da Câmara de Barcelona, o próprio braço direito da presidente, me pedisse o que estava a pedir-me… Então Vidal disse-me: «Suponho que estarás a interrogar-te sobre várias coisas. A primeira é que interesse tenho eu em que chantageies a minha chefe. A segunda é que garantias há de que vais receber o resgate. E a terceira é que garantias tens tu de que Virginia, ou quem quer que seja, não te vai apanhar a tentar chantageá-la como eu te apanhei a tentares chantagear Casas. Não é assim?» Não disse nada, mas o meu silêncio era fácil de interpretar… Vidal continuou: «À primeira pergunta não te vou responder, porque não tens nada com isso, mas às outras duas fá-lo-ei.» Para responder à segunda pergunta, Vidal explicou-me que, assim que a presidente recebesse a ameaça, podiam acontecer três coisas. «A primeira», disse, «é que pague sem protestar, julgando que assim resolve o problema.

Entre nós: conhecendo-a, parece-me o mais provável.» A segunda possibilidade era a presidente o encarregar a ele, Vidal, de resolver o assunto, como Casas tinha feito, e o problema ficaria resolvido, porque ele a convenceria de que o melhor seria pagar e ponto final. E a terceira possibilidade era encarregar os Mossos d'Esquadra de resolver o problema, que eram, em teoria, conforme disse,

quem devia tratar de resolver um caso como este. Vidal também afirmou que a segunda opção não era muito provável, porque há muito tempo que ele e a presidente não se davam bem e porque era provável que ela desconfiasse de que ele estava relacionado de perto ou de longe com a chantagem… Restava a terceira opção, os Mossos, e Vidal disse-me que, se a presidente falasse convosco, também não teria de me preocupar, porque ele e os seus homens me ajudariam. «Nós apanhámos-te num instante», disse, «mas os Mossos não te vão apanhar, porque

te

ensinaremos

como

fazer

as

coisas,

supervisionaremos tudo para que não te apanhem. E nós não somos uns trapalhões, não é verdade, Lomas?» O

inspetor cansara-se de estar de pé e tinha-se sentado atrás dele, estava tristonho e cabisbaixo e disse que não: foi a única palavra que o ouvi pronunciar nessa tarde… Vidal ficou a olhar para mim e pensei que estava a calcular se me tinha convencido. Eu aguentei o olhar até ele apresentar o argumento que tinha deixado para o fim. «Há outra coisa que me faz ter a certeza de que ninguém te vai apanhar», disse. Perguntei-lhe a que se referia

e nessa altura Vidal sorriu e reconheci de chofre naquele sorriso de lobo o meu amigo de há vinte anos. «É que é impossível apanhar um morto», respondeu.

3

Sentado ao volante do carro, Melchor escreve no GPS do telemóvel uma morada (Passeig de les Acàcies, 18, Rupià) e sai do complexo Egara.

Na noite anterior esteve até muito tarde a navegar na internet, à procura de informações sobre Ricky Ramírez.

Não encontrou muitas. No essencial, averiguou que em 2015 criou uma empresa de envios chamada Mercúrio, onde figurava como conselheiro delegado, e que em 2019

teve de a fechar por falência técnica; que se casou com uma mulher chamada Herminia Prat; que mais tarde se dedicou à compra e venda de bitcoins e que aparecia em toda a parte como licenciado em Gestão de Empresas pela Esade, embora Vidal lhe tivesse garantido (e não tinha nenhum motivo para mentir) que abandonara o curso antes de o terminar. No entanto, escasseavam as entradas acerca dele relativas aos últimos anos, e não encontrou qualquer menção à sua morte, coisa que não o surpreendeu. Também tinha procurado notícias sobre Herminia Prat. Conseguiu localizar duas. Uma afirmava que era professora na escola de arte de Torroella de Montgrí, uma povoação do Ampurdán; a outra, que tinha criado ou ajudado a criar, nessa mesma comarca fronteiriça com a França, uma associação chamada Artistes a Cel Obert, que promovia a relação entre ceramistas e criadores de outras disciplinas.

De modo que naquela manhã, assim que chegou a Egara, telefonou para a escola de arte de Torroella de Montgrí, mas ninguém atendeu e calculou que estivesse

fechada para férias. No entanto, voltou a ligar por volta das dez e atendeu uma mulher. Melchor perguntou por Herminia Prat; a mulher disse-lhe que não estava e que o mais provável era não regressar até ao mês de setembro,

quando as aulas recomeçassem. Melchor pediu o telefone dela e a mulher disse-lhe que não estava autorizada a fornecer os dados dos docentes. Melchor revelou então que era polícia. «Aconteceu alguma coisa?», inquiriu a mulher, alarmada. Sem mais perguntas, a mulher deu-lhe o número de telefone, o e-mail e a morada da professora. «Agora no verão sai pouco», informa-o. «Se for a casa dela esta manhã, de certeza que a encontra.» Melchor agradeceu, desligou, e telefonou para o número que tinha acabado de apontar. Ninguém atendeu. Passado algum tempo voltou a ligar, com um resultado idêntico. Decidiu ir falar com Blai, disse-lhe que não podia ocupar-se da vigilância de Vidal e pediu-lhe que lhe arranjasse um substituto. «Não me lixes, espanhol de um raio», protestou Blai. «Não tínhamos combinado que o segundo turno era teu?» Melchor explicou-lhe que tinha localizado a ex-mulher do presumível autor do vídeo da presidente, mas que não conseguiu falar com ela por telefone. «No entanto, tenho a morada dela», prosseguiu. «Vive numa povoação do Ampurdán. Disseram-me que, se for até lá esta manhã, conseguirei encontrá-la.»

Depois de o mandar para a puta que o pariu, Blai aceitou arranjar um substituto, mas antes de aquele conseguir sair do gabinete perguntou-lhe: «Não te passou pela cabeça que, se calhar, esses três não têm nada a ver com isto?»

«Muitas vezes», admitiu Melchor. «Mas não acredito.»

«Porquê?», perguntou Blai. «Porque quase sempre a explicação mais simples é a melhor», respondeu Melchor.

«E, pelo menos, quero descartá-la. Além disso, hoje é quarta-feira, faltam três dias para terminar o prazo que esses cabrões nos deram e não tenho mais nada a que me agarrar.» Acrescentou: «E tu?» Blai olhou uns segundos para ele em silêncio; depois, de má vontade, apontou para a porta. «Anda, desaparece de uma vez», pespegou-lhe.

«Não se dê o caso de me arrepender.»

Ainda não é meio-dia e meia quando Melchor entra na autoestrada de França. Três quartos de hora mais tarde, abandona-a na saída para Girona

Norte, entra na estrada nacional, atravessa Celrà e Bordils, pouco depois do cruzamento de La Pera volta à esquerda numa estrada secundária, e, logo a seguir, volta à direita para entrar em Rupià. É uma pequena povoação de velhas casas de pedra amontoadas em redor de uma igreja românica, à qual se acede através de uma rua comprida e reta que vai dar a uma encruzilhada de ruelas. Orientado pelo GPS do seu telemóvel, Melchor entra na ruela da esquerda, percorre uma rua ladeada pelo leito seco de um riacho, e ao chegar diante de uns baloiços, identifica a casa que procura: a última.

Faltam poucos minutos para as duas e a povoação parece deserta sob o sol impiedoso de julho. Melchor espreita por cima de uma portinha que dá para um jardim: relva acabada de regar, uma acácia, uma oliveira, uma bignónia, jasmins e trepadeiras, uma pequena horta tratada com mimo; também duas casas de tamanho desigual e na

pequena, para lá de uma porta entreaberta, uma mulher que justamente nessa altura, como se sentisse que estavam a observá-la, se volta para Melchor. A mulher deixa o que estava a fazer, pega num pano, e, enquanto limpa as mãos, faz um gesto para ele entrar. Melchor atravessa o jardim por um caminho de tábuas (uma baforada densa de perfume envolve-o quando passa junto de um maciço de jasmins) e, ao chegar à porta da construção mais pequena, cumprimenta, pede desculpa pela intromissão e pergunta à mulher se é quem ele julga que é. A mulher responde que sim.

– Sou polícia – apresenta-se ele. – Poderia falar um momento consigo?

Herminia Prat deixa de se limpar. Sorri vagamente, como que ofuscada pelo sol; mais que surpresa, o seu sorriso revela curiosidade.

– É sobre o seu ex-marido – explica Melchor, chegando junto dela. – Sobre Ricky Ramírez.

O esclarecimento altera o rosto da mulher, cujas feições parecem desmoronar-se. Não é muito mais velha do que ele, mas parece: tem o cabelo comprido e grisalho, quase branco, uma cara sardenta e sulcada de rugas e um ar de fragilidade e fadiga. É pequena, magríssima, com um olhar sem brilho e uns seios que quase não se notam por debaixo do tecido

estampado com flores vermelhas do seu vestido manchado de barro e de tinta. Uma pulseira de pedras azuis rodeia-lhe o pulso esquerdo.

– Morreu há uns meses – informa-o Herminia.

– Eu sei – replica Melchor. – Por isso quero falar consigo.

A mulher limpa-se novamente com o trapo, talvez não tanto por higiene, quanto para acalmar o seu desassossego.

Conjetura:

– Se se trata de dinheiro…

– Não é acerca disso – interrompe-a Melchor. – É acerca de um caso que estou a investigar. Um caso importante.

A cara da mulher volta a revelar mais curiosidade do que inquietação; os seus olhos opacos já não observam Melchor como se este fosse um intruso.

– Aviso-o de que, desde que nos divorciámos, nos víamos pouquíssimo – explica. – De facto, quando ele morreu, não sabia dele há quase um ano.

– Não interessa.

Com um gesto de indiferença ou de apatia, a mulher convida-o a entrar.

Melchor entra num retângulo iluminado por janelas que dão para uma vasta extensão de árvores e trigais, onde reina a ordem confusa de uma oficina de ceramista.

Ocupam o centro duas mesas de trabalho iluminadas por lâmpadas

fluorescentes

e

rodeadas

por

cadeiras

desemparelhadas; mais ao fundo veem-se dois grandes fornos, um azul e outro cinzento, e uma laminadora manual, desenhada para esmagar e esticar a argila. À

esquerda da entrada, junto de um velho frigorífico com um rádio poeirento em cima, está um torno metálico, um armário com inúmeras gavetas a transbordar de amostras de cores e uma estante cheia de pratos, jarras, tigelas espetadas em pontas de aço e esculturas com um ar um pouco daliniano, que representam seres de pesadelo:

bruxas, dragões, centauros, unicórnios, hipogrifos. Outras duas estantes ocupam a parede da frente. Uma delas contém peças de barro cru, por cozer (taças, tigelas, bules, pratos fundos); a outra, frascos de plástico cheios de esmaltes de cores. Só uma ventoinha de pás orientada para as mesas de trabalho mitiga um pouco o sufoco do aposento.

– Ganha a vida assim? – pergunta Melchor. – Com a cerâmica, quero dizer.

– Claro – responde Herminia, lavando as mãos sob a torneira do lavatório. – Acha estranho?

Melchor não diz nada; continua a observar, quase fascinado, a profusão artesanal que o rodeia. À direita e à esquerda do lavatório, num banco de pedra que sobressai da parede, estão duas balanças para pesar as tintas, pigmentos, óxidos e corantes com que se fazem as cores, e várias tigelas cheias de instrumentos de trabalho: facas, tesouras, pincéis, tenazes, x-atos, canetas, lápis, esponjas, réguas, esquadros, trapos, buris.

– Antes ganhava melhor – afirma Herminia, como se o silêncio de Melchor tivesse valido por uma resposta. – Esta é uma zona de ceramistas, na comarca sempre houve muita concorrência. A cerâmica de La Bisbal, sabe… Não vim viver aqui por isso, mas gostava de cerâmica desde a escola, e este é um sítio ideal para aprender. Há uns anos fazia muitas peças

e vendia-as muito bem, em lojas para turistas, feiras populares e mercados de rua, por toda a parte. Mas agora as coisas já não são o que eram. Já não há tanta gente a comprar, e, aquela que compra, fá-lo no Ikea

e em sítios desse tipo, a preços ridículos. Eu não consigo competir com isso, de modo que produzo muito pouco.

Durante anos ganhei muito dinheiro com aquelas figurinhas que se põem nos bolos de batismo, comunhão e casamento, sabe a que me refiro? – Melchor, que nunca viu essas figurinhas, ou que nunca reparou nelas, faz um gesto mínimo, que parece de assentimento, mas não é. – Fi-las aos milhares, para um comerciante que vendia por atacado.

Mas isso também se acabou. Ou quase. Agora só faço figurinhas para bolos de casais que celebram as bodas de prata ou de ouro. Quando essa gente morrer, adeus.

Herminia fecha a torneira do lavatório, pega num trapo limpo e volta a secar-se.

– Nesse caso, de que vive agora? – pergunta Melchor.

– Interessa-lhe a sério ou está a perguntar só para ganhar a minha confiança, como fazem os polícias dos filmes?

Melchor decide não responder com uma mentira e Herminia desliga a ventoinha.

– Venha comigo.

Na esteira da mulher, Melchor sai da oficina, percorre o caminho de tábuas na direção oposta e entra em casa, cujo rés do chão é um aposento aberto, com ar hippie e paredes completamente brancas, que faz as vezes de sala e cozinha.

Herminia indica-lhe um sofá, tapado com uma manta bege, abre o frigorífico e oferece-lhe uma cerveja. Melchor recusa-a e a mulher pergunta

o que pode oferecer-lhe.

– Água – responde o polícia.

Herminia tira do frigorífico um jarro de água gelada e serve um copo a Melchor; depois abre uma cerveja, senta-se numa poltrona diante dele e, familiarizando o tratamento, encoraja-o a falar.

– Estou interessado em saber que relação teve o teu marido com Virginia Oliver – diz Melchor, passando igualmente a tratá-la por tu.

A mulher bebe um gole de cerveja diretamente do gargalo; Melchor bebe também.

– A presidente? – pergunta Herminia.

– Sim.

– Nenhuma, que eu saiba.

– Nunca te falou dela?

– Não – hesitou um segundo. – Não que eu me lembre.

– E de Enric Vidal?

– Se te referes ao político…

Melchor assente.

– Sim, desse sim – reconhece Herminia. – Dele e dos amigos dele.

– Daniel Casas e Gonzalo Rosell?

– Desses.

– Também foram amigos do teu marido, não é verdade?

– Era o que ele dizia, eu nunca os vi. Mas sim, falava muito deles, sobretudo no fim, quando, enfim… – A mulher move uma mão como quem limpa o ar de teias de aranha. –

Conheceu-os na Esade, quando era estudante, mas, pelo que sei, depois perdeu-os de vista. Porque te interessa isto?

Melchor desculpa-se: não pode dizer-lhe.

– Dizes que o teu marido te falava muito dos seus amigos

– prossegue. – O que te contava acerca deles?

Antes de responder, Herminia encolhe as pernas, dobra-as na poltrona e com os pés descalços e e as mãos húmidas da garrafa de cerveja, aninha-se como uma gata. Tem as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa e, no seu rosto, uma expressão de abatimento, como se Melchor estivesse a interrogá-la acerca de um infortúnio mitigado. Atrás dela, uma porta aberta a dar para o jardim deixa entrar uma brisa tépida, o que explica que, apesar de não haver aparelhos de refrigeração no aposento, esteja ali muito menos calor do que na oficina. Herminia bebe outro gole de cerveja.

– Depende da época – explica. – No início dizia maravilhas. Deles e dos anos que passou na Esade. Estava muito orgulhoso de ter estudado aí e de ter tido esses amigos. Ou foi essa a impressão com que fiquei. Claro que eu nessa altura era tão ingénua… Mas não, é a verdade, quando nos conhecemos qualquer desculpa era boa para falar dos seus amigos, para contar histórias acerca deles…

Todos sabíamos mais ou menos quem eram, claro, eles ou as famílias. Suponho que, em parte, deslumbrou assim os meus pais, e, evidentemente, me deslumbrou a mim: parecia-me um príncipe que chegava de uma galáxia desconhecida, de um sítio onde as coisas eram melhores, não sei, mais brilhantes e mais fáceis. Imagino que quem se apaixone sinta uma coisa do estilo. Mas isso foi só ao princípio, quando nos conhecemos.

– Como se conheceram?

– Trabalhávamos juntos numa empresa de alimentação. –

Herminia diz um nome, que não diz nada a Melchor, e remexe-se no assento à procura de uma posição mais cómoda. – Fazia pão de forma. Foi o meu primeiro emprego, assim que me licenciei. Estudei Economia, sabes? A Economia não me interessava nada, para dizer a verdade, mas a minha família insistiu em que estudasse algo útil e…

Enfim, digo-te que naquela época eu era muito ingénua.

Bom, acabámos por nos casar e montámos uma empresa nossa, uma empresa de envios chamada Mercúrio. No início correu bastante bem, mas depois as coisas complicaram-se e foi tudo por água abaixo. E quando digo tudo quero dizer tudo. – Neste ponto a voz da mulher parece quebrar-se e ela desvia o olhar para a janela da cozinha. A janela enquadra uma extensão imóvel de trigo maduro e, mais ao longe, o perfil suave de uma sucessão de colinas cobertas de vegetação. A mulher limpa a garganta e volta a olhar para Melchor. Não chorou, pelo menos não tem os olhos húmidos. – Há pouco perguntaste como ganho a vida agora… Ganho-a dando aulas a crianças. Também faço outras coisas, mas é disso que mais gosto. E sabes porquê? – Melchor reprime o impulso de lhe dizer que estão a desviar-se do assunto. – Porque nunca aprendi tanto sobre cerâmica como ao ensiná-la. Sobre cerâmica e sobre tudo o resto. As crianças, claro, também aprendem, e ainda por cima aprendem coisas que muitos adultos nunca aprendem. Por exemplo, que uma coisa é o que tentamos fazer, o que imaginámos, e outra é no que resulta, e que é preciso aceitar o que resulta, é preciso ver a sua parte boa

e pensar que talvez não seja o que queríamos, mas se calhar é melhor do que aquilo que queríamos, porque o que queríamos não era bom. Foi o que me aconteceu a mim, que nunca pensei levar a vida que levo.

– E o que aconteceu ao teu marido?

– Isso também a cerâmica explica – responde Herminia, e Melchor é assaltado momentaneamente pela suspeita de que está a falar com uma louca, tão louca que é quase impossível detetar a sua loucura. – Fazer uma

peça de cerâmica consiste em pegar num pedaço de barro e transformá-lo noutra coisa – continua a mulher. – O barro é o mesmo, mas a coisa é diferente. E é isso que acontece muitas vezes às pessoas. No início somos de uma maneira, mas depois transformamo-nos noutra. Usamos o mesmo nome e temos a mesma cara, mas na realidade não somos os mesmos.

– Foi isso que aconteceu a Ricky?

– Exatamente. O que aconteceu foi que o fracasso o envenenou, o transformou noutra pessoa. Numa pessoa horrível, obcecada pelo dinheiro, doente de dinheiro, ou da falta dele. Isso também não é invulgar, não achas?

Enquanto as coisas correm bem, as pessoas não costumam ser más; tornam-se más quando as coisas correm mal. E, além de se tornarem más, começam a responsabilizar toda a gente por as coisas correrem mal.

– Estás a dizer-me que, embora já não tivesse qualquer relação com os seus amigos da Esade, o teu marido lhes atribuía a culpa do seu fracasso?

– A eles e a toda a gente. Menos a ele próprio, claro: atribuiu-me a culpa a mim, à minha família, aos poucos amigos que ainda tinha e até aos que já não tinha. Nem imaginas o que aquilo foi. Quem não o viveu não consegue imaginar.

Como que a tentar que Melchor imagine, Herminia fala de processos judiciais, de advogados trapaceiros, de dívidas por pagar, de trabalhadores despedidos, de brigas familiares e de credores a baterem à porta, insultando-os por telefone e perseguindo-os aos gritos pela rua.

– Um pesadelo – resume. – Eu estava grávida e perdi o bebé e depois os médicos disseram que não conseguiria ter mais filhos. Mergulhei numa depressão de dois anos.

Felizmente tinha uns primos que viviam aqui perto, em Verges, que me arrancaram daquele inferno. Se não fossem eles…

A voz da mulher quebra-se ou parece quebrar-se novamente, e mais uma vez ela desvia o olhar de Melchor, que sente que Herminia não mitigou o seu infortúnio, que há infortúnios que demoram eternidades a mitigar.

– Desde que saí de Barcelona vi-o muito pouco –

continua a mulher segundos depois, sem ressentimento, voltando a olhar para Melchor e passando um indicador fugaz por uma pálpebra; acaba a cerveja com um gole e pousa a garrafa vazia no chão, ao lado da poltrona. –

Quando nos separámos eu já quase não reconhecia em Ricky o homem por quem me tinha apaixonado. Era como se fosse outra pessoa, digo-te. Um homem quebrado,

egoísta, obcecado com o seu fracasso e ofuscado pelo dinheiro, um homem que dizia horrores de toda a gente.

– Também dos seus amigos da Esade? – insiste Melchor.

– Sobretudo deles. Meninos do papá, medíocres mimados, betos de merda que nunca tiveram de se esforçar, que já tinham encontrado tudo feito. Foi o que passou a dizer deles quando as coisas começaram a complicar-se. Bom, isso era o mais simpático. Odiava-os como se realmente lhe tivessem feito alguma coisa. Ainda por cima, bebia muito. Enfim… Metade das vezes nem lhe ligava, a verdade é essa, naquela altura estava esgotada.

– Sabes se voltou a vê-los?

– Aos amigos? Não. Não creio. Não sei. – Fica alguns segundos com os olhos fixos em Melchor, mas este compreende que não o vê, que só vê os seus próprios pensamentos. Depois, voltando à realidade, continua a contar: – O que sei é que se meteu no mundo das criptomoedas. Bom, a verdade é que já se tinha metido anteriormente, quando ainda estávamos juntos, era um antigo projeto dele; naquela época eu olhava para isso como uma espécie de entretenimento, mas depois meteu-se em cheio… Comprava e vendia bitcoins. Fazia negócios estranhos. Ou tentava… Não queria um trabalho fixo, queria dinheiro fácil, fazer uma jogada que lhe desse um

grande retorno, como ele dizia. Mas a verdade é que nunca saiu do poço. De vez em quando telefonava-me e às vezes combinávamos tomar um café quando eu ia a Barcelona ver os meus pais. Lembro-me da última vez que o vi. – Tira os pés da poltrona, pega na garrafa e parece que se vai

levantar, mas não se levanta. – Foi há quase um ano. Um dia telefonou-me e disse-me que estava internado no hospital de Valle Hebrón e que precisava de mim. De modo que fui visitá-lo. Encontrei-o numa cama, com a cara coberta de ligaduras e uma perna e um braço partidos.

Perguntei-lhe o que tinha acontecido e disse-me não sei quê sobre um acidente. Acreditei, claro, mas depois soube que era mentira. Na realidade, tinham-lhe dado uma sova.

Nesse dia conheci a namorada dele.

– Tinha uma namorada?

– Eu conheci-lhe essa. Talvez tenha tido outras. A questão é que me disse que estava num aperto e pediu-me dinheiro. Não era a primeira vez que o fazia e eu vi-o tão mal que lho dei. Não que fosse muito, embora para a minha economia de subsistência fosse bastante. E nunca mais o vi.

– Devolveu-te o dinheiro?

– Não.

– Sabes como se chamava a namorada?

– Também não. – Herminia parece hesitar. – Embora…

Espera um momento.

Levanta-se com a garrafa na mão, deixa-a na cozinha e sobe ao primeiro andar por umas escadas de madeira.

Melchor consulta o seu WhatsApp, onde se acumulam mensagens de Vivales, de Blai, de Cortabarría e de Vàzquez, que o informa de que está

pronto para voltar ao trabalho no dia seguinte. Já tinha respondido a três deles quando ouve Herminia a descer as escadas, dizendo:

– Estás com sorte.

Entrega a Melchor um pedaço de papel, arrancado de um caderno de espiral, onde constam um nome, um número de telefone e outro de uma conta bancária do Banco de Sabadell. O nome é de mulher: Marga Isern.

– Posso ficar com ele? – pergunta Melchor, brandindo o papel.

– Claro – responde Herminia. – Foi Ricky quem mo deu para que eu fizesse o depósito nessa conta e para que telefonasse à namorada se tivesse algum problema. Tinha-o na minha agenda.

Melchor guarda o papel, mas Herminia não volta a sentar-se.

– Bom – diz a mulher –, vou fazer o almoço. Queres acompanhar-me?

Melchor pensa que Herminia faz aquele convite por pura educação; pensa também que já a incomodou o suficiente.

De modo que, levantando-se do sofá, agradece-lhe e afirma que tem de se ir embora. A mulher não insiste e, enquanto o acompanha até à saída, diz-lhe que apareça ou lhe telefone se precisar dela; Melchor mostra-lhe o número de telefone que lhe deram na escola de Torroella de Montgrí e pergunta se é o seu.

– Sim – confirma Herminia. – Embora o desligue quando estou a trabalhar.

Chegaram ao fim do caminho de tábuas e a mulher abre a portinha do jardim. Enquanto lhe aperta a mão, o cheiro a jasmim traz uma lembrança ao polícia.

– Corre o boato de que o teu marido se suicidou – diz, escolhendo as palavras com cuidado. – Sabes disso, não

sabes?

Inesperadamente, Herminia ri-se, e Melchor vislumbra por um momento, naquele riso claro e sem malícia, que forma duas covinhas idênticas naquelas faces consteladas de sardas, a rapariga que deve ter sido antes do calvário que padeceu junto de Ricky Ramírez.

– Que disparate! – exclama. – Eu não fui ao funeral, soube da morte dele depois de o terem cremado, mas garanto-te uma coisa: Ricky não era dos que se suicidam.

Era um sobrevivente. Teria preferido viver debaixo de uma ponte a suicidar-se. Isso garanto-te.

Ao sair de Rupià, Melchor marca o número de Marga Isern, mas uma voz mecânica comunica-lhe que aquele telefone já não está ativo. Depois liga para Cortabarría e pede-lhe que procure duas coisas: os dados de Marga Isern e a certidão de óbito de Ricky Ramírez. Depois passa algum tempo às voltas com a conversa de Herminia Prat e, já na autoestrada de Barcelona, decide ligar a Vàzquez, mas no último momento muda de ideias e telefona para Blai.

– Não me lixes, espanhol de um raio – exclama o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta quando Melchor lhe expõe a sua teoria.

– Não digo que seja verdade – precisa ele. – Digo que é possível. – A seguir, resume: – Ricky Ramírez odiava-os de morte, tentou chantageá-los e eles apanharam-no. Isso deu-lhes a ideia de chantagear a presidente e o material com que chantageá-la. E limparam o sebo a Ramírez para que não incomodasse.

– Brilhante – reconhece Blai. – É uma pena não teres uma única prova do que dizes.

– É verdade – reconhece Melchor. – Mas foi Ramírez quem gravou o vídeo, de modo que, se alguém podia tê-lo, esse alguém era ele. Além disso, morre e cremam-no a toda a pressa e a correr e, ainda por cima, Vidal tentar vender-me a história de que ele se suicidou. A mulher achou que era uma

piada, quando lhe contei… Enfim, eu acho que o meu raciocínio é plausível.

Blai não diz nem que sim, nem que não. Melchor dá-lhe tempo para refletir; passados alguns segundos, pergunta:

– Blai, continuas aí?

– Falta-te uma coisa – reage o inspetor.

– Que coisa?

– A mulher que telefonou para a presidente.

Melchor diminui bruscamente a velocidade, tira o papel que Herminia Prat lhe deu e verifica no telemóvel se o número de Marga Isern é o mesmo dos chantagistas que telefonaram para a presidente, ou o do cartão SIM que o Francês fez em nome de Farooq Hoque. Mas não é nem um, nem outro.

– Não te preocupes – acaba por dizer Melchor. – Estou à procura dela.

Antes de chegar a Barcelona, Cortabarría telefona para lhe dizer que encontrou a direção de Marga Isern.

– Toma nota – diz.

Melchor memoriza os dados. Cortabarría acrescenta:

– Também temos uma fotografia da mulher. Apanharam-na há uns dois anos a vender marijuana. Interessa-te?

– Claro! Podes enviá-la por WhatsApp?

– Agora mesmo.

– Ótimo. E a certidão de óbito?

– Estamos a tratar disso – responde Cortabarría.

Marga Isern vive num prédio da Ronda de Sant Antoni.

Melchor estaciona quase em frente, em segunda fila, sai do carro e toca à campainha do intercomunicador do apartamento da mulher, mas ninguém responde. Ao voltar para o carro, vê outro automóvel sair do estacionamento e apressa-se a ocupar esse lugar. É um observatório perfeito e daí, sentado ao volante, o polícia perscruta, ao mesmo tempo, a entrada do prédio e a fotografia policial que Cortabarría acabou de lhe mandar, uma fotografia instantânea de uma mulher com uns quarenta anos, muito magra e vestida com um fato de treino, de cabelo acobreado, cara assustada e olhos avermelhados. Fica algum tempo a examiná-la e apercebe-se de que tem fome.

Aproxima-se de um bar próximo, pede um cachorro-quente e uma garrafa de água e regressa ao carro. Enquanto come, recorda que o locutório do Francês fica muito perto e tem, ao mesmo tempo, um palpite e uma ideia. Acaba de comer a caminho do locutório e, antes de entrar, atira a garrafa vazia para um caixote de lixo.

O mujahedin continua atrás do balcão, absorto no seu telemóvel, mas ergue os olhos e diz alguma coisa a Melchor quando ele passa à sua frente. Melchor finge que não o ouve: dirige-se diretamente para o escritório do Francês, entra sem bater, cumprimenta com a primeira coisa que lhe

passa pela cabeça («Não tínhamos decidido que um negócio que não dá para nos levantarmos às onze da manhã não é um negócio? E então a sesta?») e o Francês ergue os olhos com cara de poucos amigos. No entanto, ao reconhecer Melchor a expressão do antigo bibliotecário da prisão de Quatre Camins ilumina-se e, tirando os óculos de ver ao perto, dá uma gargalhada feroz e convida-o a sentar-se. Melchor deixa-se cair numa cadeira enquanto o Francês disparata contra os seus clientes e prepara dois cafés na Nespresso. Quando entrega um deles ao polícia, pergunta:

– Bom, o que te traz aqui?

– Nada. – Melchor encolhe os ombros e leva o copo de papel aos lábios. – Estava a trabalhar por perto e tinha algum tempo livre.

– Vai enganar outro, rapaz – troça o Francês, esparramando-se no cadeirão com o café na mão. E

acrescenta: – Averiguaste a questão do outro dia?

Era a pergunta que esperava, embora surgisse antes do esperado, o que interpreta como uma confirmação antecipada do seu palpite. Responde:

– Que questão?

– Faz-me o favor de não te armares em parvo comigo, hã? – censura-o o Francês. – É uma falta de respeito.

Melchor esboça um gesto apologético.

– Desculpa – diz. – O que querias saber?

– Se averiguaste a história do cartão SIM que estava em nome daquele paquistanês.

– Ah, é verdade – finge recordar-se Melchor. – Claro que averiguei. Era uma tontice. Fizeste-o para uma mulher que

vive aqui ao lado, na Ronda de Sant Antoni. Chama-se Marga Isern.

Petrificado pela surpresa, o Francês olha um segundo para Melchor com o copo suspenso a um centímetro da boca; depois, sem deixar de olhar para o seu antigo colega de prisão, bebe o café de uma só vez, pousa o copo na mesa coberta de papéis e pergunta:

– Como soubeste?

Melchor aproxima a sua cara da cara do Francês e pisca-lhe o olho.

– Acabaste de mo dizer.

Termina a bebida e levanta-se da cadeira enquanto o Francês dá outra gargalhada.

– Que filho da puta! – exclama. – Caí que nem um patinho.

– Calma, pá – diz Melchor, que procura na mesa um espaço onde deixar o seu copo vazio, mas que acaba por enfiar no copo do Francês. – Isto fica entre nós.

Agradece-lhe o café, mas, antes de conseguir abrir a porta do escritório, o Francês chama-o. Melchor volta-se: o velho amigo e mentor continua esparramado no cadeirão, com o eterno ar de cetáceo; não restam vestígios de riso na sua cara, dominada agora por uma expressão severa.

– Essa rapariga não fez nada de mal – garante.

– Como sabes?

– Porque sei. Já te disse que sei distinguir os filhos da puta daqueles que não o são. E essa mulher não é uma filha da puta. É uma infeliz. Uma mulher perturbada que ganha

a vida como pode. Nada mais. Ainda por cima, o namorado morreu há uns dois meses.

– Conhecias o namorado?

– O suficiente para saber que, esse sim, era perigoso.

– Sabes de que morreu?

– Não faço ideia; não vais pensar que estou a par de todas as bisbilhotices do bairro. Morreu e ponto final. De um dia para o outro. É a única coisa que sei. Isso e o facto de essa mulher ser incapaz de fazer mal a alguém.

Melchor observa o Francês por instantes e interroga-se se Marga Isern também terá sido sua namorada, ou coisa semelhante; está quase a perguntar-lhe, mas diz para consigo que esse é um assunto que, pelo menos para já, não lhe diz respeito.

– Não te preocupes – tenta acalmá-lo novamente.

E, antes de conseguir despedir-se do Francês, este surpreende-o com outra pergunta:

– Estás ocupado esta noite?

Melchor olha para ele sem perceber.

– Convido-te para jantar – esclarece o Francês.

– Tenho muita pena – diz Melchor, sinceramente. – A minha filha está à minha espera.

– Com certeza que tens com quem a deixar. – Juntando a esta conjetura um gesto de súplica, acrescenta: – Anda lá, rapaz, pelos velhos tempos.

De regresso à Ronda de Sant Antoni, volta a tocar na campainha de Marga Isern. Desta vez atendem. Pergunta por Marga Isern.

– Sou eu – diz ela.

– Polícia – diz ele. – Abra, por favor.

Há um silêncio.

– O que quer?

– Falar consigo.

Outro silêncio.

– Tem um mandado de busca?

– Não quero fazer nenhuma busca. Só quero falar consigo um momento. Já lho disse.

– Eu não fiz nada. Não tenho motivo para falar com a polícia.

– Engana-se. Abra, por favor.

– Do que quer falar?

– De Ricky Ramírez.

– Não sei quem é.

– Claro que sabe quem é.

– Está morto.

– É por isso que quero falar consigo. Também quero falar de um cartão SIM que fez em nome de um lojista paquistanês num locutório do bairro.

Agora o silêncio é mais prolongado. São sete e picos da tarde, a luz natural começou a declinar e no passeio contrário da Ronda de Sant Antoni passa uma revoada de turistas orientais, chineses ou japoneses, com um guia à frente.

– Marga? – pergunta Melchor.

A porta abre-se com um estalido metálico e Melchor sobe umas escadas estreitas e escuras até ao terceiro andar, onde encontra uma porta encostada. Abre-a

também,

atravessa

um

pequeno

vestíbulo

e

vê

imediatamente a mulher: está na cozinha, a fumar, de pé junto do lava-louça a transbordar de pratos. Visivelmente nervosa, a mulher faz um gesto com a cabeça na direção de Melchor e pergunta:

– O que quer?

Melchor entra na cozinha, muito pequena e iluminada por uma lâmpada fluorescente que pisca de modo quase impercetível; no ar paira um cheiro insalubre, a queijo podre ou a chulé. Junto do lava-louça há um fogão a gás e um frigorífico minúsculo; encostada à parede, uma mesa com uma garrafa de litro e meio de Coca-Cola, vários copos sujos, um cinzeiro repleto de beatas (onde se lê: RECORDAÇÃO DE CALATAYUD), mortalhas e um pacote aberto de tabaco. Não se vê uma cadeira em lado nenhum, mas Melchor pergunta:

– Podemos sentar-nos?

– Não – responde a mulher, dando uma passa nervosa no cigarro. – Pergunte o que tiver de perguntar e desapareça de uma vez.

Está tão esquálida como na fotografia da polícia e tem o mesmo cabelo amarelado, embora mais curto; tenta disfarçar a cara, que continua assustada, com uma expressão de desagrado, quase de indignação por ele estar ali, na cozinha da sua casa. Também não está com fato de treino: veste umas calças de ganga largas e uma T-shirt vermelha que lhe marca os seios, flácidos e abundantes.

Não é atraente, mas Melchor pensa que já o foi ou pode ter sido, e decide ir direito ao assunto.

– Você está metida numa alhada – avisa-a.

– Ah sim? – responde Marga; move a perna esquerda a uma velocidade histérica. – Que alhada? Se está a referir-se ao cartão SIM…

– É a isso que me refiro.

A mulher deita a mão ao bolso traseiro das calças, tira o telemóvel, e, com um olhar desafiador, entrega-o a Melchor que em poucos segundos o desmonta e confirma que o cartão SIM não é o que procura.

– Contente? – pergunta a mulher. – Agora vá até à porta e desapareça.

Melchor monta novamente o telemóvel e devolve-o à dona.

– Ambos sabemos que foi você quem fez esse cartão –

avisa-a.

– Quem lhe disse? – volta a perguntar a mulher. – O

Francês?

Melchor cala-se. Depois mente:

– Não sei quem é o Francês.

– Claro que sabe – diz a mulher. – O dono do locutório.

Foi ele, não é verdade? – Melchor volta a calar-se. – Pois eu vou-lhe dizer por que razão ele lhe contou: porque é um velho porco que queria meter-se na minha cama e eu não deixei. Por isso. O grande cabrão está a vingar-se de mim.

Melchor não acredita nela, mas finge duvidar.

– Do telemóvel que tem esse cartão estão a chantagear a presidente da Câmara de Barcelona – constata.

– E a mim que me interessa? – replica Marga.

Melchor dá um passo em direção a ela, que fica na defensiva. A perna esquerda da mulher deixa de se mover.

Melchor mostra as palmas das mãos: está armado, mas é como se quisesse demonstrar à sua interlocutora que está desarmado.

– Está a cometer um erro – reitera. – Se me ajudar, posso ajudá-la.

Talvez por perceber que Melchor não pretende agredi-la, a mulher esboça um simulacro de sorriso, dá uma tragada rápida no cigarro e quase sem expelir o fumo volta-se para o lava-louça para sacudir a cinza.

– Não me diga? – diz, voltando-se novamente para ele.

Melchor passeia os olhos pela cozinha: dá-se conta de que está um gato aninhado a um canto, ao lado de uma tigela de plástico vazia, examinando-o com olhos incandescentes.

– Posso provar que foi você quem fez esse cartão – diz ele. – Isso basta-me para a deter. Sabe porque não vou fazê-lo?

– Porquê?

– Porque não acredito que se tenha metido nisto sozinha.

Há mais alguém. Você está a proteger alguém. Diga-me quem está a proteger e eu ajudo-a.

Marga Isern examina Melchor, que sente que a mulher avalia o seu grau de sinceridade. Passados segundos, ela volta a sorrir, dá outra tragada no cigarro, apaga-o sob o jorro da torneira, deixa a beata molhada no lava-louça e enfrenta novamente o polícia.

– Já acabou?

– Não. – Melchor improvisa uma mudança de estratégia.

– Fale-me de Ricky Ramírez.

– Já lhe disse que morreu.

– De onde o conhecia?

– Do bairro. Vivia muito perto daqui.

– Que tipo de relação tinha com ele?

– Aquela que o Francês teria querido.

– Sabe de que morreu?

– De um ataque de coração.

– Tem a certeza?

– Foi o que disse o médico.

– E se o que lhe disse não é verdade?

A mulher cala-se, como se um calafrio lhe percorresse o corpo. A sua perna esquerda move-se ainda mais rapidamente do que antes.

– O quê? – pergunta.

– Tenho razões para crer que o mataram – explica Melchor. – E que você está a proteger sem querer aqueles que o mataram.

Agora a mulher olha para ele com um ar cético ou talvez desorientado. Afasta-se do lava-louça, tira um banco de baixo da mesa e senta-se. Parece um pouco atordoada.

– Porque pensa isso? – pergunta a mulher.

– Não posso dizer-lhe – responde Melchor. – Mas afirmo-lhe que tenho motivos para pensar assim. Motivos fortes. E

se é verdade que essa gente matou o seu homem, também pode matá-la a si quando deixar de lhes ser útil. Por isso precisa que eu a proteja.

A mulher tirou algum tabaco do pacote pousado na mesa e começou a manuseá-lo, como se estivesse a preparar-se para enrolar um cigarro. Tudo indica que continua em estado de choque. Tudo indica que tenta assimilar a notícia, ou melhor, a hipótese, e por instantes Melchor acaricia a possibilidade de lhe dizer que tem a certeza de que foi ela quem telefonou para a presidente a exigir-lhe dinheiro e a sua demissão; mas no instante seguinte decide que já a pressionou o suficiente e que agora o melhor é deixá-la pensar durante algum tempo. De modo que tira uma mortalha do livrinho e escreve aí o número do seu telemóvel.

– Pense bem – pede-lhe, entregando-lhe o papel. – E

avise-me quando tomar uma decisão.

Ao sair da Ronda de Sant Antoni telefona para Blai, conta-lhe como estão as coisas e pergunta-lhe se podem pôr imediatamente sob escuta o telefone de Marga Isern.

– Nem a brincar – responde Blai. – Não vou telefonar agora para o juiz por uma coisa dessas. Diz adeus à escuta até amanhã de manhã. Isso se ele nos permitir, claro.

– Tu achas que não permitirá?

– Não, eu acho que sim, mas…

– Se calhar, amanhã de manhã é tarde de mais – reflete Melchor em voz alta. – Aposto o que quiseres em como essa mulher está a telefonar agora mesmo para algum dos malfeitores.

– É possível – admite Blai. – Mas eu aposto o que quiseres em como nenhum deles se vai pôr a falar ao telefone com ela sobre este assunto. Pelo menos não por

muito tempo. Porque não ficas aí a controlá-la? Se não ficares, mando alguém.

– Eu fico. Tenho um jantar hoje à noite no bairro.

– Fixe. Se a coisa se prolongar, avisa-me e mando alguém substituir-te.

Melchor mete-se no carro e espera. Depois de algum tempo dentro do automóvel parado, sem perder de vista por um segundo a entrada do prédio de Marga Isern, telefona para Vivales e diz-lhe que não esperem por ele para jantar.

– Estás numa alhada ou engataste alguém? – pergunta Vivales.

– Nenhuma das duas – responde Melchor. – Anda, diz a Cosette que venha ao telefone.

– Está a brincar com uma amiga – replica Vivales. – Não a chateies. A propósito, a mãe da amiga perguntou-me por ti. Disse-me que queria falar contigo para se desculpar, mas não me disse porquê. Queres que lhe diga alguma coisa quando vier buscar a filha?

Melchor pede a Vivales que lhe diga para não se preocupar, que não tem porque desculpar-se, desliga, retoma a espera e ainda não encontrou na rádio uma emissora que lhe apeteça ouvir quando vê Marga Isern sair do prédio. Sai do carro e segue-a. Caminhando rapidamente, a mulher entra no Raval pela rua Joaquín Costa e Melchor pressente que se dirige ao locutório do Francês. Não o faz. Passa ao largo do local com o letreiro INTERNET BEGUM e continua a andar na direção da

Rambla e do Bairro Gótico. Ao chegar à rua Ferlandina, o telefone de Melchor toca. É Cortabarría.

– Ainda estás na unidade? – pergunta-lhe Melchor, com os olhos fixos em Marga Isern, que caminha a uns vinte metros dele.

– Não – responde Cortabarría. – Mas pedi a Sudrià que me telefonasse assim que soubesse alguma coisa acerca da certidão de óbito de Ricky Ramírez. Achei que era urgente.

– E é – reconhece Melchor. – Dispara.

– Tudo em ordem – informa Cortabarría. – Morreu de um ataque de coração. Não parece haver nada estranho.

– Tens a certeza?

– É o que diz Sudrià. Telefona-lhe, se quiseres. Tens o número dele?

– Não. Mas não é preciso. Obrigado pela informação.

Quando desliga, Marga Isern acaba de virar para a rua Hospital. Acelera o passo para não a perder, mas ao dobrar a esquina procura por ela e não a encontra. Praguejando, corre para cima e para baixo entre a multidão que enche por completo a rua, turistas, moradores do bairro e utilizadores da Biblioteca da Catalunha que entram e saem daí, até que, quase a dar-se por vencido, reconhece a mulher atrás das grandes vidraças de um bar de tetos muito altos que fica quase em frente da fachada da biblioteca. Por momentos pensa que Marga Isern o reconheceu, mas depressa percebe que não; por momentos pensa em entrar no bar e controlá-la daí, mas depressa percebe que é demasiado arriscado, afasta-se do vidro e fica a vigiar a entrada do local sentado num banco do

parque que fica em frente. Permanece assim durante algum tempo, vendo entrarem e saírem os clientes do bar e aproximando-se de vez em quando da vidraça, com o máximo cuidado, para se certificar de que a mulher continua ali e de que ninguém se sentou com ela. Começa a considerar a possibilidade de ela ter saído de casa só para arejar um pouco quando reconhece o indivíduo rechonchudo, atarracado e bigodudo que se aproxima do bar vindo da Rambla.

– Bingo – murmura.

É Hematomas. Melchor hesita alguns segundos, mas acaba por decidir correr o risco, entra no bar, senta-se numa das extremidades do balcão, pede uma garrafa de água com gás e paga-a. Marga Isern e Hematomas estão sentados a alguns metros, num dos cantos do bar, a mulher quase voltada

para ele e o inspetor de costas. Melchor esconde-se atrás de um exemplar do jornal La Vanguardia, preso pelos proprietários do bar a uma vara de madeira e, tomando todas as precauções possíveis, tira-lhes algumas fotografias com o telemóvel e põe-se a espiar o casal.

Marga Isern já bebeu uma cerveja e, quando aparece a empregada, Hematomas não pede nada. Por entre o fragor da música e das conversas que ressoam no bar, Melchor não consegue ouvir o que dizem; mesmo sem ruído não teria ouvido: está muito longe do casal. Mas vê-os perfeitamente, sobretudo a mulher, que parece demasiado ofuscada ou interessada no homem sentado diante dela para reparar no que quer que aconteça à sua volta. Ao princípio Marga Isern fala sem parar, muito depressa e a

gesticular muito, como se tivesse alguma coisa importante para contar a Hematomas, que lhe permite desabafar, ou talvez esteja verdadeiramente interessado no que ela lhe conta. Depois é o inspetor quem fala e Marga quem ouve, interrompendo-o de vez em quando, muito agitada, a ponto de Hematomas lhe agarrar algumas vezes num dos pulsos, talvez a tentar acalmá-la. A dada altura a mulher desvia os olhos para o balcão e levanta uma mão. Rapidamente, Melchor tapa a cara com o exemplar do La Vanguardia.

Quando volta a olhar, Marga Isern está a deitar a sua segunda cerveja num copo e a falar, cada vez mais alterada.

Hematomas volta a agarrar-lhe no pulso mas, desta vez, a mulher afasta-lhe a mão com violência e, com o impulso, derrama entre a mesa e o colo o que resta de cerveja no copo, coisa que parece deixá-la ainda mais fora de si. Então Hematomas volta a pegar-lhe no pulso e murmura alguma coisa que a acalma instantaneamente; mais que acalmá-la, Melchor tem por um instante a sensação de que o polícia é um encantador e ela uma serpente, ou talvez um coelho ofuscado pelos faróis de um carro que está prestes a atropelá-lo. A partir daquele momento, Marga Isern ouve Hematomas sem o interromper, bebendo aos golinhos e em silêncio o resto da cerveja, como se finalmente se tivesse tranquilizado e estivesse disposta a seguir as

instruções que o inspetor lhe está a dar, supondo que o inspetor esteja a dar-lhe alguma instrução.

É só uma trégua ou uma ilusão. De repente a mulher levanta-se, diz alguma coisa ao inspetor (ou melhor, parece cuspir-lho na cara) e dirige-se para a saída. Melchor

consegue ver que Hematomas, sentado de costas para ele, tenta em vão retê-la, mas tem de se esconder novamente atrás do seu exemplar do La Vanguardia, que só lhe permite entrever a saída intempestiva de Marga Isern. O

inspetor segue-a até à porta; depois, com fleuma de funcionário, regressa ao balcão, paga a despesa que Marga Isern deixou por pagar e sai também do local.

Melchor deixa decorrer alguns segundos e sai disparado do bar. Avista Hematomas a uns cinquenta metros, afastando-se entre a multidão em direção à Rambla, mas não vê Marga Isern, e só lhe ocorre percorrer em sentido inverso o caminho que fez atrás dela, há cerca de uma hora ou hora e meia, na esperança de a apanhar a voltar para casa. Não é uma esperança infundada. Pouco depois de passar à frente do locutório do Francês, Melchor entra na Ronda de Sant Antoni e por pouco não dá de caras com a mulher, que espera que o semáforo de peões fique verde.

Melchor retrocede alguns metros e, pouco depois, vê-a atravessar a passadeira e continuar pelo passeio da frente até entrar no seu prédio.

São quase nove, hora em que ficou de se encontrar com o Francês para jantar, mas precisa de pensar no que aconteceu e, querendo isolar-se, fecha-se no carro. Aí, espiando a entrada do prédio de Marga Isern, põe-se a pensar. Nas últimas horas ficou com algumas certezas e com muitas perguntas. Tem a certeza, por exemplo, de que Marga Isern está envolvida na chantagem à presidente, mas não conseguirá prová-lo a não ser que o Francês testemunhe que falsificou o cartão SIM no seu locutório, o

que, para já, lhe parece improvável, ou a menos que a própria mulher o confesse, o que lhe parece ainda menos provável. Tem a certeza também de que Hematomas está envolvido na chantagem à presidente, porque o fotografou com Marga Isern imediatamente depois de ter falado com ela e de esta saber que Melchor já a identificou, e parece-lhe impossível justificar esse encontro por motivos alheios à chantagem. Ora bem, o envolvimento de Hematomas significa que Vidal também está implicado no caso? Não necessariamente. Como disse Blai, o chefe dos Vidal Boys poderia estar a trabalhar por sua conta, sem ordens ou anuência de Vidal, e, depois de ter recebido da presidente os trezentos mil euros da chantagem, graças ao truque do tupperware deixado na praia de Gavà, poderia ter exigido a demissão da presidente (além de outros trezentos mil euros) para desviar a atenção, de maneira a fazer com que a polícia morda o anzol político e ache que é tudo obra de Vidal, que, desta forma, estaria a tramar afastar a sua chefe do posto que ocupa. O que explicaria que o vice-presidente lhe tenha oferecido a ele, Melchor, a direção dos Vidal Boys, por já não confiar em Hematomas e talvez mesmo desconfiar que ele está a tentar passar-lhe uma rasteira à má fila. Nada disso é impossível, diz Melchor para consigo. Mais, de repente parece-lhe provável. Mais provável, de qualquer modo, do que a hipótese que ponderou até então, segundo a qual tudo obedece a um plano concebido por Vidal, Casas e possivelmente Rosell para afastar a presidente do seu cargo e acabar com a sua carreira política.

Visto desta ótica, o caso apresenta uma fisionomia diferente. De acordo com ela, Ricky Ramírez conservou o vídeo depois de o ter gravado, e, ao morrer de um problema cardíaco, Marga Isern encontrou-o entre os seus bens pessoais e falou dessa descoberta a Hematomas, que decidiu usá-lo em proveito próprio, talvez por saber ou desconfiar que Vidal está à procura de um substituto e querer assegurar a si próprio uma indemnização à altura dos serviços prestados. Mas é aqui que as interrogações começam a acumular-se: por que razão o próprio Ricky Ramírez não chantageou os amigos enquanto estava vivo?

Não se atreveu a fazê-lo, apesar do ressentimento que incubava contra eles? Ou pensava que com esse vídeo não conseguiria chantageá-los, como pensava o próprio Casas?

Então, porque não chantageou a presidente? Também não teve coragem para o fazer? Nesse caso, para quê guardar a gravação? Para o caso de algum dia ter o arrojo ou o desespero suficiente para os chantagear? Ricky Ramírez teria morrido realmente de morte natural? Não seria relativamente fácil, sobretudo para pessoas como Vidal e Casas, fazer passar por natural uma morte provocada? E, se a morte tinha sido provocada, porque a provocaram? O

que fez Ricky Ramírez para que o matassem? Tentou chantageá-los? Marga Isern esteve implicada nessa morte?

E, se não esteve, porque protege Hematomas (ou Hematomas e Vidal, ou Hematomas, Vidal e os dois amigos deste)? Aquela mulher dar-se-á conta do perigo que corre?

Recorrerá a ele para pedir proteção?

Melchor vê as horas no relógio do carro, sai e começa a andar na direção da rua Joaquín Costa. O locutório do Francês continua aberto, embora pareça vazio (até o mujahedin desertou do balcão da entrada); mas é só na aparência, porque o antigo presidiário continua ali, tão absorto nos seus papéis que nem sequer se dá conta da entrada do polícia.

– Então? – pergunta Melchor, irrompendo novamente no seu cubículo. – Esta tasca nunca fecha ou quê?

O Francês acaba a noite bêbado como um cacho, e Melchor tem de o levar a casa – um apartamento semivazio num velho edifício próximo da praça Urquinaona – e de o enfiar vestido na cama, porque quase não se aguenta em pé. Jantaram no Amaya, um restaurante típico da parte baixa da Rambla. A primeira parte do jantar foi um jogo constante do puxa e empurra. Melchor depressa se deu conta de que, como desconfiou desde o início, o Francês o tinha convidado para tentar saber o que ele queria de Marga Isern e o que ela tinha feito com o seu cartão SIM

falsificado. Por outro lado, ele também tentou sacar informações ao Francês, mas a única coisa que conseguiu que este lhe contasse foi bastante

inócua: que tinha conhecido Marga no locutório, na companhia de Ricky Ramírez; que ambos o usavam de vez em quando, às vezes juntos, outras vezes em separado; que os dois se dedicavam à venda de marijuana embora na verdade ele ganhasse a vida a comprar e a vender bitcoins; e que uma vez lhe tinha proposto comprá-los.

– Aceitaste? – perguntou Melchor, não porque lhe interessasse mas para que o velho ex-presidiário continuasse a falar.

– Achas que sou louco ou quê? – respondeu o Francês.

Melchor lembrou-se de Herminia Prat e perguntou ao amigo se sabia que, pouco antes de morrer, tinham dado uma sova tal a Ricky Ramírez que o tinham deixado meio morto numa cama de hospital.

– Não – respondeu o Francês. – Mas não me espanta. Já te disse que o tipo era chunga.

– Dizes isso por causa da marijuana e dos bitcoins?

– Não só por isso.

– Então porquê?

O Francês tocou no pómulo direito com o indicador e disse:

– Olho clínico.

Quando já ia no terceiro whisky e no enésimo prato de presunto de Montánchez com pão com tomate e pimentos padrón, o Francês começou a cascar na sua terceira ex-mulher que, de acordo com ele, o tinha depenado. Depois voltou a falar de Marga Isern.

– Arma-se em dura – disse o Francês, com a voz pastosa do álcool. – Mas na realidade é um coração de ouro. É

assim que se diz?

Melchor assentiu.

– Aquele tipo tinha-a subjugada – continuou o Francês. –

Fazia com ela o que lhe apetecia. Se não fosse ele…

O polícia acorreu em sua ajuda:

– Ela disse-me que querias levá-la para a cama.

O Francês sorriu com a sua boca cavernosa de cachalote albino.

– Disse-te isso? É lixada!

– Não é verdade?

– Claro que é verdade. Gostaria de levá-la para a cama, a ela e a mais quatro ou cinco clientes. Mas tu sabes como são as mulheres. Escolhem sempre o homem errado.

O Francês bebeu o quarto e o quinto whiskies a conversar, de forma cada vez mais confusa e menos lúbrica, sobre as clientes do locutório, e, quando chegaram à rua, Melchor pensou que o amigo não o tinha convidado para jantar só para o tentar convencer de que, o que quer que tenha feito, Marga Isern não representava um perigo para ninguém (pelo que se conseguiu aperceber, além de querer levá-la para a cama, estava apaixonado por ela como um adolescente), mas também para combater com a sua companhia o veneno da solidão, que estava a matá-lo.

Ao sair da casa do Francês, Melchor caminha sem pressas até ao carro, aspirando o ar frio da madrugada.

Tem sono, cansaço e vontade de se meter na cama, e sobre a chantagem à presidente a única coisa em que consegue pensar com clareza é que talvez no dia seguinte, depois de quatro ou cinco horas de descanso, veja as coisas de outra maneira.

Só erra em parte. Sentou-se ao volante do carro quando, já quase a arrancar, se apercebe de que uma mulher sai do prédio de Marga Isern. Reconhece-a imediatamente: é Marga Isern. Assim que abre a porta do carro, disposto a segui-la a pé, vê que a mulher entra num Opel Corsa

estacionado muito perto, de modo que fecha a porta, arranca e segue o Opel Corsa a uma distância prudente até à praça da Universidad e depois Aribau acima até Vía Augusta, onde vira à esquerda na direção de Sarrià.

Sempre atrás do Opel Corsa, Melchor sai da cidade pela autoestrada C-16, deixa para trás Sant Cugat, Sabadell e Tarrasa e prossegue na direção de Manresa, altura em que o tráfego, até então escasso, se torna ainda mais escasso, o que o obriga a aumentar as precauções e a conduzir a uma distância ainda maior do Opel Corsa, para não levantar suspeitas a Marga Isern. O sono e a fadiga dissipam-se assim que inicia a perseguição, mas voltam a acossá-lo nas proximidades de Manresa; para os afugentar, liga o rádio: põe música, põe uma emissora de notícias, põe um programa em que falam de fantasmas e de discos voadores, e, de chofre, como se estivesse adormecido e a sonhar, surpreende-se ao perguntar a si próprio porque está a perseguir aquela mulher. Felizmente, passado pouco tempo o Opel Corsa desvia-se até uma estação de serviço aberta; Melchor espera, protegido pela penumbra da entrada, enquanto Marga Isern mete gasolina e paga. Depois disso, em vez de voltar à autoestrada, estaciona o carro diante da cafetaria e entra. Melchor diz para consigo que está com sorte, porque pode aproveitar também para pôr combustível e ir buscar um café à máquina, mas, assim que regressa ao carro, sente que a sua sorte se esgotou: o Opel Corsa já não está estacionado diante da cafetaria. A toda a pressa, regressa à autoestrada e acelera na direção de Brega; finalmente, depois de uns minutos de angústia,

reconhece o carro de Marga Isern. Só então, mais sereno, prova o café: está frio e sabe a água suja, mas acorda-o.

Já passa das quatro e meia da manhã quando entra no túnel do Cadí. Do outro lado, mergulhado num nevoeiro cerrado, abre-se o vale da Cerdanya. Ali, em vez de virar à direita para Puigcerdà, o Opel Corsa vira à esquerda

em direção a Seu d’Urgell. Melchor lembra-se de Vàzquez que, teoricamente, regressa a Egara na manhã seguinte.

Também diz para consigo que deveria avisar Vivales de que não dormirá em casa. Segurando no volante com uma mão e o telemóvel com a outra, escreve um WhatsApp: «Esta noite não durmo aí.» E envia-o ao advogado. Este responde logo a seguir como se estivesse estado à sua espera, acordado: «Que aconteceu?» Então, por um instante, passa pela cabeça de Melchor uma ideia peregrina que durante esse lapso de tempo infinitesimal lhe parece, no entanto, a ideia mais natural do mundo. Pensa que, uma vez que Vivales está acordado, poderá telefonar-lhe, conversar com ele e forçar entre eles uma intimidade que nunca se atreveu a procurar e que, julga, seria mais fácil de conseguir àquelas horas improváveis da madrugada, a muitos quilómetros de distância um do outro, ambos mergulhados às escuras nas suas respetivas solidões (Vivales na solidão insone do seu quarto de eterno solteirão, ele na solidão de um carro que circula por um vale remoto da montanha, a perseguir uma mulher atormentada que foge não se sabe para onde), poderia falar a Vivales daquilo que nunca falou, pensa Melchor, da sua mãe e da sua infância de órfão e de filho de prostituta no

bairro de Sant Roc e de todos os pais espectrais que, como fantasmas ou discos voadores, inquietaram as madrugadas da sua infância – o homem que fazia soar os tacões no corredor da sua casa com passos de proprietário, o que andava em bicos de pés tentando passar despercebido, o que tossia e expetorava como um doente terminal ou como um fumador inveterado, o que soluçava desconsoladamente atrás de uma parede, o que contava histórias de fantasmas ou o que saía ao amanhecer coberto pelo seu casaco de cabedal –, pensa que poderia procurar ou forçar essa intimidade e perguntar a Vivales o que nunca se atreveu a perguntar: se, apesar de Melchor ter sido sempre incapaz de pôr um rosto em algum daqueles rostos invisíveis, ele é o seu pai.

Mas foi só um instante, passado o qual Melchor escreve um segundo WhatsApp: «Calma. Um engate. » Vivales volta a responder imediatamente: «Já não era sem tempo», escreve. «Mas tem cuidado, que

há por aí muita puta à solta.» Melchor responde com um emoji que mostra uma cara redonda, amarela e sorridente.

O Opel Corsa não para em Seu d'Urgell, terra de origem de Vàzquez, nem sequer entra na cidade, contornando-a para se dirigir a Andorra. Pouco depois atravessa a fronteira; Melchor atravessa-a atrás dele. Amanhece.

Circulam por uma estrada que serpenteia entre picos rochosos, entra em Sant Julià de Lòria enquanto a povoação acorda e, antes de sair da zona urbana, o Opel Corsa afasta-se da estrada e enfia-se numa rua asfaltada que acaba a desintegrar-se num caminho de terra que

desaparece em direção ao monte. Melchor, que apagou há algum tempo os faróis do carro para não levantar suspeitas, trava junto das últimas casas – duas moradias geminadas, de dois pisos e de construção recente – e, daí, à luz cerúlea da alvorada, vê como o Opel Corsa estaciona diante de uma casa rural. A mulher sai do carro, bate à porta, abrem-na e ela entra.

Melchor espera uns minutos. Depois estaciona entre dois carros, num lugar de onde controla a casa rural à distância, sai do carro e aproxima-se dela. Não é velha, nem grande, nem luxuosa, pelo menos à vista, mas tem uma boa chaminé, é rodeada por um muro grosso de pedra e esconde um jardim em cujo centro se ergue uma cerejeira. Melchor confirma que não tem mais entradas além da porta principal (uma porta sem olho mágico, repara) embora, se necessário, seja possível saltar o muro, empilhando pedras numa esquina e saltando daí para o jardim. Depois de inspecionado o terreno, volta para o carro e, certo de que a mulher precisa de dormir tanto como ele, com a esperança de que ninguém saia da casa rural nas próximas horas, reclina-se no banco do condutor e fecha os olhos.

O despertador acorda-o passado três horas, depois de um sono profundo, isento de pesadelos. Verifica que recebeu vários WhatsApp, entre eles dois de Blai, que pede a Melchor o telefone de Marga Isern para poder pedir autorização ao juiz para o pôr sob escuta; ele envia-o.

«Onde andas?», pergunta-lhe Blai. Melchor não responde e o outro não insiste. Sai para esticar as pernas e respirar o

ar puro da montanha e vislumbra uma padaria-cafetaria a uns metros de distância na direção da povoação. Vai até lá, entra, pede um cappuccino e leva-o para o carro. Depois, durante mais de duas horas, espera sem que ninguém saia da casa rural; de facto, só dois ou três automóveis e algumas motas circulam pelo caminho de terra. A dada altura, Blai telefona-lhe e ele volta a não atender. Não quer falar com o inspetor porque não quer ser obrigado a dar explicações, a confessar-lhe onde está nem o que faz ali: Melchor não tem jurisdição no território de Andorra, o que significa que, no caso de ter de agir, os seus superiores teriam de avisar previamente a polícia andorrana, que se prestaria ou não a colaborar, o que por sua vez significava que tudo poderia complicar-se e atrasar-se muito, deitando tudo a perder. Ao agir por sua conta e risco, pelo contrário, goza de total liberdade para fazer e desfazer sem delongas, sem problemas e sem que ninguém saiba o que está a fazer: se correr bem, perfeito; se correr mal, perfeito na mesma.

Passado algum tempo vê sair Marga Isern da casa rural; não está só: acompanha-a um desconhecido de barba e calças de ganga. Os dois entram no Opel Corsa, descem em direção à povoação e passam a poucos metros de Melchor, que, vencendo a tentação de espreitar pelo canto do olho, esconde a cara, fingindo consultar o telefone. Melchor hesita: pode deixá-los ir, na esperança de voltarem e aproveitar a ausência deles para descobrir se há mais alguém em casa ou, supondo que esta esteja deserta, para

a revistar; ou pode segui-los no carro. Decide que é mais prudente segui-los.

De modo que dá meia-volta e conduz atrás deles. Entram na rua principal de Sant Julià de Lòria e depois, juntando-se a uma lenta torrente de turistas, tomam a estrada para Andorra-a-Velha e entram vinte minutos depois na avenida Meritxell, o eixo comercial mais concorrido da cidade. Aí circulam entre prédios de apartamentos repletos de lojas, até se desviarem para um centro comercial e deixarem o carro no estacionamento. Melchor estaciona também, segue-os até ao supermercado e vê-os pegar num carrinho e começar a enchê-lo de provisões. É nessa altura que, encoberto pelos clientes que enchem os corredores ladeados por estantes coloridas a transbordar de bens de consumo, Melchor consegue aproximar-se um pouco

do acompanhante de Marga Isern que, visto de perto, é um tipo de uns quarenta anos, cabelo encaracolado e barba cerrada, vestido com roupa muito folgada e chinelas de praia. Para se mimetizar com a multidão que o rodeia, Melchor compra alguns produtos ao acaso – um pão de forma, queijo fatiado embalado, umas bolachas de arroz com chocolate, uma lata de atum – e para pagar dirige-se a uma caixa afastada daquela onde o casal, que encheu o carrinho de compras até cima, já faz fila. Chega antes deles à sua caixa, mas não quer acabar de pagar muito depressa, de modo que se entretém a folhear um tabloide inglês em cuja capa se destaca uma fotografia de Elvis Presley encimada por um título em letras gordas, segundo o qual algumas testemunhas confirmam que o cantor ainda está

vivo, tem mais de noventa anos e reside no sopé das Montanhas Rochosas, na Colúmbia Britânica. Melchor lê o título várias vezes até a caixeira o arrancar da sua abstração.

– São doze euros e cinquenta, senhor.

Enquanto conduz novamente atrás do Opel Corsa, só que desta vez na direção da saída de Andorra-a-Velha, Melchor telefona a Cortabarría, que a primeira coisa que lhe diz é que Vàzquez está de volta. Melchor pede-lhe que ele venha ao telefone.

– Espera um momento – diz Vàzquez ao atender.

Melchor deduz que o sargento precisa do tempo necessário para se refugiar no seu gabinete. Passado uns instantes, cumprimenta Melchor, que lhe devolve o cumprimento:

– Como é que estás?

– Fino – garante Vàzquez. – Pronto para perseguir filhos da puta. Obrigado por me teres encoberto, Melchor.

– Não tens de quê – responde ele. – Agora és tu quem tem de me encobrir.

– O que quiseres – diz Vàzquez. – Tudo pelo herói de Cambrils.

– Não te rias, cabrão – diz Melchor. – Preciso que me arranjes uma fotografia de Ricky Ramírez.

– Quem diacho é esse?

Melchor explica-lhe e volta a mencionar a fotografia.

– É urgente – conclui.

– Conta com ela – diz o sargento. – Agora mesmo ponho o pessoal todo à procura. Alguma havemos de encontrar.

– Quando a encontrares, manda-ma por WhatsApp.

Outra coisa. Pusemos os três tenores sob vigilância.

– Torrent acaba de contar-me.

– Esta tarde não poderei vigiar Vidal, porque tenho uma entrevista com Rosell.

– Não te preocupes. Mandarei alguém.

– Também não posso ir à entrevista com Rosell.

– Não te preocupes. Vou eu.

– Leva Cortabarría, que está a par de tudo. A entrevista é às quatro, no gabinete dele da Câmara Municipal.

– OK. Mais alguma coisa?

– Sim. Hoje não passarei por Egara.

– Isso já calculava. Blai estava há pouco à tua procura.

Posso perguntar por onde andas?

– Claro. Mas não te vou responder.

A fotografia de Ricky Ramírez chega ao WhatsApp de Melchor às quatro e meia, depois de várias horas estacionado novamente à vista da casa rural enquanto devora a segunda sanduíche de queijo consecutiva; acompanha-a uma mensagem de Vàzquez: «O tipo tem cara de santinho, mas é uma boa bisca», atesta. «Um processo por falência fraudulenta, outro por fraude e outro por tráfico de marijuana.» Referindo-se à conversa com Rosell, acrescenta: «Pavarotti está a fazer-nos esperar.» Vàzquez tem razão: na fotografia, também um retrato policial, Ricky Ramírez tem um ar de inocente, que é o aspeto de quase todos os culpados. Não usa barba, mas Melchor tem quase a certeza de que é ele, recorda Elvis Presley e de repente,

com um instante de euforia que se apressa a conter, sente que todas as peças encaixam.

Acaba de comer a sanduíche, abre o pacote de bolachas e come duas, procura no rádio uma emissora musical.

Pouco depois das cinco telefona a Vivales, que acaba de ir buscar Cosette ao ATL, e fala um pouco com a filha. Ela quer saber porque não dormiu em casa na noite anterior; Melchor responde-lhe que não dormiu porque está quase a apanhar os maus. Cosette pergunta quem são.

– Os do costume – responde Melchor. – Aqueles que parecem bons.

– Os maus parecem sempre bons?

– Quase sempre.

– E os bons parecem maus?

– Também.

– Ufa, que difícil.

Continuam a conversar mais algum tempo, e, ao despedir-se da filha, diz-lhe que talvez nessa noite também não durma em casa. «Di-lo a Vivales», acrescenta. Assim que desliga, toca o telemóvel: Blai outra vez; e outra vez não atende. Segundos depois chega-lhe um WhatsApp do inspetor. «Estou fodido contigo, espanhol de um raio.

Atende-me de uma vez por todas o raio do telefone», diz.

«É urgente.» Melchor telefona para Blai.

– Acabo de falar com o comissário Vinebre – informa-o o inspetor, sem o cumprimentar. – A presidente está prestes a convocar uma conferência de imprensa. Vai demitir-se.

Há um silêncio.

– Sabe-se quando será a conferência de imprensa? –

pergunta Melchor.

– Amanhã. O prazo do ultimato termina depois de amanhã. De modo que…

– Quem disse a Vinebre? Ela?

– Não. Alguém próximo. Não sei quem. Mas é evidente que ela não quer que saibamos.

– Vai vê-la. Convence-a a não se demitir.

– Era o que pensava fazer. Telefono-te para que me dês argumentos. A propósito, onde te meteste? Passei todo o dia à tua procura.

Melchor não responde, mas esconde a sua falta de resposta entre argumentos contra a demissão da presidente. No entanto, à medida que os formula, parecem-lhe todos insuficientes para persuadirem uma pessoa dominada pelo medo, de modo que quando se despede de Blai tem poucas dúvidas de que o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta

fracassará. Assim que diz isto para si próprio, a porta da casa rural abre-se e Melchor vê sair Marga Isern acompanhada pelo homem.

Passa pouco das sete e a força do sol começa a fraquejar.

O homem e a mulher conversam uns momentos junto do carro, dão um beijo na boca, o homem abre a porta do condutor e a mulher entra, arranca e afasta-se da casa enquanto Melchor a vê afastar-se. Desta vez não hesita.

Assim que o homem desaparece no interior da casa rural, ele arranca também e segue o Opel Corsa que, em vez de se dirigir para Andorra-a-Velha, se dirige para Seu d'Urgell.

Melchor escolta-o até perto da fronteira, mas, assim que se

apercebe de que Marga se dispõe a regressar a Barcelona, dá meia-volta e regressa à casa rural, estaciona no mesmo sítio e espera pela noite. Então, quando resta apenas uma suave luz violeta no cume das montanhas que cercam o vale, sai do carro, dirige-se à casa e bate à porta. Não respondem imediatamente, de modo que volta a bater.

Finalmente um homem responde.

– Sou do Super U – diz Melchor, com uma voz ligeiramente suavizada: é o nome do supermercado onde fizeram as compras nessa tarde. – Deixaram um saco na caixa.

O homem demora a responder.

– Não demos pela falta de nada – acaba por dizer.

– Mas eu trago-lhe o saco.

– Deixe-o à porta.

– Peço desculpa, senhor. Tenho de o entregar em mão.

A porta abre-se e, antes de conseguir reconhecer o homem, já Melchor lhe encostou o cano da pistola à testa e, com um dedo nos lábios, ordena-lhe que se cale. Assim, num silêncio absoluto, agarrando em Ricky Ramírez pela nuca e apontando-lhe a pistola à cabeça depois de o ter revistado e tirado o telemóvel, Melchor percorre a casa para se certificar de que, além deles, não está ninguém ali.

É grande, mas quase todos os quartos estão vazios, e, acabada a inspeção, Melchor empurra Ramírez para o sofá da sala. Este percebe que o fim bem-sucedido da revista à casa equivale ao fim da proibição de falar, de modo que, a ofegar e com pânico nos olhos, enquanto esfrega o pescoço magoado, pergunta:

– Quem és tu?

– Calma. – Melchor devolve a pistola ao coldre axilar. –

Sou polícia. Não te vai acontecer nada.

Nem a promessa, nem a informação parecem tranquilizar Ramírez, que não deixa de resfolegar nem de esfregar o pescoço.

– Estás enganado – defende-se. – Eu não fiz nada.

– Claro – diz Melchor. – E eu sou a madre Teresa de Calcutá. Onde guardas a gravação? Trouxeste-a para cá ou escondeste-a?

– Gravação? Que gravação?

Melchor pega numa cadeira, volta-a e senta-se nela com as pernas abertas, cruzando os braços sobre as costas da mesma.

– Vens de Barcelona? – pergunta Ramírez. – Seguiste Marga? Se vens de Barcelona não podes deter-me, não tens direito de agir aqui. Isto não é Espanha.

– Não – admite Melchor. – Mas ficarias surpreendido com o muito que colaboramos com as autoridade andorranas de um tempo a esta parte. – Mostra o seu telemóvel e pousa-o na mesinha que os separa, onde está um cinzeiro vazio e dois livros usados; depois completa a sua mentira: – Faço uma chamada e em cinco minutos temo-los aqui. Queres ver?

Ramírez observa Melchor com a desconfiança de uma fera acossada. Está com um aspeto alterado, em desalinho, com umas calças de pijama cinzentas às riscas e T-shirt de manga curta, branca e desfiada; está descalço e os pés revelam umas unhas grandes e sujas, por cortar. Tenta

recompor-se, recupera o fôlego, refastela-se no sofá, um móvel barato, incómodo e mais indicado a um apartamento da costa do que a uma casa rural de montanha, com a estrutura e os braços em madeira, e o assento, as costas e as almofadas num tecido estampado de cores berrantes.

Como o resto da casa, a sala denuncia uma provisoriedade insípida e impessoal: o seu único mobiliário, além do sofá, são algumas cadeiras anódinas, uma televisão pré-histórica e um aparador desengraçado; das paredes pintadas de branco só pendem duas aguarelas convencionais com paisagens alpinas.

– Repito-te que estás a cometer um erro – insiste Ramírez.

Melchor suspira.

– Olha, Ricky – diz, enchendo-se de paciência. – Posso chamar-te Ricky?

– Chama-me como quiseres.

– Pois olha, Ricky – pergunta Melchor –, porque achas que segui a tua amiguinha? Porque achas que estou aqui?

Eu digo-te. Estou aqui porque sei o suficiente acerca dos dois para os engavetar.

– Tu não fazes ideia de nada.

– De nada não, homem. Sei pouco, mas sei alguma coisa.

Por exemplo, sei que tu e a tua namorada estão a chantagear a presidente da Câmara de Barcelona com um vídeo de caráter sexual. Sei que foste tu quem filmou esse vídeo. Que quase de certeza receberam o primeiro resgate e que, sem qualquer dúvida, receberam o segundo, porque foi pago para um telemóvel da tua namorada. Não o que ela

tem agora; outro de que vocês tiveram a precaução de se desfazer, ou do qual vos mandaram desfazer-se… Mais ainda. Sei que estão em contacto com o inspetor Lomas, o chefe dos Vidal Boys, o que significa que estão em contacto com Enric Vidal e seguramente com Daniel Casas e com Gonzalo Rosell, que também aparecem no vídeo. Queres que continue?

Ramírez fica a olhar para Melchor como se tentasse assimilar o que acaba de ouvir, mas imediatamente afasta os olhos e passeia-os em redor, sem se deter em nenhum objeto, talvez sem ver nenhum. Voltando-se novamente para o polícia diz, desafiador:

– Não consegues provar nada.

– Não consigo provar que Vidal, Casas e Rosell são culpados – reconhece Melchor. – Mas consigo provar a tua culpa, a da tua namorada e a de Hematomas. É assim que chamam…

– Toda a gente sabe como lhe chamam – interrompe-o Ramírez.

Melchor esforça-se por sorrir.

– Claro – diz. E continua: – Enfim, em minha opinião tens duas opções. Queres que tas explique?

Ramírez mantém-se em silêncio e cruza os braços, expectante. É óbvio que recuperou alguma confiança em si próprio.

– Primeira opção. – Melchor brande novamente o seu telemóvel. – Não colaboras comigo, eu faço uma chamada e em dez minutos temos aqui os

amigos andorranos. Neste caso, acusamos-te a ti, à tua namorada, e, com um pouco

de sorte, a Hematomas. Ou seja, tu e a tua miúda apanham sozinhos com as chatices e os outros livram-se delas. –

Melchor fica em silêncio à espera da reação de Ramírez, que não chega. – Felizmente há outra opção. Consiste em colaborares comigo e contares-me tudo. E quando digo tudo quero dizer tudo, de uma ponta à outra, do princípio ao fim, claramente e sem rodeios, para eu poder perceber.

No meu modo de ver, esta opção tem duas grandes vantagens. A primeira é que, se a aceitares, te dou a minha palavra de honra em como farei o possível para que saias o melhor deste assunto… Bom, tu e a tua miúda. Mais, de acordo com o que me contares, desde que eu acredite e depois verifique ser verdade, se calhar nem sequer será necessário engavetar-vos e poderão continuar a fazer a vossa vida.

Ramírez descruza os braços e diz:

– Não acredito.

– Acredita.

– Porque deveria fazê-lo?

– Porque não engulo teres sido tu sozinho a organizar tudo isto. Nem a história de fingires a tua morte, nem a de ficares com o resgate na praia de Gavà, nem nada de nada.

Não leves a mal, mas tudo isto é areia de mais para a tua camioneta. Demasiada. E para a tua namorada nem é preciso dizer. Isto não é coisa de um par de desgraçados como vocês, digo isto com o máximo respeito. Em resumo, estou disposto a dar-te a mão em troca de me ajudares a apanhar aqueles que organizaram esta alhada.

Melchor deixa de falar, mas Ramírez não abandona o seu ar de aspereza reflexiva. Tem uns olhos muito claros, que observam o seu interlocutor com apreensão numa cara devorada pela barba escorrida e descuidada. Coça-a como se lhe provocasse comichão.

– Qual é a outra vantagem?

Melchor esperava a pergunta, de modo que volta a sorrir, desta vez sem esforço.

– A sério que julgas que os teus colegas te vão deixar em paz quando isto terminar? – interroga. – Depois de tudo o que aconteceu? Sabendo tudo o que sabes? – Apesar da camuflagem parcial da barba, a expressão de Ramírez revela que também ele formulou aquelas perguntas; ou é isso que parece. – Não sejas ridículo. Assim que a presidente se demitir, desfazem-se de ti e da tua amiga.

Aconteça o que acontecer e tenhas o que tiveres. Essa gente é assim, não vai correr nenhum risco convosco.

Deverias saber disso.

Melchor adivinha que Ramírez sabe, mas que não quer saber ou prefere esquecer-se disso e que as suas palavras acabam de o confrontar novamente com a realidade.

Imagina o torvelinho que gira na sua mente; imagina a lassidão das suas pernas, o medo agarrado ao estômago, o coração alvoroçado.

– Queres um copo de água? – pergunta.

Ramírez não responde. Melchor levanta-se e dirige-se à cozinha, que é grande e está inesperadamente limpa.

Encontra dois copos, enche-os com água da torneira, volta

à sala. Ramírez bebe a água de uma só vez e pergunta num tom de voz exigente:

– Como vais ajudar-me?

Melchor reitera o que já disse, desenvolve, tentando não fazer promessas inverosímeis, depois insiste em que quer ajudá-lo. Acrescenta:

– Pensa que a mim me interessa tanto como a ti. Ou mais.

Ramírez assente: parece acreditar nele. Pousa o copo vazio na mesa, junto ao de Melchor, que ainda está cheio, e fica a olhar para os dois, um pouco absorto. Depois coça novamente a barba e passados alguns segundos levanta-se.

– Preciso de um whisky – informa.

Aproxima-se do aparador, regressa com uma garrafa meio cheia, serve dois dedos de álcool no seu copo e bebe-os de um gole. Volta a servir-se e respira fundo.

– Não sei por onde começar – desculpa-se, procurando os olhos de Melchor.

– Começa pelo princípio. Fala-me dos teus colegas.

Conta-me como os conheceste. Que tipo de pessoas são.

Não tenhas pressa, há tempo, quero saber tudo.

Ramírez volta a assentir e deixa passar uns segundos, tentando encontrar uma posição cómoda naquele sofá incómodo e o seu olhar extravia-se ou turva-se, como se tivesse mergulhado nas suas recordações à procura de um tesouro enterrado. Decorrido um tempo que Melchor não saberia se contabilizar em segundos ou minutos, Ramírez bebe outro gole de whisky, volta a coçar a barba e ergue os olhos para ele.

– Os três são, sobretudo, uns filhinhos do papá – começa num tom de voz diferente, como se tivesse acabado de vestir um disfarce. – Uns filhos da

puta também, evidentemente, mas sobretudo uns filhinhos do papá.

Nasceram assim e morrerão assim… Os ricos pertencem a outra espécie. Nunca ouviste isto? Bom, pois é verdade, digo-te eu. O mundo divide-se em dois tipos de pessoas: os ricos e todos os outros, incluindo aqueles que aspiram ser ricos, que são a maioria. Aqui onde me vês, eu fui um deles.

Epílogo

1

– Fiquei gelado… Estava no sofá da minha casa, com o corpo dorido depois da sova que Hematomas e os seus rapazes me deram, e Vidal tinha acabado de me dizer que eu podia chantagear a presidente da Câmara sem que ninguém me apanhasse, porque é impossível apanhar um morto. Como havia de ficar…? Desviei o olhar de Vidal e fixei o inspetor. Continuava sentado atrás do chefe, cabisbaixo e tristonho. Depois voltei a olhar para Vidal, que se riu. «Calma, Ricky», disse-me. «Ninguém te vai matar.

Só terás de passar por morto. Mas terás de o fazer tão bem que será como se tivesses realmente morrido…» Aí começava a segunda parte do seu plano para chantagear a presidente, ou melhor, para que eu chantageasse a presidente por ele.

– Nesse caso a ideia de fingir que estavas morto não foi tua?

– Não, foi de Vidal. Tinha planeado tudo para que eu não tivesse outro remédio senão aceitar. Até me deu os pormenores da minha morte. Falou de um ataque de coração inventado, de dois funcionários corruptos, incluindo um médico-legista, e de dois empregados do tanatório da Câmara Municipal. Falou dos Vidal Boys, embora não lhes tenha chamado assim, claro, e falou do meu próprio funeral e do meu próprio enterro, e também falou em arrendar um apartamento longe de Barcelona, fora de Espanha mas não muito longe, nalgum local discreto onde eu pudesse esconder-me sem problemas,

ainda não tinha decidido qual, tinha várias possibilidades em mente… Falou, sobretudo, de uma identidade nova e de uma nova vida. «Nova e muito melhor do que aquela que tens», disse-me. «Isso de certeza.» Olhou à sua volta com um ar de pena e continuou a falar: «Olha onde vives, Ricky.

Vê no que te transformaste… Mas acabou-se. Acabou-se a sobrevivência nesta espelunca a vender marijuana e a negociar bitcoins. Com o dinheiro que a presidente te der poderás começar outra vez… Reinventar-te. Fazer um reset.» Foi o que me disse. Eu devo ter posto uma cara de espanto, porque Vidal continuou: «Não olhes assim para mim, Ricky. Falo a sério. Estou a dar-te uma oportunidade, uma oportunidade de ouro… E não penses que o que estou a propor-te é impossível, porque não é. Pelo contrário, é mais fácil do que pensas. Além disso, ninguém vai sentir a tua falta. Quem queres que sinta a tua falta? A drogada com quem vais para a cama? Como se chama? Marga…?»

Aqui calou-se, eu não disse nem que sim, nem que não, e ele voltou-se para Hematomas, que assentiu com a cabeça.

E ele continuou: «Não te preocupes com ela. Se for preciso, trazemo-la para o barco…» De repente, isso pareceu-lhe uma ótima ideia. «Claro», disse. «Ser-nos-á útil. Será o nosso contacto, assim nós não teremos de voltar a ver-nos.»

E continuou a insistir. «Pensa bem», disse. «Uma oportunidade como esta não surge duas vezes», disse também. «Voltar a começar num sítio onde ninguém te conhece, com dinheiro e sem passado… Pensa bem, Ricky…»

»Foi mais ou menos isso que me disse, e eu tentei ouvi-lo, tentei pensar nisso, mas não consegui, doía-me tudo, estava demasiado cego para pensar… Embora não tanto que não me desse conta de que havia alguma coisa que não batia certo. E disse-o. «O que é que não bate certo?», perguntou-me. «O que ganhas tu com tudo isto?», disse-lhe.

E acrescentei: «E o que ganha Casas?» Vidal voltou a sorrir… Achei que sorria por eu ter pressentido que ele e Casas eram aliados, mas na realidade sorria porque tinha acabado de adivinhar que tinha levado a sua avante. «Ia

contar-te mais tarde», disse-me. «Mas como vamos ser sócios, conto-te agora. Para veres que confio em ti.» O que me contou foi que, além de pedir dinheiro à presidente, também lhe pediria que se demitisse do seu cargo. Não lhe pediria ao princípio, para que, de início, ela não soubesse o que se pretendia realmente com tudo aquilo e não suspeitasse dele nem de Casas. A demissão pedi-la-ia mais tarde, depois de ela ter feito o primeiro pagamento, ou o segundo, isso já veríamos, de qualquer modo quando a jogada estivesse mais madura e ela visse que a coisa era a sério, não esperasse uma coisa dessas e não tivesse tempo de reagir… Foi o que me disse Vidal, e foi assim que soube qual era o verdadeiro objetivo da operação: expulsar a presidente do seu cargo e pô-la no lugar. Ele era o vice-presidente, o segundo responsável da Câmara Municipal, de modo que, se a presidente se demitisse, passava a ser o seu substituto lógico. Vidal ocuparia o lugar dela e, com dois anos pela frente até às novas eleições, teria tempo suficiente para se consolidar na Câmara Municipal e

conseguir vencê-las… O plano era esse e era para isso que Vidal queria usar-me. Casas queria usar-me para o mesmo, claro, ele também queria que Vidal fosse o novo presidente; a minha intuição estava certa, estavam ambos combinados, mas não era preciso ser um lince para perceber que, no caso dele, a demissão da presidente teria também um benefício

colateral,

digamos

assim,

serviria

para

demonstrar que, sem ele ao seu lado, ela não era ninguém, não passava de uma pobre mulher vulnerável que só tinha sido alguém porque ele tinha querido, e a prova era que, sem ele, a sua carreira política estava acabada… Em resumo, aqueles dois filhos da puta queriam usar-me para mostrar a

toda a gente quem mandava ali, e, de caminho, voltavam a fazer comigo o que tinham feito sempre: tratar-me como se eu fosse um criado.

»Tudo aquilo me deu náuseas, senti que um refluxo de bílis me subia pela garganta e estive quase a mandar Vidal à merda… Mas não o mandei à merda… Não me deixei levar pelo meu primeiro impulso… Engoli a vergonha e a fúria e disse para comigo que não tinha nada a ver com aquela história, que aqueles dois e a presidente se desemerdassem com as suas rivalidades de merda, que aquela luta de galos não me dizia respeito e que, se a proposta de Vidal era viável e me convinha, me era indiferente quem beneficiava dela. A questão era: a proposta convinha-me realmente? Era viável? E, se era, estaria eu realmente disposto a deixar de ser quem era, a mudar de vida e a abandonar tudo, a sair de Barcelona, a desaparecer, a começar do zero…? Fiz duas últimas

perguntas a Vidal. A primeira, quanto tempo me dava para lhe responder. A segunda, se tinha alternativa. Vidal tinha previsto as perguntas, claro, e levava as respostas preparadas. Disse-me que me dava vinte e quatro horas para

responder.

Também

me

disse

que

tinha,

evidentemente, alternativa. «Os cinco anos de cadeia com que o código penal castiga o delito de extorsão», disse-me.

«Mais o que te cair em cima devido às tuas manigâncias com a marijuana e com os bitcoins. Calma, Ricky, encarregar-me-ei de que tenhas um juiz

como deve ser», acrescentou o filho da puta. E concluiu: «De modo que o dilema é esse: uma quantidade de anos de cadeia ou uma nova vida, uma vida tranquila e com dinheiro suficiente. Tu escolhes…»

»Não me lembro de como Vidal se despediu, se é que o fez. Do que me lembro é que dediquei as vinte e quatro horas seguintes a pensar. E que pensei em muitas coisas, mas sobretudo numa. Sabes em qual…? No fracasso espanhol, nesse fracasso de que te falava anteriormente, sujo e intransferível, sem glória nem redenção, sem o mais pequeno glamour nem a mais pequena dignidade, nesse fracasso a fundo e a sério, que eu conheço tão bem…

Pensei que, quando se fracassa assim, só se fracassa uma vez, já to disse; em Espanha, quem fracassa, fracassa para sempre. Pensei também que Vidal tinha razão, se morresse ninguém sentiria a minha falta, nem sequer tinha a certeza de que Marga sentiria. Em todo o caso, pensei, se aceitasse a proposta de Vidal, poderia começar outra vez, com Marga ou sem Marga, teria o privilégio de uma segunda

oportunidade, um privilégio inacreditável em Espanha, quase um milagre, Vidal sabia disso tão bem como eu, um privilégio tão inacreditável como continuarmos vivos depois de mortos, tão inacreditável como uma ressurreição…

Pensei nessas coisas e em outras. Até me ocorrer que a proposta de Vidal talvez não fosse uma oportunidade, mas uma armadilha. Quero dizer que pensei naquilo que tu dizias, de que esta gente não é para brincadeiras e de que, depois de tudo o que aconteceu e sabendo tudo o que sabia, não me deixariam simplesmente em paz.

– Pensaste nisso?

– Claro que pensei… Ou seja, pensei que, supondo que a proposta de Vidal fosse exequível e que eu a aceitasse, assim que a presidente se demitisse e Casas e Vidal tivessem o que queriam, eu deixaria de lhes ser útil e, ainda por cima, me tornaria um perigo para eles, pensei que podiam fazer comigo o que quisessem, incluindo livrar-se de mim sem que ninguém sentisse a

minha falta, porque para toda a gente eu já estaria morto… Por isso me fizeram aquela proposta, pensei. E pensei que me tinham preso pelos tomates. Que estava perdido… Foi isso que pensei…

Até que, depois de dar muitas voltas ao assunto, me dei conta de que não era verdade, não totalmente pelo menos, dei-me conta de que só estaria perdido e nas mãos deles se deixasse de ter o controlo dos vídeos. Porque o da presidente era demolidor para ela, mas todos os outros eram demolidores para Casas e Vidal, também para Rosell, e que, enquanto os tivesse em meu poder, era eu quem os tinha presos pelos tomates e não o contrário… Foi isso que

pensei naquele momento. Que os vídeos que o meu pai me tinha legado já não eram só a minha herança. Eram também o meu seguro de vida.

»Foi nessa altura que elaborei o meu plano, um plano alternativo ou paralelo ao de Vidal, o plano que devia permitir-me contrariar o dele e sobreviver a ele… A primeira coisa que fiz foi falar com Marga… Contei-lhe tudo. Ao princípio fartou-se de barafustar, assustou-se muito, recusou-se taxativamente a participar naquilo. Mas acabou por compreender que eu não tinha outra saída e convenci-a de que, com Hematomas e os Vidal Boys metidos no assunto, ela correria poucos riscos, mas que correria muitos se recusasse participar. De modo que aceitou ajudar-me.

»O resto podes imaginar… Vidal tinha razão numa coisa: é incrível a facilidade com que se pode fingir que um homem está morto. Também tinha razão noutra: ninguém sentiu a minha falta, ninguém lamentou o meu desaparecimento. Pelo menos que eu saiba… Uns dias depois de dizer a Vidal que aceitava a sua proposta, deixei a minha casa tal como estava, vim para aqui com um novo cartão de cidadão, um novo passaporte e uma autorização temporária de residência, e instalei-me nesta casa. Desde essa altura que não saio de Andorra.

– Quem decidiu que viesses para aqui?

– Eu. Pareceu-me um bom lugar para me esconder e para começar uma nova vida, achei que estava suficientemente longe de Barcelona para não

encontrar ninguém conhecido e suficientemente perto para que

Marga pudesse visitar-me de vez em quando… Vidal não colocou nenhum entrave, e a nossa relação terminou aí, pelo menos a nossa relação direta. Não voltei a vê-lo nem a falar com ele. Tenho o número de telefone dele, mas tudo o que conversamos fazemo-lo através de Marga, que também não fala com ele mas com Hematomas ou com algum dos homens de Hematomas… Não é preciso dizer-te que Marga me tem mantido ao corrente de tudo e me ajudou muitíssimo, graças a ela pude tirar os vídeos do cofre do BBVA e trazê-los para cá… Pobre Marga… Hematomas e os seus rapazes obrigaram-na a intervir muito mais do que eu queria, teve de fazer de tudo ou quase, incluindo ameaçar a presidente por telefone, isso não constava de nenhum plano, evidentemente, e outras coisas também não, usaram-na para eles próprios não terem de sujar as mãos e poderem controlar tudo à distância, mas, enfim, a ideia era que Marga também ia beneficiar de tudo isto e a verdade é que apesar de tudo parecia contente, as coisas estavam a correr bem, recebemos os trezentos mil do primeiro resgate e, esta semana, os trezentos mil do segundo, com esse dinheiro poderíamos começar de novo, aqui ou onde quer que fosse… Mas ontem tu apareceste e ela assustou-se. Telefonou-me, eu tentei acalmá-la e disse-lhe que falasse com Hematomas, mas não houve maneira, no fim tive de lhe dizer que viesse ver-me. E lixei-a.

– Não a lixaste.

– Se Marga não tivesse vindo, tu não nos terias apanhado.

– Ter-vos-ia apanhado de qualquer modo… E, se não vos tivesse apanhado seria pior, porque os teus amigos vos teriam limpado o sebo.

– É possível… De qualquer forma, quero que saibas uma coisa. Marga não fez nada a não ser ajudar-me. Não tem culpa de nada. Seria uma injustiça que ela pagasse por…

– Acredito.

– Não tive sorte com as mulheres, ou melhor, as mulheres é que não tiveram sorte comigo. Elas amam-me, mas eu não sei amá-las a elas. Herminia dizia que é por eu não saber amar-me a mim mesmo… Soa a frase de livro de autoajuda, mas, se calhar, é verdade.

– Calma, não vai acontecer nada a Marga. E já te dei a minha palavra em como farei o que puder para que saias o melhor possível deste assunto. E para que os teus amigos paguem pelo que fizeram.

– Com isso já me conformaria, que, pelo menos, pagassem pelo que fizeram… Mas o único que pagará sou eu. Já te disse, são sempre os mesmos que pagam. Nunca falha.

– Isso havemos de ver. Diz-me uma coisa, tens aqui os vídeos?

– Aqui em casa? Nem pensar. Não te disse que eram o meu seguro de vida…? Estão num cofre de uma sucursal do Andbanks, em Llorts, aqui perto. Deixaram de ser a minha herança, mas…

– Continuam a ser úteis.

– É possível, mas para quem? Para mim não, na cadeia não são precisos seguros de vida.

– Não é verdade… Mas não falo de ti. Falo de mim.

– Oxalá. Oxalá te sirvam… Veremos… Não acredito… O

que acho é que, com vídeos ou sem vídeos, aqueles três vão sair deste assunto mais puros do que uns anjinhos como saíram sempre de todos… Enfim, agora sim, já te contei tudo o que tinha de contar. Estou a morrer de sono. Preciso de dormir.

– Lembra-te de que ainda não me falaste do incidente.

– Do incidente?

– Aquele que vos levou a deixar de caçar raparigas e de vos filmarem com elas. Disseste-me que aconteceu depois de terem filmado a presidente. Além disso, há uma coisa que continuo sem perceber… Por que razão o teu pai tinha os vídeos que gravaram na casa da León XIII, como os conseguiu.

– As duas coisas estão relacionadas… O incidente e o meu pai.

– Ah sim?

– Sim.

– Então conta-mas… Se não me contares, não há acordo… Há algum problema…? Não queres contar…?

Contaste-me tudo, não é verdade? Porque não isso?

– Porque isso é diferente… Nem sequer devia tê-lo mencionado. Já te disse. Enganei-me. Foi um erro.

– Referes-te ao incidente ou ao teu pai? O teu pai esteve relacionado com o incidente?

– De certa forma.

– E isso é diferente porquê? Porque não mo queres contar?

– Porque é diferente. Porque é… enfim.

– Não creio que seja pior do que aquilo que já me contaste.

– Mas é.

– Então se calhar foi por isso que se te escapou.

– Não percebo.

– Se calhar o que queres é contar-me. Se calhar precisas de mo contar… Seja como for, agora és obrigado a isso.

Lembra-te do nosso acordo. Além disso, se não mo contas…

– Vou contar-te, não é preciso ameaçares-me… Deixa-me que me sirva de mais um pouco de whisky… Se calhar és tu quem tem razão e… Enfim, suponho que nesta altura já é indiferente, ao fim e ao cabo eu estou morto, de modo que o que te contar já não me pode fazer mal, mas aos meus amigos sim. E é disso que se trata, de lhes provocar o maior dano possível.

– Estou a ouvir.

– … A verdade é que não sei como te contar isto, tenho vergonha, horroriza-me contar-te. Além disso, parece-me tão irreal… Ou talvez me pareça demasiado real, às vezes pensei assim, que aquele foi o momento mais real da minha vida, ou mesmo o único real, o momento da verdade. Da verdade dos meus amigos e também da minha. Não é que me sinta culpado pelo que aconteceu. Bom, não totalmente…

Embora

suponha

que

terei

alguma

responsabilidade, uma pessoa não é só responsável pelo que faz, mas também pelo que deixa de fazer ou pelo que presencia e não impede, é mesmo responsável pelo que outros fizeram e a beneficiou, isso de só sermos

responsáveis pelo que fazemos é o que dizem aqueles que não querem responsabilizar-se por nada, nem sequer pelo que fazem… Enfim.

»Isto passou-se no terceiro ano do curso, o último que frequentei na Esade, quando o meu pai ainda era deputado em Madrid e estava no topo da

carreira, embora faltasse muito pouco tempo para rebentar o caso dos cartões fantasma e fosse tudo para o galheiro. Ou se calhar já tinha rebentado, mas ainda não tinha levado tudo à sua frente…

Seja como for, foi num sábado, numa noite de sábado que começou como tantas outras, talvez com a única diferença de termos saído os quatro sozinhos, já te contei que naquela época não era muito frequente sairmos ao sábado à noite sem as namoradas de Vidal e de Rosell. Mas o resto foi mais ou menos o mesmo do costume. Encontrámo-nos em casa de Vidal, jantámos no Jumilla e depois fomos para o Sutton… Lembro-me agora de outro pormenor: íamos no BMW do pai de Vidal e não no carro de nenhum dos meus amigos; lembro-me disto porque o BMW era um carro muito grande e tinha os vidros fumados, era o que se diz um carrão. Mas, como te disse, ao princípio correu tudo mais ou menos como de costume. Até sairmos do Sutton e Casas e Vidal proporem que levássemos uma puta para a casa da León XIII.

– Não me tinhas dito que também levavam putas para lá.

– Não me perguntaste… De qualquer forma, também não o fizemos muitas vezes. Só quando não tínhamos outro remédio.

– Isso que significa?

– Significa que só levávamos putas para lá quando não conseguíamos enrolar nenhuma das outras. Ou quando nos apetecia… Porque, claro, com as putas era tudo diferente.

– Queres dizer que não as violavam?

– Teoricamente pagávamos e ponto.

– E na prática?

– Também. Embora aquela noite tenha sido diferente…

Como te dizia, Casas e Vidal tiveram a ideia e, embora Rosell e eu tenhamos resistido, acabámos por aceitá-la, aqueles dois tinham bebido muito, suponho que não lhes apetecia andar por aí à procura, ou simplesmente apetecia-lhes fazê-lo com uma puta… Eu sei lá… Não fomos a uma casa de putas, as putas desses locais não aceitavam sair de lá e vir connosco, pelo menos foi o que nos aconteceu algumas vezes, imagino que estariam proibidas de o fazer ou que tinham medo e não confiavam nos clientes… Onde fomos foi ao campo do Barça, que ficava perto e que, além disso, estava cheio de putas, ali havia muito por onde escolher, fizemos uma volta de reconhecimento pelos arredores do campo e do tanatório de Les Corts, e no fim escolhemos… Lembro-me muito bem daquela mulher, não há um único dia em que não me lembre dela… Tinha uns quarenta anos, conservava um bom corpo e devia ter sido bonita, estava muito pintada, era morena… Casas e Vidal estiveram algum tempo a negociar com ela, mas, quando parecia já terem chegado a acordo, a mulher pensou melhor e disse que não, também fez um comentário… Não sei o que lhes disse (ou soube e esqueci-o logo a seguir), mas o que sei é que isso não agradou nada a Casas e a

Vidal, que ficaram furiosos… Isso, e ela ter-lhes dito que não.

»Não tentámos levar outra puta. Fomo-nos embora do campo do Barça e estivemos a beber uns copos nalgum bar de Sants, não me lembro aonde, embora me lembre de que Casas e Vidal continuavam muito chateados com a puta que lhes tinha dado uma nega. Também me lembro de que nem sequer se davam ao trabalho de lançar o anzol às miúdas com que nos cruzávamos… Bom, passado algum tempo, deviam ser duas ou três da manhã, voltámos para o BMW

do pai de Vidal e, em vez de irmos cada um para a sua casa, regressámos ao campo do Barça e reconhecemos imediatamente a mesma puta, ainda a rondar pelos arredores. «Está ali», disse Casas a Vidal. «Aproxima-te dessa cadela, que ela já vai ver…» Foi o próprio Casas que negociou com ela, que duplicou ou triplicou a oferta que lhe tinha feito e que acabou por convencê-la.

»Lembro-me do que aconteceu a seguir bem melhor do que gostaria, porque não esquecemos o que queremos, mas o que podemos… Na casa da León XIII aconteceu tudo muito depressa; como deves imaginar passámos por cima dos preparativos do costume e fomos diretos ao assunto, uma puta é uma profissional do sexo, embora o que eu acabei por gravar não tivesse muito a ver com sexo… De início sim, claro, começou tudo como uma sessão de sexo em grupo, eu já tinha filmado coisas parecidas, não que fossem muitas, porque o que era mais normal na casa da León XIII não era o sexo em grupo mas a violação em grupo,

que

foi

no

que

aquilo

se

transformou

imediatamente, eu julgo que a mulher se apercebeu muito depressa do que se preparava, mas tinha experiência e deve ter pensado que, para que as coisas não se descontrolassem, o melhor era tentar dar uma aparência de normalidade àquilo que era cada vez menos normal, até ter compreendido que isso era impossível e começar a resistir, a queixar-se, a pedir explicações, a gritar… Houve luta…

Mas a dada altura deve ter-se dado conta de que dessa forma só estava a piorar as coisas, porque se calou e desistiu, naquela altura já devia ter consciência de que essa era a atitude mais sensata para não sair muito maltratada dali… Não lhe serviu para nada. Primeiro o sexo em grupo tornou-se uma violação em grupo e, depois, a violação tornou-se outra coisa que realmente não sei como poderia denominar, às vezes pensei no que

aconteceu como se fosse uma cerimónia, um ritual ou um carnaval macabro, como se tivesse sido um conciliábulo de bruxos aterrador, o que é verdade é que eu o segui fascinado a partir do meu esconderijo, espiando o que se passava no outro lado da parede sem acreditar no que estava a ver, mas sem deixar de gravar, hipnotizado com o espetáculo; recordo, por exemplo, aquela mulher de quatro, nua e a chorar, com os pés e as mãos amarrados, aterrorizada, recordo os meus amigos fora de si, a insultá-la, a gritar-lhe, a dar-lhe bofetões e empurrões e pontapés e a cuspir-lhe enquanto lhe metiam por todos os orifícios ou lhe urinavam em cima, como se tivessem enlouquecido ou como se sempre tivessem sido loucos e eu não me tivesse dado conta disso até esse momento, olhava para aquele delírio sádico sem

conseguir afastar os olhos, digo-te, fascinado, embruxado, embora não acredite que me tivesse passado pela cabeça a possibilidade de acabar como um filme de terror, que foi como acabou quando Casas, que tinha desaparecido do meu campo de visão, voltou a aparecer nu e coberto de suor, a vociferar com a cara suja de fuligem, os olhos arregalados e um tijolo ou uma pedra na mão, não sei aonde a foi buscar, suponho que ao jardim, o facto é que começou a bater na mulher com ela, bateu-lhe na cabeça até Rosell lhe tirar a pedra e ele também começar a bater-lhe, e depois Vidal, embora disto não tenha a certeza, se calhar inventei essa lembrança. Do que tenho a certeza é que, passado algum tempo, a mulher estava morta e o corpo dela numa posição impossível, entre os colchões encharcados de sangue, com os músicos de rock e as estrelas de cinema a olharem para ela dos posters das paredes… Parecia uma boneca de trapos, ou uma boneca partida… Porque pões essa cara? O que estás a pensar? Eu avisei-te que…

– Não estou a pensar em nada. Continua.

– Ouve, não dizias que não bebias whisky? Serve-me a mim também, no aparador tenho outra garrafa cheia… Eu disse-te que o que te ia contar era um horror, mas julguei que os polícias estivessem habituados…

– Continua.

– … Quando me dei conta do que tinha acontecido, afastei-me da câmara e deixei de gravar. Tremiam-me as pernas… Creio que durante alguns segundos tentei convencer-me de que não tinha visto o que vi, de que não

tinha acontecido o que aconteceu, de que tinha sonhado ou coisa assim. Depois, ainda a tremer, fui ao quarto dos colchões e, ao entrar, os meus amigos pareceram-me três sobreviventes de um furacão ou de uma explosão nuclear…

Ou três doentes terminais… Ou três toxicodependentes incapazes de regressar de uma trip de ácido… Eu sei lá…

Lembro-me de que Rosell estava no chão, acocorado a um canto como um feto e que não soube se ele chorava ou ria.

Também recordo o olhar de Casas, era um olhar implorante, de pânico e de incompreensão total, um olhar de completo desamparo… No quarto havia um silêncio que nunca mais voltei a ouvir… Vidal foi o primeiro a falar.

Apontou para a morta como se tivesse acabado de a ver, com uma expressão ausente na cara e com a pedra suja de sangue numa mão e disse: «Temos de fazer alguma coisa.»

Era evidente que os três estavam fora de combate… Eu sentia-me apanhado, asquerosamente cúmplice daquele horror, mas era o único que conservava alguma clareza mental, alguma capacidade de reação.

»Isso explica o que aconteceu depois… Isto e o meu instinto servil, a vontade que sempre tive de me fazer respeitar diante deles, de lhes ser útil e de ganhar a gratidão e o afeto deles para um dia pertencer ao seu círculo… «Encosta-te aos bons e serás um deles», tinha-me dito o meu pai. E ali estava eu, preso aos meus amigos por aquela morta, impossível encostar-me mais a eles, e por isso já me interroguei se, naquele momento, a morte daquela mulher não me pareceu uma oportunidade, a ocasião de livrar os meus amigos de um bom aperto e de

me ficarem a dever um grande favor… é possível que o tenha pensado e que, justamente por isso, tenha tomado a decisão que tomei. A decisão consistiu em telefonar ao meu pai. Disse-o aos meus amigos. «Vou telefonar ao meu pai», disse-lhes. «Ele vai ajudar-nos…» Nenhum dos três disse nada, nem que sim, nem que não, já te disse que os três estavam como que ausentes, de modo que o fiz, telefonei ao meu pai.

»Era muito tarde, o meu pai estava na cama, deve ter tido um susto enorme… Tentei explicar-lhe o que tinha acontecido, contei-lhe com quem estava, ele ouviu-me sem me interromper e, quando acabei de falar, pediu-me a direção da casa da León XIII. «Não saiam daí», disse-me.

«Vou já para aí.»

»Assim que desliguei o telefone senti que tinha cometido um erro, porque pensei que a primeira coisa que o meu pai ia fazer era chamar a polícia, mas também senti que já era tarde para retificar e que, mesmo que voltasse a telefonar-lhe a dizer que não viesse, ele viria de qualquer forma… E

sabes uma coisa? Passados muitos anos, a única vez que eu e o meu pai falámos daquela noite no seu pequeno apartamento de Torredembarra, pouco antes da sua morte, ele disse-me que essa tinha sido exatamente a sua primeira intenção, que foi isso que pensou fazer e que, se não o fez, foi porque depois de eu ter telefonado, enquanto se vestia a toda a pressa para se dirigir à rua León XIII, disse para consigo que, se nos denunciasse à polícia, julgar-nos-iam aos quatro e condenar-nos-iam a uma enorme quantidade de anos de cadeia, e no último instante preferiu carregar

na consciência a morte daquela mulher a destruir o seu filho e outros três rapazes que tinham toda a vida pela frente, porque a morte da mulher era já irremediável, mas a destruição dos quatro rapazes, a nossa destruição, tinha remédio… E dessa vez em Torredembarra também me disse outra coisa. Disse-me que pensava que não tinha agido bem, que devia ter-nos levado à polícia, que nós deveríamos ter pagado pelo que fizemos, e que, depois de o caso dos cartões fantasma o ter cilindrado, pensou mais de uma vez que aquele desastre era o castigo pelo seu erro…

O que achas…? O meu pai era um homem justo, pensava que nesta vida colhemos o que semeámos e que, mais cedo ou mais tarde, acabamos por pagar… Ou, se calhar, era só um homem supersticioso. Eu não sou.

– Continua.

– Ou não bebes, ou bebes o whisky como se fosse água.

Não tens meio-termo.

– Continua.

– Não há muito mais que contar… Quando o meu pai apareceu na casa da León XIII encarregou-se da situação.

Sem uma censura. Só quis saber o que tinha acontecido, eu falei-lhe da gravação, ou melhor, das gravações, ele questionou-nos sobre o local (de quem era, quem o usava, para que o usávamos), obrigou os meus amigos a tomarem um duche, fez o possível para nos acalmar, mandou-nos para casa e ele ficou lá… Antes de sairmos, disse-nos: «O

que aconteceu esta noite é como se não tivesse acontecido.» E acrescentou: «Façam o que vos disse e tudo correrá bem.»

»Fizemos o que nos disse… Nunca mais voltámos a falar daquela noite, daí em diante comportámo-nos como se aquela tivesse sido mais uma noite igual às outras, aquilo não mudou absolutamente nada, nem entre nós, nem com os outros, é incrível, não achas? Com que facilidade podemos decidir que não aconteceu uma coisa que realmente aconteceu, mesmo que seja tão horrível como a que aconteceu naquela noite…

»Não sei como o meu pai limpou a casa da León XIII, suponho que terá pedido ajuda a alguém, naquela época conhecia muita gente, mas não sei, na verdade nem sequer sei se realmente limpou o local ou o mandou limpar, limitei-me a imaginar, nunca soube com certeza e nunca lhe perguntei, mesmo na única vez em que falámos sobre o assunto no seu apartamento de Torredembarra, de facto dessa vez nem sequer me contou que tinha ficado

com os vídeos feitos na León XIII, talvez não soubesse como dizer-me, talvez se arrependesse também de ter ficado com eles, ou talvez tenha preferido que eu tivesse uma surpresa ao vê-los depois de ele morrer… Quem sabe… Do que tenho a certeza é que, como te dizia, cumprimos à risca a promessa de virar a página, tão à risca que não voltámos a levar mais nenhuma mulher para a casa da León XIII. Nem sequer voltámos a ir lá… E não é preciso dizer-te que os meus amigos nunca me agradeceram pelo que fiz, nem a mim nem ao meu pai, nunca mais se lembraram de que naquela noite lhes salvámos o couro, de que sem mim e sem o meu pai talvez a vida deles tivesse ido por água abaixo, isso nunca lhes passou pela cabeça, nem quando o assunto dos

cartões fantasma destruiu o meu pai e eu deixei de frequentar a Esade, nem nessa altura tiveram uma palavra ou um gesto. Nada… É lógico, não é verdade?

– O vídeo do assassinato está entre os que o teu pai conservou?

– Não.

– Como sabes?

– Porque foi o primeiro que procurei.

– E não estava aí.

– Não… Talvez se tenha perdido naquela noite, ou seja, na noite em que o filmei. Ou talvez o meu pai o tenha destruído para garantir que ninguém o via, por lhe ter parecido demasiado perigoso. Já te disse que não sei. A verdade é que não estava ali, se tivesse estado…

– Vidal não te perguntou por ele?

– Não. Se calhar nem sabe que existe… Ou não se lembra de que eu o gravei.

– O teu pai não te contou o que fez com o corpo da mulher?

– Não. A única coisa que sei, soube-o pelos jornais. Que no dia seguinte encontraram o corpo dela num descampado de La Saguera, em Sant Andreu… O meu pai, ou quem quer que o tenha ajudado, deve tê-lo deixado aí.

– Sabes como se chamava?

– Quem ajudou o meu pai?

– A mulher.

– Claro. Não me esqueço disso. Os jornais não disseram o nome, mas eu procurei-o na internet até o encontrar.

– Como se chamava?

– Rosario Marín.

2

– Se essa gente ainda não difundiu o vídeo, não creio que o faça – raciocina Blai.

– Eu também não – concorda Vàzquez.

– Claro que o mais provável é não o terem – prossegue Blai. – Se o tivessem, já o tinham tornado público. É o mais lógico. Um ultimato é um ultimato.

– É verdade, se calhar não o tinham – admite Vàzquez. –

Se calhar era só paleio. É o mais provável.

– Se era só paleio, correu-lhes às mil maravilhas – diz Blai. – Ficaram com aquele dinheirão dos dois resgates.

– É o mais provável – repete Vàzquez.

– O que achas, espanhol de um raio? – questiona Blai.

Antes de Melchor poder responder, acrescenta: – E, a propósito, onde diacho te meteste? Nós aqui como loucos com o caso da presidente e tu a coçares os tomates. Pode saber-se porque nem sequer atendias o telefone? Foi para isso que te trouxe para cá? Para que desaparecesses?

Graças a Vàzquez, que desvia o assunto, Melchor livra-se do raspanete e mostra-se em tudo de acordo com o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta. Chegou a Barcelona ao amanhecer, depois de passar três noites sem dormir, a segunda das quais a ouvir a confissão de Ricky Martínez na sua casa rural arrendada de Sant Julià de Lòria, em Andorra. E, depois de dormir algumas horas, fez uma visita à presidente da Câmara, almoçou com a filha e com Vivales e dormiu um pouco até Blai o ter acordado

para lhe dar a notícia e o convocar para uma reunião urgente em Egara.

– Bom, eu cumpri a minha parte do acordo – recordou-lhe Ricky Ramírez. – O que vais fazer agora?

– Cumprir a minha – garantiu Melchor.

Há alguns minutos que não parava de arder no seu cérebro incendiado pelo whisky a última frase que a sua mãe tinha dito à amiga Carmen Lucas na noite em que a mataram, há quinze anos, depois de se recusar a entrar no BMW conduzido pelos seus assassinos: «Uma cambada de meninos bem que vieram divertir-se com o carro do papá.»

– O que não percebo é porque tens tanta certeza de que a chantagem à presidente não tem nada a ver com o incêndio de La Pleta de Bolvir – continua Blai, dirigindo-se a Melchor.

– Sabe-se se foi provocado? – intervém Vàzquez.

– Parece que não – responde Blai. – Tudo indica que foi um curto-circuito. Pelos vistos a casa era de madeira e, com este calor, ardeu como uma

acendalha. Ainda por cima, foi de noite, de modo que deve tê-los apanhado a dormir, porque nem um se salvou. A casa ficava a meio do bosque e quando os bombeiros chegaram era já um monte de cinzas.

– Quantos cadáveres encontraram? – pergunta Vàzquez.

– Dois, além dos três tenores – responde Blai. – Todos carbonizados. Um deles era de Hematomas. O outro ainda não foi identificado.

– Hematomas deve ter ido a La Pleta de Bovir por sua iniciativa – aventura Vàzquez. – Os três tenores foram no mesmo carro. Torrent e Estellés seguiam-nos, mas

perderam-nos à saída de Barcelona. É normal, era uma tarde de sexta-feira e os túneis de Vallvidrera estavam bloqueados.

– Como comunicas com Vidal? – perguntou a Ricky.

– Já te disse – respondeu ele. – Através de Marga, que está em contacto com Hematomas. Mas tenho o telefone dele. O de Vidal, digo. Se for urgente, posso mandar-lhe uma mensagem. Se for muito urgente, posso telefonar-lhe.

Embora, desde que cá estou, nunca o tenha feito.

– Pois fá-lo agora – instou-o Melchor. – É muito urgente.

– Não respondeste à minha pergunta – insiste Blai.

– Porque creio que nenhum dos três estava envolvido na extorsão – responde Melchor.

– Há uns dias dizias que sim – recorda-lhe Blai.

– Sim – reconhece Melchor. – Mas já não.

– Na quinta-feira eu também concluí que Rosell não fazia a mais pequena ideia do que eu estava a falar – intervém Vàzquez. – Isto para não dizer que

me pareceu um idiota.

– É um idiota – confirma Blai. – Ou era. Toda a gente sabe. Mas Vidal e Casas não, esses eram bem espertos. E

algumas pistas vinculavam-nos à chantagem.

– Por exemplo? – pergunta Vàzquez.

– O que queres que diga a Vidal? – perguntou Ricky.

– Sabes se ele ainda tem a cabana de La Pleta de Bolvir, aquele sítio onde vocês se reuniam aos fins de semana para verem os vídeos?

– Não faço ideia.

– Pois pergunta-lhe. E, se ainda a conserva, marca aí um encontro. Diz-lhe que têm de se encontrar. Diz-lhe que tens

de lhe dizer uma coisa muito importante. Ou melhor, diz-lhe que tens de lhe mostrar.

– Porquê? Para quê?

– Tu limita-te a fazê-lo e deixa que me encarregue do resto.

– Ele não vai aceitar.

– Claro que vai. Diz-lhe que é algo relacionado com as gravações. Algo que não lhe tinhas dito até agora mas que agora queres dizer-lhe. Algo que tem a ver com a chantagem à presidente e que ele tem de saber antes do fim do prazo que lhe deram para se demitir. Diz-lhe que o assunto também é importante para Casas e Rosell e que se desenrasque para que os dois venham com ele. Diz-lhe assim.

– Por exemplo – expõe Blai –, Marga Isern, a amiga de Ricky Ramírez, fez num locutório um cartão SIM em nome de Farooq Hoque, o dono do telemóvel…

– É falso – interrompe-o Melchor. – O dono do locutório enganou-me. Está apaixonado por essa mulher, mas ela não lhe liga nenhuma e ele quis vingar-se contando-me essa cantiga.

– E Hematomas?

– O que se passa com Hematomas?

– Disseste-me que ele e Marga Isern se encontravam.

– E é verdade. Mas não se viam devido ao caso da presidente.

– Como sabes?

– Porque Marga Isern era há muito tempo uma informadora de Hematomas. Ele recrutou-a quando ela

esteve na cadeia. No bairro é do domínio público.

– Virás comigo à cabana? – perguntou Ricky.

– Claro – respondeu Melchor.

– E o que pensas fazer quando lá chegarmos?

– Não te preocupes, isso é comigo. Faz o que te digo e esquece o resto. Se o fizeres, deixo-te livre.

– O quê?

– Ouviste bem: deixo-te livre. Soltar-te-ei. E a Marga também. E desta vez os teus amigos não levarão a sua avante. Pagarão pelo que fizeram.

– Fico contente. Mas tu deste-me a tua palavra de que farias o possível para que eu e Marga saíssemos o melhor possível desta alhada, não que me soltarias.

– Dou-te agora.

– Como sei que não me enganas? Como posso ter a certeza do que dizes?

– Não podes.

– Nesse caso – conclui Blai, reprimindo a sua satisfação

–, se já não há ninguém a chantagear a presidente e não temos nenhuma pista que relacione os três tenores com a extorsão…

– Acabou-se. – Vàzquez completa a frase. – Só resta averiguar quem foi o esperto que ficou com a massa. Mas, a inimigo que foge é preciso facilitar a fuga.

– Ainda bem que ontem a presidente acabou por cancelar a conferência de imprensa que tinha convocado para anunciar a sua demissão – diz Blai. – Ainda não consigo compreender. Na quinta-feira, quando falei a última vez com ela por telefone, não consegui tirar-lhe essa

ideia da cabeça. Enfim, suponho que acabou por reconsiderar o que lhe disse. Ao fim e ao cabo, uma pessoa tem alguma capacidade de persuasão, não acham?

– Dá-me uma razão convincente para não me demitir –

pediu-lhe por telefone a presidente.

– Se eu não tivesse visto o vídeo – disse Melchor –, dir-lhe-ia que um vídeo de cariz sexual não pode causar-lhe tanto dano como a sua demissão. E ninguém lhe garante que, apesar de se demitir, não difundam o vídeo.

– Estás a dizer-me que o viste?

– Sim.

– Quando? Como? Onde?

– Isso já não lhe posso dizer. O que lhe garanto é que amanhã de manhã posso entregá-lo em mão.

– Dá-mo esta tarde e desconvoco a conferência de imprensa.

– Sinto muito, mas esta tarde não posso. Terá de esperar até amanhã. Terá de confiar em mim.

– Bom, e é tudo, não é? – pergunta Melchor. – Estão à minha espera em casa.

– Sim – responde Blai. – Suponho que sim. Caso encerrado, como diz o inspetor Gadget. Não, Vàzquez?

– Claro – assente Vàzquez. – O herói de Cambrils já pode voltar à paz da Terra Alta, que é a única coisa em que pensa. Não te preocupes, nós continuaremos à procura do dinheiro. Embora, francamente, neste momento me pareça muito pouco provável conseguirmos encontrá-lo. Quem quer que sejam, aqueles cabrões com certeza que já deram às de vila-diogo e vá-se lá saber por onde andarão.

– Para quando devo marcar o encontro em La Pleta de Bolvir? – perguntou Ricky Ramírez.

– Para amanhã à noite. Antes de vencer o prazo da chantagem – respondeu Melchor.

– De acordo – acedeu a presidente. – Confio em ti. Vem amanhã de manhã à minha casa com o vídeo e eu desconvoco a conferência de imprensa.

– Aí estarei – prometeu Melchor. – Em troca de me fazer um favor.

– Diz qual.

– Não diga a ninguém que tivemos esta conversa.

– Nem ao teu chefe? Andou a telefonar-me.

– Nem ao meu chefe. Você e eu não conversámos, nem nos vimos. Ninguém lhe devolveu o vídeo. De acordo?

– A sério que vais deixar-me ir? – perguntou Ricky. –

Tens a certeza de que não me acontecerá nada?

– Absoluta – respondeu Melchor.

– Encontramo-nos na Terra Alta, espanhol de um raio –

diz Blai.

– Um abraço, pá – diz Vàzquez. – Tem cuidado contigo.

– Jura-me pelo que mais amas – disse Ricky.

– Juro-te pela minha mãe – disse Melchor.

Melchor e Cosette passam a primeira semana de agosto em El Llano de Molina, em Múrcia, instalados em casa de Pepe e de Carmen Lucas, a amiga da mãe de Melchor.

É uma semana feliz. Melchor leva o seu manuseado exemplar d'Os Miseráveis e os contos que ainda tem de ler do concurso literário do Instituto Terra Alta. Não voltou ao

romance de Hugo desde a morte de Olga mas fica agarrado de tal modo desde as primeiras páginas que põe de lado os contos e lê-o a toda a hora: de manhã, quando acompanha Cosette à piscina municipal, onde toma banho com as amigas que fez na povoação no ano anterior (e que continuam a chamar-lhe «Cosé», coisa que Cosette adora); à tarde, depois de almoçar em casa com Carmen e Pepe, enquanto Cosette vê um filme na televisão ou brinca com as amigas no curral, e mais tarde, quando o Sol baixou um pouco e a leva a jogar futebol com a equipa da povoação num descampado dos arredores, ou nas povoações vizinhas; mas é sobretudo à noite que mergulha n'Os Miseráveis, depois de ler a Cosette um capítulo de Os Filhos do Capitão Grant – o romance de Júlio Verne que substituiu Miguel Strogoff nas suas leituras noturnas – e de ela adormecer, quando permanece acordado até às três ou quatro da manhã, a seguir em suspenso as peripécias

de Jean Valjean, que sabe de cor. Uma noite, com Cosette quase a dormir depois da sua dose quotidiana de Verne, chega-lhes do quarto de Carmen e Pepe um ruído inconfundível.

– O que é isto? – pergunta a menina, alarmada.

– O quê? – responde Melchor, tentando ganhar tempo.

– Este barulho.

Melchor finge aguçar o ouvido: o ruído continua a ser inconfundível, mas agora chega-lhes misturado com inconfundíveis gemidos.

– Que ruído? – insiste Melchor. – Eu não oiço nada.

Cosette olha para o teto do quarto com a boca franzida, como se estivesse a refletir, ou melhor, como se quisesse que o pai, que não lhe tira os olhos de cima, compreendesse que está a refletir.

– Carmen e Pepe estão a fazer um bebé? – pergunta.

Melchor sente que todo o sangue do corpo lhe aflui ao rosto e agradece aos céus estar deitado numa cama.

Mentalmente implora que o ruído cesse enquanto procura uma resposta aceitável para a pergunta da filha, mas não a encontra. Apenas consegue pedir-lhe:

– Anda, dorme de uma vez, que já é muito tarde.

No dia seguinte, o último da sua estada em El Llano de Molina, Cosette insiste em que seja Pepe a levá-la ao futebol, e, para não ficar sozinho em casa, Melchor decide acompanhar Carmen à horta que ela tem não longe da povoação e que continua diariamente a cuidar. Inicialmente tenta ajudá-la, mas, dada a sua manifesta falta de jeito, ela aponta entre risos o telheiro onde guarda as alfaias e pede-lhe que deixe de a maçar e se ponha a ler aquele calhamaço do qual não se separa.

Melchor obedece. Senta-se na terra, com as costas encostadas a uma das paredes do telheiro, a ver a mulher trabalhar, até se cansar e retomar a leitura d'Os Miseráveis. Chegou ao celebérrimo episódio em que Jean Valjean, levando Marius às costas, o noivo de Cosette – a quem acaba de salvar a vida na barricada de La Chevreuse

–, foge pelos esgotos de Paris, perseguido por Javert, e, depois de ler durante algum tempo, ergue os olhos do livro, vê Carmen a uns metros dele e, de chofre, diz para consigo

que se há pessoa que merece saber que, finalmente, foi feita justiça, que o assassinato da amiga acabou por ser vingado é ela.

– Carmen – murmura Melchor.

Ela interrompe o que fazia e olha para ele, um pouco ofegante. Está inclinada sobre um sulco acabado de abrir, brandindo no ar uma enxada.

– O que foi? – pergunta.

– Lembras-te da minha mãe?

Carmen Lucas apoia a ferramenta de trabalho na terra revolvida e, sem deixar de ofegar, limpa a testa com um antebraço. Cai a tarde na horta e uma luz de ouro velho envolve a mulher, como se fosse um anjo. Por instantes, Melchor sente que já viveu essa cena.

– Não passa um único dia sem que pense nela –

responde Carmen. Após um silêncio acrescenta: – Porquê?

Enquanto dura o remorso dura a culpa, pensa Melchor.

Continua sem saber onde leu esta frase, mas dá-se conta de que, apesar de ter matado cinco homens naquele verão, não sente o mais pequeno remorso nem a mais pequena culpa, e espanta-se por se ter sentido um dia culpado pela morte de Olga, por ter pensado que tinha falhado à sua mulher. Não lhe

falhou, compreende. Não é culpado de nada. E compreende também que Carmen não precisa de saber e que ele não precisa de desabafar, nem com Carmen nem com ninguém, que deve carregar sozinho o peso daquelas mortes, e que pode fazê-lo alegremente.

– Por nada – responde.

Dois dias mais tarde, quando se reintegra no seu posto de trabalho na esquadra da Terra Alta, Melchor sente mais do que nunca que não quer continuar a ser polícia: ao fim e ao cabo, diz para consigo, só quis sê-lo depois de ler Os Miseráveis na cadeia de Quatre Camins, para encontrar os assassinos da sua mãe; agora que os encontrou, diz para si próprio também, não faz qualquer sentido continuar a exercer esse ofício. Pouco depois de chegar a esta conclusão, enquanto aguarda, esperançoso, que abra uma vaga na biblioteca de Gandesa ou em qualquer biblioteca da Terra Alta ou dos arredores, para poder concorrer a ela, Melchor recebe um telefonema de Manuel Puig, o amigo de Vivales, que o informa de que o advogado morreu.

– Tinha um cancro há dois anos – explica Puig. – Antes do verão desenganaram-no.

– Não sabia – consegue dizer Melchor.

– Ninguém sabia. Telefonou-nos, a Chicho e a mim, uma semana antes de morrer, já depois de estar há dias internado no hospital.

– Que estranho. Eu falei com ele duas vezes e das duas vezes ele disse-me o mesmo do costume: «Tudo sob controlo.»

– E estava. Mas controlado pelos médicos, que sabiam que ele ia morrer. Tal como ele.

Melchor deixa Cosette em casa de Rosa Adell, que se ofereceu para ficar com ela durante a sua ausência, e vai para Barcelona. No tanatório de Sancho de Ávila encontra-se com Puig e com Campà, que o recebem com lágrimas

nos olhos e o levam a jantar. Durante o jantar, falam dos últimos dias de Vivales.

– Proibiu-nos que te disséssemos que estava internado no hospital – refere Puig.

– Não queria que tu e a menina o vissem – afirma Campà.

– Estava assim tão mal? – pergunta Melchor.

– Nada disso – responde Puig. – Mantinham-no nos cuidados paliativos, à base de cortisona, de modo que estava muito bem. O problema era esse.

Melchor olha para eles sem perceber.

– Obrigou-nos a levar-lhe whisky e charutos para o quarto – conta Campà.

–

Pela

porta

do

cavalo

–

esclarece

Puig,

desnecessariamente.

– Um dia apanhou uma piela de caixão à cova – continua Campà, entristecido.

– Não parava de olhar para as mamas das enfermeiras –

diz Puig.

– Um desavergonhado – resume Campà.

– O grande cabrão – diz Puig. – Fez-nos fazer má figura até ao último dia.

– O que mais o preocupava era ter um funeral católico –

diz Campà, mudando de assunto. – Disse-mo mil vezes.

– A mim, três mil – acrescenta Puig.

– Não sabia que Vivales era crente – reconhece Melchor, que, mau grado seu, não consegue tirar Ortega y Gasset da cabeça.

– E não era – garante Campà. – Graças a Deus, era ateu e anticlerical. Mas justamente por isso. A mim disse-me que queria certificar-se de que, antes de o enterrarem, alguém falava bem dele. Referia-se ao padre, claro.

– Típico de Vivales – opina Puig. – Sabes o que me disse a mim? – Campà interroga-o com um meio sorriso intrigado e, a seguir, Puig imita a voz inconfundível do advogado, rouca pelo álcool e pelo tabaco: – «Sobretudo, nada de funerais laicos, Manel», disse-me. «Nisto de mandar as pessoas para o outro lado não há ninguém tão bom como os padres: estão a fazê-lo há séculos.»

– Típico de Vivales também – afirma Campà.

Nessa noite, Melchor fica em casa do advogado. Sem sono, passa as horas a revistar gavetas. Procura fotografias da sua mãe, mas não encontra nenhuma. No entanto, encontra várias fotografias de Vivales, só ou com desconhecidos;

também

algumas

com

conhecidos.

Encontra, por exemplo, uma fotografia do seu próprio casamento, tirada à porta da Câmara de Gandesa: ele e Olga, visivelmente grávida de Cosette, ocupam o centro do grupo e, ao lado, posam Salom e as suas filhas e Carmen e Pepe, a quem Vivales passa um braço ufano pelos ombros, a sorrir com todos os dentes; também encontra uma fotografia de Vivales muito novo, vestido de recruta e rodeado por um bando de recrutas, entre os quais julga reconhecer Puig e Campà. Essa madrugada também descobre, a altas horas, que Vivales pagava duzentos e cinquenta euros mensais à Cáritas e outros duzentos e

cinquenta à Open Arms, uma organização de ajuda aos refugiados. «Típico de Vivales», pensa.

Na manhã seguinte acaba de resolver as formalidades da morte, iniciadas na véspera por Puig e Campà. Atrás de uma secretária, uma funcionária do tanatório, enquanto preenche um formulário, refere-se ao morto pelo seu nome verdadeiro.

– Vivales – corrige-a Melchor. – Chamava-se Vivales.

A funcionária sorri com doçura profissional e mostra a certidão de óbito que lhe entregaram.

– Aqui diz Perales – observa.

– Está bem – assente Melchor. – Mas ponha Vivales.

Come um prato do dia num restaurante próximo do tanatório e, para ocupar o tempo até ao funeral, dá um passeio pelo bairro. Atrasa-se sem se dar conta e quando regressa ao tanatório pensa que morreu alguém famoso, algum ator ou algum político, porque a entrada está a abarrotar de gente; até que, ao furar a multidão, se dá conta de que a maior parte das pessoas são imigrantes e nacionais com muito má pinta – gatunos, prostitutas, gente da

noite e da vida airada –, e compreende que todos eles vieram ao funeral do advogado.

– Este Vivales só se relacionava com a crème de la crème – murmura Puig, passando os olhos pela assistência.

A capela do tanatório enche-se imediatamente, e inúmeros

assistentes

à

cerimónia

resignam-se

a

permanecer no exterior. Durante o sermão, o sacerdote exalta as virtudes do falecido, que não conheceu: elogia a sua provada honradez, o seu sacrossanto respeito pelos

tribunais e a sua nobre e indeclinável defesa da lei; no fim, arrebatado pelo ímpeto do seu próprio panegírico, acaba por ascendê-lo à categoria de «paladino da justiça». A dada altura, Melchor pressente que Puig e Campà, sentados junto dele na primeira fila, estão a fazer esforços ímprobos para não se rirem; pouco depois, Melchor deixa de ouvir o padre. Recorda então a manhã em que, sendo pouco mais do que um adolescente, conheceu Vivales num locutório da cadeia de Soto del Real, perto de Madrid, onde estava preso à espera do julgamento por pertencer a um cartel de narcotraficantes colombianos que introduzia droga em Espanha por grosso, e aquela outra manhã em que, anos depois, acabado de sair em liberdade muito antes do previsto, graças a uma das artimanhas jurídicas de Vivales, começou a desconfiar de que aquele trapaceiro impenitente era seu pai. Recorda também outro dia, desta vez num locutório da cadeia de Quatre Camins, perto de Barcelona.

Nessa altura, há muito tempo que a sua mãe tinha sido assassinada e que Vivales lhe pagava as propinas dos seus estudos secundários no IOC, o Institut Obert de Catalunya, além de se encarregar da sua defesa sem lhe cobrar um cêntimo, como fazia desde o princípio; uma tarde, Melchor, irritado com tanta generosidade, decidiu perguntar-lhe porque fazia tudo isso por ele, e Vivales, depois de lhe perguntar se queria saber a verdade ou se preferia uma peta, e de o avisar de que a verdade não lhe ia agradar, pespegou-lhe: «Porque és um pé-rapado, rapaz. E se não for eu a deitar-te a mão, hás de dizer-me quem o fará.» E

nesse momento Melchor julga finalmente compreender,

num clarão de lucidez, precisamente ali, em pleno funeral de Vivales, rodeado por uma multidão de pés-rapados como ele, que afinal Vivales não era o seu pai, ou que só o foi nos seus sonhos de órfão irredento, mas que foi o que mais semelhante a um pai se pode ter.

Ao terminar a cerimónia, Puig e Campà convidam-no a beber um copo com os amigos. Melchor diz para consigo que o mais provável é nunca mais voltar a ver Ortega y Gasset na sua vida, de modo que aceita, e os três dirigem-se para um café situado na própria rua Sancho de Ávila. Ali espera-os um grupo de homens. São os camaradas de Vivales no regimento Arapiles 62, onde o advogado fez o serviço militar e, enquanto Puig e Campà os apresentam e, um por um, eles lhe dão os pêsames, Melchor interroga-se se aqueles velhos serão os jovens recrutas da fotografia antiga que encontrou na véspera em casa de Vivales.

Depois pede uma Coca-Cola e senta-se junto deles. Todos bebem whisky, todos contam, indistintamente, histórias de Vivales e do serviço militar, como se na memória deles (ou na sua imaginação) ambas as coisas fossem uma só; alguns riem-se até às lágrimas. Quando um deles se levanta e, evidentemente ébrio, começa a cantar o hino da infantaria espanhola, e os outros o secundam, Melchor levanta-se sem chamar a atenção, paga a despesa do grupo e vai dar um passeio.

No salão nobre do Instituto Terra Alta não cabe um alfinete. É véspera do primeiro dia do novo ano letivo e alunos de todas as idades, muitos deles acompanhados

pelos seus progenitores, ocupam os lugares da plateia e até os corredores laterais, alguns de pé e outros sentados.

Estão ali fechados há mais de uma hora, ouviram discursos e música e assistiram à entrega dos quatro prémios do concurso literário, bem como das doze menções honrosas; já passa da uma e meia e, uns mais, outros menos, estão todos esfomeados e desejosos de que a cerimónia acabe quanto antes. De modo que, quando a subdiretora da escola, que dirige a cerimónia, anuncia que, para fechar, um membro do júri dirá algumas palavras de elogio à leitura, um rumor de motim percorre a sala de uma ponta à outra.

No meio da balbúrdia, Melchor levanta-se do seu lugar e sobe ao palco como quem sobe ao cadafalso. Não se ouvem aplausos, a subdiretora esfuma-se a toda a pressa, Melchor põe-se atrás do atril e tira do bolso da camisa o papel onde escreveu à mão as notas para o seu discurso. Treme como uma folha. Na esperança de terminar quanto antes aquele calvário, engole em seco e, sem esperar que se faça silêncio, começa a falar.

– Chamo-me Melchor Marín e sou polícia – apresenta-se.

– Muitos de vocês já me conhecem. Fui jurado do prémio e por isso pediram-me que dissesse algumas palavras. Por isso e porque mais ninguém queria fazê-lo. – Melchor levanta um pouco os olhos na direção do auditório: quando preparava o discurso, pensou que seria bom começar com uma piada, para que os jovens se rissem; mas ninguém se riu. Talvez não tivesse graça ou ninguém o tenha ouvido. O

alvoroço continua a ser considerável, mesmo que os

professores percorram os corredores de cima a baixo tentando silenciá-lo. – E também porque gosto de ler romances – continua. – Isto não é muito comum, acho. O

que quero dizer é que não é muito habitual os polícias lerem romances, certamente porque os meus colegas pensam que é mais útil e mais divertido ler sobre coisas reais do que sobre coisas inventadas. Talvez tenham razão e por isso percebo que alguns, às vezes, se riam de mim. Ao princípio, quando era mais novo, isso aborrecia-me; agora já não, porque me dei conta de que um homem que se aborrece porque os outros se riem dele não é um homem. –

Melchor limpa a garganta, volta a olhar com apreensão para a plateia e repara que um silêncio quase perfeito se apoderou dela; por instantes pensa que aconteceu alguma coisa, ou que alguém importante acaba de irromper na sala. – Quando era miúdo não gostava de ler – prossegue. –

Gostava de me armar em gandulo, como toda a gente. –

Aqui ouvem-se alguns risos: coibidos, isolados, trocistas, inseguros. – Descobri os romances na cadeia, quando era mais ou menos como vocês, como os mais velhos de vocês, pelo menos, talvez um pouco mais velho. A cadeia é um lugar muito mau, não vos recomendo. – Agora a risota é geral, e, um pouco surpreendido, Melchor deixa de falar e aguarda que se faça silêncio novamente. Retoma a frase do princípio e termina-a: – Mas, às vezes, até num lugar tão mau acontecem coisas boas. Por exemplo, Cervantes teve a ideia para o Dom Quixote numa cadeia; bom, é o que dizem, eu não sei porque não li o Quixote. Se calhar fiz mal, ao fim e ao cabo toda a gente diz que é um romance muito

bom. Mas, não sei porquê, sempre pensei que não me estava destinado, e outra coisa que aprendi com os anos é que uma pessoa só deve ler os romances que lhe estão destinados.

»Mas voltemos à cadeia. Comecei a ler romances por causa de um homem que conheci ali. Chamava-se Gilles e os guardas chamavam-lhe Guille, mas, como era francês, os reclusos chamavam-lhe o Francês. É uma das melhores pessoas que conheci na vida, apesar de estar na cadeia por ter matado à martelada a mulher e um amigo dela. Este verão tornei a vê-lo, em Barcelona, e estava apaixonado, que é o que de melhor nos pode acontecer.

– Melchor faz uma pausa, sente a boca seca e compreende que foi o medo que a secou. Infelizmente, ninguém se lembrou de deixar um copo de água no atril e, entre o silêncio, tenta infundir coragem a si próprio, dizendo que já falta pouco para acabar. – O caso é que o Francês era o bibliotecário da cadeia e passava o dia a ler. Eu queria ser como ele, de modo que me pus a ler romances. A verdade é que de início não me agradaram muito, mas depois li Os Miseráveis, o romance de Victor Hugo. É muito famoso, não sei se ouviram falar dele… Eu li-o porque um dia o vi na mesa do Francês e me lembrei da minha mãe, que se queixava sempre das minhas más notas na escola e me dizia: «Se queres ser um miserável como eu, não estudes.» – Os risos obrigam-no novamente a parar, mas ele não se atreve a olhar para a plateia e, assim que o silêncio se instala, continua a falar. – De modo que li Os Miseráveis e, nesse momento, tudo mudou. Gostaria muito de vos dizer como

mudou, mas a verdade é que não sei, não sou capaz de explicar. Durante anos pensei que foi por esse romance falar de mim, mas mais tarde vim para a Terra Alta e conheci a minha mulher, que me disse que todos os romances bons falam de nós. Tinha razão, claro, quando se tratava de livros a minha mulher tinha sempre razão, chamava-se Olga e era bibliotecária aqui ao lado, na Biblioteca Municipal, alguns de vocês ainda se devem lembrar dela; graças a Olga comecei a colaborar na biblioteca, a levar-vos livros para a piscina no verão e coisas do género… Bom, acho que me perdi. – Durante os dois ou três segundos em que Melchor permanece calado, na sala não se ouve nem uma mosca. – Ah, sim, estava a dizer-vos que, segundo a minha mulher, todos os bons romances falam de nós. E também dizia que Os Miseráveis não era diferente, que não falava especificamente para mim. Claro que só dizia isso ao princípio, depois de nos casarmos mudou de ideias, começou a pensar que, se calhar, eu tinha razão e que Os Miseráveis era realmente um romance especial, não porque falasse de mim, mas porque falava de nós, dela e de mim. É que eu e a minha mulher nos amávamos muito… Enfim, tudo isto é muito complicado, como veem, e eu não me dou muito bem com discursos. Felizmente, este já está a acabar. De modo que, para terminar, dir-vos-ei outra coisa que aprendi a ler romances. O que aprendi é que os romances não servem para nada. Nem sequer

contam as coisas como elas são, mas como poderiam ter sido, ou como gostaríamos que fossem. Por isso nos salvam a vida. – Melchor cala-se,

absorto, e o auditório fica expectante, duvidando se ele já terminou ou não; finalmente, ele acrescenta, quase como se o fizesse para si próprio: – Bom, isso é tudo o que vos queria dizer: que os romances não servem para nada, exceto para salvar vidas.

Outro silêncio ainda mais compacto que os anteriores saúda o fim do discurso, um silêncio quebrado primeiro por umas palmas solitárias, depois por outras e mais outras, e a seguir por uma ovação estrondosa de aplausos. Antes que Melchor consiga descer do palco, sobem para lhe dar os parabéns colegas do júri, pais, professores, um grupinho fascinado de alunos, aos quais não sabe o que dizer. Ainda não acabou de agradecer os parabéns e de responder às perguntas quando, na sala já quase vazia, avista ao longe o inspetor Blai encostado a uma coluna, a observá-lo com os braços cruzados e um sorriso sardónico nos lábios. Melchor desce por último do palco e, ao chegar o pé de Blai, este descruza os braços e passa-lhe um deles pelos ombros.

– Tornaste-te um verdadeiro malandro, espanhol de um raio – felicita-o o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta. – Que jeito para meteres os miúdos no bolso!

E olha que isso de teres tomado o gosto pelos romances na cadeia… Engolem tudo, os coitados.

Melchor continua a agradecer as felicitações dos atrasados que se aproximam e, já no vestíbulo, quando os dois polícias voltam a ficar sozinhos, ele aponta para Blai com a cabeça:

– E tu, o que fazes aqui?

O seu velho amigo tira-lhe o braço de cima.

– Acabei de matricular Toni e Laura na escola – anuncia.

– Começam amanhã.

– Aqui?

O inspetor assente. Os dois avaliam-se com o olhar e, antes de Blai voltar a falar, Melchor adivinha o que lhe vai dizer.

– Aceitei o lugar de chefe de esquadra da Terra Alta –

diz.

É a melhor notícia que Blai podia dar-lhe, mas Melchor não se altera.

– Eu sei – tenta antecipar-se o outro. – O que estás a pensar é que aceitei o lugar pela família, para que a minha mulher deixe de me massacrar com a Terra Alta e tudo isso.

Não é verdade? – Abana a cabeça de um lado para o outro, como se censurasse Melchor sem palavras. – Uma merda. O

que julgas? Que sou um banana ou quê?

Melchor continua calado.

– Não ponhas essa cara – recrimina-o novamente Blai. –

Estou a falar a sério. Já estava até ao pescoço com Egara.

Tanto beto, tanto beto… Mas se não sabem da missa a metade, homem! Além disso, já não conseguia mais andar com a água pelo pescoço todo o santo dia, não há quem aguente… Enfim, o que te hei de dizer?

Além dos dois polícias, já não se vê ninguém no vestíbulo, exceto um porteiro que, sem deixar de varrer, lhes pede que saiam. É o que fazem, e, depois de trocarem umas últimas palavras com dois professores e alguns

jurados que continuam a pastar à porta da escola, põem-se a andar na direção da zona velha de Gandesa.

– A propósito – diz Melchor, – já sabes quem vem este fim de semana? – Blai interroga-o com um gesto. – Vàzquez.

– Não me lixes.

– Vem com a assessora de imprensa.

– Verónica? Aquela que te persegue para entrares no filme sobre os atentados?

– Essa mesma.

– Achei que não querias entrar… No filme, digo.

– E não vou entrar.

– Então?

Melchor encolhe os ombros sem deixar de andar.

– Telefonou-me há uns dias, queria visitar-me para falar do assunto. Despachei-a… Até Vàzquez ficar a par e me pedir que aceitasse a vinda dela, na condição de ele a acompanhar.

Blai para, Melchor imita-o e os dois homens entreolham-se por segundos; depois o inspetor dá uma gargalhada.

– Que grande filho da puta!

Melchor sorri um pouco, feliz por ver o seu amigo feliz, e ambos retomam o passeio. Melchor mete as mãos nos bolsos das calças.

– Bom – suspira –, bem-vindo à Terra Alta.

– Sim – assente Blai –, é o que diz sempre a minha mulher: como a Terra Alta, não há nenhuma. Esta frase mergulha-os aos dois num silêncio embaraçoso, porque soou como um desmentido flagrante de todos os anteriores protestos de independência saídos da boca de Blai.

Consciente da argolada, o próximo chefe da esquadra da Terra Alta tenta remediá-la.

– Mas, isso sim, espanhol de um raio – avisa-o, com uma súbita alegria vingativa, agarrando Melchor pela clavícula e sussurrando-lhe ao ouvido –, já se podem ir preparando na esquadra: vou pôr-vos a todos mais direitos do que uma vela.

Ao sair do cemitério, Melchor procura Rosa Adell sob a cruz de pedra da rotunda. Não a encontra e a primeira coisa que pensa é que está fora, que não está na Terra Alta.

Depois pensa que Rosa se esqueceu de que é sábado, ou que julga que ele está de serviço nesse fim de semana.

Depois, melancólico, pensa que ela acabou por se cansar. E

que o mais estranho é não se ter cansado antes.

Desce a pé pela avenida Joan Perucho até à avenida da Catalunya e, pouco depois da estação de autocarros, um descapotável vermelho trava ao seu lado. Condu-lo Rosa Adell.

– Aonde vais, polícia? – pergunta.

Melchor encosta-se ao carro. Embora o outono esteja quase a chegar, está uma manhã quente e radiosa, e Rosa leva um vestido branco, estival, e umas sandálias também brancas; uns óculos de sol escondem-lhe os olhos. Como Melchor se limita a observá-la, apoiado na porta do passageiro, a mulher pergunta:

– Pensas ficar aí como um paspalhão? – Inclina-se para a porta e abre-a. – Anda, entra.

Melchor senta-se ao seu lado e Rosa Adell conduz para o interior de Gandesa.

– Onde está Cosette? – volta a perguntar.

– Tudo sob controlo – responde Melchor: não é a primeira vez que se surpreende a repetir a muleta de Vivales, como se a tivesse herdado dele. – Está em Arnes, a jogar futebol.

– E não vais vê-la?

– Não quer. – Melchor encolhe os ombros. – Diz que, se eu vou, fica nervosa e joga mal.

Contornam lentamente a praça de la Farola e Rosa abana a cabeça.

– Essa menina baba-se pelo pai – diz. Depois, noutro tom de voz acrescenta: – A propósito, contaram-me que há dias estiveste muito bem na entrega de prémios da escola.

– Foi um tormento.

– Pois o que me disseram foi que as pessoas saíram encantadas e que toda a gente te aplaudiu imenso. – Afasta a mão direita do volante e aponta com o polegar para o banco traseiro. – E por falar em literatura, olha o que tenho aí atrás.

Melchor volta-se e vê um livro.

– Anda, vê lá – encoraja-o Rosa.

Melchor agarra no livro. É um romance. A capa mostra um homem e uma menina de mãos dadas, perfilados contra um crepúsculo pálido, distante, nublado e azul. Lê o nome do autor e o título: Terra Alta.

– Leste-o? – pergunta Melchor.

– Não. E tu?

Nega com a cabeça e Rosa comenta:

– Ouvi dizer que fala de ti.

– Eu também ouvi.

– Conheces o autor?

– Nunca o vi na minha vida.

– Dizem que tudo o que conta é verdade.

– Eu, pelo contrário, ouvi dizer que tudo o que conta é mentira.

Rosa sorri: o sol bate-lhe na cara e o vento despenteia-lhe o cabelo.
Melchor pensa que fica belíssima quando sorri.

– Lembras-te de Vivales? – pergunta.

– Claro – responde Rosa.

– Gostava muito de filmes do faroeste – explica Melchor.

– Num deles há um cowboy que acaba de descobrir que está apaixonado. Mas não percebe o que está a acontecer-lhe e pergunta ao encarregado do saloon: «Estiveste apaixonado alguma vez?» E ele responde-lhe: «Não.

Sempre fui empregado de bar.»

Rosa dá uma gargalhada. Melchor sorri, deixando o livro no banco traseiro.

– Aonde vamos? – pergunta a mulher.

– Aonde tu quiseres – responde Melchor.

Estão a sair da povoação. Rosa acelera.

Nota do autor

Tenho de agradecer pela sua colaboração às seguintes pessoas: Cristóbal Fernández Zapata, Joan Llinares, Jordi Martí, Néstor Pavón e Montse Seró. Também a Patrícia Plaja, diretora de comunicação dos Mossos d’Esquadra, ao inspetor Jordi Domènech, ao sargento Enric Martínez, ao intendente Antoni Rodríguez e à comissária Marta Fernández. Mas, sobretudo, ao inspetor Carlos Otamendi, que teve a paciência e a generosidade de ler o manuscrito deste livro.

Document Outline

- Apresentação
- Primeira Parte
  - 1
  - 2
  - 3
- Segunda Parte
  - 1
  - 2
  - 3
- Terceira Parte
  - 1
  - 2
  - 3
- Epílogo
  - 1
  - 2
- Nota do autor